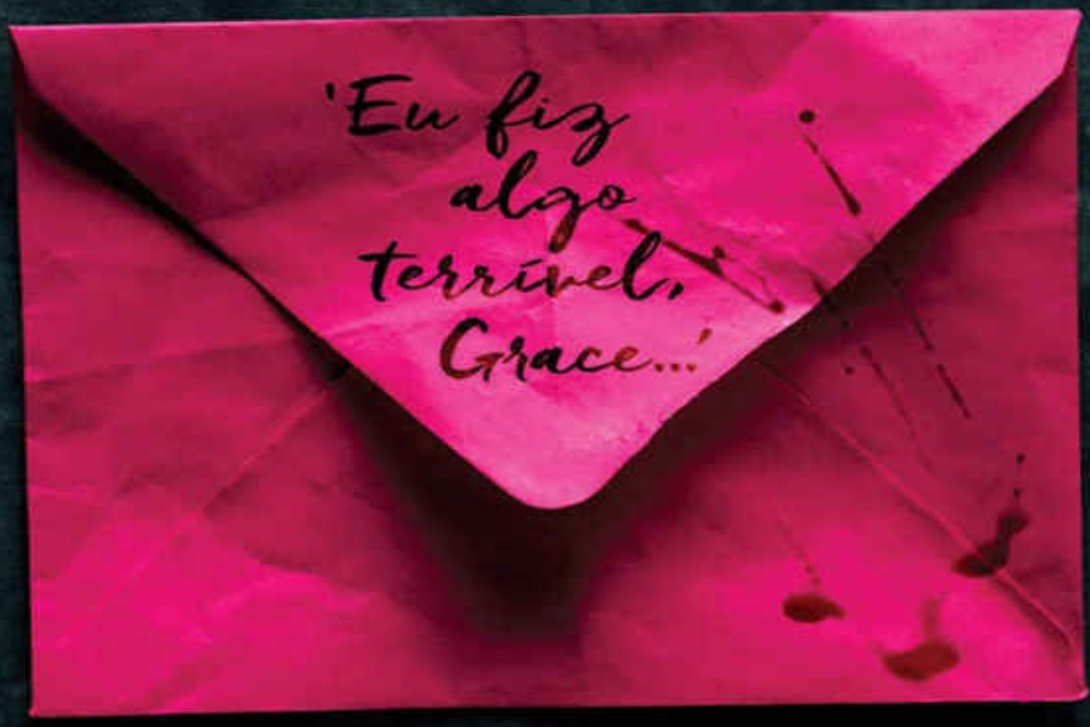
MAIS DE MEIO MILHÃO
DE EXEMPLARES VENDIDOS

A irmã



LOUISE JENSEN

MAIS DE MEIO MILHÃO
DE EXEMPLARES VENDIDOS

A irmã



LOUISE JENSEN

LOUISE JENSEN

A irmã

Tradução

ALICE KLESCK



Diretora
Rosely Boschini
Gerente Editorial
Carolina Rocha
Assistente Editorial
Natália Mori Marques
Controle de Produção
Karina Groschitz
Tradução
Alice Klesck
Preparação
Carla Fortino
Design e fotografia de capa
Henry Steadman
Adaptação da Capa
Ronaldo Alves
Projeto gráfico e Diagramação
Vanessa Lima
Revisão
Fabiana Medina
Desenvolvimento de eBook
Loope - design e publicações digitais
| www.loope.com.br

Única é um selo da Editora Gente.
Copyright © 2016 by Louise Jensen
Título original: *The sister*
Publicado mediante acordo com a Bookouture
Todos os direitos reservados à Editora Gente.
Rua Pedro Soares de Almeida, 114,
São Paulo, SP – CEP 05029-030
Telefone: (11) 3670-2500
Site: www.editoragente.com.br
E-mail: gente@editoragente.com.br

Dados Internacionais de Catálogo na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Jensen, Louise
A irmã : eu fiz algo terrível, Grace / Louise Jensen ; tradução de Alice Klesck. – São Paulo : Única, 2017.

ISBN 9788594900227
Título original: The sister

1. Literatura norte-americana I. Título II. Klesck, Alice

17-1010 CDD
813

Índice para catálogo sistemático:
1. Literatura norte-americana 813

Para Ian Hawley
Muito amado. Tão saudoso.



Saio do carro com as pernas pesadas pela mágoa, fecho o zíper da minha jaqueta e visto as luvas de couro antes de pegar a pá e o saco: chegou a hora. Minhas botas escorregam pela lama encharcada até o vão na cerca. Ela está ali desde sempre. Estremeço ao adentrar a floresta; está mais escura do que eu imaginava, e, para me estabilizar, inalo o ar com cheiro de pinho. Reluto contra o ímpeto de ir para casa e voltar pela manhã, lembrando a mim mesma do motivo para estar aqui, e sigo em frente.

Meu smartphone vai iluminando o caminho, enquanto me mantenho alerta para não cair em buracos de coelhos. Dou passos gigantes passando por cima de galhos caídos, que um dia eu teria juntado. Aos 25 anos, não estou velha demais para correr, mas meu fardo é incômodo; além disso, não estou com pressa de chegar lá, eu jamais deveria fazer isso sozinha.

Paro e apoio a pá junto ao quadril, estendo os dedos e afasto a sensação de formigamento. Ouço um farfalhar nos arbustos e tenho a sensação de estar sendo observada. Meu coração dispara quando dois coelhos saem correndo, fugindo, ao verem a luz do meu smartphone. “Estou bem”, eu me tranquilizo, mas minha voz parece alta e ecoante, lembrando-me de quão sozinha estou.

Minha mochila parece apertada em meus ombros, e reajusto as alças antes de prosseguir marchando, estalando os gravetos onde piso. Começo a achar que virei no lado errado da bifurcação, até que chego à clareira com a árvore atingida pelo raio. Eu não tinha certeza se ela ainda estaria ali, mas, ao olhar em volta, parece que nada mudou – mas é claro que tudo mudou. Lembranças da última vez que estive aqui me acometem com tanta força que me sinto tonta.

Eu me abaixo ao chão. A umidade das folhas e da terra atravessa minha calça, conforme o passado atravessa meu presente.

– Ande logo, aniversariante. Desse jeito, daqui a pouco você faz 16 anos. Estou congelando – disse Charlie. Ela estava empoleirada no portão desgastado, à margem do milharal, com sacos plásticos espalhados em volta dos pés, os cabelos louros reluzindo sob o fraco sol cor de coral. Sempre impaciente, Charlie sacudia as pernas enquanto eu caminhava em sua direção, segurando a caixa que guardava nossas esperanças e nossos sonhos.

– *Anda*, Grace. – Ela pulou para baixo, pegou suas coisas e disparou para dentro das árvores. Arrumei a caixa embaixo do braço e tentei acompanhar, seguindo o borrão de seu casaco roxo e o rastro do aroma de seu perfume corporal Impulse, que ela sempre roubava do quarto da mãe.

Galhos e arbustos agarravam nossas pernas protegidas pelo jeans, prendiam em nossos cabelos, mas continuamos seguindo até irrompermos na clareira.

– Seu rosto vermelho combina com seu cabelo – disse Charlie, e riu quando soltei a mochila e me curvei, pousando as mãos nos joelhos, tentando recuperar o fôlego. Apesar da temperatura fresca do começo da manhã, o suor se formava em minhas têmporas. Charlie soltou no chão os sacos – petiscos, bebidas, fósforos, uma colher de pedreiro e um presentinho embrulhado em papel roxo cintilante, com um adesivo escrito "15 anos hoje" –, espalhando tudo na terra. Sorrindo, ela me entregou o presente. Sentei de pernas cruzadas, cuidadosamente abrindo as pontas sem rasgar o papel, e tirei a caixa. Aninhado nela estava a metade de um coração de ouro pendurado numa corrente, com "BFF" [best friends forever; melhores amigas para sempre] gravado. As lágrimas surgiram em meus olhos quando olhei para Charlie. Ela baixou a gola de lã, revelando a outra metade do coração. Prendi a corrente em volta do pescoço enquanto Charlie começava a cavar um buraco. Sempre sendo a guia, acendi uma pequena fogueira. Ficaria ainda mais frio depois que escurecesse, e agora as noites caíam rapidamente. Até o buraco ficar profundo o suficiente, Charlie permanecia ofegante, com as unhas sujas de terra.

Carreguei a caixa de lembranças até o buraco e a coloquei no chão. Tínhamos passado um sábado inteiro escolhendo os objetos e decorando o lado externo da embalagem plástica, colando fotos de supermodelos e estrelas que queríamos imitar.

– Você jamais será rica demais ou magra demais – disse Charlie. Ela pegou uma braçada de terra e começou a cobrir.

– Espere! – gritei. – Quero colocar isto aí dentro. – Acenei a ela com o papel de presente.

– Agora não dá, já lacramos.

– Vou fazer com cuidado. – Descolei lentamente a fita adesiva e abri a tampa. Para minha surpresa, em cima de uma pilha de fotos havia um envelope cor-de-rosa que certamente não estava ali quando enchemos a caixa. Dei uma olhada para Charlie, que pareceu reticente.

– O que é isso, Charlie? – Estendi a mão para pegar o envelope. Mas Charlie agarrou meu braço e disse:

– Não.

Recuei e esfreguei o pulso.

– O que é?

Sem me encarar, Charlie respondeu:

– É para lermos quando voltarmos para pegar a caixa.

– O que diz?

Charlie arrancou o papel de presente da minha mão e o enfiou na caixa, fechando a tampa. Quando a Charlie não queria falar uma coisa, não adiantava insistir. Resolvi deixar para lá; eu não deixaria que sua teimosia estragasse meu aniversário.

– Bebida? – Peguei uma sidra; ela borbulhou quando a abri, e a espuma transbordou na lateral da lata. Limpei a mão no jeans e tomei uma golada; a bebida aqueceu meu estômago, lavando a minha inquietação.

Charlie encheu o buraco de terra e bateu na superfície com a colher de pedreiro, até ficar plano, antes de vir sentar ao meu lado.

A fogueira estalava enquanto nos recostávamos à árvore de tronco horizontal, tostando marshmallows cor-de-rosa em espetos, e só quando as brasas apagaram que percebi como estava tarde.

– É melhor a gente ir. Tenho que estar em casa antes das dez horas.

– Certo. Uma promessa para a gente voltar e abrir a caixa juntas? – Charlie estendeu o dedo mindinho e enrosquei o meu no dela antes de batermos as latas e brindarmos a uma promessa que não sabíamos que seria impossível cumprir.

Agora, sou apenas eu. “Charlie, queria que você estivesse aqui”, sussurro. A metade do pingente de coração da Charlie, eternamente na corrente em meu pescoço, gira, conforme me inclino para a frente, como se ele buscasse a

parceira, desesperado para ser inteiro outra vez. Cuidadosamente pouso a corrente. O pânico esmagador que me atormenta desde a morte de Charlie, há quatro meses, vem borbulhando até a superfície, e puxo a minha echarpe do pescoço para poder respirar um pouquinho melhor. *Será que é, mesmo, culpa minha? Será que sempre será culpa minha?*

Apesar do frio de janeiro, estou com calor e, ao tirar as luvas, penso nas últimas palavras de Charlie, ecoando em meio às árvores: "Eu fiz algo terrível, Grace... Espero que possa me perdoar".

O que ela fez? Não pode ter sido nada pior do que aquilo que eu fiz, mas estou determinada a descobrir o que foi. Sei que não vou poder seguir adiante até que eu o faça. Até essa manhã, eu não tinha certeza de por onde começar. Então recebi uma carta pelo correio, num envelope rosa, que me fez lembrar a carta que Charlie não me deixara ler, escondida na caixa de lembranças. Talvez guarde alguma dica? De toda maneira, será um começo. Perguntar às pessoas que a conheciam não me levou a lugar algum, e, além disso, eu que a conhecia melhor, não? Eu era sua melhor amiga.

Mas será que se pode mesmo conhecer uma pessoa? Conhecer por completo?

Sento em meus calcanhares, permanecendo imóvel por um tempo indeterminado, enquanto o ar esfria à minha volta. Os galhos balançam e giram, como se as árvores estivessem cochichando segredos para mim, incentivando-me a desenterrar os segredos de Charlie.

Balanço a cabeça, dispersando meus pensamentos, e estico a manga até cobrir parte da mão antes de limpar minhas bochechas molhadas. Pego a pá com braços pesados demais para serem meus, seguro o cabo com tanta força que sinto fisgadas de dor nos punhos. Respiro fundo e começo a cavar.



– Mittens? – chamo nossa gata. – Cheguei. – Segurando a caixa de lembranças no alto, vou me espremendo pelo corredor e entro na sala, sem esbarrar em nenhuma das gravuras nas paredes azul-claras. – Aí está você. – Uma bola de pelo cinzento está aninhada na banqueta do piano que meu pai me ensinou a tocar; ele me erguia e punha na banqueta de couro assim que literalmente aprendi a sentar sozinha, e ficávamos sentados lado a lado, meu pai e eu, e seus dedos imensos eram surpreendentemente ágeis enquanto percorriam as notas, e assim eu ia aprendendo a melodia. Nunca vou voltar a tocar. Ainda é bastante doloroso lembrar a época em que eu tinha uma vida normal. Uma família normal.

A sala está escura, apesar da luz que entra pelas portas francesas. Nuvens carregadas deslocam-se pelo céu escuro lá fora. Acendo a luz. Esse ano o inverno foi severo, e quase nem me lembro das noites de verão em que eu ficava sentada lá fora, com um copo alto de Pimms, cubos de gelo tilintando, até que a luz do sol incandescia e os morcegos passavam voando pelo céu azul-escuro.

O prato que eu guardo para ocasiões especiais está apoiado numa pilha de revistas masculinas *FHM*, com gema seca e ketchup encobrindo a estampa floral. Um saleiro está caído no chão, e grãos brancos estão espalhados no tapete. O Dan comeu.

Pulo por cima de uma toalha de banho embolada para chegar à mesa de centro, onde empurro uma edição de *Mulherzinhas*, que estou lendo para a senhora Jones, vizinha do lado – apesar de seus óculos fundo de garrafa, ela não consegue mais enxergar as letras miúdas. Já estou quase na parte em que

Beth morre e, não importa quantas vezes eu já tenha lido, sei que vai me fazer chorar. Conforme pouso a caixa de lembranças, nacos de lama seca esfarelam no tampo cor de creme da mesa, e os espano para o chão. Antigas fotos de supermodelos maravilhosas, antes bem coladas, agora pendem da caixa plástica; não me lembro nem de metade delas. Com a unha, cutuco a beirada da fita isolante que prende a tampa; ela perdeu a cola e solta facilmente. Eu a desgrudo e então a aliso de volta, pressionando com força, com os polegares. Não parece certo abrir a caixa sem Charlie – não que eu tenha escolha, se quiser descobrir o que tem no envelope rosa, e eu quero. Mas, mesmo assim, eu me sinto constrangida, como se estivesse invadindo a privacidade dela.

O chalé está quieto demais. Coloco um disco para tocar. Nina Simone está se sentindo bem. Fico contente que pelo menos uma de nós esteja. Dan faz downloads de todas as suas músicas, mas acho confortantes as coisas antigas com que cresci, embora hoje em dia meu avô esteja mais moderno que eu, com seu sistema de som e seu aparelho de Blu-Ray. Despenco no sofá de couro marrom e mergulho na maciez das minhas almofadas descombinadas. O vinil vai girando, estalando e chiando, exigindo atenção, bem parecido com as minhas lembranças.

Nem parece que sete anos se passaram desde que mudamos para este chalé. Naquela época, eu não tinha mais nada com que me preocupar; minha vida estava finalmente seguindo o rumo que deveria, e me tornei meio obcecada por objetos de decoração macios. Dan revirava os olhos toda vez que eu trazia uma almofada nova para casa. "Dance como se não tivesse ninguém olhando, outro fragmento de sabedoria recheado de espuma." Ele tinha arrancado da minha mão e ficou girando pela sala, segurando no alto, sem que eu conseguisse pegar.

"Ninguém quer olhar *você* dançando", eu disse a ele naquela hora. Ele me fez cócegas até cairmos no chão, puxando a roupa um do outro, até que ele estava em cima de mim, dentro de mim, e minhas costas ficaram ardendo da fricção no tapete vermelho que já substituímos por um marrom. Depois, ficamos aconchegados nas colchas multicoloridas que enfeitavam o encosto do sofá e comemos pizza havaiana. Eu tinha dito ao Dan para pedir de pepperoni – ele nunca entendeu frutas misturadas a comida salgada, mas sabia que eu adorava essa combinação agridoce.

Parece que faz tanto tempo desde que a gente ria daquele jeito. E se amava daquele jeito. A tristeza nos afastou como repelente: por mais que tentássemos

chegar um ao outro, havia um golfo sobre o qual simplesmente não conseguíamos erguer uma ponte.

Mittens senta e arqueia as costas, com as pernas rígidas, lembrando-me de que perdi outra aula de ioga. Não há nada tão corrosivo quanto a culpa; ela vai te comendo de dentro para fora. Eu sei bem – o remorso é meu segundo nome; eu deveria ter nascido católica. Mittens pula da banqueta daquele jeito gracioso que só os gatos sabem fazer e, com um miado de "me dá comida", passa a cabeça nas minhas panturrilhas.

Sigo atrás dela até a cozinha. O fedor de óleo velho paira no ar, e a pia, brilhante e limpa quando a deixei, agora está até a metade de água estagnada. O cabo de uma panela está para fora, como um poste sinalizando: "lave-me". Estendo a mão e abro uma fresta da janela. O ar gélido entra pelo quintal dos fundos; há previsão de neve para amanhã. Ligo a chaleira e pego duas cascas de ovo quebradas, com um fio de clara escorrido na bancada de madeira, e jogo na lixeira de pedal, que está transbordando. Vou ter que esvaziá-la mais tarde. Limpo a bancada de trabalho e lavo uma caneca, novamente desejando que Dan não usasse uma caneca limpa cada vez que bebesse alguma coisa. Não temos lava-louça – a menos que eu seja o eletrodoméstico, algo que, tenho certeza, Dan pensa. Nossa cozinha é pequena, ou "compacta, mas funcional", como Dan diria, se essa fosse uma das casas que ele estivesse tentando vender. Mal temos espaço para armários, mas adoro a nossa despensa, que guarda tudo de que precisamos.

Mergulho a mão na latinha de chá, e ela encontra o fundo de metal frio. Quando abro a geladeira, a luz interna ilumina prateleiras quase vazias. O que dá para fazer com metade de um naco de queijo de cabra e um pimentão vermelho murcho? Dan vai chegar em casa, depois do futebol, e achar que o jantar está pronto. Na verdade, isso é injusto, ele nunca me pede para cozinhar; é apenas subentendido que eu cozinhe. Sempre cozinho. Afasto a lembrança da época sobre a qual não falamos mais. Da época em que eu mal me lembrava do meu nome, muito menos como manejar um forno. Agora estou enfrentando. Realmente estou.

Rabisco "saquinhos de chá" na lista interminável do mercado que fica colada na porta da geladeira com um ímã escrito "Pare" sobre a foto de um porco. Dan comprou o ímã para mim no ano passado – para me apoiar, disse ele, quando desisti de mais uma dieta. As revistas de moda que vivo lendo não ajudam. Numa página, elas dizem que sou do tamanho mediano para uma

mulher do Reino Unido, que usar o tamanho 44 não é ser gorda, mas na página seguinte vejo fotos de modelos magricelas mostrando clavículas e bochechas ocas. Mantenho o ímã como um lembrete constante de que preciso perder cinco quilos. Nunca perco.

Mittens passa por entre meus tornozelos, pedindo para que eu pegue sua tigela vazia. Resta um saquinho de ração de gato no armário. Despejo em sua tigela e tiro alguns biscoitinhos enquanto ela mia impacientemente.

Observo a Mittens comendo sem nenhum constrangimento, do jeito que os animais fazem. Ela tem sido um consolo e tanto desde que a Charlie morreu. Tenho mais conforto em seu silêncio do que nas palavras desajeitadas do Dan. Eu não tinha a intenção de ter um bicho de estimação, mas há três anos o gato do vizinho da minha avó teve uma ninhada de seis filhotes e fui tirar umas fotos para mostrar às crianças da pré-escola onde trabalho. Os gatinhos eram lindos, e, quando a menor deles subiu no meu colo e adormeceu, fui facilmente convencida de levá-la para casa. Eu a carreguei até meu Fiesta de segunda mão. Ela sentou no banco do carona, dentro de uma caixa de torradas forrada com um cobertor rosa desbotado, estreitando os olhinhos para o sol, nunca visto por ela antes. Fui dirigindo para casa mais devagar que o habitual, estacionei na faixa em frente ao meu chalé e sacudi as mãos formigantes. Minhas unhas tinham cravado meias-luas na palma das minhas mãos, e me lembro de sacudir a cabeça para mim mesma. Eu cuidava de trinta e seis crianças de 4 anos todos os dias. Um gatinho deveria ser moleza.

Lá dentro, fiquei observando-a enquanto ela andava destemida pelo seu novo lar. Que nome poderia lhe dar? Quando criança, eu era obcecada pela Beatrix Potter. Meu pai lia uma história para mim, toda noite, antes de dormir, fazendo todas as vozes dos animais. Eu adorava ouvir a entonação de Tom Kitten e suas irmãs Moppet e Mittens. As patas da gatinha eram mais claras que o restante dela. Mittens pareceu um nome perfeito; um elo com meu pai.

A primeira vez que a deixamos sair, ela quase foi atropelada pelo caminhão de lixo. Ficou tão assustada que não saía mais. Tentamos incentivá-la a sair para o jardim, mas toda vez ela ficava tão estressada que o veterinário disse para não insistir: ela sairia quando estivesse pronta – mas nunca esteve.

Agora, não consigo imaginar como seria o chalé sem ela. Observo enquanto ela termina seu jantar e bebe água com sua linguinha rosa antes de sair da cozinha.

A chaleira apita, solta vapor e desliga sozinha, e vou atrás de Mittens até a

sala. Sentamos lado a lado, no sofá, olhando a caixa. Fico imaginando se ela está se lembrando de que chegou aqui numa caixa também.

– Não se preocupe, não há nada vivo aí dentro. – Eu a tranquilizo. Mas é mentira. Minhas lembranças estão mais vivas e difíceis de conter do que um gatinho torcendo o corpo.

Mordo a unha do polegar, meio que esperando que Charlie pule e diga: "Surpresa! Você não achou que eu a deixaria de verdade, não é?". Sou tomada pela solidão. Na maior parte do tempo, estou a um passo de cair no choro. Não me sinto forte o suficiente para confrontar as lembranças que guardei. Receio que, se eu começar a me lembrar, não consiga parar, e há coisas que não quero pensar. Não agora. Nunca, na verdade.

A casa está uma bagunça; então vou limpá-la. Sempre achei a limpeza terapêutica, e me sinto grata pela oportunidade de me absorver com algo exceto meus pensamentos. Abandono a caixa e vou para a cozinha, arregaço as mangas e borrifo produto de limpeza na pia, ligo a torneira de água quente. Enquanto a água vai subindo e a espuma se forma, limpo a gordura da bancada refratária. Quando a cuba está cheia, mergulho as mãos na água e tiro correndo, abro a torneira de água fria e alivio a ardência da pele queimada.

O pote de hidratante para mãos que fica no parapeito da janela está vazio. Tenho certeza de que o Dan usa meus cremes, embora ele sempre negue. Subo a escada e entro no segundo quarto, onde guardo as loções extras. Assim que vimos o chalé, sabíamos que convidaríamos a Charlie para se mudar para lá, e ainda penso naquele quarto como o dela, embora ela nunca tenha tido a chance de vê-lo. Encontro a loção e esfrego na pele ardente. O aroma de lavanda me acalma, me faz lembrar dos saquinhos que minha avó fazia para mim, quando eu era criança, para os momentos em que os pesadelos insistiam em vir, toda vez que eu fechava os olhos. Ela colocava saquinhos de lavanda na minha gaveta de pijamas e também embaixo do meu travesseiro; o aroma me acompanhava delicadamente ao pegar no sono e me protegia a noite toda. Faz muito tempo que os dedos da minha avó, atingidos pela artrose, deixaram de costurar, mas, para mim, o aconchego ainda tem cheiro de lavanda.

Meu celular vibra em meu bolso e o pego com os dedos escorregadios. Eu o prendo entre o ombro e o ouvido, limpando as mãos no avental.

– Oi, Dan. Você ganhou?

– Sim, três a dois. Marquei no último minuto.

– Você deve estar contente, hein? Faz séculos que não marcava.

– Obrigado por me lembrar...

– Não tive a intenção de... – Paro de falar. Finjo que somos um casal normal e escolho cuidadosamente as palavras. – Ótima notícia. Vou comprar filé e vinho para comemorarmos.

– Já estamos comemorando no bar. Venha para cá.

– Não posso.

– Você precisa voltar a viver em algum momento. Por que não esta noite? Estão todos aqui.

Todos, não. Penso na caixa que está em cima da mesa, parte de Charlie – como posso ir e deixá-la?

– Tenho umas coisas para fazer.

– Tudo bem. – Eu quase ouço o tom de rejeição na voz dele e, por uma fração de segundo, gostaria de estar no bar com ele, bebericando sidra morna e rindo de piadas grosseiras demais para repetir. – Não fique acordada me esperando.

Ele desliga antes que eu possa responder que não vou esperar acordada. Nunca espero.

A noite se estende diante de mim, longa e silenciosa, e, embora eu não tenha comido, não estou com fome. Na cozinha, abro uma garrafa de vinho. Não dá para tomar uma xícara de chá, justifico a mim mesma. Sempre me sinto meio estranha quando bebo sozinha.

Está escuro na sala, e acendo as lâmpadas da mesa, diminuindo a luminosidade da luz do teto. A penumbra é confortante, e me sento no sofá, sobre as pernas dobradas, pousando a mão na silhueta sonolenta de Mittens. "Somos só eu e você esta noite", digo a ela. Olho para a caixa e sei que isso não é verdade. Charlie está por toda parte. Não demoro muito para beber a primeira taça de Chardonnay, o líquido gélido se acomodando em meio às borboletas em meu estômago. Estou na metade da segunda, antes que meus dedos trêmulos possam abrir a caixa. A folha de papel de embrulho roxo cintilante está em cima; a carta está por baixo, eu me lembro. Levo o envelope rosa até o nariz e inalo profundamente, torcendo pelo cheiro de Charlie, mas o odor é de umidade e terra. O nó que estou sempre tentando engolir volta à minha garganta. Quantas pessoas mais vou perder? Às vezes, meu maxilar se contrai quando ouço a chave de Dan na fechadura e me preparo para mais uma discussão, mas pensar em ficar sozinha me enche de pavor. Além disso, o que aconteceu não nos fez ruir, mas nos fortaleceu, não?

Meus dedos se apertam segurando o celular. Olho a lista de chamadas recentes. O Dan é o número seis. Ligo para ele. Nossa foto aparece, aquela em que estamos vestidos de Super-Homem e Mulher-Maravilha, numa das festas de Lyn. Ela é mais uma amiga que uma chefe, e essa foto sempre me faz sorrir.

– Só quero lhe dizer que te amo – digo.

– Eu sei. – A voz dele está concisa.

– Por favor, tome cuidado esta noite, não beba antes de dirigir.

– O quê? Não estou ouvindo direito.

– Eu disse por favor, tome cui...

– Grace, o sinal está ruim; sua voz está saindo picotada. Espere aí, só vou...

A ligação caiu. Aperto o rediscar, e uma voz mecânica me convida a deixar um recado. Frustrada, jogo o telefone no sofá e me inclino para a frente, para desempacotar as coisas da caixa.

Inúmeras lembranças me vêm à cabeça, conforme vou folheando um pequeno álbum de fotografias. Lá estamos Charlie e eu, fazendo pose na praia, orgulhosas dos nossos primeiros biquínis, ostentando peitos chapados; na discoteca da escola, com os braços cobertos de purpurina prateada. Tem algumas de Charlie, Dan e eu rindo no quintal, enquanto molhamos uns aos outros com a mangueira, num dia escaldante de verão, e uma de Charlie sorrindo para a câmera, e Dan olhando para ela, carinhosamente. Lá estamos eu, Charlie e Dan, em nosso último dia de aula, rindo, ao jogarmos nossas gravatas da escola para o alto, felizes por nunca mais ter que usá-las. Que sensação de liberdade. Outra foto, essa é em grupo: eu, Esmée, Charlie e Siobhan. Nosso pequeno quarteto. Como éramos próximas. Quem poderia pensar que nos voltaríamos umas contra as outras, como aconteceu?

Retiro a última foto do álbum do envelope plástico. Charlie está no jardim dos meus avós, com o cabelo louro bem claro chanel ao vento, vestindo uma camiseta alaranjada tingida e um shortinho branco de brim. Ela tinha se encrencado muito por pegar aquele jeans da mãe e depois cortar as pernas da calça com a tesoura da minha avó.

De cima do piano, pego um porta-retratos prateado com uma foto minha com o Dan – estamos balançando a chave do chalé, mostrando uma garrafa de champanhe – e troco a fotografia pela de Charlie.

Meu celular toca. Pulo para pegar, esperando que seja o Dan, mas é um número desconhecido. Minha mente tira conclusões – o Dan sofreu um

acidente e está no hospital –, e começo a suar. Atendo a ligação e só escuto um som de respiração.

– Alô? –digo. Então, mais alto: – Alô? *Alô?*

Mas ninguém fala nada. Depois, o som dando linha em meu ouvido. Essa é a terceira vez que acontece hoje, e desligo.

Uma onda de cansaço se apodera de mim. Álcool e a emoção colaboram, forçando meus olhos a se fecharem; esfrego os olhos, tentando dissipar o passado. Levo a foto e o envelope comigo para cama e coloco os dois junto ao abajur. As fotos remexeram muitas emoções, e receio que vou perder completamente as estribeiras se abrir a carta de Charlie esta noite. Tiro um comprimido para dormir da embalagem, ponho na língua e o engulo com água morna. Caio num sono irregular, repleto de sonhos com Charlie e meu pai.

"É culpa sua, Grace" diz meu pai no sonho. "Eu ainda estaria aqui se não fosse você."

"Abra o envelope, Grace" sussurra Charlie em meu subconsciente. "Não me decepcione."

Acordo pela manhã com os lençóis embolados e o travesseiro úmido. Dan não voltou para casa.



Aos pouquinhos, o mundo foi parando de girar, e fui percebendo o vovô esfregando as minhas costas, em movimentos circulares, com sua mão morna e sólida.

– Respire devagar, Grace – ele dizia, enquanto eu bufava nuvens de ar, como um trem a vapor. Eu inalava profundamente, e o vento gelado me fazia tossir. As lágrimas escorriam por meu rosto, enquanto eu inspirava e expirava contando até cinco, do jeito que me fora ensinado, até me sentir calma o suficiente para endireitar a postura e soltar os corrimões de ferro. Eu tinha segurado com tanta força que partículas de tinta esverdeada estavam grudadas em minhas luvas. Bati uma mão na outra, espalhando os fragmentos de tinta no asfalto, enquanto observava a edificação monstruosa à minha frente.

– Não me faça entrar aí.

– Sei que a mudança tem sido difícil para você.

Isso era subestimar meus sentimentos. Não eram apenas as pessoas que eu havia deixado para trás, meu quarto amarelo girassol ou a minha escola, dos quais sentia falta. Eram os ruídos que formam um lar. Acordar, a cada manhã, ao som das ondas batendo; o rangido do terceiro degrau da escada sempre que alguém pisava ali; o grasnado das gaivotas, quando ia a pé para a escola; as pedrinhas sob meus pés sempre que eu corria na praia, a caminho de casa, a maresia enchendo meus pulmões.

Sempre adorei visitar meus avós durante as férias da escola. Observar o crescimento da singular vila Oxfordshire, ano a ano, conforme as casas de tijolinho vermelho iam alinhavando as periferias, a construção de um segundo pub, uma cafeteria, uma cooperativa. “Todas construções modernas”, disse a

vovó, mas, ainda assim, não dava a sensação de lar. Não era o barulho de casa. Nunca mais eu poderia me encolher debaixo das minhas cobertas, enquanto o vento e a chuva declarassem guerra nos penhascos, o lampejo do farol piscando através das minhas cortinas.

– Você logo fará amigos – disse o vovô, sempre otimista.

– Não, se eles descobrirem o que fiz.

– Pare de se culpar. Ninguém vai descobrir nada, a não ser que você conte. – O vovô arrumou o meu chapéu. – Você tem que ir para a escola, Gracie. – Ele sorriu, mas o sorriso não enrugou seus olhos, como sempre, e assenti, culpada, por ter feito tanto estardalhaço. Agora eu tinha 9 anos e precisava agir como tal. Se a vovó estivesse ali, eu teria entrado marchando, direto.

– Venha. – Ele ofereceu a mão, manchada e enrugada pela idade. – Vamos entrar.

Entrelacei meus dedos aos dele e atravessamos o playground sem graça. Eu tinha acabado de ler *As viagens de Gulliver* e me sentia como uma liliputiana ao parar no pé da escada de concreto e olhar acima, para o prédio imenso. Parecia um milhão de vezes maior que minha antiga escola primária.

O vovô parecia que ia falar, mas, em vez disso, só balançou a cabeça, delicadamente puxando a minha mão, até que meus pés relutantes o seguiram ao calor de floresta tropical da minha nova escola.

No interior do prédio, uma recepcionista nada sorridente estava sentada junto a um balcão. A frase "A comunidade de ensino de Greenfields lhe dá as boas-vindas!" estava pintada em amarelo do tom de narciso na parede acima dela.

– Grace Matthews. – O vovô deu uma batidinha em meu ombro. – É o primeiro dia dela.

A recepcionista gesticulou para nós, apontando cadeiras cor de salmão, que um dia talvez tivessem sido vermelhas, e me afundei na maciez de uma delas. Sentada, meus pés não tocavam o chão. Coloquei minha lancheira nova de plástico numa mesa de madeira que tinha entalhado: "A senhorita Markham está em forma".

– Será que a senhorita Markham é a professora de educação física? – disse o vovô.

Eu catava fiapos da poltrona esfarrapada enquanto olhava em volta. Nada de desenhos ou artesanatos enfeitando as paredes desgastadas. Havia uma árvore de Natal desolada, num canto, com os galhos quase nus, uma cordinha curta

demais com luzinhas coloridas, enroscada só no meio. Eu nunca mais queria celebrar o Natal. Algumas semanas antes, eu me sentia como qualquer outra menina de 9 anos, agora, eu tinha minha própria terapeuta, Paula. Eu detestava as sessões semanais de terapia para falar sobre meus sentimentos – como se isso pudesse mudar alguma coisa. Mas agora eu gostaria de estar no consultório da Paula, com suas paredes tão azuis que faziam com que eu parecesse estar me afogando. Gostaria de estar em qualquer lugar, menos aqui.

O cheiro cítrico de produtos de limpeza era enjoativo, e senti um aperto no estômago, pela falta da minha antiga escola: o cheiro de sapatilhas de ginástica e tinta guache; meus antigos amigos; de pular amarelinha e brincar de pique. Recostei a cabeça para trás e fechei os olhos. Estava sinistramente quieto. Disseram-nos para não virmos até depois da matrícula, para que eu não ficasse tão oprimida, mas, para mim, parecia pior. Eu teria que entrar na aula depois de começada. Eu respirava profundamente, do jeito que a Paula havia me ensinado, e tentava me transpor para um lugar feliz. Eu me imaginava em meu quarto, meu quarto de verdade, o que provavelmente nunca mais veria. Fui abrindo os punhos lentamente e devo ter cochilado, porque o tec-tec de saltos altos me assustou. Por um segundo, eu realmente acreditei que tudo estava normal. Eu estava em casa, e minha mãe preparava o jantar para o meu pai.

– Aqui está a senhora Beeton – disse o vovô. – Foi ela que eu vi quando matriculei você.

– Grace, é um prazer conhecer você. – A diretora estava na minha frente, com um sorriso de compaixão. Ultimamente, eu estava vendo muitos sorrisos desse tipo.

Olhei para ela séria, com os lábios impassíveis.

– Por favor, venha comigo, senhor Roberts. Tenho alguns papéis para o senhor assinar. Grace, não vamos demorar.

Eles se curvaram sobre o balcão da recepção, com o rosto próximo, e falaram em tons sussurrados, ocasionalmente lançando olhares preocupados em minha direção.

– Eu te vejo mais tarde, querida. – A voz do vovô estava ligeiramente alta quando ele acenou se despedindo, pouco tempo depois, com um sorriso grande demais. Seus passos ecoaram ruidosamente, marchando no compasso do meu coração, enquanto eu o olhava saindo pela porta.

Segui trotando atrás da senhora Beeton, passando por uma porção de

corredores idênticos, desacelerando cada vez que passávamos por uma janela, torcendo para ver um relance do vovô, de cabeça baixa contra o vento, as mãos enfiadas nos bolsos da calça de veludo cotelê. Meus sapatos novos rangiam no linóleo, e eu já sentia as bolhas se formando nos meus calcanhares.

– Aqui estamos. – A senhora Beeton empurrou a porta de uma sala de aula, para abri-la. Um mar de rostos se virou para nós, e nunca me senti tão pequena como naquele momento.

– Grace, essa é a senhorita Stiles.

A senhorita Stiles empurrou os óculos no nariz. Ela estava de calça e era bem mais jovem que a minha última professora, que sempre usava vestido. Rezei para que ela não pedisse para que eu me apresentasse.

– Tem lugar vago lá atrás, Grace.

Aliviada, eu me apressei na direção da cadeira vazia, mais depressa do que deveria, com meus sapatos ainda não amaciados. Abri as mãos para amparar a minha queda no momento em que senti que escorreguei. Minha lancheira caiu ruidosamente, e despenquei ao lado dela, querendo morrer.

Não olhei para ninguém enquanto puxava minha saia para baixo, para preservar o pingo de dignidade que ainda tinha, enquanto catava meu lanche. A colher do meu iogurte tinha sumido, mas eu nem me importava. A tampa da lancheira nova estava aberta, num ângulo estranho, uma das dobradiças quebrada, mas enfiei tudo dentro de novo e a segurei junto ao peito. Meu tornozelo estava doendo quando me levantei e contive as lágrimas.

– Isto é seu? – Um garoto inclinou a cadeira para a minha direção, estendendo um pedaço de papel. Balancei a cabeça e fui até ele mancando. – "Não se esqueça do quanto nós *amamos* você, Gracie".

Gelei quando as palavras que só poderiam ter sido carinhosamente escritas pelo vovô foram lidas em voz alta.

Arranquei o papel da mão dele enquanto a sala ria de deboche.

O garoto apontou o dedo para mim e disse:

– Olhem, o rosto da ruiva está tão vermelho quanto seu cabelo!

– Já chega, Daniel Gibson.

Grata pela intervenção da senhorita Stiles, segui mancando até a minha cadeira, olhando para o chão, como se ele pudesse se transformar na Estrada de Tijolos Amarelos e me levasse para ver o Mágico. Não há lugar como o nosso lar.

As carteiras eram duplas. Nem olhei para a minha vizinha quando ela

deslizou o livro para o meio, para o compartilharmos. Eu até podia lidar com hostilidade, mas gentileza me faria chorar. E ultimamente eu já tinha feito isso de sobra.

Tentei me acalmar imaginando estar numa praia, mas isso me fez pensar em casa, e queria pousar a testa na mesa e uivar pela injustiça de tudo isso. Pareceram horas até o sinal tocar para o lanche.

A senhorita Stiles foi abrindo caminho até os fundos da sala, conforme a classe enxameava em direção à porta.

– Charlotte – disse ela, para a menina ao meu lado, que estava enfiando as coisas numa mochila rosa. – Você poderia, por favor, levar a Grace e mostrar-lhe onde comemos?

– Tudo bem – concordou Charlotte.

– De onde você é? – perguntou Charlotte, enquanto seguíamos por um labirinto de corredores. Ela era alta. Eu quase tinha que correr para acompanhá-la. Meu tornozelo latejava, mas não reclamei: eu estava grata por não estar sozinha. – Por que está começando atrasada?

Eu vinha esperando essa pergunta, mas as mentiras que vinha ensaiando na frente do espelho do meu quarto pareceram estar presas na minha garganta. Charlotte parou de andar e engoli em seco com força, pensando que ela estava esperando a minha resposta, mas, depois, percebi que já tínhamos chegados, estávamos na cantina. O refeitório parecia um clipe que se passava na prisão que eu tinha visto na TV certa vez: fileiras de mesas plásticas cinza e cadeiras laranja. O lanche tinha acabado de começar, mas já tinha crostas e farelos pelo chão de madeira. Senti uma pontada de saudade da minha antiga escola, onde comíamos o lanche na sala de aula, trocando biscoitos de água e sal por biscoitos doces, iogurtes por bolo.

– Bem, esta é a cantina. Não é exatamente o hotel Ritz, como diria minha mãe, mas você sabe...

Assenti, embora não tivesse a menor ideia do que ela estava falando.

Charlotte acenou para duas garotas agachadas num canto.

– Aquelas são Esmée e Siobhan; depois vou apresentar você a elas. Geralmente me sento com elas, mas não hoje. Venha.

Andei depressa atrás de Charlotte, esforçando-me para alcançá-la e ouvi-la.

– Quer vir até a minha casa depois da escola? Posso fazer seu cabelo e maquiá-la. Minha mãe é cantora e tem um monte de coisa bacana. Ela quase nunca está em casa, então nem vai saber.

Eu não poderia. O vovô vinha me buscar; além disso, a vovô teria um ataque se eu voltasse para casa usando maquiagem.

– Talvez – respondi, sem querer parecer um bebê.

– Vamos nos sentar aqui. – Charlotte despejou suas coisas ao lado do garoto que havia me humilhado na sala. Hesitei, disse a mim mesma que era melhor do que sentar sozinha, mas ainda assim senti minhas bochechas vermelhas.

– Sente no banco. – disse Charlotte, e ficou me olhando. Seus olhos verdes vivos me lembraram da nossa velha gata, a Bessie, e algo me disse que eu podia confiar nela.

Minha garganta sempre dava a sensação de estar fechando quando eu ficava ansiosa, mas de toda forma me sentei e peguei meu lanche. Se ainda tivesse uma colher, eu talvez conseguisse engolir um pouco de iogurte. Era de damasco, meu predileto. Olhei para o garoto de cara feia, o Daniel, depois furei a caixinha de suco de maçã com o canudo e dei alguns goles. Charlotte sacudiu sua garrafinha de leite com banana.

– Você poderia pegar um canudo para mim? – Charlotte deu um sorriso radiante para o Daniel.

– Sim. – Ele ficou vermelho, empurrou a cadeira para trás e atravessou o salão todo faceiro, ao estilo "sou-bacana-demais-para-esta-escola".

– Fique olhando. – Charlotte pegou o sanduíche de Daniel, metade já comido, tirou a fatia de pão de cima. Pegou o frasco de ketchup e espremeu o molho em cima da geleia de morango, depois remontou o sanduíche.

Eu me retesei quando Daniel voltou, pegou o lanche e deu uma mordida enorme. Ele mastigou uma vez, duas, antes de cuspir tudo e limpar a boca na manga da camisa.

– Ah, olhe! – Charlotte apontou para ele. – A cara dele é tão vermelha quanto seu sanduíche.

– Quem fez isso? – Daniel levantou, com os punhos fechados nas laterais do corpo.

– Fui eu. Por você ter sido tão cruel com a Grace em seu primeiro dia.

– Você é uma piranha nojenta, Charlotte Fisher. – Daniel enfiou seu lanche na mochila, me olhando fulminante, e me encolhi. – Vou pegar você por isso. – E saiu como um raio.

– Bem feito! – Charlotte gritou.

– Não posso acreditar que fez isso, Charlotte – eu disse.

– É Charlie, não Charlotte, se você quiser andar comigo – enfatizou ela. –

Quer um?

Minha boca estava seca demais para comer, mas peguei um salgadinho de queijo e cebola e coloquei na língua.

– Então, por que se mudou para cá, Grace?

E o salgadinho ficou pesado e sólido em minha boca. Tentei engolir, mas minha garganta tinha fechado.



Levei séculos para pegar no sono ontem à noite. Olhar o álbum de fotos revolveu tantas lembranças que eu sentia um aperto no estômago de arrependimento e minha mente recusava-se a se acalmar. Os comprimidos para dormir não fazem mais o efeito que faziam. Decido ir ao médico na segunda-feira, fingir que perdi a última receita. Assim, posso comprar um pouco mais e dobrar a dose.

Da última vez que olhei o relógio – morrendo de preocupação porque o Dan ainda não tinha chegado em casa –, eram duas horas da madrugada, e achei que nunca mais conseguiria dormir, porém, agora, olhando o relógio, já passa das seis, e parece que consegui. Pulo da cama tão depressa que a minha cabeça gira, enfio os pés nos chinelos e visto o robe pendurado no gancho atrás da porta. Pode ser, digo a mim mesma, que o Dan tenha entrado sem fazer barulho e dormido no sofá, para não me acordar, mas corro até a sala, acendo a luz, e só a Mittens está ali, piscando com a claridade súbita.

Puxo as cortinas para abri-las. Minhas têmporas latejam quando tento ligar para o celular do Dan pela milésima vez, e uma sequência de lampejos desesperados passa em minha mente: Dan numa vala, no carro capotado, as rodas ainda girando; Dan assaltado e deixado num beco para morrer; Dan sangrando e todo quebrado, no acostamento da estrada.

Não dá para ver muita coisa além do jardim da frente. Ainda está aquele escuro de inverno, e a neblina paira pesada no ar, com dedos serpenteando em minha direção, deixando a rua invisível. Só depois que nos mudamos para cá que eu vi como o clima é poderoso: agora você o vê, agora não o vê mais. Estremeço, embora não esteja com frio, e seguro meu robe fechado com mais

força. Há um pacote de pastilhas no bolso e coloco uma na língua. A medicação que estou tomando deixa um gosto horrível na boca, que parece se estender pelo dia inteiro, por mais que eu escove os dentes e coma pastilhas de menta.

Olho novamente o relógio, como se, de alguma forma, eu pudesse fazer o tempo andar mais depressa. Ainda nem passou de sete horas, é cedo demais para realmente entrar em pânico, mas, mesmo assim, isso não impede que eu pense o pior – eu sempre penso. A Paula dizia que isso brota pelo medo da perda, Dan diz que vem de ser ansiosa. Ando de um lado para o outro, na frente da janela, gastando o tapete, como um tigre enjaulado, de lá para cá, envolta em tensão.

Quando foi que o Dan e eu começamos a desmoronar? Minha vida parece dividida em duas: antes e depois da morte de Charlie. Às vezes parece que o empurrei para tão longe que será impossível puxá-lo de volta, mas, embora eu morra de pavor de perdê-lo, não consigo me livrar da irritação quase constante que sinto. Digo a mim mesma que não faz mal que ele faça bagunça, que ele não faça as coisas que prometeu, mas ainda assim fico resmungando com ele o tempo todo – quase cutucando, querendo que ele me morda, às vezes.

Estremeço quando o vento uiva e sacode o portão. O fecho não o segura, e ele se escancara, antes de bater fechando outra vez. Já pedi ao Dan para consertá-lo tantas vezes. Ouço um carro e estreito os olhos para ver. Os faróis atravessam a neblina, no fim da rua, como olhos de gato, e espero que o carro apareça direito. Só pode ser o Dan. Nossa rua só conduz aos campos. Quando compramos o chalé, eu tinha visões de ovelhas pastando ou cavalos passando a cabeça por cima do portão, mas a terra aqui é arável. Cultivam trigo aqui, e toda vez que como cereal pela manhã, eu me sinto estranhamente orgulhosa, como se eu mesma tivesse cultivado.

O carro emerge da névoa. É pequeno demais para ser o carro do Dan e quase nem está andando. Fico imaginando se o motorista não está perdido. Só há dois chalés nessa rua. A nossa e a da senhora Jones. Ela não tem carro e só tem visita no Natal e no aniversário; além disso, quem viria visitar a essa hora da manhã? Ainda nem clareou.

O carro vem se aproximando cada vez mais e para literalmente na frente da casa, mas, com a neblina, não dá para ver quem está dentro. O motor está ligado e os faróis iluminam a nossa macieira, mas ninguém sai. O tempo vai

passando, e fico me perguntando o que estão fazendo. *Quem está ali observando*. As palavras me percorrem com um calafrio. Não é a primeira vez que sinto que estou sendo observada e digo a mim mesma que estou sendo ridícula. Quem me observaria? Mesmo assim, não consigo parar de olhar. Da última vez que pedi uma receita repetida, o médico me perguntou se os comprimidos para dormir não estavam causando nenhum efeito colateral. Respondi que não, mas uma sensação de inquietude se instalou em mim; minha pele arrepia e minha mente salta, e é difícil manter o foco. Eu realmente deveria parar de tomar esse remédio. Estou nervosa e paranoica, mal me reconheço.

É só um carro.

Outro par de faróis surge, e agora é o Land Rover jurássico do Dan. Corro para o sofá, recosto casualmente e pego meu livro, com a mão que ainda treme. Vou manter a calma. Dan entra na sala, joga a jaqueta no sofá, perto dos meus pés, e me dá uma olhada, com os olhos vermelhos. Ele está horrível. Minha fúria interior está lutando com a alegria: a fúria ganha.

– Onde se meteu? Quem está com você?

– Comigo? – Dan olha por cima do ombro.

– O outro carro?

– Outro carro?

– Você só vai ficar repetindo tudo que eu digo? Por que não ligou?

– Eu perdi meu telefone.

– Onde?

– Se eu soubesse, ele não estaria perdido.

– Não...

Ele ergue a mão espalmada para a frente.

– Desculpe. Eu deveria ter ligado para você, da casa do Harry, mas adormeci no sofá.

Sinto uma pontada por dentro, ao imaginar o Dan, o Harry e a Chloe, namorada do Harry, encolhidos na frente da lareira do Harry, com uma caixa de cerveja e tigelas de chips de tortilha e salsa, do jeito que a gente costumava fazer, sábado à noite, antes de a Charlie morrer.

– Fiquei preocupada.

– Você sempre fica. Vou tomar um banho e descansar umas duas horas.

Evitando me olhar, Dan sai rapidamente da sala e sobe a escada. Um instante depois, ouço o rangido da porta do banheiro abrindo e o gorgolejo dos canos,

quando ele abre a água.

Fico imaginando se ele vai descer novamente, depois do banho, e sugerir um aconchego matinal de domingo. Fico imaginando por que eu não sinto que posso sugerir isso. Pouco tempo depois, a porta do quarto abre e fecha. As molas do colchão rangem.

No banheiro, o vapor sobe e fica, uma nuvem de incerteza pairando sobre mim. Abro a janelinha e pego a toalha do Dan no chão. Entro no cubículo de vidro, abro o chuveiro e estremeço enquanto espero a água esquentar. Fecho os olhos quando me lembro de como nós dois costumávamos nos espremer ali dentro. A palma das minhas mãos ficava colada nos ladrilhos molhados. Ele me segurava pelos quadris. Depois, massageava xampu no meu cabelo, enquanto eu me recostava no corpo dele. Será que ele ficou, mesmo, na casa do Harry a noite toda? Tomo banho com o gel de lavanda: o aroma familiar, meu conforto de infância, vai dissolvendo meus temores, até que eles vão sendo lavados, um a um, e escorrem pelo ralo. Não tenho motivo para achar que o Dan mentiu para mim. A tristeza atrapalhou o meu julgamento. Minha percepção da realidade parece tênue, no mínimo. A Paula sempre me incentivou a processar meus pensamentos de forma racional, em lugar de me submeter ao medo. "A partir de um pensamento, a mente pode criar múltiplos cenários possíveis, e a maioria não será verdadeira", ela dizia. Estou cansada demais para pensar nisso apropriadamente.

Saio do chuveiro, distante dos meus pensamentos, e visto novamente o pijama. Vou deixar o Dan recuperar o sono. Tenho receio do que posso dizer, se eu ficar, medo do que posso ouvir, e só quando desço a escada é que penso em olhar se aquele carro ainda está lá fora – mas ele se foi.

Está um gelo no galpão; à minha frente, vejo o vapor da minha respiração. Ligo o aquecedor e coloco as luvas cinzentas sem dedos. A mesinha de telefone que lixei está em cima de folhas de jornal, pronta para ser pintada. É para o aniversário da senhora Jones. Ela sempre admira a minha mesa. Mergulho o pincel e passo tinta pistache na madeira. O Dan não consegue entender o meu fascínio por móveis antigos, mas adoro renovar, preservar um pedacinho da história. Sempre fico pensando nos donos originais: como seria a vida deles, será que eram felizes? As pinceladas me acalmam, e, ao terminar, toda a tensão deixou meus ombros e meus temores estão distantes, onde não podem ser vistos. Meu celular apita e olho a tela. É meu avô

confirmando o almoço à uma hora – não que eu pudesse me esquecer, vamos na maioria dos domingos, mas desde que a vovó lhe deu um telefone, em seu aniversário de 70 anos, no ano passado, ele me passa mensagens de texto o tempo todo. Digito uma resposta que está bem mais animada do que me sinto e enfio o telefone no bolso. É melhor ir acordar o Dan.

O molho está grosso e cremoso. Despejo numa molheira de porcelana e limpo as gotas que escorrem pela lateral com o dedo. O vovô fatia o rosbife, enquanto a vovó coloca os legumes pelando em travessas de servir. Minha boca enche de água com o cheiro de Yorkshire pudding. Estou faminta. Pulei o café da manhã, sentindo-me mal demais para ter fome. "Não ingerir álcool" está escrito na lateral do frasco do meu remédio para dormir, mas isso é só um alerta de praxe, não? E ninguém liga para isso. Espeto a carne e ponho o garfo na boca, e meu nariz fumega com o molho de raiz-forte. A vovó me passa um guardanapo e prossegue falando sobre o "rapaz tão bonzinho" que veio instalar o novo computador deles e como ela entra no Google todos os dias.

Meus ombros balançam ao conter o riso, e tento cruzar os olhos com os de Dan, mas ele está debruçado sobre seu prato, empurrando a comida de um lado para o outro, e não ergue os olhos, nem quando começo a tirar a mesa. Levo a louça suja para a cozinha e ajeito ao lado da pia. Sempre tento convencer meus avós a comprarem uma lavadora de louça. Eles podem comprar e têm espaço. Sempre dizem que vão pensar a respeito, mas acho que gostam da rotina de ficarem lado a lado – a vovó lavando, e o vovô secando – discutindo como as abobrinhas cresceram e identificando os passarinhos que pousam no alimentador.

A voz da vovó passa pela parede, em tom baixo e granuloso. Quem não a conhece pode até pensar que ela fuma. Dan ri, e levo um tempo para identificar o som, de tanto tempo que não o ouço. Nós crescemos juntos, e às vezes me pergunto se é natural que tenhamos nos afastado, se isso teria acontecido de toda maneira, sem que as circunstâncias levassem a culpa.

A vovó prepara um creme caseiro para a torta de maçã que está no forno. Fico na ponta dos pés e puxo o jarro da prateleira, aquele cor-de-rosa que tem o desenho de vacas pastando. Passo embaixo da torneira.

– Gracie, outro dia recebi um e-mail da minha amiga Joan. Está em cima da geladeira para você.

– Você imprimiu?

– Sim. Ela mandou uma receita, e quis encaminhá-la para você.

Abro a boca para explicar o que significa "encaminhar", mas fecho em seguida. Por enquanto, já está bom que ela consiga compor um e-mail, mesmo que escreva "Isto é da vovó" em todos os títulos do assunto e depois me ligue para ter certeza se recebi.

A receita é de um risoto de abóbora com nozes que parece delicioso. Semana que vem vou tentar, embora eu tenha que fazer um filé para o Dan, ou ele vai erguer o garfo com o legume e perguntar onde a carne se escondeu.

– E vi a Lexie.

Congelo diante da menção ao nome da mãe de Charlie.

– Bêbada de novo, mal conseguia ficar de pé. – Lexie sempre gostou de um drinque quando a Charlie estava viva, mas perdeu as estribeiras completamente depois que a filha morreu. A vovó desliga a borboleta do gás e se vira para mim: – Eu não sabia se devia lhe dizer, Gracie. A última coisa que eu quero é aquela mulher aborrecendo você. – A vovó nunca teve a Lexie em alto conceito.

– Me dizer o quê?

– Ela quer ver você.

Meu coração dispara ao pensar em enfrentar a mãe da minha melhor amiga. Eu não a vejo desde o enterro da Charlie. O enterro que precisei deixar, depois que Lexie me disse que jamais me perdoaria pela morte da filha.

O que aconteceu antes de Charlie morrer não foi culpa minha. Também não foi culpa dela. Como poderia ter sido? *Então por que a Charlie fugiu?*, sussurra uma voz em minha cabeça, e a ignoro, mas ela não vai embora.

A vovó despeja o creme no jarro e me entrega para eu levar para a sala de jantar. Ela espirra, conforme ando, o líquido quente respingando em minha mão, mas quase nem noto. A vovó me segue com a torta de maçã que eu agora não vou conseguir comer. Sento à mesa segurando a minha colher. O zunido das vozes que me cercam vai ficando cada vez mais distante, até que elas se tornam indecifráveis. Sorrio e balanço a cabeça, torcendo para que os gestos sejam adequados, enquanto o tempo todo o mesmo pensamento revolve em minha mente: o que a Lexie quer comigo?



Eu pulava de um pé para o outro, olhando para o fim da rua, esperando a Charlie aparecer. Ela vinha para o chá. Pensei cuidadosamente quando a vovó sugeriu que eu convidasse uma amiga para minha casa ao final da minha primeira semana de aula. Esmée era adorável, Siobhan, reservada, mas legal, e até o Dan estava tranquilo comigo depois daquele primeiro dia, mas já havia um elo forte entre mim e a Charlie. Ninguém nunca havia me defendido antes; acho que eu nunca tinha realmente precisado.

– Você vai fazer toda a calefação sair – resmungou a vovó do corredor.

Fechei a porta da frente atrás de mim e fiquei lá fora, erguendo-me na ponta dos pés a cada vez que ouvia um carro. Mas, quando a Charlie apareceu, vinte minutos atrasada, vi que ela veio caminhando sozinha.

Eu a conduzi porta adentro.

– Vamos lá para cima, para o meu quarto.

– De sapatos, não, mocinha. Você conhece as regras. – A vovó seguiu apressada pelo corredor, limpando as mãos sujas de farinha no avental.

Meu couro cabeludo pinicou de constrangimento quando Charlie tirou os tênis azuis desbotados. A vovó os pegou e colocou na prateleira de sapatos, estalando a língua quando viu que as solas estavam quase furadas embaixo dos dedões. Charlie e eu subimos que nem bala e sentamos na minha cama.

– O que quer fazer?

Eu ainda não tinha desfeito as minhas malas direito. No canto do quarto havia caixas de jogos e livros. Charlie caminhou até lá, pegou o jogo Ratoeira e sacudiu a caixa. As peças do jogo balançaram lá dentro.

– Aqui – ela me passou, e abri a tampa. Não era um dos meus favoritos, e algumas das peças estavam gastas.

– Por que mora com seus avós?

Eu estava esperando a pergunta, mas ainda me sentia despreparada para ela.

– Meus pais não podem cuidar de mim. Quer o rato de que cor? – Estendi a mão.

Charlie pegou o verde e me olhou fixamente.

– Por que não?

– Eles estão mortos. – A mentira ficou alojada na minha garganta. Peguei o copo cor-de-rosa de plástico que a vovó tinha colocado no meu quarto e bebi o chá em goladas, como se pudesse lavar as minhas palavras, franzindo o nariz com o açúcar em excesso.

– Mortos? – Charlie franziu a testa.

– Sim.

– Como eles morreram?

– Acho que serei o azul. – Joguei os outros ratos de volta na caixa. – Você tem irmãos?

– Não – disse Charlie. – Somos só eu e minha mãe. Eu me sentia tão solitária que tinha uma amiga imaginária.

– É mesmo?

– É, seu nome era Belle. Ela cochichava travessuras, e a minha mãe ficava zangada, gritava, e Belle ria quando me encrencava. Uma vez, ganhei uma Barbie de Natal, e a Belle me fez cortar o cabelo dela e pintar seu rosto com esmalte. Mas ela também era divertida.

– Você pôs esse nome nela por causa de *A Bela e a Fera*?

– Acho que sim. Mas cresci e deixei de gostar dela, como aconteceu com a Disney.

– Eu também. – Eu só esperava que Charlie não abrisse a caixa com os meus vídeos. Até bem recentemente eu era obcecada por princesas. Mas eu tinha superado essa fase depois do que acontecera com meus pais. Qualquer um teria.

– Você tem sorte de ter avós.

– Eu sei. Você não tem?

– Não. Minha mãe diz que a gente não precisa de mais ninguém. Somos eu e ela contra o resto do mundo. Mas temos uma à outra, não é? Você e eu somos iguais, sem pais. Seremos melhores amigas.

Charlie estendeu a mão para pegar o casaco e tirou um chocolate. Ela o desembrulhou e partiu em dois. Aceitei, agradecida.

– Vamos brincar de Ratoeira. Você será muito mais divertida que a Belle, mesmo que não seja garantido que eu ganhe. – Charlie sorriu e sacudiu o dado. – E sorria! Você, eu, Siobhan e Esmée seremos como uma pequena família na escola. Pode deixar comigo.

Estávamos no meio do jogo de Ratoeira e era a vez de a Charlie jogar quando a vovó bateu devagarzinho na porta. A farinha de suas mãos salpicou o carpete. Ela esfregou a ponta do chinelo.

– Telefone, Grace.

– Não vai roubar, Charlie. Volto num minuto.

Lá embaixo, a vovó sumiu na cozinha. Peguei o telefone e fiquei enroscando o fio no dedo, ouvindo a estática do outro lado da linha. Não falei nada. Eu já sabia quem era e não tinha nada a dizer.

– Grace? Grace? – A voz da minha mãe parecia distante, e bati o telefone.

– Nossa, que rápido? – disse a vovó, quando me ouviu subindo de volta.

– A linha caiu – gritei.

Charlie me entregou o dado quando me sentei novamente. – Quem era no telefone?

– Ninguém – eu disse, cruzando os dedos. – Não tinha ninguém na linha.



Passo a noite toda acordada, imaginando por que Lexie disse à vovó que queria me ver. Oscilo entre pensar que ela talvez queira se desculpar por seu comportamento no enterro da Charlie ou queira me matar. Minha mente zumbe como um enxame de abelhas, ocupadas e ruidosas, e, quando o sol se levanta, tingindo o céu de vermelho voraz, já tomei três xícaras de chá e ainda não me decidi se a verei ou não.

Sei que a Lexie parou de cantar na boate local e agora é raramente vista em público, exceto no supermercado, empurrando um carrinho com mais álcool do que comida. Dan acha que ela é desequilibrada – ele sempre achou isso, mesmo antes de seu comportamento, durante o enterro –, a vovó tem mais compaixão. "Ela não deveria ter falado com você da maneira como falou, mas as pessoas vivenciam o luto de maneiras diferentes", disse ela.

Quando chego ao trabalho, já estou exausta e de olhos inchados.

– Bom dia, Grace – diz minha chefe, Lyn, que está sempre alegre. – Pronta para a guerra? – Lyn destranca a porta da frente e a segura aberta, cumprimentando cada pai ou responsável e cada criança pelo nome.

Um mar de crianças invade a sala de casacos, seguidas por mães preocupadas, batendo as botas no chão e sacudindo seus guarda-chuvas. Gotas de chuva empoçam no chão. Gravo um lembrete mental para depois passar o esfregão, ou alguém pode escorregar. Emily vem correndo e abraça os meus joelhos. Eu não deveria ter prediletos e realmente amo todas as crianças, mas tenho uma ligação especial com a Emily. Abro o zíper de sua capa de chuva e a puxo de seus ombros, revelando uma camiseta da *Dora, a aventureira*, que está por baixo.

– Bom dia, Sarah – digo. A mãe de Emily parece pálida, com olheiras profundas. – Como vai você?

– Cansada. Essa pequena gritou a noite toda. – Ela balança o carrinho de bebê. Dou uma espiada dentro, no bebê adormecido, espalhado como uma estrela do mar, os pequenos punhos fechados. – De toda forma, tenho tido dificuldades para dormir desde que... – Os olhos dela cruzam com os meus, acima da cabeça de Emily, e sei que ela quer dizer que é desde que o Greg foi embora. Há várias semanas, Sarah havia nos alertado que Emily poderia ficar inquieta, sentindo falta do pai. Sarah o pôs para fora, depois de flagrá-lo na cama com a secretária, um clichê que, até então, eu nunca tinha acreditado que pudesse acontecer.

– Bem, estou indo tirar um cochilo – Sarah continua –, antes que ela acorde. – Dá um beijo no alto da cabeça loura de Emily e caminha em direção à porta, com uma das mãos empurrando o carrinho e a outra puxando o capuz para cobrir a cabeça.

Passo uma manhã feliz na mesa de artes e artesanato, observando as crianças criando seus trabalhos com purpurina profundamente absorvidas pelo que estão fazendo.

– Olhe, Grace. – Emily empurra um pedaço de papel à minha frente, mostrando duas silhuetas. Tinta azul pinga na minha calça preta.

– Que lindo, Emily. É você com a Lily?

– Sim.

– Deve ser divertido ter uma irmã, não?

– Não. Ela chora o tempo todo. A mamãe disse que, quando ela ficar maior, ela vai "giscansar" mais.

Sorri ao ouvir a pronúncia e disse a ela:

– Tenho certeza de que ela será muito legal. – Prendo o papel ensopado no varal de secagem, acima da mesa. – A mamãe vai adorar. Deverá estar seco na hora de você ir para casa.

Emily dispara até o canto onde brincamos de nos fantasiar e fico estudando a imagem das duas menininhas. Quando era pequena, eu sempre quis ter uma irmã, alguém com quem compartilhar as coisas – então, conheci a Charlie e achei que sempre teríamos uma à outra. Que ficaríamos grisalhas e andaríamos juntas, de bengala, falando dos enganos, num banco do parque, enquanto comparássemos nossas dores. Rindo dos bons e velhos tempos.

– Pago um tostão pelo que está pensando. – Lyn toca levemente em meu

braço.

– Acho que nem vale tudo isso.

– Tenho certeza... – ela para de falar, interrompida pela campainha. O barulho é contínuo: ou alguém está com o dedo grudado no botão, ou ele está quebrado.

– Mantenha as crianças aqui – Lyn instrui Hannah, e sigo atrás dela, pelo corredor, fechando a porta da sala de atividades atrás de mim.

O pai de Emily solta o botão quando nos vê, passando a bater na porta. A chuva escorre por seu rosto furioso e vermelho.

– Deixe-me entrar.

Lyn aperta o interfone e fala em seu tom normal, e só porque a conheço muito bem consigo detectar um ligeiro tremor em sua voz.

– O que deseja, Greg?

– Emily.

– Você precisa ir para casa se acalmar. Não posso deixá-lo entrar desse jeito.

– Abra a porra desta porta. – Ele começa a chutar a porta. Os pés enlameados deixam marcas no vidro, como os desenhos das crianças, e a armação da porta sacode. Mas ela continua segura, por enquanto.

– Você vai assustar as crianças. Se não for embora, vou chamar a polícia.

– Tenho o direito de ver minha filha, sua piranha. Vocês todas são um bando de piranhas.

Fico imaginando quanto tempo vai levar até que a polícia chegue. A sala ao lado está em silêncio. Posso imaginar o rosto das crianças, pálido e ansioso, as mãozinhas cobrindo os ouvidos. A raiva elimina meu medo. Como ele se atreve? Pais devem ser protetores. Sentimentos há muito esquecidos reacendem, conforme passo pela sala dos funcionários e saio pela porta dos fundos, resfolegando ao me deparar com a rajada de vento que lança a chuva gélida em meu rosto. Estou de cabeça baixa, os ombros curvos, ao contornar o prédio rumo à porta da frente.

– Greg.

Ele gira em minha direção. A veia da lateral de sua cabeça está pulsando.

– Onde está minha filha?

– Não vou trazê-la. – A água gelada escorre pelas minhas costas, e minha camiseta roxa da Little Acorns gruda em minha pele.

Greg se lança à frente, erguendo o punho fechado. Eu me encolho. Os

músculos das minhas coxas tremem; eles parecem fracos demais para me amparar. Penso em Emily, com a linguinha rosada entre os dentes ao se concentrar em sua pintura.

– Se não me deixar vê-la, Grace, juro que vai se arrepender. – O maxilar dele se retrai.

– Você realmente quer que ela o veja deste jeito? – Minha voz sai comedida, encobrindo o meu medo.

O braço dele está suspenso no ar e seus olhos se fixam nos meus. Um trovão ecoa ao longe. As pernas dele se dobram e ele cai de joelhos, com o rosto molhado de chuva e remorso. Cobre os olhos com as mãos trêmulas.

– Sinto a falta dela. Sinto muita falta das duas. – Inclina a cabeça para baixo, como se suplicasse a um Deus que não está ouvindo.

Estendo a mão e toco seu ombro, sem ter certeza se estou tentando consolá-lo ou me equilibrando.

Ele ergue a cabeça, olhando-me com os olhos vermelhos.

– Não posso suportar a dor que causei.

Mas ele pode, sim. Todos nós temos que encarar as consequências de nossos atos, por mais pesadas que sejam. Sei disso melhor que ninguém.

– Por favor. Deixe-me vê-la, Grace.

– Não posso.

– Então vou fazer com que você se sinta como estou me sentindo. Que tal?

Lyn entra na fila para pegar nossas bebidas enquanto me dirijo a uma mesa junto à janela. Tiro a echarpe e o casaco. Estou com as roupas de ginástica de Hannah. Meu uniforme de trabalho molhado está embolado no porta-malas do meu carro. Recosto na poltrona e deslizo no revestimento de couro falso. Hordas de pessoas passam pela janela, e fico imaginando para onde vão: para casa; buscar as crianças; ao encontro de um amante, talvez? Seus pés estalam na calçada molhada, os casacos fechados cobrem os corpos trêmulos, os cachecóis estão bem enrolados. Ainda não tivemos previsão de neve, mas o ar de janeiro está gélido.

Do outro lado da rua, sob a luz do poste, há uma silhueta solitária: casaco preto de ombreiras, capuz, rosto encoberto. Está olhando diretamente para a cafeteria. Para mim? Eu me movimento, constrangida, e desvio os olhos, mas, quando olho de novo, a silhueta ainda está ali. Imóvel. Tenho a mesma

sensação que tive no domingo, quando aquele carro estranho parou do lado de fora da minha casa, um arrepio que sobe e desce pela minha espinha.

– Aqui – Lyn coloca as canecas de chocolate quente na mesa. O creme escorre pelas laterais, e ela lambe os dedos.

– Está vendo aquela pessoa do outro lado da rua? – pergunto.

– Onde? – Lyn estreita os olhos sem os óculos.

– Ali. – Levanto e encosto a palma das mãos na janela. Minha testa toca a janela e minha respiração embaça o vidro. Viro para ela. – Está vendo?

Lyn coloca os óculos e levanta, franzindo a testa, olhando para a rua escura.

– Para quem estou olhando, Grace?

Viro para trás, mas a silhueta sumiu. Fico imaginando se estava mesmo ali.

– Não importa – eu digo. – Acho que o Greg me deixou nervosa. Obrigada por isso. – Sento-me e puxo a minha caneca, sem ouvir atentamente enquanto Lyn relata a confusão com a troca dos pedidos. Meus olhos se voltam para a rua. Decididamente, não há ninguém ali, e repreendo a mim mesma pela paranoia. Meus sentidos têm estado altamente sensíveis desde que Charlie morreu. É estranho como o pesar tem tantas facetas: lágrimas e tristeza, confusão e raiva. Estendo a mão e abro um saquinho de muffins, tiro um e dou uma mordida. A onda do açúcar me percorre, restaurando um pouco da energia que o dia me tirou.

– Que dia... – Lyn cata os pedacinhos de chocolate de um muffin e enfia na boca.

– Pelo menos, a Emily está a salvo. – Eu tinha encontrado o número telefônico da irmã de Greg, como contato de emergência, e ela veio buscá-lo. Apesar de tudo, não achava que ele merecesse ser preso. Sei bem como é ter a culpa revolvendo no estômago, consumindo por dentro. Uma dor que nunca passa totalmente. Greg é humano, com tantos defeitos e arrependimentos quanto qualquer um, e todos nós cometemos erros, não é? Só que alguns são mais difíceis de perdoar.

– Acha que a Sarah vai aceitá-lo de volta? – pergunta Lyn.

Sacudo os ombros e tomo uma colherada de creme, saboreando a doçura aveludada que dissolve em minha língua.

– É tão bom estar sentada – diz Lyn. – Dancei tanto na festa de 18 anos da sobrinha do Steve que fiquei com bolhas em cima de bolhas. Que pena você não ter ido.

– Eu sei. É que...

– Está cedo demais, depois da Charlie. – Lyn afaga minha mão, pega outro muffin e recosta.

Já faz mais de cinco meses, e estou tentando reconstruir a minha vida. Às vezes, eu me sinto ligeiramente perto do normal, mas meus pés enlutados ainda não estão prontos para dançar, por mais que eu seja grata pelas tentativas de Lyn para me tirar de casa. Estou tentando deixar que as pessoas voltem à minha vida, grata por elas ainda estarem aqui. Desmoronei depois do enterro de Charlie; não conseguia levantar da cama. Foi só no meu aniversário de 25 anos, quando vi meus avós ao pé da minha cama, com sorrisos forçados e presentes com lindos embrulhos que realmente percebi a expressão de preocupação no rosto deles. Depois disso, comecei a me recompor. Digo a mim mesma que estou enfrentando, mas não estou. Na verdade, não. Se me forem tirados os compridos para dormir, eu desabo.

– Minha vó viu a Lexie, mãe da Charlie. Ela quer me ver.

– Por quê?

– Não sei. Acho que só tem um jeito de descobrir.

– Essa é uma boa ideia? Ela foi horrível com você, Grace. Fez você deixar o enterro da sua melhor amiga.

– Eu sei, mas ela é mãe da Charlie e não tem nenhum parente. Eu deveria ver se ela está bem. Ela provavelmente quer se desculpar.

– Provavelmente – diz Lyn. Mas ela parece tão pouco convencida quanto eu.

A máquina de lavar enxágua meu uniforme enquanto faço alguns furos na torta de peixe que encontrei no fundo do freezer. Eu pretendia fazer compras, mas o incidente com Greg e a sensação de estar sendo observada me deixaram inquieta, e voltei direto para casa depois de deixar a Lyn. Coloquei a torta no micro-ondas e servi um pouco de vinho numa taça. Dan tem treino de futebol às segundas e depois sempre janta no bar. Ele mandou uma mensagem dizendo que encontrou o celular; ainda bem que ainda não tinha comprado outro. Então vou comer e dormir cedo.

Dou uma olhada nos meus discos, procurando algo que combine com meu dia. Quando Dan não está, a TV raramente fica ligada. Abaixo a agulha e ouço o som de estática antes de começar a cantoria. Ella Fitzgerald canta baixinho, entoando “Stormy weather”; estou pronta para um pouquinho de sol. Embora seja cedo, visto meu pijama de flanela, aquele que o Dan acha que me deixa parecida com o Urso Rupert. O envelope rosa de Charlie está sobre a mesinha

de cabeceira, entre o abajur e uma pilha de livros que ainda tenho que ler. Pego a carta cuidadosamente, como se ela pudesse explodir, e a levo para baixo, e ali fico olhando para ela enquanto como a torta na própria embalagem, para não ter que lavar louça. Estou curiosa para saber o que Charlie escreveu, mas igualmente relutante em abrir o envelope, temendo os sentimentos que poderá gerar. Essa é a última nova lembrança que posso formar de Charlie. Depois de abri-lo, todo o restante será reprise.

Coloco a bandeja no chão, me estico no sofá e puxo uma colcha de patchwork sobre as pernas. Pego o envelope e começo a abri-lo.



– Os bulbos já estão vindo. E até os narcisos. – O vovô lavava as mãos na pia enquanto a vovó enxugava a bancada de inox com seu paninho escrito: "J'Adore Paris". Ela nunca estivera na França, nunca nem havia saído da Inglaterra, mas adorava paninhos de prato, sempre comprando quando ia a algum lugar, para ela mesma e para presentear os outros. Ela tinha uma gaveta cheia de panos de lugares que nunca visitou. Não que eu já tivesse ido a algum lugar, porém, aos 13 anos, achava que tinha todo o tempo do mundo.

Estava sentada à mesa de pinho, espremida ao lado da cristaleira galesa repleta de louça azul e branca. Só restaram alguns farelos da minha torta de limão, então afastei o prato e puxei a pilha de álbuns de fotografia para junto de mim.

Abri as páginas enrugadas e amareladas. Senti uma pontada no peito e levei a mão a ele. Ver minha família despedaçada sempre me deixou sem ar. Isso era algo que eu geralmente evitava, mas precisava de algumas fotos para um projeto da escola. O vovô estava atrás de mim e pousou as mãos nos meus ombros, enquanto eu silenciosamente virava as páginas. Eu tracejava o rosto de cada um com a ponta dos dedos. Parecíamos uma família comum: minha mãe, meu pai e eu. Natais felizes e verões com castelos de areia. *Éramos* uma família comum. E eu sentia falta disso. Parei numa foto de meus pais na praia sorrindo, com os cabelos ao vento, segurando-me orgulhosamente entre eles, como se eu fosse um troféu. Eu devia ter uns 2 anos, e pingava sorvete do meu queixo enquanto eu estendia a mão para a câmera, segurando a casquinha. A imagem captou o momento de maneira tão perfeita que eu quase podia sentir o sol, ver as ondas quebrando, ouvir as gaivotas. A sensação de lar. Havia uma

foto desfocada do meu pai e eu. Estávamos sentados na bancada tomando café da manhã, segurando canecas de chocolate quente repletas de creme. Meu pai me fazia um bom chocolate de verdade. "Nada de chocolate em pó solúvel para minha garota." Ele tinha uma panelinha especial, só para o leite, e misturava chocolate picado e ia mexendo, mexendo, até que o leite ficasse homogêneo e marrom.

– Essa. – Eu tirei do plástico e acrescentei à pilha de fotos dos meus avós. Minha mãe e várias tias e tios que eu achava nunca ter conhecido. Nomes rabiscados em cartões de Natal que eu não reconhecia.

– Você deve sentir falta deles. – O vovô sentou ao meu lado. – Não precisa ser assim. Sua mãe ligou de novo, ontem à noite. – Ele cobriu minha mão com a dele. Sua palma estava morna e úmida.

– Não quero falar sobre ela. – Eu sentia um nó na barriga quando pensava no que eu tinha feito e recuei a mão.

– Você deveria falar sobre ela. Esclarecer as coisas na sua cabeça.

– À época, falei com a Paula, não falei? Que adianta ter uma droga de terapeuta se eu tiver que falar com você também?

– Grace, não fale assim.

As pernas da cadeira rangeram no chão, conforme a empurrei para trás e levantei.

– Vou para a casa da Charlie.

– Espere. – A vovó ergueu uma das mãos, do jeito que um policial faria para parar o trânsito, e recostei no portal, tamborilando com os dedos na madeira, enquanto ela embrulhava um pedação de pão de ló no papel-alumínio. – Isso é para você levar. Aquela menina precisa se alimentar. – Segundo a vovó, ninguém comia direito, exceto nós. – Talvez você queira convidá-la para passar as festas conosco esse ano. Vamos viajar para o exterior.

– É mesmo? Para onde? – A curiosidade me animou. Cruzei os dedos atrás das costas: *Disneylândia, Disneylândia, Disneylândia*. Ano passado, a Esmée tinha ido ficar com a tia dela em Paris e, desde então, não tinha parado mais de falar a respeito.

– Ilha de Wight.

– Ivy, isso não é exterior. Já lhe expliquei isso. – O vovô piscou para mim e não pude deixar de sorrir, já esquecendo meu rompante.

– Se não é exterior, então por que temos que pegar uma balsa para chegar lá, hein? Explique isso.

A sacola do mercado estava entulhada de fotos e pão de ló e batia nas minhas pernas, conforme eu corria pela vila, passando pelo barulho de cortadores de grama e mangueiras lavando carros sujos. Meus tênis batiam no concreto, e eu corria cada vez mais rápido, tentando espantar as palavras do vovô, que revolviam na minha cabeça. Minha vida parecia partida em dois. Antes e depois.

Minha camiseta estava molhada de suor quando cheguei no alto da rua e recostei na caixa de correio, para recuperar o fôlego. E uma gargalha ecoou vindo até mim. Siobhan. Ela estava vindo da farmácia, com a irmã caçula, Abby. Eu ia dizer oi, mas Siobhan pôs a mão em concha ao lado da boca e cochichou alguma coisa no ouvido de Abby. As duas olharam para mim e riram. Fechei a boca e observei a instrução dos horários de coleta do correio, constrangida porque minhas bochechas provavelmente estavam da mesma cor da caixa de correio. Desejei ter cortado caminho pelo parque, mas a vovó não gostava que eu andasse por ali sozinha. "Indesejáveis", disse ela. Mas, durante o dia, o parque geralmente ficava cheio de crianças grudentas e mãe preocupadas. Eu não estava bem certa do que Siobhan tinha contra mim, mas ela nunca me acolheu do jeito que Esmée e Charlie fizeram, e, quanto mais velhas ficávamos, menos amistosa ela se tornava. Abby e Siobhan entraram na cafeteria, e segui rapidamente, passando pela janela, de cabeça baixa, os ombros curvos.

A casa da Charlie ficava entre uma fileira de sobrados vitorianos de tijolinhos e chaminés. Eram residências de funcionários de uma antiga fábrica de tecido. A fábrica havia muito tempo deixara de existir, agora era uma escola de Ensino Fundamental, mas as casas ficaram.

O capim batia no meu joelho e estava cheio de urtigas, e eu mantinha as mãos erguidas, conforme abria caminho até a porta da frente. Ignorando a campainha – acho que ela nunca funcionou –, usei o batedor da porta. Fragmentos de tinta preta se soltaram e se espalharam pelo degrau. Esperei e, quando estava prestes a bater de novo, ouvi o som dos saltos finos contra o chão e o tilintar das pulseiras, e a porta se abriu com um rangido.

– Oi, Lexie. – A mãe de Charlie encostou na parede, enquanto eu me espremia para entrar no corredor. Lexie abanou as mãos.

– Estou com o esmalte molhado. Feche a porta, Gracie-Grace.

Fechei a porta e me abaixei para pegar a correspondência no tapete.

– Se for alguma carta de cobrança, pode ficar com você – disse Lexie. – Não quero saber dessa porcaria. – Ela assoprava as unhas pintadas de vermelho-rubi. – Como vai indo? Arranjou um namorado?

– Não. Eu...

– Você sai lucrando mais sem ter. Eles não valem porcaria nenhuma, tudo farinha do mesmo saco. A Charlie está na cozinha fazendo chá. Está com fome?

– Faminta. – Eu tinha queimado as calorias da torta de limão na corrida.

Charlie estava despejando nuggets de frango e batatas numa assadeira avermelhada pela ferrugem.

Lexie quase nunca cozinhava. Charlie praticamente vivia de pizza, hambúrguer e batata frita – era incrível que ela fosse tão magra. "Comida de preguiçoso, para gente preguiçosa", dizia a vovó, mas fiquei com água na boca mesmo assim.

– Faça-me um favor, acenda um cigarrinho. Não quero borrar as minhas unhas. – Lexie assentiu na direção do maço, e eu bati, tirei um cigarro e segurei no alto. Ela fechou os lábios escarlates em volta. Precisei de três tentativas para acender o isqueiro e, quando a Lexie se inclinou para a frente, fiquei preocupada que seu cabelo, seco e esparso de tanto pintar, pegasse fogo. Ela tragou e a ponta do cigarro acendeu em brasa.

– O que tem aí? – Lexie assentiu para a minha sacola.

Empurrei uma pilha de cartas espalhadas na mesa e despejei as minhas fotos. – É para o nosso projeto de história. Da árvore genealógica, sabe? Uma ideia imbecil, mas é obrigatório. A Charlie também vai precisar de algumas fotos.

– Não sei se tenho alguma que seja adequada. São fotos para publicidade. Meio picantes, sabe o que quero dizer?

Eu não sabia, mas ri junto, quando ela deu uma gargalhada. – E quanto ao pai de Charlie?

– O que tem? – Ela franziu o rosto e abanou a fumaça para longe dos olhos.

Charlie me olhou de cara feia, batendo com a assadeira de nuggets no forno.

– Você tem alguma foto? Precisamos da família inteira. É ridículo, mas...

– Eu sou a família toda dela. Não sou o bastante, porra? – Lexie apagou o cigarro.

– Sim, mas...

– Mas o quê?

– Devemos levar fotos. Você as perdeu no incêndio?

– Que incêndio?

– A Charlie disse que se lembra de um incêndio, quando ela era pequena.

– A Charlie tem uma imaginação fértil pra cacete.

– Mas, mãe, eu me lembro...

– Você não se lembra de nada, mocinha mentirosa. Nunca houve incêndio nenhum. – Lexie empurrou a cadeira para trás, fazendo-a bater na parede. – Vou sair.

– Mãe, estou cozinhando...

– Não estou com fome. – Os saltos finos ecoaram pelo corredor. A casa vibrou quando a porta da frente bateu.

– Para que você fez isso? – Charlie estava com as mãos na cintura.

– O quê?

– Eu lhe disse como ela fica, quando eu menciono meu pai.

– Você tem o direito de saber; de qualquer forma, nós precisamos...

– *Nós* não precisamos de nada. A Siobhan está certa, você sabe ser um pé no saco às vezes, Grace. Só porque a sua família é uma bagunça, pare de interferir na minha.

Minha cadeira virou quando me levantei, de punhos fechados.

– Não posso acreditar que você tenha dito isso. Você deveria ser a minha melhor amiga.

– Bem, talvez a gente não deva mais ser amiga. Não preciso de um pai e não preciso de você, Grace Matthews. Vá se ferrar.

Charlie saiu pela porta. Os passos retumbaram escada acima e a lâmpada em cima de mim balançou quando Charlie correu para o quarto. Na casa não havia tapete para abafar o som. Eu me lembro de certa vez Charlie dizer que eles tinham arrancado tudo quando ficaram danificados pela fumaça, e não pude deixar de pensar em por que Lexie havia negado o incêndio. O que estava tentando esconder? Mas quando peguei minhas fotos e enfiei tudo na sacola, soube que Charlie estava certa em relação a uma coisa: minha família era mesmo uma bagunça, e era tudo culpa minha.



Seguro a carta nas mãos. A borda da folha é irregular. Claramente foi arrancada de um caderno, e até posso ouvir a nossa professora do primário, a senhorita Stiles, gritando: “Charlotte Fischer! O que acha que está fazendo?”, Charlie estava sempre se metendo em confusão. Pego minha taça de vinho, recosto e começo a ler.

SOMENTE GRACE E CHARLIE TÊM PERMISSÃO PARA LER ISTO, PORTANTO, SE VOCÊ NÃO É UMA DE NÓS, ENTERRE NOVAMENTE A CAIXA E NÃO META O BEDELHO!!!

Então, não temos mais 15 anos, já estamos crescidas e fabulosas, e aqui está uma lista do que eu quero fazer, se já não fiz:

1. *Quero encontrar meu pai. Pronto, admiti. Lamento tanto por ter sido uma nojenta, resmungona, Grace, quando você só estava tentando me ajudar, mas minha mãe é tão contra, e eu me sinto arrasada. Achei que escrever fosse mais fácil que dizer, mas estou me sentindo muito culpada só de pensar. Às vezes, a minha mãe é uma louca, mas ela é tudo que tenho e não quero aborrecê-la. Mas você sabe como é não ter um pai por perto, não sabe, Grace? Sempre fica um vazio, não é? Uma tristeza abaixo da superfície que simplesmente não passa, e está ficando cada vez mais difícil de ignorar.*
   Ultimamente, estou pensando nele cada vez mais. Fico imaginando se me pareço com ele (minha beleza deslumbrante tem que vir de

algum lugar), se temos o mesmo tipo de humor (algo tem que explicar a minha obsessão por Monty Python) e se ele detesta beterraba tanto quanto eu. Sou metade de alguém que não conheço e desejo conhecer. Quero saber quem sou e de onde vim e também quero que ele me conheça (mas só a parte boa!).

Torço para que, a essa altura, a minha mãe já tenha me contado quem ele é (aliás, eu NUNCA vou mentir como ela), e nós já o tenhamos encontrado e passado férias em sua mansão em Hollywood, à beira da piscina (será que é demais querer que ele também seja um astro de cinema milionário?);

2. *Não engorde!!! Vamos passar muito tempo de biquíni (veja acima)!*
3. *Vamos continuar sendo amigas para sempre. Grace, Siobhan, Esmée e Charlie. Nosso quarteto fabuloso. Amo vocês todas (mas, principalmente, você, Grace. Minha melhor amiga para sempre).*

Beijos, Charlie.

Leio isso mais duas vezes, antes de terminar o vinho. Ainda não estou nem perto de descobrir o significado de suas últimas palavras. Aqui não há nada que possa me ajudar a compreendê-las, e a decepção azeda em meu estômago. Na verdade, não sei o que estava esperando. Uma carta com dicas? Uma grande seta preta dizendo "comece por aqui"? Ao reler, percebo que nós nunca encontramos o pai dela e me levanto, começo a andar de um lado para o outro. Para onde ela foi quando desapareceu? Teria ela encontrado o pai? Será que ele sabe o que ela fez, que ela achava ser tão terrível?

Fecho os olhos. *Pense, Grace.* Se eu pudesse encontrá-lo, perguntaria a ele. O único problema é que só há uma pessoa que sabe a identidade dele: Lexie.



Nuvens carregadas de chuva pendem no céu, enquanto dirijo em direção à casa de Lexie, e não estou nem na metade do caminho quando elas irrompem. Gotas imensas caem como disparadas por metralhadoras, ricocheteando no meu para-brisa. Acendo os faróis, embora não sejam nem quatro horas.

Apesar do meu pedido, Dan recusou-se a me acompanhar. Tentei explicar a ele que eu precisava fazer as pazes com a Lexie, ela é minha única chance real de encontrar o pai de Charlie, mas ele não entende por que me sinto tão obrigada a achá-lo. Na melhor das hipóteses, o pai de Charlie a encontrou quando ela desapareceu e pode fornecer algumas respostas. Na pior, ele não a conheceu, mas, nesse caso, pelo menos eu poderia contar a ele sobre ela. Honrar sua memória.

Além disso, preciso descobrir o significado das últimas palavras de Charlie: *eu fiz algo horrível, Grace... Espero que possa me perdoar*. Tenho que começar por algum lugar.

Meu celular toca, e encosto num ponto de ônibus para ver quem está ligando; se for a vovó, vou atender. Um Corsa vermelho para atrás de mim. A ligação é de um número desconhecido, deve ser engano, por isso não atendo. Ligo a seta e volto para a estrada, inclinada para a frente no banco, estreitando os olhos para enxergar através da chuvarada. É um alívio quando chego à rua de Charlie.

O jardim da frente da casa de Lexie está encharcado, e, depois de passar pelo mato alto, chego à porta com a barra da calça totalmente ensopada. Não parece que sete anos se passaram desde que fiquei com as palmas das mãos doloridas de tanto bater na porta, com as lágrimas escorrendo pelo meu rosto,

gritando pela Charlie, exigindo a verdade. Naquele dia, eu não tinha a menor ideia de que não veria Charlie durante anos e de que só voltaria a bater nessa porta para levar Lexie ao enterro de Charlie.

O batedor da porta está emperrado, e, quando o puxo para cima, ele range em protesto. Bato a água dos meus sapatos enquanto espero. Assusto-me com uma trovoada; em princípio, acho que é o motor de um carro explodindo e me viro. Há um Corsa vermelho estacionado atrás do meu carro, mas está escuro demais para ver o motorista e eu gostaria de ter reparado na placa do carro que aparecera no ponto de ônibus. Quantos Corsas vermelhos podem existir? Centenas, provavelmente, mas os pelos da minha nuca se eriçam quando fico pensando se seria o mesmo carro que estava na frente de casa no domingo.

Bato outra vez. Com mais força e mais depressa.

– Quem é?

– Sou eu, a Grace.

A porta abre e tento manter o sorriso, quando o rosto enrugado de Lexie surge espiando na porta. Pequenas veias vermelhas pontuam o branco de seus olhos.

– Não atendo mais, a menos que eu saiba quem é. Estou farta desses malditos filantropos idealistas. Eu não tinha certeza se você viria.

– Nem eu.

Adentro o corredor, preparada para me defender, se ela começar a gritar, mas, para minha surpresa, ela abre os braços, e seu comportamento no enterro já não tem mais tanta importância. Ela é mãe de Charlie e está sofrendo. Nós duas estamos. Seu osso da bacia encosta em mim, num abraço desajeitado – ela nunca foi uma pessoa de tato –, e viro a cabeça para o outro lado, distante de seu cabelo. A raiz grisalha contrasta com as pontas duplas ruivas e cheira como se não fosse lavado há semanas.

Sigo atrás dela pelo corredor estreito, com meus sapatos molhados deixando marcas na madeira.

– Sente-se.

A cozinha está com um odor pungente. Há lixo empilhado junto à porta dos fundos, transbordando dos sacos. Eu me sinto profundamente envergonhada. Essa é a mãe de Charlie, e, independentemente do que aconteceu no enterro, eu deveria ter vindo visitá-la antes. Ela não tem mais ninguém. Puxo uma cadeira. As pernas estão bambas, e removo os farelos com a mão antes de me sentar.

– Chá?

– Obrigada.

A pia está entulhada de louça suja, como blocos de madeira empilhados que formam uma torre, e, quando a Lexie puxa uma caneca, os talheres desabam. O barulho quebra o silêncio desconfortável.

– Açúcar?

– Não, obrigada.

Lexie lava a caneca manchada na torneira fria e despeja água sem ferver sobre o saquinho de chá. Afasto uma pilha de correspondência e um cinzeiro transbordante para abrir espaço para a bebida à minha frente. Nem me dou ao trabalho de pedir leite.

Ergo a caneca, deixo na frente dos lábios e finjo dar um gole. – Como você tem passado?

Lexie sacode os ombros e dá uma olhada em volta, para a cozinha imunda, como se isso já respondesse o que eu preciso saber – e responde. O silêncio constrangedor volta.

– Vou levando, eu acho. Sua avó manda guisados e bolos suficientes para alimentar a rua inteira.

Disfarço minha surpresa. A vovó nunca foi grande fã da Lexie. Estou comovida por seu gesto.

– Então. – Respiro fundo. – Você queria me ver?

Lexie acende um cigarro com as mãos trêmulas, leva o cinzeiro até a porta dos fundos e mira o conteúdo na direção de um cesto de lixo já cheio. Cai cinza no chão. – Vou receber um locatário. Preciso do dinheiro. Não tenho trabalho desde... Você sabe. – Balanço a cabeça. Ela continua: – Preciso desocupar o quarto da Charlie. Não posso fazer isso sozinha.

Lexie pega seu isqueiro dourado e fica abrindo e fechando a tampa repetidamente. Contraio o maxilar. Quero segurar a mão dela, fazê-la parar, mas não faço.

– Quer que eu ajude?

– É. Eles vão se mudar para cá amanhã.

– Amanhã?

– É. Você me ajudaria?

A pergunta fica no ar, exigindo uma resposta, mas minha boca está seca e não consigo falar. Não quero voltar ao quarto da Charlie.

Ela fixa os olhos cinzentos nos meus e diz:

– Por favor – ela sussurra as palavras tão baixinho que quase não ouço.

Abro a boca. A palavra "não" está na ponta da minha língua, como um pássaro engaiolado esperando para ser solto, mas minha culpa tem outras ideias.

– Sim – eu digo.

Toco a porta do quarto da Charlie e a sinto fria, como se ela soubesse que está guardando um cômodo que perdeu seu coração. Eu a empurro para abrir e não sei se é a poeira ou as velhas lembranças que me asfixiam. As cortinas roxas desbotadas, que nunca combinaram direito com nada, estão fechadas, e eu as afasto e abro a janela. Inspiro como se tivesse passado muito tempo embaixo da água, apreciando os respingos de chuva que caem em meu rosto.

O quarto de Charlie não foi usado durante os seis anos antes de sua morte, mas ela partiu tão de repente que a maioria de suas coisas ainda está ali. Nem um centímetro de chão é visível embaixo do caos que foi Charlie, mas o quarto parece vazio, de alguma forma. Oco.

Lexie fica na porta, sem atravessar a soleira, roendo a unha do polegar.

– Vou pegar um saco de lixo – ela diz.

Faço que sim com a cabeça, embora tenha a sensação de que vou precisar de pelo menos um rolo de sacos e, possivelmente, de um milagre para esvaziar o quarto hoje.

O quadro de cortiça, coberto de fotos, ainda pende torto, na parede de gesso. A Charlie detestava seu quarto: "Quem tem paredes que parecem um teto?". Lembro-me do fim de semana que ela desistiu de pedir à Lexie que contratasse um gesseiro e nós pintamos de rosa-choque as paredes manchadas de nicotina. Ficou pior ainda. Charlie voltou para minha casa e chorou, enquanto limpava a tinta do cabelo, reclamando que seu quarto agora parecia um marshmallow gigante. A vovó fez uma torta de carne com batatas para a gente, enquanto o vovô silenciosamente pegou o rolo e a escada no galpão. Quando Charlie voltou para casa, no dia seguinte, suas paredes estavam branquinhas, mas o gesso ainda estava lá.

Tiro a tacha que prendia uma foto e sinto um frio na barriga ao tracejar o rosto de Charlie com o dedo.

– Sinto sua falta – sussurro.

– Também sinto falta dela. – Lexie me entrega alguns sacos e uma caixa de papelão. – Estou tomando a última cerveja para podermos usar a caixa.

Engulo meu sarcasmo. Ela está se esforçando. – Por onde você quer começar? Talvez a gente deva dividir em seções. Coisas para guardar, coisas

para doar e lixo.

– Vou desfazer a cama, colocar os lençóis na máquina de lavar. Você pode começar pelas gavetas. Qualquer coisa que você achar que talvez possa usar, pode levar.

Eu me ajoelho. Pressiono as rótulas no chão de madeira e fico contente por estar de calça. A primeira gaveta está emperrada, e preciso dar um tranco para abrir. O puxador sai na minha mão, e penso em pedir a Lexie para tentar encontrar uma chave de fenda, mas, em vez disso, coloco-o no meu bolso. Tenho uma caixinha de ferramentas no porta-malas. Dentro da gaveta há um glorioso arco-íris de camisetas miúdas. Mesmo que eu quisesse usá-las, elas ficariam pequenas demais. Escolho várias, que acho que Lexie talvez queira guardar – uma camiseta tingida de laranja, alguns coletes –, dobro o restante e ponho num saco para doar. Vejo uma camiseta florida na última gaveta.

– Esta é minha – digo à Lexie. – O que mais será que vou encontrar?

O fantasma de um sorriso passa pelos lábios de Lexie.

– O que foi? – pergunto.

– Quando a Charlie tinha uns 5 ou 6 anos, ela remexia as gavetas para brincar de se vestir. Eu estava fazendo o jantar quando ela apareceu na cozinha acenando com o meu vibrador. Estava ligado e vibrando na mão dela. “O que é isso, mamãe? “, ela perguntou.

– O que você disse a ela?

– Eu disse que era um massageador especial para os ombros, que eu usava depois de um dia difícil.

– Até que foi uma resposta rápida.

– Nem pensei mais nisso, mas, duas semanas depois, quando fui buscá-la na escola, a senhorita Johnson, sua professora, perguntou se poderia dar uma palavra comigo. Ela contou que dissera às crianças, um dia antes, que estava com o ombro dolorido e não podia escrever direito no quadro. Charlie tinha levado o meu massageador especial para emprestar a ela. A professora me entregou o vibrador numa sacola de mercado. Eu quase morri, porra.

– Ai, meu Deus. O que você disse?

– Agradeci e desejei melhoras a ela.

Soltei uma risada e disse:

– Coitada de você e coitadinha da Charlie. Ela foi punida?

– Que nada. Ela só estava tentando ajudar. Não foi tão ruim como da vez que os coletores de doações bateram na porta pedindo recursos para as crianças

doentes da África.

– O que aconteceu?

– Eu estava no chuveiro, e a Charlie decidiu dar a eles uma das minhas plantas. "Essas ervas deixam todo mundo feliz. Dê para as crianças", ela disse a eles, entregando meu pé de maconha.

– Lexie! Você tem sorte de não ter sido presa. – Não posso evitar a gargalhada. O ar já não parece mais tão espesso.

– Acho que eles não sabiam o que era. Disseram à Charlie que só queriam dinheiro. "Ah, aqui nesta casa nunca tem um tostão", ela disse a eles. Ela devia ter uns 5 anos.

– Não posso imaginá-la tão pequena. Você tem fotos?

– Algumas. Vou lhe mostrar mais tarde, se quiser.

– Sim, por favor. – Imagino a Charlie com 5 anos, de maria-chiquinha e destemida. Nunca vou me esquecer da maneira como ela me defendeu na primeira vez que nos vimos.

– Grace, eu lhe devo um pedido de desculpas... – A voz de Lexie foi sumindo.

Aliso as rugas dos vestidos de verão, dobro os macacões de inverno. Roupas de estações que Charlie nunca mais verá.

– O enterro foi estressante. Você não precisa se desculpar.

– Não é só por causa do enterro. – Ela acende o cigarro, solta uma baforada de fumaça. – É complicado...

– Não precisamos falar sobre isso hoje. – Puxo a última peça da gaveta. – Isto era seu, lembra? – Mostro a ela o shortinho de jeans branco.

– Eu adorava esse short.

Coloco-o nas coisas que estou separando para Lexie.

As gavetas estão vazias. Eu me levanto, espano os joelhos e abro a caixinha de joias de Charlie. Uma música começa a tocar, enquanto uma bailarina dança, fazendo piruetas incessantes.

A outra metade do pingente de coração do meu colar está dentro do estojo, no fundo de veludo vermelho. Eu o pego, e ele gira, como fez o meu, na floresta, como se buscasse sua metade parceira.

– Você deve ficar com isso – diz Lexie. – Ela estava usando isso, naquele dia. Ela ia querer que ficasse com você.

Balanço a cabeça, engasgada demais para falar. Abro o fecho da minha corrente e coloco a metade do coração de Charlie, até que ela se aninha ao

lado da minha, não exatamente encaixando: um coração partido nunca mais voltará a ser inteiro.

Trabalhamos em silêncio, até que a lua surge, iluminando as fileiras de sacos pretos alinhados como soldados junto às paredes imundas.

– Vou deixar tudo isso no bazar de caridade na segunda-feira. – Apoio um saco grande de lixo no ombro esquerdo e pego outro com a mão direita. Sinto-me como o Papai Noel ao descer a escada, tomando cuidado para não cair. Dobro os encostos dos bancos do meu carro e, de alguma forma, acomodo a vida inteira de Charlie no meu porta-malas, exceto pelo saco das coisas que acho que Lexie talvez queira vestir. Esse, eu guardo no armário dela.

Despeço-me do quarto de Charlie. As marcas desbotadas dos pôsteres e os restos grudentos de fita adesiva dupla face são os únicos sinais visíveis da vida que ali existiu. Podemos apagar tão rápido a presença física de alguém, mas a lembrança fica para sempre. Apago a luz e vou encontrar Lexie, lá embaixo.

– Aceita um vinho?

– Sim, por favor.

Sento sobre meus pés no sofá de couro rachado e dou um gole na taça de Merlot. Espero que a o ardor do álcool abrande a minha ansiedade. Vou aproveitar essa oportunidade para perguntar sobre o pai de Charlie. Tenho de fazer isso direito. Essa é a minha chance de conseguir um nome, talvez até um endereço.

– Tomei minha primeira taça de vinho tinto aqui – conto à Lexie. – Charlie me disse que era sangue e me desafiou a beber. Chorei quando cheguei em casa. Disse ao meu avô que tinha me transformado numa vampira.

– Ela era uma danadinha, a Charlie – Lexie diz, afetuosamente.

– Você pode me mostrar as fotos dela bebê? – Meu tom é casual, mas meu coração está disparado. Dou outro gole, agora maior.

Lexie remexe no guarda-louça, e cruzo os dedos atrás das costas.

– Aqui estão. – Ela traz um envelope A4 escrito "Charlotte" com caneta de ponta grossa, o canto das fotos para fora das dobras rasgadas. – Sempre tive a intenção de colocar as fotos num álbum. – Lexie as despeja do envelope, no meio de nós.

Lá está Charlie banguela, sorrindo na pia da cozinha, os cabelos cheios de espuma de xampu.

– Que gracinha. – Pego uma fotografia antiga. Lexie de cabelo rosa, com um

roupão manchado, uma pulseira hospitalar no pulso, um bebê dormindo aninhado nela. – Foi no dia em que ela nasceu?

– Sim. Catorze horas de trabalho de parto. Minha nossa, eu fiquei amarrotada. Mas adorei aquele oxigênio que me deram.

– O pai de Charlie estava lá?

– Não. – Lexie dá uma golada no vinho.

– Por que não?

Lexie sacode os ombros. – Ele não queria saber. O safado saiu correndo, assim que soube que eu estava grávida.

– Ele nem conheceu a Charlie?

– Não.

– Deve ter sido difícil para você. Sozinha, com um bebê.

– Você não sabe nem metade.

– Conte-me sobre ele.

– Ele é um cretino. Ela ficou melhor sem ele.

– Tenho certeza que sim. – A mentira escapa da minha língua. – Só estou curiosa.

O silêncio se estende entre nós, até que rompe.

Lexie exala profundamente. – Certo. O que você quer saber?

Ela sacode as últimas gotas da garrafa de vinho em seu copo – que está quase transbordando. Estende a mão ao lado do sofá, pega outra e acena com a garrafa para mim.

– Estou dirigindo. – Tampo a boca do meu copo com a mão e me remexo em meu lugar. O ar está impregnado de fumaça de cigarro e segredos. Lexie mexe nas fotos e pega a fotografia de um homem. Ele está erguendo uma caneca de cerveja para alguém fora da foto. Um cigarro pende em seus lábios. Ele se parece muito com a Charlie.

– O nome dele é Paul Lawson. Eu o conheci quando tinha 16 anos. Eu estava sempre no The Folk Lore, uma casa de shows bem bacana. Eles tinham bandas da casa que se revezavam tocando a cada semana. Acho que agora está fechado. – Lexie franze a testa, e me inclino para a frente, incentivando-a a prosseguir. – Eu entrava escondida, pela porta dos fundos, sem pagar. Ficava lá atrás, assistindo às bandas, desejando que fosse eu cantando no palco. Um dia, o Frank, que era o dono, segurou meu ombro. Eu quase me caguei de susto. Achei que seria expulsa. Ele disse: “Se você insiste em entrar escondida, pode pelo menos ser útil e recolher alguns copos”. – Lexie sorriu

ao lembrar. – O Paul era vocalista. Foi o primeiro show dele e foi do cacete. Eu me apaixonei por ele no ato.

Lexie parou para acender outro cigarro. A fumaça serpenteou em volta do meu rosto, como suas palavras revolviam em minha cabeça. Ela tinha amado o pai de Charlie? Realmente amado?

– Ele tinha 22 anos. Não chegava a ser uma diferença tão grande de idade, mas ele parecia bem mais velho que eu. Um homem de verdade, sabe? Fiquei louca por ele. Ele tinha o cabelo louro-claro e os olhos verdes. – A cinza do cigarro cai na perna de Lexie, mas ela parece não notar.

– Tome. – Entrego a ela o cinzeiro. – Então, você teve um relacionamento com ele?

– Na primeira noite em que ele cantou, desceu do palco superempolgado, me pegou no colo e girou tão rápido que eu achei que fosse sair voando. Ele me convidou para comemorar, mas o Frank disse a ele que não ia me servir, mesmo depois do horário. – Lexie abre a nova garrafa e enche a tacha até a boca. – O Paul comprou uma garrafa de uísque e fomos para o parque. – Lexie cruza os braços, como se abraçasse a lembrança. Eu nunca a vira tão vulnerável. – Eu não gostava de uísque, achava um gosto horrível do cacete. Mas não disse nada. Eu cuspia metade de volta na garrafa em vez de engolir. – Ela estremece. – Nunca mude por um homem, Grace.

– O que aconteceu?

– Ele me disse que eu era especial e caí na baboseira dele. Transamos em cima do casaco dele. Foi a minha primeira vez. Que classe, hein? – Lexie bebe todo o vinho.

– Depois, ele dispensou você?

– Nada. Ficamos juntos durante as seis semanas seguintes. Mas, depois, ele desapareceu. Nem se despediu. Desde então, nunca mais o vi. Nem quero, porra.

– E você estava grávida quando ele foi embora?

– Estava, mas ele não sabia.

– Você poderia tê-lo encontrado, não? Contado a ele? Ele tinha direito de saber do bebê.

Lexie remexe o maço de cigarros, demorando para responder, como se estivesse selecionando as palavras, antes de dizê-las. – Eu contei a ele. Ele não nos quis.

– Achei que você tivesse dito que...

– Ele não sabia até que eu contasse, foi o que quis dizer. Ele não queria filhos. Queria que eu fizesse um aborto. Cretino.

– Ele sabe que você não fez? Que ele teve uma filha?

– Claro. – Lexie abaixa as pernas e derruba o vinho. – Merda, merda, merda.

Pego um pano, ajoelho e o coloco em cima do tapete roto, para absorver o líquido vermelho escuro. – Então, o que ele disse quando você contou sobre Charlie?

– Não sei, porra. Isso foi há vinte e cinco anos. Mal consigo me lembrar do que fiz ontem.

– Ele sabe que a Charlie morreu, Lexie?

Lexie fica fitando a mancha vermelha, os olhos marejando, e diz:

– Não quero mais falar.

– Mas, Lexie, é importante...

– Não estrague tudo, Grace. Foi bom rever você, mas estou cansada. – Lexie estende a mão e entrego o pano encharcado. Calço meus sapatos e pego meu casaco e a bolsa.

– Logo nos falamos de novo – digo a ela.

Ela assente, nós nos abraçamos e nos despedimos.

Ao sentar no meu Fiesta, sinto o puxador da gaveta de Charlie no bolso. Não o prendi de volta. Mas isso me dará uma desculpa para voltar. Preciso pôr de volta a foto do Paul que enfiei no bolso quando a Lexie não estava olhando. Enquanto dirijo de volta, não consigo evitar a empolgação. Tenho um plano.



Meus músculos doem. Estou na beirada do colchão, oscilando como uma equilibrista num arame. Dan ainda está dormindo, de barriga para cima, de boca aberta, com a testa lisinha. O sono apagou as rugas que sempre franzem sua sobrancelha no momento em que ele acorda. O lençol branco e frio se estende entre nós, um abismo que ainda não consigo atravessar, por mais que eu queira. Já não sei mais como ele se sente em relação a mim. Fico olhando o movimento rítmico de sua respiração. Tenho vontade de pousar a cabeça em seu peito, de sentir seus pelos escuros fazendo cócegas em meu rosto; de ouvir o batimento de seu coração.

O pesar é opressor, limitante, solitário. Nós dois perdemos a Charlie, mas Dan não sabe como eu me sinto, e como poderia? No começo, fiquei muda de choque, sem conseguir fazer as tarefas mais simples, manejar os eletrodomésticos que já tinha usado mil vezes. Minha torrada queimava, as roupas estavam amassadas. Perdi minha capacidade de me comunicar. As palavras se embolavam na minha língua, até que eu as engolia e elas colidiam com a massa de sentimentos revolvendo dentro de mim. Se eu mesma não conseguia definir como eu me sentia, como poderia me expressar para ele? Dan começou a trabalhar até cada vez mais tarde, frequentemente chegando em casa à meia-noite. Os degraus da escada rangiam sob seus passos pesados, e eu fechava os olhos e ficava deitada imóvel e em silêncio, enquanto ele tirava a roupa e despencava ao meu lado, com um cheiro tão forte de álcool que era como se eu tivesse bebido.

Nos últimos tempos, tem sido diferente. Houve uma modificação. Ele tem estado mais em casa, e voltei a trabalhar. Em contato com as pessoas, como se

eu fosse uma delas, como se não tivesse passado pela mudança da composição do meu próprio universo.

As janelas tremulam com o vento. O portão do jardim range, abrindo e fechando. Eu me sento e me estico para pegar os chinelos. Meu pescoço estala. Enfio os pés no pelo falso e tiro meu robe do gancho, desço a escada e abro a porta da frente. A macieira está envergada como um velhinho curvado contra o vento. Sigo cuidadosamente pelo caminho recoberto de gelo e puxo o portão para fechá-lo, prendo o trinco, mas sei que não vai segurar.

Na cozinha, ligo o antigo aquecedor que gorgoleja e ganha vida e tiro o bacon da geladeira. Aos domingos, costumávamos nos alternar no preparo do café da manhã e levá-lo para tomarmos juntos na cama. Não consigo me lembrar quando paramos, se foi antes ou depois que a Charlie morreu. Corto fatias grossas de pão branco e passo manteiga e molho condimentado nelas. O bacon chia e espirra, e Mittens ronrona aos meus pés, dizendo-me que também gosta de bacon. Vou dar metade a ela e metade aos passarinhos.

– Bom dia. – De volta lá em cima, pouso a bandeja ao pé da cama. As canecas tilintam, e o chá respinga nos pratos.

Dan senta, põe os travesseiros de pé atrás dele e pega as revistas no chão. Entrego o café da manhã.

– Obrigado. Você voltou tarde ontem à noite. Como foi com a Lexie? – Ele morde o sanduíche de bacon. A gordura escorre por seu queixo. Ele limpa com as costas da mão.

– Um locatário vai se mudar para lá. Ajudei a desocupar o quarto da Charlie e depois tomamos um vinho. Ela me contou sobre o Paul.

– Paul?

– O pai da Charlie.

– Puta merda. Nunca pensei que ela fosse lhe contar. Para ser honesto, nem achei que ela soubesse quem era. Ela é tão arredia.

– Nem sempre. Ele foi o primeiro, e ela realmente o amava.

– Lexie apaixonada. Quem poderia pensar? O que aconteceu?

Esfrego os olhos.

– Não tenho certeza. Ela disse que ele não sabia que estava grávida, mas depois mudou a história, dizendo que ele fugiu. Ela estava toda cautelosa. Mesmo assim, nós podemos encontrá-lo, não podemos?

– Você tem certeza de que quer?

– Sim. Não sabemos onde a Charlie foi quando ela desapareceu. Se ela o

encontrou, ele talvez saiba o que ela fez que achou tão imperdoável.

– Você talvez nunca descubra. A probabilidade é bem remota. E, se descobrir, talvez não goste do que vai ouvir. – Dan mastiga o sanduíche.

– Não vou saber, se não tentar. Por favor, Dan. – Vou encontrar Paul Lawson com ou sem Dan. Mas será mais fácil se ele ajudar.

– Você teve de lidar com muita coisa ultimamente. Não quero mais nada aborrecendo você.

– Então me ajude. Quero seguir adiante, Dan. De verdade. Quero que as coisas voltem a ser como eram, o máximo possível. Quero *a gente* de volta.

Dan termina o sanduíche e limpa os dedos na colcha. Gotinhas de gordura mancham o algodão branco, enquanto tomo um gole de chá, para me impedir de brigar. Ele estende a mão e enlaça os dedos aos meus.

– Eu também. Está bem. Eu vou ajudar. Onde ele mora?

Eu suspiro. Subitamente, a tarefa parece gigantesca. – Não tenho certeza.

– Então, como podemos dizer a ele?

– O nome dele é Paul Lawson e ele é cantor de folk. Achei que você talvez pudesse encontrá-lo na internet, não?

– Porque sou um gênio?

– Porque gastamos muito ao comprar um MacBook que canta e dança e que você alegou valer o preço absurdo porque pode fazer tudo.

– Ele talvez não consiga fazer milagres. Mas vamos até lá embaixo, vou procurar no Google.

O laptop está equilibrado no colo de Dan enquanto começa a funcionar e a tela se ilumina. Dan se curva sobre o teclado. Eu me sento o mais perto que posso, e nossas coxas se encostam. Esse é o contato físico mais próximo que temos em meses. Entrego a ele a foto que peguei na Lexie na noite anterior. Espero que ela não note que sumiu.

Os dedos de Dan voam sobre o teclado.

– Paul Lawson, você disse? Cantor de folk?

– Sim.

– Há links com "Paul Lawson" ou "cantor de folk" como palavras-chave, mas nenhum com as duas alternativas.

– Vamos olhar, de qualquer forma.

Dan ri.

– Você não entende bem a internet, não é? Tem quarenta milhões de

resultados. Se quiser olhar todos eles, fique à vontade.

Pego o laptop dele e clico numa página atrás da outra. Os músculos retesados nos meus ombros se retraem cada vez mais, até que preciso me levantar, enlaçar as mãos atrás de mim e alongar meus braços.

– Vamos tentar sites dedicados a rastrear pessoas.

A tarde passa voando, enquanto visitamos um site após o outro: Exército da Salvação, Missing Persons; parece que todo mundo está procurando alguém. Leio histórias de crianças que fugiram de casa, de maridos que foram ao mercado e nunca mais voltaram, de mães que desapareceram.

O sanduíche de bacon que tinha sido tão gostoso agora pesa em meu estômago. Seus tentáculos gordurosos sobem pela goela.

– Certo. – Dan coça o nariz. – Ninguém vai nos ajudar a encontrar o Paul se não somos parentes dele, certo? Mas talvez ajudem a Lexie, se souberem as circunstâncias. Tem alguma chance de...

– Não.

– Acho que só nos restam as redes sociais.

– Mas já fizemos isso.

– Procuramos nas redes sociais, mas podemos postar em alguns grupos. Tem um monte deles dedicados a música. Alguém deve conhecê-lo.

Meu otimismo aumenta, e isso me faz concordar.

– Vá pegar um cardápio de comida chinesa, mulher, e deixe-me fazer a minha mágica. – Dan remexe os dedos como um vilão de desenho animado contemplando uma trama vil. Vou buscar o cardápio para escolhermos o prato, embora a gente sempre acabe pedindo o chow mein especial da casa com arroz colorido.

A mesa de centro está repleta de vestígios do nosso jantar chinês. Minha embalagem de alumínio, pela metade, está dentro das embalagens vazias de Dan. Mittens bate a patinha num fio de macarrão pendurado na lateral do meu prato. Os olhos dela vão de um lado para o outro, assistindo ao macarrão balançar, como se fosse a disputa de um ponto em Wimbledon.

– Vamos postar a foto que trouxe da casa da Lexie. O que escrevemos?

Mastigo um biscoitinho de camarão.

– Que tal: "Você é Paul Lawson ou o conhece? Se positivo, favor entrar em contato conosco urgentemente. Temos notícias importantes para você"?

– Não sei, não. Parece que ele pode ter tido uma sorte inesperada. Não

vamos querer um monte de malucos respondendo, fingindo ser ele.

– Certo. Que tal: "Estamos tentando encontrar Paul Lawson por conta de assunto não relacionado a finanças. Se você conhece Paul, por favor entre em contato conosco"?

– Agora parece que ele fez alguma coisa errada. Eu não responderia a isso.

– Isso porque você é desconfiado demais.

– Eu tenho que ser, já que você confia em excesso.

– Tente: "Sou um velho amigo de Paul Lawson, do ramo musical, e adoraria saber que mágicas ele anda criando agora com seu violão. Você o conhece?".

– Assim está melhor. Está amistoso. Isso deve aguçar a curiosidade dele. Vou registrar uma conta de e-mail só para isso; algo relacionado a música, sem um nome.

Recosto no braço do sofá e fico olhando o rosto de Dan iluminado pela tela. Ele está profundamente absorvido: meu geek tecnológico. Faz muito tempo que não me sinto tão contente.

– Pronto. – Dan me mostra o que fez, antes de baixar a tela do laptop e o guardar embaixo da mesa de centro.

Pego a taça de vinho. A distância entre nós está diminuindo. Fico pensando se ele também sente isso. Respiro fundo e estou prestes a sugerir para a gente ir deitar cedo quando o telefone de Dan vibra. Ele o tira do bolso e franze o rosto para a tela.

– Eu gostaria que o trabalho me deixasse em paz no domingo.

– Desligue.

– Não posso. Apareceu um problema no servidor com a casa que estou tentando vender na Easton Road. Os compradores querem desistir. Preciso dar um telefonema. Vou falar com eles enquanto dou um pulo na loja da esquina. Vou comprar mais vinho.

– Ainda temos um quarto da garrafa. E amanhã temos que trabalhar.

Mas ele está com o telefone grudado no ouvido e não me escuta.

A casa fica mais silenciosa sem o Dan. Mais vazia. Depois de um tempo, vou até a janela e abro as cortinas. Nada de carros ou silhuetas misteriosas, mas eu ainda gostaria que o Dan tivesse trancado a porta da frente. Vou verificar. Estendo a mão à fechadura e ouço um barulho. E gelo. Ouço um som na varanda. Passos? Pressiono o ouvido na porta e acho que estou escutando alguém respirar, mas sei que isso é impossível, acima das batidas do meu coração. *Um barulho*. Algo – acho que o guarda-chuva – foi derrubado. Digo

a mim mesma que é uma raposa, mas uma voz diz: “Merda”. É um sussurro e não dá para saber se a voz é de homem ou de mulher.

– Quem está aí? – Minha voz está trêmula e estou amedrontada demais para me mexer, mas estico a mão e acendo a luz de fora. Colo o ouvido na porta. Silêncio. Imagino alguém fazendo a mesma coisa do outro lado; a mão entrando pelo vão da correspondência e me agarrando; um punho fechado arrebentando o painel de vidro. Estou dividida entre pegar meu telefone na sala ou uma faca na cozinha quando ouço o motor do carro do Dan. Os passos dele pelo caminho de entrada. A porta da frente range ao abrir, e eu praticamente arranco a garrafa de vinho da mão de Dan, olhando por cima do ombro dele, na direção da escuridão, mas não há nada a ser visto.



A semana passou rapidamente, e já é sexta-feira. Passei o dia preocupada por não ter o que vestir essa noite, mas, quando chego do trabalho, encontro um cartão no capacho: um pacote foi entregue para mim na casa da senhora Jones. Bato na porta verde brilhosa da casa da vizinha, coloco as mãos nos bolsos e fico me balançando de um pé para o outro, por um tempo que parece uma eternidade, na tentativa de me manter aquecida. Agacho e espio pela entrada de cartas e vejo a senhora Jones, com a cabeça grisalha baixa, vindo lentamente pelo corredor. Eu me endireito quando a porta se abre.

– Olá, Grace, querida, que bom ver você.

– Igualmente, senhora Jones. Como vai?

– Não posso reclamar, querida. Está tudo funcionando e no lugar que deve estar.

– A senhora recebeu uma encomenda para mim?

– Está aqui, na minha nova mesa de telefone. Fiquei tão contente com a mesa, querida. Que cor linda! A bela apresentadora Kirstie Allsopp estava com uma igualzinha em seu programa ontem à noite.

– Foi um prazer restaurá-la. Que bom que a senhora gostou!

A senhora Jones aperta o meu pacote e me olha, na expectativa.

– É molengo.

– É um vestido do eBay.

– Vai a algum lugar bacana, querida?

– É a despedida de solteira de Hannah, do trabalho. Vamos a uma pizzaria.

– Que bom, querida. Logo será a sua, espero.

Dou um sorriso meio torto e digo:

– Terei que primeiro esperar que ele me peça em casamento.

– Uma jovem adorável como você? Vou dizer àquele seu jovem para tomar uma atitude. Antes que alguém roube você dele.

Sorrio para a senhora por quem passei a me afeiçoar.

– E ele está melhor agora?

– Quem?

– Dan. Na segunda-feira, eu o vi sair para o trabalho, depois voltar para casa, uma hora depois. Achei que estivesse doente. É raro que vocês tenham os mesmos dias de folga. Ele tirou o terno e saiu de novo. Foi ao médico?

Hesito. Se admitir que não fazia ideia de que o Dan estava de folga do trabalho, até a hora do chá a vila inteira saberá. A senhora Jones deve manter a empresa operadora de telefonia ocupada com a quantidade de ligações que ela faz, repetindo "você soube" e "você não sabe da maior". Mas não é por malícia; acho que é apenas solidão.

– É estresse? Parece que todos vocês, jovens, têm. Na minha época, isso não existia. Eu o ouvi gritando com alguém naquele telefone sem fio dele. Vocês deveriam fazer o que a minha neta faz.

– O quê?

– Desencanar.

Minha risada parece forçada até para mim.

– Certamente tentaremos isso.

Pego meu pacote e passo por cima da pequena cerca que separa as duas casas. Meu pacote parece leve, comparado à tonelada de perguntas que quero fazer ao Dan.

O vestido azul-claro cabe perfeitamente, e fico feliz com isso – foi tão barato. Não posso comprar com frequência numa loja mais sofisticada, e esse vestido parece quase não ter sido usado. Aliso o tecido nos quadris e viro de um lado para o outro, olhando meu reflexo: barriga para dentro, peito para fora. Ella Fitzgerald canta "Someone to watch over me". A senhora Jones certamente anda observando o Dan. Ensaio um sorriso feliz com minha boca pintada de rosa.

A porta da frente bate com força. As chaves tilintam na vasilha da mesinha de telefone; os sapatos batem na parede ao serem arrancados.

Encontro Dan na cozinha, de mangas arregaçadas e gravata afrouxada. Ele está parado na frente da pia, com uma cerveja gelada na mão .

– Você está bem? Achei que fosse me levar de carro até a cidade mais tarde.

– Vou tomar só essa. Tive um dia de merda.

– Quer conversar sobre isso? – Pouso a mão em seu ombro e sinto os músculos se retraírem por baixo da camisa quando ele move o ombro para soltar minha mão.

– Não há nada para falar.

– A senhora Jones disse que você anda estressado ultimamente.

– Não fale de mim com essas porras desses vizinhos, Grace. – Os dedos dele apertam a lata, que começa a amassar.

Fico tensa.

– Eu não estava falando. Ela que mencionou que o ouviu gritando no celular. Com quem estava falando?

– Com um cliente! – Dan bate com a lata na bancada. A cerveja transborda e empoça na superfície. – Será que um homem não pode tomar uma bebida depois do trabalho sem passar por um interrogatório?

Encosto na geladeira conforme Dan passa por mim e continuo imóvel por um bom tempo depois de ouvir a porta da frente fechar. Quando meu coração para de bater tão acelerado, consigo digitar, com os dedos trêmulos, para chamar um táxi.

As pimentas jalapeños na pizza de carne apimentada ardem como um vulcão. E mando o vinho gelado para dentro, para esfriar o ardor. Lyn enche meu copo de Pinot Grigio enquanto verifico novamente o celular. Nenhuma mensagem de Dan.

– Não posso acreditar que Charlie queria encontrar o pai. É tão triste – diz Lyn.

– Essa semana, li uma história numa revista sobre uma mãe que deu o filho para adoção. – Hannah estende a mão ao outro lado da mesa para pegar uma fatia de pão de alho. Sua manga cintilante passa na pizza, e com meu guardanapo limpo o queijo que grudou. É engraçado vê-la tão arrumada, sem a camiseta da Little Acorns e a legging. – Ela passou a vida esperando que ele batesse em sua porta. Imagine se ele estiver esperando pela Charlie, pensando que a conhecerá um dia, que terá netos.

– Eu sei. Por isso quero encontrá-lo. Para contar a verdade. – *E descobrir a verdade*, penso, mas não digo.

– Acha que a Lexie deu o nome verdadeiro dele? – pergunta Lyn.

– Paul Lawson? Sim. Lexie pareceu bastante aliviada em falar sobre ele. Ela não tem amigos nem familiares. Provavelmente guardou isso durante anos. Mas ela foi bem cautelosa quando tentei descobrir se ele sabia a respeito da Charlie.

– Ela sabe que está procurando ele? – pergunta Hannah.

– Não. Ela se ressente dele, por tê-la abandonado quando estava grávida. Provavelmente nem lhe ocorreu contar a ele que a filha deles tinha morrido.

– Não a condeno. Ele parece bem cretino – diz Lyn.

– Nós não ouvimos o lado dele.

– Bem, e agora? Ele pode não ter acesso à internet. Muita gente daquela geração não tem.

– Não tenho certeza. Mas vou encontrá-lo. De um jeito ou de outro.

Sinalizo para o garçom e mostro nossa garrafa vazia.

– Grace. – Lyn apoia a mão na minha. – Não assuma coisa demais. Estou preocupada com você.

– Não se preocupe comigo. – Solto a mão e pego a taça.

– E você está bebendo demais. Achei que não pudesse beber tomando aquele remédio. Você parou de tomar?

– Mais ou menos. – Não conto a ela da cartela que carrego na bolsa. De como fraciono os comprimidos em quatro e tomo sempre que a vida enrola. Não é o suficiente para me fazer dormir, mas é o bastante para dar uma onda de tranquilidade, da qual passei a ser tão dependente. Vou parar. Vou mesmo. Mas não agora.

Mudo de assunto.

– Um brinde à Hannah. – Ergo o copo. – Ao amor eterno.

– Não consigo imaginar o amor sendo de qualquer outro modo – diz Hannah.

A conversa desvia para o casamento, e já passa das onze quando pagamos a conta e saímos na escuridão da noite. Depois do calor do restaurante, o ar frio me tira o fôlego, então abotoo meu casaco e coloco as luvas.

– Vamos a uma boate? – pergunta Hannah.

– Se é o que a futura noiva deseja – diz Lyn. – Qual?

– Sei lá. Em qual delas você reservou o stripper?

– Você mataria todas nós se tivéssemos feito isso. – Hannah só tem olhos para Andy.

– Já estou grata por vocês não terem feito com que eu andasse por aí carregando um pinto inflável. Vamos tentar a boate Rumors. Eles tocam uma

porção de músicas dos anos 1980 e 1990.

Seguimos pela calçada de braços dados. É o primeiro pagamento desde o Natal, e as pessoas estão nas ruas em bandos: homens com barbas bem aparadas, garotas que parecem novas demais para estarem bebendo. Vestidinhos minúsculos, bronzeados artificiais, braços e pernas nuas. Sinto-me velha, tremendo de frio mesmo com tanta roupa. A fila da boate é comprida, e batemos os pés para nos esquentar.

Seguranças de smoking nos avaliam antes de assentirem em direção à porta. Pagamos a entrada a uma loura tingida com cara de tédio e seguimos em frente, descendo uma escadaria escura. Fazer isso de salto alto não é fácil; quase nunca uso. A música alta retumba abaixo de nós, e a escada estremece, fazendo meus dedos dos pés formigarem. Pisco para acostumar a visão à claridade dos neons. A placa do bar pisca, intermitente; mesas pretas brilhosas refletem as luzes estroboscópicas.

– Vamos tomar um Sex on the beach? – Hannah dá um gritinho. Ainda bem que o casamento dela é só daqui a duas semanas. Acho que todas nós estaremos de ressaca amanhã de manhã.

Eu me espremo junto ao balcão grudento do bar e espero séculos para ser atendida, apesar de ficar acenando com minha nota de vinte libras.

– O que vai pedir? – O jovem barman se debruça, recostando nos antebraços, e me encara. Sua camisa branca está aberta demais e ostenta um peitoral bronzeado e sem pelos.

– Três coquetéis, por favor. Sex on the beach. – Ainda bem que está escuro. Sinto que estou corando.

Sigo de volta até Lyn e Hannah, sentadas em duas banquetas altas, perto da pista de dança. Dançamos balançando os ombros enquanto tomamos nossos drinques, suaves e doces.

– Vamos dançar. – Hannah segue até o DJ.

Três músicas depois, estou ofegante. Gesticulo para os nossos lugares.

– Ainda não – Hannah segura meu punho e grita em meu ouvido. – Adoro essa.

A voz rouca de Madonna nos convida a fazer pose. Meu corpo enrijece, enquanto a pista dança "Vogue". A batida da música vai desacelerando e some. Não preciso fechar os olhos para ver o rosto de Charlie. Quase ouço a vovó gritando para o alto da escada que nós parecemos uma horda de elefantes enquanto aperfeiçoamos nossos passos.

Sinto um toque quente em meu braço. Vejo o rosto preocupado de Lyn. Lembro a mim mesma que devemos nos divertir e dou um sorriso.

– Vou fazer xixi – eu digo, e aponto para a parede dos fundos.

Caminho com dificuldade até o banheiro e entro na fila de garotas excessivamente produzidas, com seus vestidinhos pretos. Na cabine apertada, encosto a testa na porta fria. Tem papel higiênico grudado no meu salto, e uso o outro pé para tirar. Quero ir para casa, mas não quero estragar a noite de Hannah. Alguém bate na porta me apressando, mas levo um tempo até me sentir pronta para sair. Ponho os punhos embaixo da água fria e retoco o batom. A porta que conduz de volta à pista é pesada, e ao puxá-la, alguém empurra do outro lado. Nós nos trombamos, e derramam vinho tinto em meu vestido novo.

Aceno descartando o pedido de desculpas e volto para o ar abafado da pista. Devo estar com uma aparência linda: meu vestido azul manchado de vermelho vivo, abrindo caminho em meio à massa, o batimento cardíaco acompanhando o ritmo da música. Não vejo Lyn nem Hannah.

Abro a bolsa para encontrar um lenço de papel, pensando em talvez enxugar o vestido para minimizar o estrago, mas noto a tela do meu celular acesa. É uma mensagem de Dan: "Encontramos o pai de Charlie".

Lyn e Hannah não estão a fim de ir embora, mas eu mal posso esperar para falar com o Dan e me despeço delas, dizendo que estou exausta. Elas sabem que não durmo bem, e dá para ver a compaixão nos olhos das duas. A brisa noturna refresca meu rosto quente. O cheiro de cebola frita da van de hambúrguer preenche o ar com um cheiro gorduroso e doce. Fico tamborilando com a bolsa na minha coxa, impacientemente, enquanto olho a rua, à procura de um táxi. As boates ainda estão lotadas, e não há táxis à vista. O ponto de táxi não está tão distante, e decido caminhar até lá.

A rua está deserta – todos ainda estão se divertindo. Saio da rua principal e, quando as batidas da música vão aquietando, ouço passos atrás de mim. Paro, remexo na bolsa e dou uma olhada para trás. Não há ninguém à vista, mas as portas das lojas projetam sombras, e me pergunto o que elas escondem. Volto a andar. Meus saltos tilintam na calçada, e ouço de novo: a batida dos sapatos no concreto.

Meu coração acelera, e os passos também. O álcool se agita em meu estômago, e calculo a rota mais rápida de volta à rua principal. Corro a toda. Minha respiração está ofegante, minha boca, aberta, num grito silencioso.

Estou num dilema: bater ou correr. Certamente é melhor correr. Meus saltos impedem que eu vá mais depressa, e fico pensando se tenho tempo de arrancá-los – já é difícil andar com eles, que dirá correr –, mas os passos estão se aproximando, e não posso parar. Sinto a respiração quente em meu pescoço. Algo roça em meu ombro. Desvio o corpo e viro a esquina, então trombo em alguém. Um policial. Eu me agarro ao braço dele, chorando de alívio, virando para apontar – mas não há ninguém.



Os banheiros da escola sempre cheiravam a cigarro e perfume barato. Eu tentava não inspirar muito profundamente, enquanto guardava a blusa na bolsa, vestia uma camiseta justa e enrolava o cós da saia até que a bainha ficasse bem acima dos joelhos. Eu estava desesperada para parecer ter mais de 15 anos.

Juntei-me à Charlie, na frente do espelho, e peguei o rímel dela.

– Floresta ou parque? – perguntei. Nós estávamos aproveitando ao máximo as noites perfumadas.

– Parque. Esmée e Siobhan vão nos encontrar lá.

Suspirei profundamente.

– Alguém tirou de dentro da minha bolsa meu dever de casa de história. Tenho certeza de que foi a Siobhan. Ela realmente não gosta de mim.

Siobhan estava sempre convidando Charlie e Esmée para ir à sua casa sem mim, dizendo que a mãe dela era muito rigorosa e só a deixava convidar duas amigas de cada vez. – Lamento, Grace – ela dizia, fazendo uma cara, mas eu sabia que, na verdade, não lamentava nada. – Você entenderia, se tivesse mãe. – E eu tinha vontade de dar na cara dela. Com força.

– Bem, eu e Esmée gostamos de você. Siobhan vai se acostumar com você.

– Charlie, eu já moro aqui há seis anos!

– É. – Charlie sorriu. – Ela é meio lenta.

– Eu a ouvi dizer que eu sou entediante. Você acha que eu sou? – Nunca entendi bem por que Charlie fez amizade comigo. Nós éramos opostos absolutos.

– Você não é entediante. Você é calma. Minha mãe diz que se não fosse por você eu já teria saído da porra dos trilhos. Pare de analisar tudo, Grace. Eu te amo, e Siobhan não sabe do que está falando. De qualquer forma, não seremos só nós. Dan e Ben virão esta noite.

Meus sentimentos por Dan estavam mudando. Só de vê-lo eu sentia que tudo dentro de mim se desmanchava. Eu ainda não tinha contado à Charlie. Guardava meus sentimentos comigo, deleitando-me com o desconhecido. Eu estava meio aterrorizada, meio esperançosa de que ele também gostasse de mim. À noite, eu ficava na cama, embrulhada na minha manta, sonhando com o dia em que ele me pegasse em seus braços, depois que eu descesse o escorrega, rezando para que meu traseiro não ficasse entalado na metade do caminho. "Você é o motivo para que eu venha aqui todos os dias", ele murmuraria antes de me deixar sentir os lábios de um garoto pela primeira vez.

Charlie já tinha beijado metade da nossa classe. "Como é?", eu perguntava para ela, tão curiosa quanto avessa. "É legal, até que eles enfiam a língua na sua boca e ficam passando de um lado para o outro. O Ethan parecia uma enguia. Ele passava a língua nos meus dentes. Mas pelo menos limpou os restos de batata chips com sabor sal e vinagre que estavam presos ali." "Charlie!", exclamei, e ela falou: "Você perguntou. Eles têm mais gosto de cigarro. Você deveria experimentar".

Eu treinava na minha mão, mas não tinha gosto de nada. Eu estava esperando pelo garoto certo. Eu estava esperando pelo Dan. Se Charlie soubesse que eu gostava dele, ela tentaria empurrar um para cima do outro. Eu não estava pronta – acho que tinha muito medo de ser rejeitada.

"Tome cuidado com seu coração", a vovó me dissera. "Você só tem um, e ele é precioso."

"Se você não conseguir ser boa, seja cuidadosa", Lexie dissera à Charlie, dando-lhe algumas camisinhas. As camisinhas rasgaram, uma após a outra, conforme nós as vestíamos em bananas. Depois, eu lavava as mãos três vezes. O cheiro da borracha ficava impregnado durante horas.

– O Dan me chamou para sair – disse Charlie, ao passar o brilho labial. Borrei o rímel e entrei numa cabine para pegar um pedaço de papel higiênico. "Charlie Fisher é uma vagabunda" estava escrito atrás da porta. Eu tinha apagado algo parecido na semana anterior. Dessa vez, deixei. Meus olhos

minavam lágrimas enquanto eu limpava o rosto, até a pele ficar sensível como os meus sentimentos.

Assoei o nariz.

– O que você disse? – perguntei, saindo da cabine.

– Eu disse que talvez saísse. – Charlie estava com o brilho rosa nos lábios.

– Você gosta dele?

Charlie sacudiu os ombros.

– Realmente nunca pensei nele dessa forma. Ele é apenas o Dan. Dan, o garoto do ketchup, não é? Mas eu quero fazer.

– Fazer o quê?

– Sexo. Deus, você é tão ingênua, às vezes. Mas não sei se quero fazer com o Dan. Acho que Siobhan gosta dele.

– Gosta? – Fiquei enjoada só em pensar.

– É. Talvez eu o deixe para ela. Mas vou achar alguém. Já é hora de tirarmos isso do caminho.

"Uma vez que você perde a sua virgindade, você não pode tê-la de volta. Você deve dá-la para alguém especial", a vovó me dissera.

"Vê se não vai engravidar", Lexie dissera à Charlie.

– Vou lá para fora. Está fedendo aqui dentro. – Apontei para a cabine. – Alguém chamou você de vagabunda. – Eu vi a boca de Charlie se abrir e soltei a porta, deixando-a bater.

Dan e Ben já estavam no parque. Dan estava no alto do escorrega e acenava com uma garrafa de vodca, como se fosse uma tocha olímpica.

Charlie, que nunca foi de guardar rancor, virou para mim e sorriu, puxando a saia ainda mais para cima. Pernas nuas, já bronzeadas. Embora fosse junho, minha pele estava com a palidez de janeiro.

– Muito bem, Danny boy – Charlie gritou para ele. – Vamos tomar um gole. – Dan escorregou e aterrissou na nossa frente. – Tem alguma coisa fedendo. – Charlie enrugou o nariz.

– É desodorante Old Spice. – Dan sorriu. – É sexy.

– Para quem? Você está com cheiro de velho. – Charlie cobriu o nariz com a manga da blusa e deu uma golada, antes de passar para mim. Minha garganta queimou, e engoli com força, para não engasgar.

– Olhe. – Apontei na direção do vão da cerca. Siobhan passou, seguida por Abby, que imitava o andar afetado da irmã, rebolando os quadris e estufando o

peito inexistente. Com elas, vinham outros cinco garotos. Eu já os tinha visto, embora eles não frequentassem a nossa escola. Sempre vestidos de preto, pálidos, cabelos coloridos como o arco-íris. Nós os chamávamos de Walking Deads. A vovó sempre atravessava a rua quando a gente cruzava com eles. Por que a Siobhan estava falando com esses caras?

Dei outra golada na vodca, para que Siobhan não notasse meu sorriso quando ela veio, hesitante, em nossa direção, com os saltos fincando na grama, virando os tornozelos.

– Tem algum dinheiro? – Siobhan estava com as mãos na cintura, ladeada pela minirréplica Abby. Ela não ganhava mesada. Seus pais guardavam cada centavo numa caderneta de poupança para que Siobhan fosse à universidade; ela queria ser advogada. "Sanguessugas", era como a vovó chamava os advogados. Siobhan seria bem adequada.

– Nada. Estou dura. – Charlie nunca tinha dinheiro. – E você, Grace?

– Algum. Por quê?

– Eles têm maconha. – Siobhan sacudiu a cabeça na direção dos Walking Deads, os quais quase não podíamos ver perto da cerca viva escura.

– Não vou comprar drogas!

– Não precisa. Eu compro.

– Não.

– Você é tão entediante às vezes, Grace. Se liga.

– É, se liga – disse Abby.

– Estou ligada, obrigada. – Dei uma golada no líquido transparente. Desceu direto pela minha goela, e tossi até meus olhos lacrimejarem.

Siobhan riu.

– Otária.

– Pelo menos, eu não sou aspirante a viciada.

– Pelo menos, eu nunca matei ninguém.

Dei um salto à frente, com as mãos em garras, e arranhei o rosto dela.

– Retire o que disse!

Dan passou os braços em volta da minha cintura e me puxou para trás. Recostei nele. Eu estava ofegante, querendo avançar de novo.

– Siobhan, não seja uma idiota – ele gritou. – A Grace nos contou sobre seu passado porque somos amigos dela.

– E você sabe que não foi assim. – A voz de Charlie saiu em tom baixo, quase num rosnado, para Siobhan. – Cale a boca ou vai se ferrar.

– Desculpe – Siobhan murmurou para o chão.

Eu não falei pelo restante da noite, mas observei Dan olhando Charlie, e Siobhan olhando Dan, e bebi vodca até não enxergar mais nada, porém as palavras de Siobhan ainda ecoavam em meus ouvidos. Será que eu realmente o matei? Era isso que todos pensavam?



É um daqueles dias de fevereiro que poderia passar por abril: céu azul e nuvens de algodão. O sol alaranjado entra pela janela do café, fazendo com que ele pareça mais aquecido do que realmente está. Tiro o casaco. Dou sorte de encontrar uma mesa vaga junto à janela. O café está movimentado com pais domingueiros, de mangas arregaçadas, erguendo os bebês chorosos de seus carrinhos. Casais olham nos olhos um do outro, alheios ao mundo ao redor. Duas adolescentes discutem sobre de quem o Nick é realmente a fim.

O creme derrete em meu chocolate quente enquanto saboreio devagarinho um muffin. Meu estômago revira de ansiedade. O cheiro de café fresco é esmagador.

Quase não acredito que rastreei Paul Lawson – ou melhor, encontrei alguém que o conhece. O e-mail de Anna foi sucinto, mas ela concordou em me encontrar e responder às minhas perguntas, assim como responderei as dela da melhor forma que puder.

Meu telefone toca – número desconhecido. Ao atender, rezo para não ser a Anna cancelando. Ouço alguém respirando, estática e depois nada.

Quando a porta do café é aberta, toca uma campainha. Giro a cabeça naquela direção, mas é um homem, e tento não ficar desapontada. Até agora, ela só está cinco minutos atrasada. Mas até meio-dia e vinte minha bebida já estará fria e o muffin esfarelado a ponto de haver migalhas suficientes para João e Maria chegarem até a Terra do Nunca.

Meu telefone vibra e vai deslizando na mesa de madeira. É outra mensagem aflita de Dan. Ele não queria que eu viesse sozinha. Disparo uma resposta:

“Estou bem, ela ainda não chegou”, e, assim que meu polegar aperta “enviar”, uma sombra recai sobre a minha tela.

– Grace? – disse a voz suave. Tem um sotaque. Acho que é do Nordeste da Inglaterra, mas não tenho certeza.

Balanço a cabeça.

– Achei que fosse, você é a única ruiva aqui.

– Anna. – Minha voz sai alta. Esfrego a palma da mão no jeans, antes de apertar a mão dela. Dedos longos apertam os meus. – Obrigada por vir. Espero que você não tenha tido que fazer uma viagem longa.

– Não. – Anna tira a jaqueta de couro rosa, a qual eu instantaneamente cobiço, e pendura no encosto da cadeira. Ela alisa a saia nos quadris estreitos, e decido começar outra dieta na segunda-feira.

– Quer outro? – Ela aponta para minha caneca. Faço que sim com a cabeça e pego a bolsa para levantar.

– Tudo bem. – Ela gesticula para que eu me sente outra vez e segue até o fim da fila, balançando o cabelo louro brilhoso.

Rasgo os guardanapos enquanto a observo. Eu estava esperando alguém mais velho, mais perto da idade de Paul, não da minha. *Quem é ela?* Remexo no papel picado, como se pudesse encontrar as respostas ali.

– Demorei séculos. – Anna coloca seu café americano na mesa. A xícara balança sobre o pires, mas ela não derrama nem uma gota. Nada de bolo para ela. Seu tamanho não pode ser maior que 40, provavelmente nunca come carboidratos, provavelmente nunca come nada. Espano os farelos do muffin e a minha inveja para o chão.

– Aqui não é um lugar para vir quando se está com pressa, mas você sabe o que tem aqui.

– Preços superfaturados?

– Eu ia dizer um bolo gostoso, mas, sim, isso também. Já trabalhei aqui meio período. – Estou tagarelando. – Não que tenhamos muitas opções na vila.

O termo “vila” é ligeiramente forçado; o local se expandiu imensamente nos quinze anos em que eu moro aqui. Agora, na verdade, é uma pequena cidade com uma boa seleção de lojas, mas, ainda assim, continuamos apegados às nossas raízes rurais.

Ficamos em silêncio. Anna mexe sua bebida. O som da colher tilintando na louça me desperta. Estou procurando palavras, olhando pela janela, para o chão, como se pudesse encontrá-las escritas em algum lugar.

– Então. – Anna pousa o cotovelo na mesa e apóia o queixo na mão. – Como conhece o meu pai?

Eu me recosto na cadeira tão depressa que bato a cabeça na parede, mas, se doeu, nem notei.

– Paul é seu pai?

– Era. Ele morreu quando eu tinha 8 anos.

– Lamento. – Arrasto a cadeira para trás e corro para o banheiro.

Eu me seguro na pia, equilibrando-me junto à porcelana, e respiro devagar. Meu rosto ansioso me encara do espelho manchado. O pai de Charlie está morto. Anna é meia-irmã de Charlie. Como posso contar que ela perdeu outro parente? Abro a torneira, encho a mão de água fria e lavo a boca. A água escorre pelo meu queixo, e enxugo com a manga.

– Você está bem? – Anna veio atrás de mim.

– Sim. – Respondo ao reflexo dela. Há semelhanças com Charlie. Não sei como não notei. O cabelo dela é de um tom mais escuro de louro e ela não é tão alta, mas seus olhos são do mesmo tom de verde.

– Então, quem é você?

Fecho a torneira, seco as mãos na toalha de papel e penso em mentir, mas não sou muito boa nisso.

– Paul, seu pai, também era pai da minha melhor amiga, Charlie.

– Não entendi.

– Charlie é... era... sua meia-irmã.

– Era?

– Acho melhor a gente se sentar.

Levo algum tempo para contar a Anna sobre Charlie e Lexie. Começo falando devagar, relatando como Paul e Lexie se conheceram. Anna faz a pergunta que não quer calar, mas, na maioria do tempo, ela fica em silêncio: rosto pálido, sobrancelha franzida. Explico como Charlie cresceu sem jamais saber quem era seu pai, como ela sempre sentiu que lhe faltava um pedaço. Anna assoa o nariz e seca os olhos.

– Ela tentou encontrá-lo?

– Ela queria. Lexie ficou aborrecida.

– Ela não ajudou?

– Não.

– Que nojenta.

– Acho que ela teve seus motivos... achou que era melhor assim.

– Que motivos ela poderia ter para separar uma família?

– Eu não sei. – Eu me remexo, constrangida, na cadeira. – Ela provavelmente não sabia que você existia.

Ela franze o rosto.

– De qualquer forma, conte-me sobre ela, sobre minha irmã.

Tento. Primeiro, hesitante – palavras como "linda", "engraçada" e "incrível" são genéricas demais; elas não captam a essência de Charlie.

Conto a Anna sobre nossos velhos tempos de colégio, sobre nosso projeto de história a respeito de mulheres poderosas e inspiradoras. Charlie sorrateiramente enfiou os funis de geleia da vovó na mochila e apareceu na escola, no dia seguinte, com um sutiã cônico feito em casa, alegando que a Madonna era a mulher mais influente do mundo. Falo até ficar com o maxilar doendo e a garganta ardendo.

O garçom retira nossas bebidas já frias, voltando com um pano para limpar a mesa. Ele amassa o lixo e joga no bolso do avental. – Estamos fechando agora.

Olho o relógio.

– São quatro e meia da tarde. Não posso acreditar que estamos falando há tanto tempo.

– Como é o pub que tem mais adiante nesta rua? Que tal tomarmos um drinque e jantarmos cedo? Eu realmente gostaria de ouvir mais sobre a Charlie.

– Seria ótimo. Nunca comi lá, geralmente vou a um pub perto do parque, mas tenho certeza de que é bom. Só tenho que mandar uma mensagem para o meu namorado, para que ele saiba.

– Ah, deixe-o esperar. – Anna enlaça o braço no meu e seguimos rumo à porta. Anna segue papeando, enquanto caminhamos pela vila, e fico contente de não estar sozinha. O medo que eu tinha sentido na noite anterior, enquanto estava sendo perseguida, ainda está em mim, pronto para acelerar a minha pulsação, aquecer meu sangue. Não sei quem era e tento não pensar que pode voltar, porém, por mais que me esforce, ele sempre volta.

O pub é tranquilo. Um tapete listrado e desbotado gruda nas solas dos nossos sapatos, conforme seguimos até uma mesa de madeira lascada num canto. A mesa está bamba, e pouso minha bolsa e coloco algumas bolachas de chope

embaixo de uma das pernas para fixá-la. Há um quadro-negro atrás do bar e estreito os olhos para ler.

– Querem pedir? – A garçonete está ao nosso lado, de bloquinho pronto, e uma caneta mastigada na mão. Tem uma mancha de tinta escura no canto de sua boca. A camisa suja, que já foi branca, está com os botões prestes a arrebentar.

– Lasanha e batatas fritas para mim, por favor.

– E uma salada de frango para mim – acrescenta Anna.

Percebo minhas coxas esparramadas na cadeira e cubro o colo com um guardanapo de papel.

– Bebidas?

– Uma taça de vinho? – arrisco.

– Que nada, merecemos uma garrafa. Branco?

– Perfeito.

– Só vou dar um pulinho no banheiro.

Aproveito a chance para olhar meu telefone. Há várias mensagens de Dan, cada uma mais frenética que a outra. Eu o tranquilizo, dizendo que estou bem. Que Anna é adorável e não é uma assassina empunhando um machado.

A garçonete coloca a garrafa quase quente de vinho da casa e duas taças na mesa. Sirvo nós duas, mas, antes de dar um gole, meu celular toca. É novamente um número desconhecido. E desligam assim que digo alô. Dou uma olhada ao redor do pub, tiro o som do telefone e o guardo na bolsa.

– Que tal o vinho? – Ana senta novamente em seu lugar.

Dou um gole e faço uma careta.

– Se eles não tiverem vinagre para minhas batatas, isso vai servir.

– Bom assim? – Anna ri.

– O que aconteceu com seu pai? Entendo se for doloroso para você falar disso.

– Tudo bem. Foi há muito tempo. – Anna gira a taça de vinho. – Íamos viajar de férias, e eu estava muito empolgada porque seria para a praia. Minha mãe comprou um pacote de balas de goma para comermos no caminho. Eu adorava as de laranja; eu comia a cabeça do boneco de bala depois o restante. Claro que comi demais e fiquei enjoada. Minha mãe disse para eu respirar um pouco de ar fresco. Pus a cabeça para fora da janela, igual a um cachorro, até me sentir melhor, mas depois ouvi um zumbido. Achei que uma abelha tinha entrado no meu ouvido. Sacudi a cabeça e gritei. Meu pai olhou para ver o que

havia de errado, e essa foi a última coisa de que me lembro. Aparentemente, ele entrou na contramão, e batemos de frente com outro carro. Minha mãe e meu pai morreram na hora. – Anna abaixa a cabeça, e estendo a mão por cima da mesa, cobrindo a mão dela com a minha. – Eu só tinha 9 anos. Eu me culpei: se eu não tivesse comido tantos doces; se eu não tivesse aberto a janela; se eu não tivesse gritado. Só desejei ter deixado a abelha me picar.

– Você perdeu os dois de uma só vez?

– É. A pobrezinha órfã Annie do musical... sou eu. Só preciso de um cabelo ruivo como o seu e posso cantar sobre o sol nascendo amanhã. – Ela dá uma batidinha em minha mão e esboça um sorriso torto.

A garçonete solta dois pratos à nossa frente. Gordura amarela escorre e empoça ao lado da lasanha. Anna dá uma garfada na salada, enquanto empurro as batatas ao redor do prato.

– Onde você morou depois?

– Vamos falar de alguma coisa mais alegre? Deixe a história trágica para outra hora.

Dou uma golada no vinho, agora grata pelo gosto amargo, que desvia a atenção da tristeza dolorosa que ameaça me esmagar.

– O que você faz? – Anna pergunta.

– Trabalho numa escola infantil. Eu adoro. Você gosta de crianças?

– Não. – Anna serve vinho em minha taça. – Mas você tem sorte de fazer algo de que gosta. Trabalho como secretária e detesto.

– Por quê?

Anna contorce o rosto.

– Vamos apenas dizer que chamo meu chefe de "polvo" por um bom motivo.

– Que horrível. Você não pode denunciá-lo?

– É uma empresa pequena. Vai aparecer outro emprego. Não é exatamente uma vocação. Não cresci sonhando em fazer anotações para um homem de meia-idade que fica babando na minha blusa.

– O que queria fazer?

– Pensei em ser enfermeira. Seria ótimo poder ajudar pessoas que sofrem acidentes, sabe?

Concordo com a cabeça e pergunto:

– O que a impediu?

– Dinheiro, eu acho. Tive que me sustentar assim que fiz 16 anos.

Enquanto continuamos a conversar, penso em como a vida poderia ter sido

diferente. A determinada altura, depois que a garçonete limpou a mesa e levou nossos pratos, estico o braço e aperto a mão de Anna, mas um cardápio de sobremesa é socado entre nós.

– Então? – pergunta a garçonete.

– Café preto para mim – diz Anna.

Penso em minhas coxas e resisto à vontade de pedir um pudim de caramelo.

– Você tem chocolate quente?

A garçonete suspira.

– Não.

– Um chá, então. Obrigada.

Tomamos as bebidas mornas, em xícaras lascadas, e pego a conta.

– Eu pago a próxima – diz Anna.

– Está ótimo. Espero que hoje não tenha sido chocante demais para você.

– É bastante coisa para assimilar, perder uma irmã que eu nunca tive. Às vezes, eu me sinto tão sozinha. Pensar que eu poderia ter tido uma irmã, uma família... – Anna sacode os ombros. – Mas sinto que encontrei uma amiga.

– Eu também. Que tal jantar na minha casa na semana que vem? Posso lhe mostrar umas fotos de Charlie e você pode conhecer o meu namorado, o Dan.

– Seria ótimo, obrigada.

Nós nos abraçamos e nos despedimos. Anna vai embora lembrando-me de sua meia-irmã, alguém que ela nunca conheceu. Fico imaginando o que o Dan vai achar dela. Será que ela também o lembrará de Charlie e, se lembrar, será que é um risco convidá-la para nossa casa?

A escuridão encobre a vila. Há lâmpadas alternadas apagadas nas ruas, e é uma noite sombria de domingo. As famílias estão reunidas diante de lareiras e televisores, com a barriga cheia de Yorkshire pudding, pensando na manhã de segunda-feira. Caminho rapidamente e paro assim que ouço um zumbido na bolsa. Meu telefone está vibrando. Dan deve estar impaciente; já estou na rua há horas. É um número não identificado, e eu atendo. Ouço uma respiração do outro lado da linha. Ouço alguém engolir. Fungar. Desligo, e a luz do visor acende quase imediatamente, com outra ligação. Ouço um carro vindo atrás de mim. Alguém está dirigindo bem devagarzinho, e me abaixo atrás do muro da igreja, quase prendendo a respiração, quando o veículo passa lentamente. Parece que passam séculos até que ele se afaste, e me estico e bato os pés dormentes no chão. Ao me esticar, acho que vejo um lampejo vermelho

sumindo ao virar a esquina, mas não tenho certeza, e corro o mais rápido que posso, sem parar, na direção oposta, até chegar em casa.



Geralmente, o despertador me arranca do sono induzido pela medicação. Mas não foi assim nessa manhã. A empolgação me acordou cedo. É quinta-feira. Anna vem jantar.

– Você está dormindo? – eu sussurro.

– Não mais. – Dan puxa um travesseiro por cima da cabeça.

– Você vai chegar em casa na hora essa noite, não vai?

– Sim. Calma. É só a irmã de Charlie. Não é a maldita Rainha.

Irmã. Eu abraço a palavra, tão confortante quanto a velha blusa de lã de Dan que uso para ficar em casa. Anna e eu passamos a semana trocando mensagens. Dan suspira toda vez que eu pego meu telefone, mas já sinto um elo bem forte com ela. Claro que isso não substitui Charlie, mas é algo novo, um novo começo. Saio da cama, tomo um banho em velocidade olímpica, desço e dou uma pirueta, entrando na sala. "O que devo cozinhar?", pergunto à Charlie, sorrindo para mim, no porta-retratos prateado sobre o piano.

A cozinha está envolta numa luz amarelada. A cortina fina que a vovó fez não é páreo para o sol do início da manhã. Abro as cortinas, e os passarinhos piam dando bom-dia. Todos estão felizes hoje. Mittens ronrona, esfregando o focinho em minhas pernas, enquanto troco sua água e sirvo sachê de carne em sua tigela e espalho petiscos por cima.

Dou uma folheada nos livros de receita enquanto como uma colherada do mingau, sentindo a doçura do mel. Rabisco uma lista e dou uma arrumada na casa; ajeito as almofadas e dobro as mantas. Ainda está cedo. Se eu for rápida, posso dar uma passada no mercado a caminho do trabalho.

Inclino-me para a frente e aperto a campainha com o nariz. Os músculos dos meus braços tremem por conta do peso das sacolas. As alças deixam marcas na palma das minhas mãos.

– Minha nossa! – Lyn abre a porta o máximo possível enquanto ando feito um caubói, um lado do corpo de cada vez.

– Obrigada. Não queria ter que colocar essa montoeira de sacolas no chão para encontrar a chave. Entro na sala de funcionários, deixo as sacolas no chão e massageio as marcas nas mãos.

Lyn ergue a sobrancelha diante da montanha de comida e vinho sobre o piso de linóleo.

– Tem certeza de que comprou o suficiente?

– A Anna vem para o jantar – respondo, como se ela pudesse ter se esquecido. Passei a semana toda falando só nisso. – Eu não podia deixar tudo isso no carro o dia todo. Não quero envenená-la.

– Pelo menos, não no primeiro jantar. Nesse momento, lá fora está provavelmente mais frio que na geladeira. – Lyn pega uma garrafa de Chardonnay que sai rolando pelo chão. – Espero que Osfted não passe para dar uma conferida hoje. Quanto você comprou de álcool?

– Só três garrafas. Tive que comprar branco, tinto e rosé e um pouco de suco de laranja, caso ela não queira beber, e água com gás, caso não goste de suco de frutas. Também comprei um café de verdade, chá de ervas e chocolates com menta para depois do jantar, embora eu tenha certeza de que ela não vai tocar neles. Contei como ela é miúda?

– Várias vezes.

Eu me ajoelho na frente do pequeno frigobar dos funcionários, e Lyn passa a sacola de folhas. Preciso perfurar o saco para sair o ar e caber dentro da geladeira.

– Rúcula. Muito chique. Olhe, Grace, eu sei o quanto isso significa para você, mas, de verdade, se ela tiver algo parecido com Charlie, ela não vai querer um monte de paparico. Um saco de batata frita e uma lata de cerveja já serão o bastante.

Eu me sento nos calcanhares, pegando uma caixa de velas prateadas.

– O Dan disse que eu estou agindo como se a Rainha viesse para o chá.

– É natural que queira que ela goste de você, que queira essa ligação com Charlie, mas todos nós a amamos como você é. Dê à Anna a chance de

conhecer você, e ela também vai amá-la. – Lyn tira quatro tigelas de vidro do saco. – Que guloseima vai servir nesses potes?

– Petiscos. Teremos pão de alho. – Pego um limão que rolou. – É muito?

– Demais. Corte umas fatias de limão e jogue no gim para relaxar um pouquinho?

– Melhor esperar até a hora do almoço ou devemos compartilhar com as crianças?

– Aposto que algumas mães receberiam bem um gim-tônica. Porém, não tão cedo, provavelmente. – Lyn olha o relógio. – Está na hora de abrir. Termine de arrumar esse negócio, aprendiz de Nigella. Vou destrancar as portas.

Guardo a garrafa de vinagre balsâmico na porta da geladeira, desejando ter comprado um pote de maionese em vez disso.

Pinto o rosto como um tigre para as crianças e passo o dia espreitando e atacando. Na hora em que a última mãe sai, eu me sinto exausta. Estou jogando os brinquedos de volta nas caixas coloridas que ficam guardadas junto à parede quando Lyn entra na sala carregando as minhas compras, caprichosamente arrumadas em duas sacolas.

– Oi, tigre. Deixe que eu termino. Vá para casa passar seus guardanapos a ferro.

– O mordomo já deve ter feito isso. – Visto o casaco e tiro a chave do carro do bolso. – Obrigada, Lyn. Agradeço de coração.

– Torço para que corra tudo bem. Se não correr, você tem vinho suficiente para afogar as mágoas.

– E uma barra tamanho família de chocolate. Vejo você amanhã. – Com as alças das sacolas cortando minhas mãos, vou depressa para o carro.

Está tudo pronto. As velas recém-acesas ostentam chamas altas e fortes. Luzinhas piscantes estão acesas em volta da janela da sala.

– Você pode abrir o vinho? – peço ao Dan.

A rolha é puxada com um chiado e um estouro.

A campainha toca, e me apresso para atender, sorrindo radiante, ao abrir a porta. Não tem ninguém ali. Dou um passo à frente.

– Anna?

A rua está escura. Silenciosa. Estremeço e fecho a porta.

Encho um copo de água e tomo meio comprimido. Só porque estou nervosa.

Qualquer um ficaria. O cheiro de alho e manjericão faz minha barriga roncar: a essa hora, habitualmente, já teríamos comido. Dou uma olhada no meu iPod antes de escolher Einaudi, *Islands*. Fico cantarolando a melodia do piano enquanto dou uma polida nos talheres que já estão brilhando. Ouço uma batidinha na porta e vou atender, com o pano e uma faca na mão.

– Nossa. Essa área é perigosa?

– Eu só estava...

– Estou brincando. Ainda bem que não é para me espetar.

Anna entra, me entrega uma caixa de castanhas-do-pará cobertas de chocolate e abana um pouquinho de neve de seu casaco.

– Nossa, que cheiro bom.

– Espaguete à bolonhesa. Está bom?

– Um dos meus pratos prediletos.

– Receio que eu tenha exagerado um pouquinho no alho.

– Tudo bem. Pode ficar tranquila que eu não sou vampira.

– Dá para notar, pelo jeito como você entrou sem ser convidada. – Dou um sorriso. Nossa amizade já parece fácil. Natural. – Você passou por alguém, aqui na rua?

Que paranoica, a vovó diria.

– Não. Mas tinha um carro.

Eu me retraio.

– Que tipo?

– Não sei. Era vermelho, acho. Por que você... – A Anna está falando; vejo sua boca mexendo e ouço os sons, mas não entendo o que ela diz. Tinha um carro. Um carro vermelho. Só pode ser o Corsa do outro dia. *Alguém decididamente está me seguindo*.

– Alô? – Anna abana a mão, para cima e para baixo, na frente dos meus olhos. – Da terra, chamando Grace.

– Desculpe. – Disfarço meu medo com um sorriso.

– Eu disse para você não me arranjar nenhum encontro às escuras, não é?

– Não. – Lembro a mim mesma de como devo agir. – Venha conhecer o Dan. – Sigo na frente até a sala. O Dan está lá, com as mãos nos bolsos, remexendo-se de um pé para o outro.

– Olá, belo homem. – Anna abre os braços, e Dan lhe dá um abraço meio com um braço só, como se faz quando se está constrangido. Ele colocou uma

camisa e se esforçou, mas dá para ver o suor embaixo de seus braços. Pobre Dan. Ele realmente não é o cara de jantar festivo.

– Olhe o que a Anna trouxe. – Balanço a caixa.

– Você é alérgica a castanhas. – Dan franze o rosto.

– Desculpe, eu...

– Não se preocupe, Anna. Foi uma bela lembrança. O Dan vai comê-las. Aceita uma bebida? Uma taça de vinho?

– Sim, por favor.

– Vou pegar. – Dan parece aliviado em ter algo a fazer, já que conversa trivial não é seu forte. Ele volta, um minuto depois, com duas taças de vinho branco e dá uma delas para Anna.

– O branco está bom para você? – pergunto. – Também temos tinto e rosé.

– Não pensei em verificar, desculpe – Dan murmura.

– Está ótimo. O branco é meu predileto. – Ela dá um gole. – Bem melhor que aquele que serviram no pub.

– Não poderia ser pior. – Enrugo o nariz ao lembrar.

– Então, é falta de educação perguntar por que você está alaranjada?

Toco meu rosto. Apesar de esfregar a pele, a tinta facial não saiu toda.

– Hoje fui um tigre.

Anna ri maliciosamente e diz:

– Sorte do Dan.

O pescoço de Dan fica vermelho. Afago seu antebraço e franzo o rosto, para incentivá-lo. Não sei por que ele está tão sem jeito. Eu realmente quero que essa noite seja um sucesso.

– De qualquer jeito, sinta-se em casa. – Gesticulo em direção ao sofá, onde Mittens está dormindo na manta que imita pele.

– Você tem um gato.

– Mittens. Tenho desde que ela era filhotinha.

– Nada de Tom ou Moppet?

– Você é fã de Beatrix Potter?

– Meu pai me contava as histórias dela.

As lembranças explodem em cores psicodélicas. Eu me apresso até a cozinha, encosto o rosto na geladeira, tentando esfriar e afastar as imagens do meu pai e eu na cama, rindo da história dos gatinhos travessos.

– Você está bem? – Dan está na porta. – Isso foi uma má ideia. Quer que eu peça para ela ir embora?

– Não. Estou bem – digo. – Só estou cansada e excessivamente emotiva. Quero que tudo saia perfeito.

Uma expressão que não consigo identificar surge no rosto de Dan, num lampejo, depois some.

– Está tudo bem. Honestamente. Vá fazer companhia a Anna.

– Vou ficar e ajudar você.

– É falta de educação deixá-la sozinha. – Eu meio que o empurro na direção da porta. Não demoro para servir a comida, e logo estamos em volta da mesinha que range sob as travessas pesadas de massa, pão de alho e molho, comendo com os cotovelos encolhidos.

– Você cozinha bem – diz Anna. – Esse molho está divino. De que marca é?

– Não é comprado pronto. A Grace tem suas próprias ervas – diz Dan. – A horta é seu grande orgulho.

– Muito sábia. Eu vivo de saladas. Nunca parece valer a pena cozinhar só para uma pessoa.

– Bem, você está com uma aparência fabulosa comendo isso. Eu estou sempre dizendo que preciso perder cinco quilos. O Dan já está cansado de ouvir, não é, Dan?

– Tenho certeza de que ele gosta de mulheres curvilíneas, não tocos, como eu. O que você diz, Dan?

– Eu digo que vou buscar um pouco de queijo. – De lábios cerrados, ele levanta de seu lugar. Mal tocou na comida.

– Muito discreto – diz Anna.

– Ele aprendeu com a idade. Não era assim, tão sensível, quando nós nos conhecemos, pode acreditar.

Dan volta com um pote de parmesão.

– Vocês se conhecem há muito tempo? – A expressão de Anna é zombeteira.

Enrolo meu espaguete no garfo.

– Há séculos. Nós nos conhecemos na escola. Nosso primeiro encontro não foi muito bem, não é, Dan?

– Por quê?

Dan resmunga.

– É uma história que você não vai querer ouvir.

– Claro que ela tem que ouvir. Também envolve a Charlie.

Eu relato os detalhes do nosso primeiro encontro. Anna arregala os olhos quando ouve como sua meia-irmã se vingou por mim.

– Dan, Dan, o homem do ketchup – diz ela. – Mas que engraçado.

Dan sacode os ombros. – Eu só tinha 10 anos. Aprendi a minha lição bem depressa. Não folgo mais com garotas.

– Não, melhor não. – Anna observa Dan por cima de sua taça de vinho.

– Olhe. – Entrego à Anna a foto de Charlie, Dan, Esmée e Siobhan. Foi tirada por Ben do lado de fora da escola. – Fomos ao parque e concluímos que seria uma boa ideia queimar nossas gravatas do uniforme da escola. Tínhamos uma pilha de jornal velho e fósforos. Dan acendeu o fogo e jogou um pouco de uísque que tinha roubado do galpão do pai dele para aumentar as labaredas. Tinha sido um verão bem seco e o fogo logo se espalhou. As chamas eram enormes. No fim, precisamos chamar a brigada de incêndio.

– Vocês se encrencaram muito?

– Muito. A polícia foi até a casa de cada um para contar às nossas famílias. Fiquei com muito medo; nunca tinha me envolvido em problemas. O policial era muito sério. Tivemos sorte por não nos processarem por incêndio culposo. O jardim de infância não teria me empregado com uma ficha criminal.

– Vocês realmente queimaram as gravatas?

– Não. Depois daquilo, perdeu a graça. Dan e eu ainda temos as nossas no armário.

Anna pega a vela prateada e a movimenta de um lado para o outro. A chama faz espirrar gotas na toalha da mesa.

– Vá pegá-las. Vamos terminar o que começaram.

– Acho que vamos dar um descanso ao alarme de incêndio. Ele já trabalhou duro quando eu me esqueci do pão de alho no forno, mais cedo. E quanto a você? Você tem um lado endiabrado?

– Se eu tivesse, eu faria algo adequadamente sórdido com meu chefe.

– Anna o chama de "polvo" – conto ao Dan.

– Estou farta dele tentando pôr a mão por baixo da minha saia ou ficar olhando dentro da minha blusa. – Anna parece profundamente abatida.

Eu me sinto péssima por ela.

– Não sei como você aguenta.

– Tenho que aguentar, até aparecer outra coisa. – Os olhos de Anna ficam marejados. – Você diz que sou magra, mas é porque grande parte do tempo fico enojada demais para comer. À noite, eu deito e não consigo dormir, fico repassando o dia na cabeça, todas as insinuações que ele fez, as vezes que me tocou. Passo a maior parte do tempo me preocupando com o que está por vir,

até onde ele irá. Meus músculos estão tão tensos que estou sempre com dor no pescoço.

Passo uma caixa de lenços de papel para ela.

Anna assoa o nariz.

– Que constrangedor. Não costumo ser assim.

– Você não consegue encontrar outra coisa?

– Estou tentando, mas é difícil. Trabalho por muitas horas, e ele não me dá nenhum intervalo que eu possa aproveitar para fazer entrevistas. O aluguel da minha quitinete é exorbitante. Se eu conseguisse passar algumas semanas sem precisar receber salário, eu poderia encontrar outra coisa. É muito difícil quando você não tem uma família com o qual contar.

Aperto a mão dela.

– Agora você tem a nós. Você é irmã de Charlie e tem que pedir ajuda, se precisa, não é, Dan?

Dan resmunga, tira a garrafa vazia da mesa e sai da sala. Ele sempre fica constrangido com choro.

– Eu poderia ficar com vocês? Eu realmente não consigo mais enfrentar aquele homem horrível. Seria só por uma ou duas semanas, até que eu encontre alguma coisa. Aqui é mais perto de Oxford do que o lugar onde estou. Será mais fácil para entrevistas. Quero ficar mais perto de você. Saber mais sobre Charlie. Você começa a parecer minha família.

Dan bate os pratos na cozinha.

– É claro – eu digo. – Será divertido. Fico feliz em ajudar. – Mas esse não é o único motivo para que eu queira que ela se mude para cá; a sensação de ser observada está se intensificando, principalmente depois do carro vermelho na rua. Mas não posso admitir a ninguém que sinto medo, nem a mim mesma. E penso: “Se Anna estiver aqui e o Dan sair, não vou ficar sozinha. Nem sentir medo. Estarei segura, não?”.



O calor do fogo nos afastou e ficamos assistindo de longe, enquanto ele estalava. Charlie nunca gostou de ficar muito perto. Sempre dizia que sentia medo, depois de ter ficado presa num incêndio, embora Lexie dissesse que ela estava inventando. Eu via o pavor nos olhos dela enquanto olhávamos as chamas: aquele medo tinha que vir de algum lugar. Guy Fawkes se amuou no meio das toras em chamas, pendendo a cabeça para um lado, como se arrasado de culpa, resignado ao próprio destino. As labaredas lambiam em volta de seus pés, e a multidão vibrou quando suas calças pegaram fogo.

– Cachorro quente? – Charlie puxou minha manga.

Assenti e fomos abrindo caminho em meio à massa – a maior parte da vila tinha se reunido no gramado para a queima anual de fogos – e entramos na fila da van que vendia lanches. Cebolas cobriam meu salsichão grelhado, e adicionei ketchup.

– Coca-Cola?

Charlie balançou a cabeça e disse:

– Vamos até a barraca de cerveja.

– Sem chance que o Mike vá nos servir. – O gerente do pub da vila nos conhecia.

– Agora eu tenho 18 anos.

– Eu não tenho. – Ainda faltavam dez dias para que eu pudesse beber legalmente.

– Você praticamente tem. Vou comprar as cervejas; você espera do lado de fora. Está tão movimentado que ele nem vai saber. Depois a gente encontra os outros.

– Certo. – Eu seguia logo atrás, enquanto desviávamos das crianças com estalinhos. Desejei que Siobhan não viesse essa noite. Eu praticamente sumia quando ela estava por perto, ficava perdida por trás de seu riso falso, seu jeito de jogar o cabelo enquanto, em cada oportunidade, empinava os peitos para cima do Dan. Meus seios estavam crescendo, mas o restante de mim também. Eu tinha começado a escrever cartas falsas para a professora em nome da minha avó fingindo que eu estava com o joelho ruim, para não ter que fazer aula de educação física e evitar trocar de roupa diante do olhar debochado de Siobhan. Ela era tão magra. A irmã dela também era uma nojenta. Se eu passasse pela Abby no corredor da escola, ela olhava para o chão e saía rapidamente, mas, quando estava com a Siobhan, ficava destemida.

Chegamos à barraca de cerveja e engoli o resto do meu cachorro quente, lambi os dedos e recoloquei as luvas.

Charlie foi abrindo caminho com os ombros, seguindo na direção do bar, e fiquei dando um tempo na entrada da marquise, batendo meus pés no chão. O ar estava gélido, e minha respiração enevoava à minha frente. Eu olhava as rodas de fogos de artifício presas na cerca enquanto esperava. Elas giravam cada vez mais depressa, até que a luz se tornava um borrão de azul e dourado com as centelhas disparando pelo céu, como estrelas cadentes.

– Gracie Grace!

Dei um pulo, quando dois braços enlaçaram a minha cintura. Um hálito azedo esquentou meu pescoço. – Lexie.

– Esse é o Ant. Ele não é bonito? – Lexie deu uma risadinha e afagou o rosto corado do menino ao seu lado. Ele trabalhava no balcão da cooperativa e não devia ser muito mais velho que eu. Lexie passou um braço em volta dos meus ombros. A cerveja respingou do copo plástico e encharcou meu cachecol. Tentei secar com a luva.

– Essa é a Grace. Ela não é linda? Essa aqui nunca me deu nenhum problema. – Lexie cambaleou, e me equilibrei por nós. Ant sacudiu os ombros.

– Não sacuda os ombros, porra. – Lexie tentava se esticar e ficar ereta, mas balançou como uma árvore ao vento. – Ela é adorável, a Grace. E vale ouro, também.

– E eu, não valho? – Charlie empurrou um copo de sidra na minha direção. Eu me afastei de Lexie. Ela perdeu o pé de apoio e despencou no gramado gélido, agarrada ao copo.

– Não derramei uma gota. Uhuuu! – Ela ficou deitada de barriga para cima,

ergueu a cerveja e sacudiu as pernas no ar, como uma mosca moribunda.

– Mãe – gritou Charlie. – Está todo mundo olhando.

Lexie pegou a mão estendida de Charlie e se esforçou para ficar de pé. Ant murmurou alguma coisa e saiu andando.

– Isso mesmo, vai se ferrar. Não gostei mesmo de você. Você é um garoto; eu preciso de um homem. Alguém se habilita? – Lexie ergueu o copo, deu uma pirueta e despencou esparramada contra a lateral da barraca de cerveja. Os pinos que prendiam a lona na terra se soltaram, e as cordas revoaram ao vento. Charlie e eu soltamos nossos copos e agarramos os braços de Lexie, cada uma de um lado, e a colocamos de pé.

– Vou ter que levá-la para casa.

– Eu vou com você.

A aglomeração já tinha diminuído quando chegamos à margem do gramado. Siobhan, Abby e Esmée estavam a distância, e, conforme elas foram se aproximando, meu maxilar se contraiu.

– Estão indo embora? – perguntou Esmée.

– É, tenho que levar a minha mãe para casa.

– Quer uma ajuda? – disse Siobhan.

– Não, eu e a Grace damos conta.

– Claro, a Grace será mais útil; ela é bem maior que eu.

– Não seja cruel. – Esmée deu uma cotovelada na costela de Siobhan.

– Não fui. Só quis dizer que ela é mais forte, só isso. De qualquer forma, é melhor deixá-las irem.

Fomos cambaleando em frente, andando mais alguns passos com Lexie.

– Ah, Grace? – Virei a cabeça. Siobhan estava sorrindo ameaçadora. – Vou dizer que você mandou todo o seu amor para o Dan, posso?

– Vaca – murmurei.

– Ignore-a – disse Charlie, enquanto elas iam se afastando. – Estou ficando farta dela. Ela deve estar com as tetas congelando, com aquela minissaia minúscula. De qualquer forma, o Ben disse que o Dan não gosta dela.

– É mesmo? – Charlie e Ben estavam namorando firme. Eu ficava imaginando os dois saindo num programa duplo, com Siobhan e Dan, enquanto eu ficava em casa, de pijama xadrez, assistindo à reprise de *Bridget Jones* e me entupindo de batata frita.

A caminhada de quinze minutos até a casa de Charlie levou quase meia hora, com Lexie alternando trancos para a frente e cambaleadas para trás. Até

chegarmos lá, meus braços estavam ardendo de tanto fazer força para colocar a Lexie de pé.

Charlie apoiou Lexie junto à porta de entrada.

– Pegue a chave, Grace.

Ergui Brian, o gnomo. A vovó tinha levado Charlie a um centro de jardinagem para escolher um presente de aniversário para a Lexie, anos antes. Lexie não era do tipo que gostasse de plantas e flores – "essa porra de jardinagem" –, mas Charlie tinha se apaixonado pela pequena estátua capciosa. Lexie caiu na gargalhada quando o desembrulhou: "Ele é feio pra cacete, tão feio que ninguém vai querer roubar", e desde então ele passou a guardar a chave extra da porta da frente.

Charlie foi subindo a escada de costas, arrastando Lexie, enquanto eu seguia atrás, com as mãos nas costas dela, empurrando-a para a frente.

– Desculpe – Lexie murmurava no travesseiro, enquanto eu arrancava seus sapatos.

– Está tudo bem, mãe. – Charlie puxou a colcha até o queixo de Lexie.

– Minha garota está tão crescida. Queria que você não estivesse. Queria que ainda fosse pequenininha. – O rímel escorria pelas bochechas de Lexie.

– Apenas durma, mãe.

– Minha vida está uma bagunça.

Remexi no bolso e encontrei um guardanapo, junto com um pacote de pastilhas comido pela metade. Estava limpo, e eu o desdobrei e entreguei para Lexie.

Ela assoou o nariz.

– Não tive a intenção. Não sei como endireitar as coisas. Você sabe qual é a sensação, não sabe, Grace? De cometer um erro.

– De manhã vai estar tudo bem.

– Não vai. Não pode estar. Eu não deveria...

A boca de Lexie ficou aberta. Troquei um olhar preocupado com Charlie, mas o queixo de Lexie tremeu quando ela roncou.

– Graças a Deus. – Charlie apagou a luz e descemos.

– Quer voltar para o parque?

– Não. Vou ficar com a minha mãe. Quer assistir lá do quintal da frente?

Concordei com a cabeça. Abrimos latas de cerveja que estavam na geladeira, saímos e sentamos lá fora na mureta de tijolinhos, com as pernas penduradas.

Ficamos maravilhadas quando os riscos de cor radiante irromperam no céu, explodindo em milhões de partículas douradas e prateadas. Era como se alguém atirasse purpurina no ar. E ficamos ainda mais encantadas quando uma imensa variedade de cores cortou o céu, explodindo e sumindo na escuridão.

– Eu queria ser um fogo de artifício – disse Charlie.

– Por quê?

– Eu me lançaria para bem longe daqui.

– O que há? – Tomei o restinho da cerveja e esmaguei a lata.

– É a minha mãe. Não sei o que há com ela. Ela tem ficado assim há um mês.

– Bêbada?

– Praticamente vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana. – Charlie bateu os calcanhares na mureta, e fragmentos de gesso esfarelaram e caíram no chão.

– Por que você não disse?

Charlie sacudiu os ombros.

– De vergonha, acho. Ela parou de sair, fica com as cortinas fechadas. Ela se vomitou toda na segunda-feira. Tive que dar banho de mangueira nela, dentro do chuveiro. Foi nojento. Não quero ficar reclamando o tempo todo. Não que a vida seja fácil para você, não é?

– Não, mas você também tem direito de ter problemas. Por que acha que ela está fazendo isso?

– Sei lá. Ela passa por fases.

– Ela estava falando de você ter feito 18 anos. Talvez esteja preocupada que você vá embora de casa. A vovó é a mesma coisa. Acha que eu vou para universidade e me esquecerei deles. Ela tem medo de que eles nunca mais me vejam.

– Pode ser. Talvez ela quisesse ainda estar com meu pai. Seja ele quem for. – Charlie pula para o chão; seus tênis batem no concreto cinza. – Quer encontrar os garotos?

– E a sua mãe?

– Ah, deixe ela se engasgar. Não me importa – Charlie disse. Mas eu sabia que ela se importava. E, quando o som dos fogos passou e foi substituído por gritos atormentados, ela subiu como um raio para ver a mãe.



Não há nada como acordar com o aroma de bacon. Café da manhã na cama sempre parece um mimo e tanto. Eu me sento e então ouço o degrau do alto da escada ranger e a porta do quarto sendo aberta. O sono ainda se aloja nos cantos dos meus olhos, que esfrego, para afastar. Remexo nos travesseiros, colocando-os de pé, atrás de mim, e me recosto neles, com as mãos no colo, como se estivesse num hospital e ela fosse uma visitante.

– Bom dia – Anna está usando meu avental. A louça tilinta quando ela me entrega a bandeja. – Pensei em causar uma boa impressão na minha primeira manhã aqui.

– Você já fez isso. – Dou uma golada no suco de laranja. O gosto cítrico me ajuda a acordar.

– O bacon está torradinho – diz Anna –, o pão está levemente tostado e tem bastante molho condimentado. O chá está adoçado e tem leite.

– Do jeito que eu gosto.

– Eu sei. Perguntei para o Dan antes que ele saísse para o treino de futebol.

Anna senta na cama enquanto mordo o sanduíche. O sal do bacon se mistura ao agridoce do molho.

– Nossa, isto está muito bom. Obrigada.

– É o mínimo que posso fazer. Sou muito grata por você me deixar ficar. Os últimos meses já parecem um pesadelo passado.

Mastigo a comida enquanto Anna olha os livros na minha mesinha de cabeceira.

– *Mulherzinhas*. Elas são todas baixinhas?

Dou uma risada.

– Você nunca leu?

– Não. *Cinquenta tons de cinza* foi o último livro que li.

– É um pouco diferente disso. É sobre um grupo de irmãs. A mais velha, Jo March, é minha heroína. Ela é muito forte.

– Você também é, Grace. Não pode ter sido fácil perder a sua melhor amiga. – Anna folheia o livro antes de jogá-lo no topo da minha pilha interminável de leitura. Os livros envergam e caem; meu frasco de comprimidos cai no chão.

– Desculpe. – Ela pega.

– São comprimidos para dormir – explico, embora ela não tenha perguntado. – Não tenho dormido direito desde que a Charlie morreu.

– E funcionam?

– Bem demais. Se não fosse pelo Dan, metade do tempo eu perderia a hora. Mas o médico não gosta de receitá-los. Acha que, em vez deles, eu deveria tomar antidepressivo.

– O pesar não é uma doença, não é? – Anna franze o rosto. – Não é o caso de melhorar, como acontece com catapora. Faz anos que vi meus pais pela última vez e ainda quero contar para eles sempre que algo acontece de bom ou ruim. Eu me esqueço de que eles não estão aqui. Quando você disse que eu podia me mudar para cá, pensei que precisava contar ao meu pai e minha mãe como você é maravilhosa. Uma besteira, não é?

– Acho natural. É bem difícil assimilar o fato de que há pessoas que nós nunca mais veremos. Nossa mente bloqueia isso.

– Eu me lembro quando estou dormindo. – Anna, sentada na beirada da cama, abaixa a cabeça, encostando o queixo no peito. – Ainda tenho pesadelos com o acidente. O enterro. Até hoje.

Levo o restante do sanduíche à boca. Ele fica entalado na minha garganta seca, e tomo um gole de chá para engolir.

– Desculpe, mas é melhor eu me levantar. Vou sair esta manhã.

– Sair?

– Sim. Desculpe. Se eu soubesse que você ficaria em casa, não teria marcado nada, mas prometi à Lexie levá-la ao túmulo de Charlie.

– Lexie? Mãe de Charlie?

Assinto.

– Vou com você. Quero conhecê-la.

Hesito.

– Eu gostaria de conhecê-la. Afinal, ela é mãe da minha meia-irmã. Também

quero ver onde a Charlie está enterrada.

– É claro – concordo. – E vou levá-la ao cemitério, mas não hoje. A Lexie está muito fragilizada. Ela não está lidando bem com a situação. E não sabe que você existe.

– Talvez eu possa animá-la. Um elo com Charlie.

– Pode ser, mas preciso falar com ela primeiro. Prepará-la. Não posso aparecer lá com você.

Anna morde o lábio inferior. Surge um lampejo sombrio em seu rosto.

Toco seu braço e digo:

– Desculpe. Estarei de volta antes do meio-dia. Vou pegar os álbuns de fotos. Vamos fazer uma tarde de garotas.

– Está bem. – Anna pega a bandeja. – De qualquer maneira, preciso desfazer minhas malas.

Nunca relacionei cemitérios com a morte – os meus avós sempre me protegeram o máximo que puderam –, porém, de pé, na entrada do cemitério, fico meio tonta ao pensar em todos aqueles corpos. Aqui é o lugar onde Charlie, Esmée, Siobhan e eu costumávamos correr, subindo em árvores e arrumando esconderijos, e sinto vergonha por não termos sido mais respeitosas – não com os mortos, mas com os que estão em luto, reunidos junto às lápides, com expressões desnorteadas no rosto. O que será que eles pensavam das meninas que corriam aos gritinhos, entrando e saindo dos arbustos, brincando de pique-esconde?

Seguro o cotovelo de Lexie, conduzindo-a pelo caminho gelado como se ela fosse cega, e seguimos pelas pedras limosas, o olhar baixo, sem querer ver a dor de mais ninguém. Além das lápides deterioradas entalhadas com datas que já estão gastas demais para ler, há um grande retângulo repleto de cruzes e placas brilhosas: memoriais aos que partiram recentemente. Fiquei surpresa quando Lexie pediu o sepultamento aqui; não sabia que ela tinha sido criada como cristã. Mas um enterro das cinzas foi tudo o que essa igreja – já lotada – pôde oferecer.

Lexie pega meu braço com sua mão ossuda, e eu a afago. Não há o que dizer, não há palavras que facilitem isso. Gostaria de dizer a ela que a primeira visita é a pior, mas não posso: não é verdade. O vaso preto de plástico que eu trouxe da última vez que estive aqui está cheio de água estagnada e rosas vermelhas murchas, e, quando o pego, folhas marrons se espalham à minha

frente. Eu as trouxe há apenas uma semana e faço uma anotação mental de não trazer mais rosas.

– Volto num minuto. – Não sei se Lexie me ouve. Ela parece não notar quando saio. Há um latão amarelo nos fundos da capela especificamente para descartar flores velhas. A tampa não fecha direito, e deposito as rosas em cima de tudo, cautelosa com os espinhos, sem querer empurrar para baixo. Eu me curvo e lavo o vaso numa torneira externa, enchendo-o com água fresca. Quando me levanto, vejo uma silhueta no alto do caminho coberto de mato: um casaco preto com ombreiras, um capuz encobrindo o rosto.

Há centenas de casacos pretos no mundo. Provavelmente não é a pessoa que estava me olhando, do lado de fora do café, eu penso, mas estou imóvel, sem saber o que fazer. A silhueta está parada, e, embora eu não consiga ver o rosto, sinto que a pessoa está olhando diretamente para mim. Não sei se a confronto ou se corro. Noto um punhado de flores em sua mão. Ela está visitando um túmulo.

Depois de alguns segundos – que parecem minutos –, a silhueta solta as flores, vira e corre descendo o caminho em direção ao portão. Espero para me recompor antes de reencontrar Lexie.

Ela está no mesmo lugar onde a deixei, segurando firmemente um buquê de cravos cor-de-rosa. Delicadamente tiro as flores de sua mão e as ajeito no vaso estreito demais da melhor forma que posso.

– Essas flores animaram o túmulo – minto. A sepultura ainda parece inflexível e escura, como o vazio que Charlie deixou.

– Obrigada por me trazer, Grace. – A voz de Lexie sai baixa, e curvo a cabeça para ouvi-la. – Eu não mereço a sua bondade.

– Claro que merece.

– Não. Eu fui horrível. Está tudo uma confusão. – Ela pressiona os punhos fechados nos olhos, como se pudesse mudar a cena diante deles. – Não venho aqui desde o enterro. É horrível.

Balanço a cabeça. É mesmo. As palavras numa pedra sem cor me confortam. Como podem? Charlie não está aqui. Meu raciocínio sabe disso, mas, mesmo assim, eu venho toda semana, temendo que, se não vier, ela talvez pense que a esqueci.

– Você quer ir para casa?

– Não. – As lágrimas de Lexie rolam por suas bochechas claras. – Podemos tomar um drinque?

– Só um –digo a ela, mas um se transforma em dois, em três, em quatro e, até a hora que a deixo em casa, já são quase quatro e meia da tarde.

A casa cheira a conforto. Ergo a tampa da panela e sinto o cheiro da sopa.

– Usei todos os legumes da geladeira. Tudo bem?

Eu me assusto. Não tinha ouvido Anna entrando na cozinha.

– Sim. Está um cheiro ótimo. Achei que não soubesse cozinhar.

O cabelo louro de Anna está preso no alto da cabeça, e ela prende uma mecha solta atrás da orelha.

– Não é que não sei, simplesmente não cozinho. É bom ter alguém para quem cozinhar. Quero fazer valer minha estadia. Já me sinto mal em não pagar aluguel.

– Eu nem sonharia em aceitar seu dinheiro. Você é uma convidada. Além disso, é só por alguns dias.

– Como estava a Lexie?

– Nada bem. – Ligo a chaleira, tiro canecas do armário. – Lamento ter chegado tão tarde. Eu a levei ao pub depois. Deu trabalho para fazê-la ir embora.

– Isso é comum?

– Às vezes. Ela passa por fases. Charlie disse que, uma vez, Lexie ficou deitada no chão da sala durante horas... Charlie não conseguia acordá-la, mas tinha medo de deixá-la.

– Parece ter sido uma infância terrível.

– Nem sempre foi assim. Lexie tinha seus momentos, mas parecia legal quando a conheci, até fazermos 18 anos. Eu me surpreenderia se Lexie conseguisse se lembrar de alguma coisa daquele ano.

– Alguma ideia do motivo?

– Não. – Reluto para manter minha respiração comedida. Não quero falar daquele ano, ainda não gosto de pensar a respeito, e não só por causa da Lexie. – Mas ela ficou sóbria e se manteve assim desde então. Bem, quase sóbria, até que Charlie...

– E não tem parentes para ajudar? Tias? Tios?

– Não. Lexie se mudou para cá quando a Charlie era pequena. Ela não tem nenhum familiar.

– Mas ela tem você.

– Sim. E meus avós a ajudam. Você tem que conhecê-los. Eles adoravam a

Charlie.

– Parece que todos a adoravam. Está com fome? – Anna serve a sopa numa tigela. Espirra em minha camisa, e limpo com o pano de prato, torcendo para não manchar.

Tomamos a sopa na mesa, a superfície do caldo brilhando sob a luz elétrica.

– Você tirou pó dos móveis?

– Sim. Eu queria ser útil. Não demorei muito para desfazer as minhas malas. Vou lhe mostrar o que fiz na horta depois que terminarmos. Não poli o piano... ele parece bem antigo. Não quis danificá-lo.

– Era do meu pai. Ele me ensinou a tocar.

– Você toca bem? Eu queria tanto ter talento para a música.

– Tocava. Não toco há anos, mas não consigo me desfazer dele. – Sempre que olho a baqueta de couro gasto quase sinto meu pai, meu corpinho recostado ao seu porte volumoso. Sinto o perfume de sua colônia pós-barba. Sinto seus dedos nos meus conforme ele me guiava às teclas certas. Se eu tocasse "Brilha, brilha, estrelinha", ou, mais tarde, "Ode à alegria", ele sempre aplaudia com o mesmo entusiasmo.

Depois de lavarmos a louça, e devidamente agasalhadas, Anna e eu passamos pelas portas francesas direto para o crepúsculo. Mittens está sentada dentro de casa observando-nos, com sua respiração embaçando o vidro. Seguimos pelos degraus de pedra em direção à estufa. Paro. Resfolego. Giro lentamente, cobrindo a boca com a mão.

– Meus canteiros!

– Estavam uma bagunça, não estavam? Limpei tudo para você. – Anna gesticula para os arbustos e plantas perenes que ela ceifou junto ao solo, com as raízes expostas, as folhas se curvando.

– Anna, o que fez?

Caio de joelhos, erguendo as plantas delicadamente, como faria com uma criança ferida.

– Estavam todas mortas, não estavam? – Anna se ajoelha ao meu lado. – Grace?

– Não estavam mortas. Você arrancou quase tudo. Levei anos para cultivá-las. – Contenho as lágrimas, dizendo a mim mesma que são apenas plantas, mas, mesmo assim, somo essa perda a tantas outras.

– Mas não há flores nem cores nelas. Parecem capim.

– É inverno; elas ficam com essa aparência.

– Lamento muito. Nunca tive um jardim. Podemos replantá-las?

– Podemos tentar, mas acho que o choque pode matá-las, isso se já não estiverem mortas.

Anna levanta, batendo a terra dos joelhos. – Vou pegar as ferramentas.

O solo está rijo, já com uma camada de gelo em formação. Anna mira uma lanterna na terra sólida, enquanto finco o garfo, pressionando com o pé, depois com os dois, para tentar afundar. Sinto uma dor latejante na minha lombar e estou suando, apesar do frio. Quase choro de alívio quando ouço Dan me chamar e vejo sua silhueta vindo em nossa direção. Entrego o garfo, ele solta a terra, e consigo fazer buracos com as mãos. Não demora muito para que as plantas estejam de volta em seus nichos no solo, desfalecidas e murchas.

Anna pede desculpas sem parar, e só depois que estamos sentadas, de pernas cruzadas, no chão da sala, na frente da lareira acesa, com taças de conhaque na mão, digo a ela para não se preocupar, e falo isso para valer.

– Você estava tentando ajudar. Um dia, vamos achar isso engraçado.

Conto a ela sobre a vez que Charlie tentou me fazer um bolo. Ela mediu cuidadosamente cada ingrediente, colocou tudo no liquidificador e ligou sem a tampa. A mistura de chocolate voou para todos os lados. O vovô teve que pintar o teto, e as cortinas da vovó ainda têm manchas marrons.

Anna e eu rimos, mas Dan está distante, segurando sua taça com uma expressão no rosto que não consigo identificar. Um arrepio me percorre, e não sei o motivo.



Meus olhos se abriram num estalo. O dia que achei que nunca viesse finalmente havia chegado. *Eu tenho 18 anos!* Dei um pulo da cama e desci a escada pulando como o Tigrão da turma do Ursinho Pooh.

– Bom dia.

– Feliz aniversário, Gracie. – A vovó e o vovô estavam na cozinha esperando para me darem beijos com cheirinho de café. A mesa estava coberta de envelopes multicoloridos, e, enquanto a vovó fazia café, eu ia lendo as mensagens de cada cartão e passava ao vovô. Ele os colocava entre as peças de louça sobre a cômoda.

– Manda para dentro. – A vovó pôs um prato na minha frente com bacon, linguiças, ovos, cogumelos, tomates e feijões.

– Obrigada. – Peguei os talheres, pensando por onde deveria começar. Quando garfei o último cogumelo, meu maxilar doía de tanto mastigar.

– Com porções como essa, não é para menos que minhas roupas estejam explodindo – eu disse, recostando na cadeira. – Ainda bem que vou comprar um vestido novo para essa noite.

– As mulheres de hoje são magras demais – disse a vovó. – Você tem a aparência que uma mulher deve ter.

– Nos anos 1950, talvez.

– Homens gostam de curvas.

Será? Minha vida amorosa era desanimadora. Eu era tão a fim do Dan que nem pensava em sair com mais ninguém. Às vezes, eu ficava pensando se ele ainda gostava de Charlie, mas ela disse que ele só a convidara para sair aquela única vez. Ele não parecia interessado em Siobhan, graças a Deus.

Embora ela praticamente se atirasse nele: debruçando-se toda vez que ela falava só para que ele olhasse seu decote; tocando o braço dele e rindo de tudo o que ele dizia, mesmo quando não tinha a intenção de ser engraçado. Charlie tinha passado a chamá-la de gêmea malvada de Jessica Rabbit.

Charlie irrompeu pela porta dos fundos.

– Não vai me dizer que eu perdi o café da manhã? – Ela estava ofegante, com o rosto vermelho, e carregava uma caixa grande de presente embrulhada em papel estampado de bolinhas.

– Guardei um pouco de bacon para você, querida – disse a vovó. – Você precisa de uma carninha nesses ossos. Se virar de perfil, temos que nos esforçar para vê-la. – Charlie parecia mesmo ficar mais alta e magra a cada dia.

A vovó passou manteiga num pão branco e pôs bacon e ketchup, do jeito que a Charlie gostava.

– Sente-se. Vamos abrir os presentes.

Charlie pôs a caixa em cima da mesa e a empurrou para mim. Ela pegou seu sanduíche, deu uma mordida e lambeu os dedos.

Eu cuidadosamente tirei as fitas e desgrudei a fita adesiva do papel, tentando não rasgá-lo. Eu pretendia colar o papel e a fita de cada presente no meu scrapbook e escrever detalhes de cada um deles, especificando quem me deu embaixo. Para mim, era importante preservar minhas lembranças. Meu pai tinha muita coisa. Eu nunca soube de onde veio, o que representava para ele, e nunca pareceu importante perguntar quando ele estava aqui. Depois, me doía pensar que eu sabia tão pouco sobre o homem que achei conhecer tão bem.

– Nesse ritmo, você vai fazer 19 anos antes de conseguir abrir.

Dentro da caixa havia uma enorme variedade de discos de vinil: Billie Holiday, Etta James, Bessie Smith. A música com a qual eu havia crescido e que Charlie não entendia muito bem. Balancei a cabeça para soltar o nó em minha garganta e me levantei para abraçá-la. Ela me apertou com os antebraços, evitando encostar as mãos engorduradas em mim.

– Onde encontrou tudo isso?

– Sebos, eBay, Amazon. Venho economizando o que ganho como babá e comprando os discos ao longo do último ano.

O vovô levou os discos para a sala de jantar e, quando ouvi os primeiros acordes de Etta James, ele voltou e estendeu a mão.

– Ginger? – ele me puxou para ficar de pé, e dei uma risadinha enquanto ele

dançava comigo como Fred Astaire, ao redor da cozinha, me girando vestido com seu pijama listrado.

– Isto é meu e do vovô – disse a vovó quando nos sentamos, ofegantes, na cadeira. Ela empurrou uma caixa embrulhada em papel prateado em minha direção.

Eu a girei nas mãos, procurando o melhor lugar para abrir.

– Lá vamos nós de novo – disse Charlie. – As lojas fecham às cinco e meia da tarde, você sabe, né?

– Muito engraçado. – Tirei o presente do papel. Brincos solitários de diamantes.

– Eles foram da minha mãe – disse a vovó. – Mandei limpá-los para você.

Inclinei a caixa perto da janela, e os brincos da minha bisavó cintilaram sob a luz. Era difícil equiparar algo tão lindo com a mulher frágil e idosa, com perfume de pera, de quem me lembro de visitar quando pequena.

– Os brincos foram um presente de seu bisavô para ela no dia do casamento.

– São muito lindos, obrigada.

– E compre algo bem bonito, quando for à cidade, para vestir essa noite. – O vovô me deu várias notas.

Logo fico tomada pela emoção.

– Eu amo todos vocês. – Minha voz falhou.

– Nós também a amamos. – A vovó me deu um abraço e depois começou a me enxotar da cozinha. – Agora vá mudar de roupa, a menos que pretenda fazer compras de pijama.

Peguei o papel de embrulho antes que o vovô separasse para reciclagem e subi correndo para me trocar.

O sofá era pesado. Charlie empurrava e eu puxava. Juntas, nós o encaixamos no canto da sala e movemos a mesa de centro para junto da parede. O aparador tinha sido esvaziado, e estendi um lençol em cima para cobri-lo, preparando para montar o bufê.

– Tem certeza de que sua mãe não se importa que eu dê uma festa aqui?

– Tenho. Ela está torcendo por isso. Fiz com que ela me prometesse não me envergonhar.

Eu abria os pacotinhos de salgadinhos e jogava nas tigelinhas enquanto Charlie fazia um ponche numa imensa tigela de vidro que eu trouxera da casa

da vovó. O líquido ficava alaranjado enquanto Charlie entornava suco de fruta na mistura e mexia.

– Experimente isto. – Ela levou uma colher aos meus lábios, e eu sorri.

– Deus, que forte. O que tem aí? – Meus olhos lacrimejaram.

– Tudo. – Charlie sorriu e abriu a tampa de uma garrafa de gim pela metade que tinha encontrado no fundo do armário.

– Ainda bem que meus avós não vêm – eu disse.

Eu os convidara, mas eles disseram que deixariam que nós, jovens, fizéssemos a festa.

Lá pelas nove horas da noite, minha cabeça estava meio enevoada, meus passos já estavam meio hesitantes. Metade do sexto ano estava espremida no chalé de Charlie, e as paredes vibravam com a batida da música. As luzes de discoteca piscavam em vermelho, verde e azul, e eu tinha uma sensação de desapego, olhando corpos balançando na pista improvisada, ao som da trilha que Charlie tinha elaborado. Dan remexia os pés ao som de "Sex on Fire", abanando uma lata de cerveja no ar, enquanto Siobhan erguia as mãos ao alto e sacudia a cabeça de um lado para o outro. O peito dela balançava. Ela estava sem sutiã por baixo da blusa de alcinha. *Piranha*. Peguei um petisco de linguiça e mordi na metade, desejando poder espetar Siobhan com o palito. Era meu aniversário. Dan deveria estar comigo.

Ao meu lado, Lexie se servia de ponche num copão de meio litro.

– Você deveria ir pegá-lo, garota – ela disse, com a voz arrastada, assentindo para Dan. – Só se é jovem uma vez. Só não faça o que eu fiz, Grace. Não vá ferrar tudo.

– O que você fez?

Nesse momento os primeiros acordes de "Mamma Mia" ecoaram, e Charlie me puxou pelo braço.

– Vamos dançar.

Entornei o que restava da bebida e fui abrindo caminho até o meio da sala. Esmée pegou minha mão esquerda e Charlie a direita. Perdi Siobhan de vista e nós girávamos, girávamos, voávamos e caíamos. Aterrissamos num bolo no chão, braços e pernas embolados, rindo, mas eu me senti enjoada.

A fila para o banheiro descia pela escada, e fui entrando no quarto escuro de Lexie. Tinha uma montanha de casacos na cama, e me sentei de pernas

cruzadas no chão, pressionando as mãos nas tábuas corridas, desejando que o quarto parasse quieto.

A porta foi aberta, deixando entrar a luz do corredor. Charlie veio cambaleando em minha direção.

– Você está bem?

– Sim. Acho que tomei ponche demais. – Esfreguei os olhos. – Meu estado está muito ruim?

Charlie acendeu o abajur ao lado da cama.

– Um pouquinho. – Ela remexeu na gaveta de Lexie e tirou alguns itens de maquiagem.

– Você sente falta do seu pai, Charlie? – O álcool tinha me deixado emotiva. – Porque eu sinto falta do meu.

– O seu rosto, eu posso consertar – disse ela. – Já o seu pai...

– Eu sei. – Suspirei. – Geralmente fico legal, mas em dias como hoje... Como você lida com isso?

Charlie sacudiu os ombros. – Não posso sentir falta do que eu nunca tive.

– Mas e se você o encontrasse? Você poderia ter uma família inteira nova.

– Isso seria uma coisa boa. Minha mãe está injuriada de novo.

– Eu notei.

– Contraia as bochechas. – Charlie passou o pincel no pó bronzeador.

– Nós poderíamos encontrá-lo.

– Como?

– Eu não sei, mas agora temos 18 anos. Você pode conseguir uma cópia da sua certidão de nascimento, se a sua mãe não lhe der. Há organizações que podem ajudar a localizá-lo. Google.

– Sei lá. Deveríamos nos concentrar em nossas provas. É nosso último ano. Com a minha mãe, o Ben, e tudo mais...

– Eu cuido disso. Até parece que tenho uma vida amorosa com a qual me ocupar. – Senti a empolgação brotando dentro de mim. Isso era algo que eu poderia mudar. Algo que eu poderia fazer direito. – Posso me concentrar nisso.

Alguém gemeu na cama debaixo dos casacos. Charlie os afastou.

– É minha mãe. Fora de órbita de novo. Vamos descer.

A galera tinha diminuído. Charlie desapareceu na sala, segui pelo corredor, pisando em algo crocante – alguém tinha deixado uma trilha de pretzels espalhados pelo chão –, e me servi de um copo de água.

Dei um pulo quando Dan apareceu atrás de mim, refletido na janela da cozinha.

– Olhe. – Ele passou o braço em volta da minha cintura e apontou o céu noturno. – É Órion.

Estreitei os olhos para a massa de estrelas. Todas pareciam iguais. – Onde?

– Está vendo aquela ali, mais brilhante que as outras, bem ali?

– Sim.

– Aquela é Órion.

– É?

– Não tenho certeza. Ganhei um telescópio no meu aniversário, mas ainda não tive chance de usar. Mas você ficou impressionada, não? Fala a verdade.

Eu dei um cutucão nas costelas dele, mas ele continuou com o braço à minha volta. Eu recostei nele, procurando alguma coisa interessante para dizer, desejando não ter bebido tanto. Eu não tinha certeza se era o álcool ou a expectativa que estava fazendo minha cabeça girar.

– Como está o trabalho? Faz séculos que não vejo você. – *Trabalho?* Eu tive vontade de dar um chute em mim mesma. Não era para menos que Siobhan ganhava todos os garotos. Como se aprende a paquerar?

– Está legal. Mostro casas a pessoas que não têm a menor intenção de comprar, na maioria das vezes. Sinto falta da escola e das risadas que a gente dava. Sinto sua falta.

Fiquei observando o reflexo dele na janela. Eu não conseguia identificar sua expressão.

– Nós sentimos sua falta.

– Quero dizer, eu *realmente* sinto sua falta.

Meu corpo parecia levitar, como se eu fosse sair voando, se ele não estivesse me segurando.

– Da Charlie também? – Minha voz saiu esganiçada.

– Não do mesmo jeito. Olhe, Grace, não consigo parar de pensar em você. Você sempre esteve ali, de canto, e não dei valor. Agora que não está, sinto falta das conversas que a gente tinha. Charlie foi uma paquera, foi divertido. Mas o que sinto por você é diferente. Real. Natural. Quero ficar com você. Você quer ficar comigo?

Ele me virou e fixou os olhos bondosos nos meus. Nervosa, eu tentava responder.

– Sim – sussurrei.

Dan afastou o cabelo do meu rosto e passou o dedo na minha bochecha.

– Feliz aniversário, Grace. – Seus lábios tocaram levemente os meus.

– Não!

Demos um tranco, afastando-nos. Siobhan estava atrás da gente, com as mãos na cintura.

– Siobhan – comecei a falar. – Eu...

– Você não é minha amiga porra nenhuma, Grace Matthews. – Ela virou e correu pelo corredor, na direção da porta da frente. – Você vai se arrepender disso – ela gritou, por cima do ombro.

Uma pontada de culpa me percorreu. Eu sabia que ela realmente gostava dele. – É melhor eu ir atrás dela.

Quando cheguei lá fora, o portão estava escancarado, balançando. Siobhan já tinha sumido. Pousei a mão no muro de pedra para me equilibrar e deixei que o ar gélido enchesse os meus pulmões. Nuvens moviam-se, encobrindo e mostrando a lua, e a náusea me revolvia por dentro, como um furacão. O solo estava rijo e úmido quando ajoelhei e vomitei o ponche de Charlie nas hortênsias.

Ouvi saltos tilintando na calçada, vindo em minha direção, e pensei que a Siobhan tivesse voltado para tripudiar.

Alguém segurou meu cabelo enquanto eu vomitava novamente, dedos frios tocando minha sobrancelha.

– A vovó disse que eu a encontraria aqui, Grace.

Olhei para cima e respirei fundo. Não era Siobhan. Era minha mãe.



– Onde esteve ontem à noite? – A mesa de café da manhã está repleta de conservas e acusações. Dan destampa o pote de geleia de laranja e mergulha a faca suja de manteiga nele. Tento não demonstrar irritação quando vejo isso. Com uma colher de chá limpa me sirvo de geleia de morango e ponho no canto do prato.

– Fui tomar um drinque rápido com os caras.

– Até meia-noite? – Não quero discutir antes do trabalho, mas minha cabeça está latejando e meus olhos ardendo de cansaço. Fiquei acordada na cama, com os músculos tensos, os olhos abertos, até ouvir o barulho da chave de Dan entrando na fechadura da porta da frente, seu andar hesitante subindo a escada. Ele tirou roupa com uma lentidão exagerada e, quando caiu na cama, virei para o lado, desviando do bafo de álcool, querendo evitar uma briga tarde da noite. Pensei em Anna, dormindo no quarto ao lado.

– Eu estava preocupada, só isso. Seria bom se você deixasse um bilhete.

– Achei que você nem fosse notar.

– O que quer dizer com isso?

– Você geralmente está com a Anna, debruçada em álbuns de fotografias. Se ela passasse tanto tempo procurando um emprego quanto fica interrogando você sobre Charlie, a essa altura já teria ido embora.

– Você quer que eu a ponha para fora?

– Deveriam ser apenas alguns dias. Já faz três semanas. Estamos quase em março.

– Eu sei. – Sirvo chá. Ficou em infusão por tempo demais, está escuro e desagradável.

– Só achei que íamos nos concentrar em nós.

– Vou falar com ela.

– Não. – Dan dá um gole no chá, retorce o rosto. – Eu falo. Você já passou por estresse suficiente.

– Bom dia.

Nós dois tomamos um susto. Anna geralmente fica dormindo até depois que nós tenhamos saído para o trabalho. Fico imaginando quanto ela teria ouvido. Abaixo a cabeça, deixando o cabelo cair em meu rosto corado, estudando a mesa como se fosse a coisa mais interessante que já vi.

Dan empurra a cadeira para trás, fecha o botão da camisa e ajusta o nó da gravata.

– Até mais.

– Grace, posso pegar seu laptop emprestado? – pergunta Anna. – Quero mandar alguns currículos e olhar uns apartamentos para alugar. Não quero abusar da sua hospitalidade.

– Pode pegar, e você é bem-vinda para ficar o tempo que quiser. – Mentalmente me desculpo com Dan enquanto varro os farelos de torrada e a culpa para a minha mão em concha.

Estou numa reunião no trabalho, mas tenho dificuldade de me concentrar, com a mente agitada. Não quero que a Anna se mude, mas o Dan e eu precisamos passar um tempo legal juntos. Fico imaginando se devemos programar um fim de semana fora. Ainda não ressuscitamos a nossa vida sexual. Fico achando que Anna vai ouvir a cabeceira da cama rangendo ou as molas barulhentas do colchão.

Os músculos das minhas costas estão rijos quando volto para casa dirigindo. A chuva cai com força no para-brisa e os limpadores trabalham em velocidade redobrada, mas é difícil enxergar. Vou dirigindo com cuidado. As poças nas laterais da estrada e imensas gotas de chuva batem e quicam no capô. Ergo a mão diante da saída do aquecedor. O ar ainda não esquentou e estou congelando. Mal posso esperar para entrar num banho quente e esfregar a tinta guache das minhas unhas, lavar a purpurina do meu cabelo. Opto por comida chinesa; podemos nos aconchegar no sofá com o laptop e dar uma olhada em hotéis-fazendas. Anna talvez fique contente em ter alguns dias só para ela; ela pode cuidar da Mittens.

Faróis altos interrompem meus pensamentos, e estreito os olhos para ver

através do para-brisa. Mal consigo enxergar a estrada. Pisco os faróis para o motorista no sentido contrário. *Reduza os faróis, idiota*. No retrovisor, vejo um carro freando bruscamente. Ele gira e faz uma conversão em U. Abaixo o volume do rádio e me concentro na estrada à frente. Um carro acelera. Faróis piscam. O carro chegou até mim. Está tão perto que quase toca o para-choque.

As palmas das minhas mãos estão suando. Tiro as mãos do volante, uma de cada vez, e as enxugo no jeans. Piso no acelerador. Vou seguindo pelas ruas sinuosas que conheço tão bem, mas o carro continua na minha traseira. O motorista buzina. Pisca os faróis. E estou com medo. Com muito medo. Não gosto de dirigir depressa. Nem gosto de dirigir no escuro, principalmente com esse tempo ruim. Já estou passando de oitenta por hora. Depressa demais para essas ruas molhadas com curvas fechadas e buracos, mas não consigo desacelerar. Os carros cantam pneus nas curvas e derrapam. Penso num filme que vi uma vez com um serial killer perseguindo o motorista e debruço à frente, como se pudesse fazer o carro ir mais depressa. Ao chegar à rua principal, atolo o pé no freio, viro à direita e paro. Meu carro sai de lado, e os pneus perdem tração. O outro carro não vira, mas para no cruzamento, ainda com o motor ligado. A luz alaranjada do posto ilumina seu capô. É vermelho, e sei, com certeza, que é a pessoa que anda me seguindo.

Minha mão esquerda segura o volante. A direita está pousada na maçaneta. *Vamos, vamos, vamos*. Eu poderia descer do carro. Perguntar que diabos estão fazendo. Meus dedos tremulam, minhas costas doem. Passa um segundo. A luz interna do carro vermelho pisca quando a porta abre uma fresta. Uma figura obscura se mexe, mas a chuva está caindo a cântaros, e não consigo enxergar direito. Sei que devo ir para casa, mas estou paralisada. A serpente e o encantador.

Uma buzina. Um ônibus para atrás do carro, o motorista do ônibus buzina impacientemente. A porta do carro se fecha. A luz interna apaga, e o carro sai; sinto como se tivesse escapado de algo – mas não sei do quê. Então, forço as minhas pernas trêmulas a se mexerem, pressiono o pé nos pedais e acelero para casa.

– Dan!

Sou recebida pelo cheiro de rosbife quando abro a porta da frente. Na sala, há velas acesas e a mesa está posta para dois. Há um imenso vaso de minirrosas cor-de-rosa na mesa de centro.

– Você está atrasada. – Anna vem depressa em minha direção, limpando as mãos no meu avental.

– Tive uma reunião de equipe. Onde está o Dan? – Estou ofegante.

– Ele saiu. Somos só você e eu.

– Ele disse aonde ia?

– Não. Só "Não me esperem acordadas". Você está bem? Está pálida.

Abro a boca para contar o que aconteceu, mas acho que soa ridículo. *Tinha outro carro na estrada e fiquei com medo. Acho que estou sendo seguida*. Uma mente excessivamente imaginativa, a vovó diria.

– Preciso de uma bebida. – Tem uma garrafa de Shiraz na mesa. Não é meu predileto, mas serve. Tiro a tampa, despejo um pouco numa taça grande e tomo num gole só. O álcool queima minha garganta e minha cabeça absorve.

– Grace, você está bem?

– Estou. – Completo a taça de vinho. – Olhe pela janela, Anna.

– O que estou procurando? – Ela vai até a janela e abre as cortinas.

– Um carro.

Ela olha para a direita e para a esquerda.

– Só vejo o seu carro. – Ela recua e as cortinas caem de suas mãos, voltando a se unir, como ímãs. Ainda há um filete de luz passando, e me encosto na parede, com medo de que alguém possa estar olhando para dentro.

– O que está havendo, Grace?

– Deixa pra lá. Vou trocar de roupa. – Paro perto da porta de entrada, a caminho da escada, para me certificar de que está trancada, mas depois de subir três degraus volto, viro a maçaneta e ponho a corrente. *Você está segura, você está segura, você está segura*.

Não tem ligações perdidas nem mensagens de texto de Dan no meu telefone – nossa comunicação já era. Engulo um pedacinho de comprimido, tiro meu uniforme, ponho no cesto de roupa suja e entro no chuveiro. Lavo o suor frio e o pavor que me cobriram durante a jornada para casa. Antes mesmo de me vestir, já estou aconchegada e tranquila graças ao remédio, e o pavor já passou.

Aceito o vinho que Anna oferece. Estou me sentindo meio altinha, mas é sexta-feira. Todos tomam um drinque na sexta-feira, não é?

– Teve um dia bom? – pergunto.

– Foi produtivo. Eu me candidatei a vários empregos. Também soube de vários apartamentos legais disponíveis. Mas vou precisar de um depósito

robusto, e o primeiro mês de aluguel é adiantado.

– Talvez eu possa lhe emprestar o dinheiro.

– Não seja boba. Estou acostumada a me virar. Agora, tenho uma surpresa para você. Um pequeno agradecimento pelo que tem feito por mim. – Anna me passa um envelope.

– O que é?

– Abra.

Passo o dedo por baixo da cola e abro. Dentro tem um vale-presente para um dia no spa.

– É para amanhã. Espero que não tenha compromisso. Dan disse que estará no futebol.

– Não tenho planos. Isso deve ter custado uma fortuna!

– Na verdade, não. Encontrei um cupom num site de descontos. Praticamente de graça.

– Obrigada. – Estou realmente contente. Leio em voz alta a lista de tratamentos oferecidos enquanto Anna serve a minha comida. – Massagem de creme de chocolate, máscara facial de laranja... – Fico com água na boca. – Isso tudo parece tão apetitoso.

– Em vez disso, experimente isto aqui. – O rosbife está rosado, e as batatas, crocantes. Quando termino, acredito que não consiga comer sobremesa, mas me deparo com um tiramisu coberto de creme e polvilhado com chocolate. O sabor está tão bom quanto a aparência.

– O Dan não sabe o que está perdendo. – Meu jeans está apertando; recosto na cadeira e abro o primeiro botão.

– Não. Ele é um imbecil. – Há amargura na voz de Anna, algo que eu não tinha percebido ainda. – Grace, não sei como dizer isso, mas vou simplesmente falar. – Eu me endireito na cadeira. – Ouvi o Dan ao telefone, antes de sair, combinando para se encontrar com alguém.

Fico gelada, mas depois me recomponho. *Não tire conclusões precipitadas, Grace*. Olho fixamente para Anna.

– Provavelmente era o Harry.

– Ele chama o Harry de "gata"?

A sala subitamente parece mais fria, e fecho melhor meu casaco de lã.

– Você tem *certeza* de que foi isso que ouviu?

– Acho que sim. Eu não ia lhe contar, mas, pensei comigo, o que a Charlie faria?

O tiramisu dança na minha barriga, e me sinto enjoada. Por que sempre como demais?

– Talvez eu tenha entendido mal. A TV estava ligada. Desculpe, eu não deveria ter dito nada. – Anna levanta e começa a empilhar os pratos, juntando os talheres. Fecho os olhos com força e, quando os abro, ela já foi para a cozinha. A vela tremula e chia, lutando para se manter acesa em sua piscininha de cera. Sombras escuras passam pelas paredes, os estranhos dos meus pesadelos, os monstros de debaixo da cama. Sinto arrepios na espinha, sopro a vela e acendo a luz.

Anna está lavando uma tigela. A espuma vai se multiplicando como o meu pensamento.

Abro a tampa do cesto de lixo e começo a raspar o prato. Os restos de comida caem sobre um papel. Reconhecendo a letra de Dan, eu o pego e afasto uma casca de batata que está grudada nele.

"Vou tomar uma cerveja com o Harry. Te vejo mais tarde. Um beijo."

– Anna, você jogou isto no lixo?

Ela lê.

– Não.

– Por que o Dan escreveria um bilhete e jogaria fora?

– Será que ele não ficou com receio de que você ligasse para o Harry e o flagrasse? Ou talvez tenha voado aí para dentro. A porta dos fundos estava aberta enquanto eu cozinhava, e a tampa do cesto, levantada para eu jogar as cascas. Fechei a porta quando achei ter visto a silhueta de uma pessoa no jardim.

– Tinha alguém no jardim e você só está me dizendo isso agora? – Eu me irrito e jogo os talheres na vasilha. A água espumante espirra nos azulejos. Vou até a porta dos fundos e viro a maçaneta, para ver se está trancada, e olho pelo vidro, para o jardim.

– Pode ter sido só impressão minha. Estava muito escuro.

– Mesmo assim. Você certamente saberia se tivesse visto alguém, não?

– Ou alguma coisa. Não estou acostumada à área rural. Fico facilmente assustada. Poderia ser um texugo passando por debaixo da cerca.

Desço a persiana da porta e fecho as cortinas da cozinha. Terminamos de limpar tudo em silêncio, depois subimos. Leio meu livro e chego à parte em que o senhor Rochester faz Jane Eyre chorar, então ouço batidas na porta da frente. Fecho o livro com força e sinto seu peso, para ver se posso usá-lo

como uma arma. *Voltou*. A pessoa que Anna viu no jardim mais cedo. Eu deveria ter ligado para polícia.

Uma batida forte. Outra na janela. Uma voz.

– Grace?

É o Dan. Lembro que passei a corrente e desço correndo.

– Por que a porta está com a corrente?

– Onde você estava? – Cruzo os braços.

– Saí com o Harry. Deixei um bilhete. Você não viu?

– E você chama o Harry de "gata", é?

– Claro que não. Do que você está falando? – Dan tira os tênis. – Você está bem? Seus olhos estão vermelhos.

– Estou cansada. – Nada faz sentido. – Anna ouviu você ao telefone chamando alguém de "gata".

– Foi mesmo? – Dan chuta os tênis e eles batem na porta. Pedaços de lama seca caem no tapete.

– E imagino que você espere que eu vá engolir isso?

– Não *espero* que você faça nada, só que acredite em mim, não numa piranha maluca que você conhece há *cinco minutos*.

– Abaixe o tom de voz.

– Por quê? Caso a adorada Anna ouça e inverta tudo? Eu posso gritar, se quiser. Essa porcaria dessa casa é minha.

– Essa porcaria dessa casa é nossa. Então, onde você estava?

– No bar, com o Harry. Pergunte à Chloe, se não acredita em mim. Ela estava lá. Ainda existem namoradas por aí que gostam de ficar com seus namorados.

– Bem, talvez os namorados delas não andem por aí chamando outra garota de "gata". – Subo marchando e deito rija na cama, ouvindo os sons abafados da TV que sobem lá de baixo, enquanto Dan assiste a um filme, com pneus cantando e tiros. Parece passar um século até o sono chegar. Meus sonhos são repletos de bilhetes rasgados, Corsas vermelhos e uma silhueta de casaco preto com ombreira se escondendo nos arbustos.



Tudo é totalmente branco: o robe felpudo, as pantufas, o chão e os ladrilhos das paredes. Se eu não estivesse tão aquecida, acharia que estava no Ártico. Guardo meus pertences dentro de um armário e jogo a chave numa bolsa de lona que já está estufada, com minha toalha e um livro, *Jane Eyre*. A porta da cabine de Anna abre uma fresta. Ela sai, envolta no robe. Aperto bem o cinto do meu.

– Pronta?

– Pronta.

– Sauna, primeiro?

– Nunca estive numa sauna.

– Nunca? Então faremos isso primeiro. É melhor você deixar seu colar aqui. O metal vai esquentar e queimar sua pele.

Passo o dedo nos corações dourados.

– Nunca tiro.

– Notei; foi o Dan que comprou?

– Não. Charlie.

– Ficará seguro no armário. De qualquer jeito, não vai querer estar com ele na massagem.

Tiro cuidadosamente o colar, prendo o fecho e o coloco no bolso da minha jaqueta.

– Vamos.

Penduramos as bolsas e os robes nos ganchos do lado de fora da sauna. Anna puxa a porta de vidro, e fico sem ar com a rajada de ar quente que escapa do

ambiente. Sigo atrás dela através da penumbra e a imito quando ela estende a toalha num banco de madeira e tira as pantufas.

– Você está bem? – pergunta ela.

– Não esperava que fosse tão quente aqui dentro.

– Você vai se acostumar bem depressa. Estava pensando, Grace, se poderíamos ver a Lexie amanhã?

– Desculpe, Anna. Ainda não falei com ela sobre você. Vou falar, prometo, mas ainda não tive chance.

– Não poderíamos fazer uma surpresa?

– Acho que não é uma boa ideia. Ela está muito frágil.

– Mas eu não poderia animá-la?

– Talvez. Vou falar com ela. Que tal almoçar nos meus avós amanhã? Eles estão loucos para conhecer você e têm muitas histórias sobre a Charlie.

– Está bem. – Anna recosta e fecha os olhos, e faço o mesmo. O suor escorre pelo meu corpo e, quando a Anna sugere nadarmos, alguns minutos depois, pontinhos pretos dançam diante dos meus olhos ao me levantar. Seguro no banco, para me equilibrar, antes de caminhar. É um alívio tomar um banho e mergulhar na piscina fria. Nado até ficar ofegante, depois dou uma cambalhota e fico boiando. Anna sai da piscina antes de mim. Suas coxas são cobertas de cicatrizes que eu não tinha visto antes. Fico imaginando o que teria acontecido com ela após a morte dos pais. Ela é bem reservada, às vezes.

Ando até o outro lado da piscina, cautelosa com os ladrilhos escorregadios. Muitos clientes trouxeram chinelos de dedo, e decido que, se voltar algum dia, farei o mesmo. Está tão quente que nem me dou ao trabalho de me secar, mas esfrego a toalha no cabelo, sentada na beirada da espreguiçadeira de Anna.

– Posso lhe fazer uma pergunta pessoal, Anna?

– Pode perguntar. Talvez eu não responda.

– Para onde você foi? Depois que seus pais...

– Fiquei em lares adotivos por um tempo. Mas não deu certo.

– Por quê?

– Acho que é difícil amar algumas crianças. Eu era muito zangada. Queria minha mãe. Está com fome? – Anna levanta e dobra a toalha em quatro, e fico magoada por ela não confiar em mim.

O almoço é um bufê. Eu me sinto virtuosa depois de nadar e encho meu prato de vegetais coloridos e salada de arroz. Mas não consigo resistir à mesa de sobremesas e como dois pedaços de cheesecake, dizendo a mim mesma que

depois posso nadar para queimar as calorias. Porém, ao terminarmos o café e o chocolate com menta, estou cheia demais para fazer exercício, então, em vez disso, vamos para a banheira de hidromassagem. A água bate em meu queixo.

– Por quantos lares adotivos você passou? – Não posso evitar de perguntar.

– Não foram tantos quanto as calorias que você acabou de ingerir. Olhe o corpo dele. – Anna aponta para um cara abrindo uma toalha numa espreguiçadeira.

– O bíceps dele é imenso.

– Essa não é a única coisa imensa, a julgar pela sunga.

Desvio os olhos.

– Não faz o meu tipo.

– Eu não tenho um tipo. Quero alguém que me faça rir.

– O Dan é engraçado. – Percebo a expressão dela: parece ligeiramente debochada. – Não, de verdade, ele é; bem, ele era... – Persisto, sem ter certeza do motivo para me sentir tão na defensiva.

– O que quer dizer com "ele *era*"? O que aconteceu?

– Eu não aguentei o baque quando a Charlie morreu. Foi um choque imenso. Comecei a imaginar se eu estava amaldiçoada. Não conseguia dormir, não conseguia comer. Estourava com o Dan constantemente, detestando-o por não saber como fazer com que eu me sentisse melhor. Ele começou a sair para beber toda noite, só para me evitar. Ele nunca foi de falar de sentimentos. De qualquer forma, ultimamente tem sido um pouquinho melhor. Relacionamentos dão trabalho, e acho que temos que encarar as dificuldades e as alegrias. Quero fazer dar certo. Nós dois queremos.

– Tenho certeza de que vão conseguir.

– Há quanto tempo está solteira?

Anna remexe o cabelo.

– Não o suficiente!

– Teve um rompimento ruim?

– Existe rompimento bom? Não sei se acredito em todo aquele negócio de felizes para sempre. Não é assim que funciona na vida real, é? Meus pais são minha única referência de relacionamento feliz, mas talvez eles tenham simplesmente morrido antes que tudo desse errado. Relacionamentos não duram, duram? – Ela me olha atentamente.

– Meus avós estão indo bem. Esse ano fazem bodas de ouro.

– Então, são sortudos, ou talvez tenham mais talento que o restante de nós.

Conviver com as falhas de alguém, aceitar os erros, praticar o perdão... isso é o verdadeiro amor, não acha?

– Acho que sim. – Fico pensando se devemos nos comprometer a aceitar alguém como ele realmente é ou se isso não é nos conformar com menos do que queremos. Não tenho certeza.

– E quanto a seus pais? – pergunta Anna.

Mas, antes que eu possa responder, uma menina de túnica preta vem até nós com uma prancheta na mão. Ela parece mal ter idade para ter saído da escola, e me pergunto como sua maquiagem pesada não derrete com o calor. Geralmente nem me dou ao trabalho de usar maquiagem, mas, quando uso, não demora para que meu nariz esteja brilhoso, o rímel, borrado, e eu fique com batom nos dentes. Tenho sorte de que o Dan prefira o visual natural, mas será que isso é apenas algo que os homens dizem? As mulheres que eles parecem olhar nas revistas, nos filmes e na rua são glamorosas, supermagras. Não como eu. Não como a maioria das mulheres que conheço.

– Grace Matthews?

– Sou eu. – Ela sorri, mostrando os dentes incrivelmente brancos. – Sou Caroline. Vou fazer sua massagem com aromaterapia. Pode vir comigo?

A sala está na penumbra; arandelas em formato de vela lançam uma iluminação suave sobre a mesa de massagem. Do deck de um iPod sai um som relaxante. Tiro a roupa e deito de bruços sobre uma manta cor de chocolate que imita pele e faz cócegas em mim. Caroline me cobre com uma manta macia de flanela e sinto o aroma dos óleos, rezando para que meu traseiro não balance demais durante a massagem. Caroline aquece o óleo de lavanda na palma das mãos e seus dedos começam a soltar os nós nos músculos há muito negligenciados. Paro de me preocupar com a celulite, conforme as mãos dela deslizam em ambos os lados da minha coluna. Minhas pálpebras tremulam e se fecham.

– Grace, está na hora de se vestir. – Uma voz sussurrada e um toque delicado em meu ombro me acordam. Sento, pisco e me sinto desorientada, como se tivesse acabado de sair do cinema e visto a luz do sol radiante. Caroline me entrega um copo de água e bebo um gole.

– Isso foi mágico. Obrigada.

Pareço flutuar ao voltar para a beira da piscina.

– Você está acordada – digo a Anna.

Despenco numa espreguiçadeira; não quero nadar e tirar os óleos. Minha

pele está tão macia. Fecho os olhos e cochilo, até que Anna delicadamente me acorda.

– Hora de ir para casa, dorminhoca.

– Temos que ir? – bocejo e me levanto. – Eu ficaria aqui, alegremente, pelo resto da minha vida.

– Você ficaria entediada.

Não estou convencida de que algum dia me cansaria disso, mas, mesmo assim, vou atrás dela até os vestiários. Procuro minha chave na bolsa e abro o armário, pego tudo num bolo e encontro uma cabine vazia. Meus braços parecem pesados quando os enfio nas mangas. Não me lembro de algum dia ter me sentido tão relaxada assim. Penteio o cabelo e enfio a mão no bolso da jaqueta para pegar meu colar. Não está ali. Eu quase nunca o tirei, desde que Charlie me dera, no meu aniversário de 15 anos, e me sinto tonta. Olho outra vez. O bolso está vazio. Todos os bolsos estão vazios. O pânico começa a surgir. Onde está? Sinto o pavor revolvendo por dentro e abro a porta, deixando-a bater, enquanto olho o chão e corro até o armário que usei. O colar não está lá.

Mordo o lábio. *Pense, Grace*. Remexo na bolsa. Está tudo ali.

– Você está bem?

Anna está atrás de mim, recém-saída do chuveiro, pingando no chão.

– Meu colar sumiu.

– Como assim sumiu?

– Sumiu, não está aqui. – Mordo o lábio, para evitar chorar.

– Tem que estar. – Anna olha o armário e meus bolsos. – Não entendo. Alguém pegou?

– Como? A porta ainda estava fechada. Deixei a chave com você quando fui fazer a massagem. Você abriu meu armário? – Cruzo os braços.

– Não. Claro que não. Vamos pensar. Você deixou a chave fora de visão em algum momento?

– Não. – Sento-me pesadamente num banco. – Bem, peguei no sono depois da massagem. Minha bolsa estava no chão ao meu lado.

– Então, alguém poderia ter pegado a sua chave?

– E roubou meu colar, mas deixou meu celular e a bolsa, e colocou a chave de volta antes que eu acordasse?

– Isso não é muito plausível, não? Vamos falar com a recepção.

Fico batendo o pé enquanto Anna se veste, depois vamos rapidamente de

volta à entrada, por onde eu tinha chegado tão feliz poucas horas antes.

– Sente-se – diz Anna. – Vou chamar o gerente.

Sento na beirada de uma cadeira de espaldar alto e me apoio na mesa à minha frente. Os nós dos meus dedos estão brancos como papel. *Charlie, eu lamento muito*.

Anna murmura com uma mulher de saia-lápis preta e blusa branca que olha em minha direção. Sua testa é lisa de Botox, as sobrancelhas rijas e arqueadas. É impossível saber se ela está chocada. Ela vem até mim, estendendo a mão bronzeada.

– Eu sou Tina. Vamos voltar ao vestiário, pode ser? – Ela segue na frente. – Qual deles era o seu?

Aponto o armário na fileira de baixo.

– Olhe. Há um pequeno vão entre a porta e a base. Qual a espessura do colar?

– Ele é bem fininho.

– Então, se você não o colocou direito no bolso, é possível que ele tenha escorregado para fora quando puxou a jaqueta e caído ali embaixo...

Meu coração murcha quando examino o vão, pensando no jeito como arranquei a minha roupa e a embolei, tentando carregar tudo de uma vez.

– Imagino que sim.

– Acho que essa é a explicação racional. Nunca tivemos nenhum incidente de roubo aqui.

– Então, como posso reavê-lo?

– É de valor?

– Tem um inestimável valor sentimental.

– Pode ficar tranquila que, na próxima reforma, com a substituição dos armários, nós o encontraremos. Se quiser deixar seu nome e endereço, entraremos em contato.

– Quando será isso? – Estou desesperada.

– Não tenho uma data exata, mas estamos sempre melhorando nossas instalações. Por isso que nossos clientes sempre voltam. Nós lhe demos um folheto para se tornar associada? – Desvio de seu sorriso reluzente.

Anna esfrega meu braço e diz:

– Lamento muito, Grace. Sei quanto o colar significa para você. Vamos comprar outro.

– Não será a mesma coisa. Não será de Charlie.

– Não, mas será meu. – Anna sorri. Eu me sinto grata por ela estar ali e penso no que faria sem ela.



Eram as primeiras horas da madrugada quando minha mãe e eu caminhamos de volta da minha festa de 18 anos na casa da Lexie. Nós nos sentamos à mesa de madeira da vovó com duas canecas de café fumegante à nossa frente. Meu cabelo, recém-lavado, deixava meus ombros úmidos, mas, pelo menos, estava com cheiro de xampu de maçã, e não de vômito. Eu me sentia constrangida de pijama e puxei o robe para cobrir meus joelhos. Eu estava congelando. Tinha ligado o aquecedor, e os canos tilintavam à medida que esquentavam.

– Você deveria secar o cabelo. Vai pegar um resfriado.

– Você não aparece aqui depois de dez anos para me dizer o que fazer.

– Não. – Minha mãe levou a caneca aos lábios e soprou. – Acho que não.

– Por que está aqui?

– Para conversar.

– Não quero conversar.

Não queria lidar com isso naquele momento. Eu estava envergonhada e não tinha certeza se eram as minhas atitudes do passado ou as palavras do presente que faziam com que eu me sentisse assim. Dei uma golada no café para tentar dissipar a minha confusão. O líquido queimou minha língua e deixou meus olhos marejados quando dei um pulo da cadeira. Escancarei o freezer e tirei um cubo de gelo da bandeja, deixando-o derreter em minha boca.

– Bem, eu quero. Querida, lamento muito por ter partido, mas você tem idade suficiente para entender. Não foi por não querer você. Eu não estava bem. Foi difícil lidar com o que aconteceu.

O que aconteceu. Era como se eu estivesse expandindo. Meus pulmões empurravam minhas costelas. Minha pele estava esticando. E eu estava lá de

volta. De volta ao dia do qual eu tinha me esforçado tanto para me esquecer.

Eu tinha acordado banhada numa luz cor de mel, conforme o sol fraco atravessava as cortinas finas. Era cedo. Estava chegando o meu aniversário de 9 anos e eu estava empolgada demais para dormir. Tirei o pijama e vesti um macacão jeans, depois prendi o cabelo num rabo de cavalo e desci descalça. Minha mãe já estava na cozinha, ouvindo a Rádio 2, enquanto batia a mistura para os Yorkshire puddings do almoço.

– Bom dia – eu disse, quando passei pela porta aberta da cozinha, seguindo em direção à sala de jantar e ao som do piano.

Sentei ao lado do meu pai, na banqueta marrom surrada, recostando a cabeça em seu ombro.

– Podemos ir ao parque hoje, pai?

Ele me olhou sério, um olhar de Urso Paddington por cima dos óculos.

– Você deveria ensaiar para a prova da semana que vem, Grace.

– Podemos ensaiar depois do almoço?

– Está bem. – Ele sorriu. – Vá tomar café e vista algo bem quentinho. Lá fora vai estar mais frio do que parece.

Corri até a cozinha e comi uma torrada enquanto a mamãe descascava mandioquinhas para o jantar. O rádio tocava "Mr. Blue Sky", da banda ELO. O papai trouxe o meu casaco e as minhas botas.

– What a beautiful day – ele cantava junto com a música. – Hey, hey.

Estávamos prontos para sair.

– Estejam de volta até uma hora. E não vão se encher de sorvete – disse minha mãe.

– Do contrário, não vai ter sobremesa para vocês – papai e eu dissemos em coro. Minha mãe deu um beijo em meu pai e me entregou um saco de pão para os patos.

Caminhamos em meio às folhas caídas, alaranjadas e marrons, minha mãozinha envolvida pela mão gigante do meu pai, inventando histórias. O ar gelado batia em meu rosto, mas eu estava bem agasalhada com meu casaco rosa. Seguimos pela estrada, pulando corajosamente com nossas botas cada poça coberta de folhas que forravam o chão. Cada uma delas tinha a possibilidade de conter um portal para outro mundo. Concluímos que havia um universo paralelo, com cópias idênticas de nós.

– Mas sem a pança – disse papai, batendo em sua barriga protuberante.

No parque, fomos direto para o lago dos patos e abrimos o saco de farelos

de pão.

– Vou abrir mão do meu pudim de pão por vocês – disse meu pai às aves que ciscavam. – Espero que fiquem gratos.

Eu me escondi atrás das pernas dele enquanto os gansos empurravam os patos para tirá-los do caminho. Na semana anterior, um deles tinha bicado o meu dedo. O pão logo acabou e seguimos para o nosso banco habitual, e de lá ficamos observando pais e filhos brincando com barcos de controle remoto que deixavam um rastro de espuma.

Papai tirou do bolso um pacote de bombons de morango, e, por um tempinho, ficamos quietos comendo o doce. O sino da igreja soou meio-dia, e lá no alto da colina vi um lampejo amarelo.

– Sorvete!

– Isso vai estragar seu apetite.

– Só um, pequenininho. Por favor?

Meu pai empurrou os óculos no nariz e concordou, e saí correndo, balançando os braços, batendo as botas e deslizando pela grama.

– Espere por mim para atravessar – meu pai gritou.

Quando cheguei ao alto, estava sem fôlego. A van estava parada em fila dupla, e a fila já estava se formando. Olhei para os dois lados e disparei para atravessar a rua. E os pneus cantaram na freada. Um lampejo prateado. Meus pés ficaram grudados no lugar. Jamais me esquecerei do rosto do motorista, da boca aberta num grito silencioso, enquanto ele se forçava para trás, no banco, agarrado ao volante com as duas mãos. Senti calor e frio ao mesmo tempo. Então, voei, girei, caí. Esparramada no asfalto, jeans rasgado, mãos raladas. Atrás de mim, meu pai estava caído na estrada. Ele tinha me empurrado para fora do caminho, mas estava imóvel. O sangue empoçava embaixo da cabeça dele. Os óculos estavam ao seu lado. Fragmentos de vidro reluziam sob o sol.

Uma mulher de chapéu vermelho correu na direção do papai.

– Alguém chame uma ambulância – ela gritou.

As pessoas vieram correndo para onde meu pai estava deitado; elas seguravam os braços umas das outras. Algumas cobriam a boca, sem conseguir desviar o olhar, outras cobriam os olhos, espiando por entre os dedos, como se assistissem a um filme de terror.

Fazia silêncio. Profundo. Até o vento tinha parado de soprar as folhas. Os pombos pousavam e ciscavam em volta dos bombons espalhados, que tinham caído dos bolsos do meu pai. Engatinhei até ele.

– Acorde – eu sussurrava. Seus olhos, castanhos como os meus, não me viam, me olhavam como se tentassem dizer uma última mensagem que eu não conseguia decifrar. Então ouvi sirenes e pessoas dizendo: "Ai meu Deus" e "Você viu?". Fui embrulhada numa coberta laranja que pinicava e levada para a ambulância.

Ele não estava morto. Seu corpo, não. Mas eles disseram que sua mente estava, e nunca entendi como ele podia parecer igual, embora sua essência estivesse perdida. Para onde ela teria ido?

Minha mãe consentiu que os aparelhos que o mantinham vivo fossem desligados e foi ficar com a irmã dela. Eu me senti como se tivesse perdido os dois.

– Foi culpa minha – eu chorava. – Não é para menos que você não suportasse olhar para mim depois do que aconteceu.

– Ah, Grace, é isso que você acha? Eu fiquei doente. Estava com seu pai desde os 16 anos; pensar em seguir adiante sem ele era insuportável.

Minha mãe me deu um lenço de papel e, quando a manga da blusa dela repuxou, eu vi: uma cicatriz atravessava seu punho.

– Você tentou se *matar*? – Uma raiva fulminante irrompeu em mim. – Você tinha uma *filha*.

– Tive um colapso nervoso. O vovô me encontrou no banheiro algumas semanas depois que nos mudamos para cá. A vovó me mandou para uma clínica. Não queria que eu ficasse perto de você. Ela tinha visto a própria mãe ter um colapso. Queríamos protegê-la. E, quando tive alta, fui ficar com a tia Jean. Eu sempre telefonava para você, querida, mas, como você sempre desligava, desisti. Eu não deveria, desculpe.

– Você sofria dos "nervos", a vovó dizia. Achei que isso queria dizer que eu lhe dava nos nervos.

– Eu não tinha capacidade de cuidar de você.

– E depois? Você melhorou?

– Levei muito tempo para me sentir apta a ser sua mãe novamente, mas, quando aconteceu, você já estava estabelecida aqui. Tinha escola. Charlie. Você estava feliz. Conversamos sobre me mudar para cá. Mas sei como a vovó é. Ela teria mil pormenores, se envolveria em cada decisão, e eu nunca me sentiria sua mãe de verdade. Você nem falava comigo ao telefone. Voltei para Devon. Sentia-me mais próxima do seu pai estando lá.

– Mesmo estando distante de mim? Ele tinha partido, mas eu ainda estava aqui.

– Eu sei. À época, me pareceu a coisa certa a fazer. Por todos nós, mas, se eu pudesse voltar no tempo e mudar as coisas, eu o faria. Nem um dia se passou sem que eu pensasse em você. A vovó me mandava todos os seus boletins, fotos, vídeos. Vi você crescer. Só que você nunca soube.

– Não posso acreditar que a vovó não tenha me contado que você me queria de volta.

– Ela fez o que achou melhor. Ela viu a própria mãe entrando e saindo de uma porção de clínicas durante anos. E não quis fazer você passar pela mesma coisa. Ela te ama. Todos nós a amamos.

Tentei falar, mas um soluço de choro escapou da minha boca. Anos de mágoa guardada saíram enquanto eu chorava com tanta força que achei que nunca fosse parar. Minha mãe estava ao lado da minha cadeira e me abraçou, puxando a minha cabeça para o seu peito, afagando meu cabelo. Ela ainda tinha o mesmo cheirinho – perfume Opium e spray de cabelo Elnett –, e eu não queria soltá-la nunca mais.

– Eu o matei. Eu matei o papai.

– Você não fez isso, Grace. Nunca se culpe.

Mas como eu poderia deixar de me sentir daquele jeito? Muita gente já tinha me falado que fora um acidente. A vovó, o vovô, minha terapeuta, Paula. Até a Charlie. Mas e meu coração? Meu coração se sentia diferente. A culpa permeava cada célula, multiplicada, até fazer parte de mim, como a minha própria pele, como meus ossos.

– Se... – respirei. – Se eu não tivesse saído correndo na frente da van do sorvete... Se ele não tivesse corrido para me salvar... Eu estaria morta agora, não ele.

– Ele não ia querer isso. Eu não ia querer isso. Nenhum de nós iria querer isso. – Minha mãe estende a mão para mim, do outro lado da mesa, mas eu recuo.

– Mas eu o matei. – Bato com a caneca na mesa. O café respinga na madeira.

– Você não fez isso. Fui eu quem permiti que fossem desligados os aparelhos que o mantinham vivo. Espero que me perdoe por isso.

– Eu a odiei por isso. – Eu apertava a alça da caneca com tanta força que estava surpresa de não quebrar.

– Foi a coisa mais difícil que fiz na vida.

Permanecemos sentadas, em silêncio. Sequei o café derramado com o lenço de papel. A vovó ficaria furiosa se manchasse a madeira. Era de esperar que houvesse silêncio no meio da madrugada. Quieto. Mas a geladeira zunia, o relógio fazia tique-taque, o mundo girava. Meu mundo havia se despedaçado havia muito tempo, mas eu tinha a chance de endireitá-lo agora.

– Desculpe por não querer falar com você depois, quando me ligava, mas eu me odiava e, quando você sumiu, achei que também me odiasse.

Minha mãe girava a aliança de ouro no dedo.

– Eu nunca poderia odiá-la, Grace. Nunca. – Ela empurrou um saquinho de presente ao centro da mesa. – Isto é para você. Feliz aniversário.

Dentro havia uma caixinha. Coloquei os dois polegares na tampa e abri. Ali dentro, sobre veludo vermelho, estava algo que eu não via fazia anos. – É seu anel de noivado. – Comecei a chorar novamente, passando o dedo no diamante reluzente.

– Eu queria que você possuísse algo de que seu pai tivesse participado, Grace. Ele teria tanto orgulho de você. Eu também tenho. É tarde demais para começarmos de novo? – Ela estendeu as mãos por cima da mesa.

– Podemos tentar. – Entrelaçamos os dedos e ficamos conversando assim até o sol nascer.



Por mais que eu tente me convencer de que não importa ter perdido o colar que me unia à Charlie porque ainda tenho minhas lembranças, não consigo lutar contra a escuridão que corre em minhas veias. Todos os dias, estampo uma expressão feliz no rosto antes de ir para o trabalho, fico rindo e brincando com as crianças, mas preciso de cada grama de energia para fingir algo que não sinto. Ao chegar em casa, minhas pálpebras estão pesadas de exaustão, mesmo sendo só seis horas da tarde.

Anna cozinha toda noite, e Dan se esforça para terminar o trabalho mais cedo, mas o clima em casa é tenso e pesado, e sei que boa parte disso é culpa minha. Dan está irritado com Anna, e ouço cochichos pelos cantos, conversas zangadas e frustradas que cessam quando me aproximo. Acho que eles estão tentando encontrar meios de melhorar meu astral e fico grata por se preocuparem.

Ontem à noite, ao conversar com minha mãe ao telefone, desmoronei, chorando e soluçando zangada, com o peito doendo. Minha mãe me convidou para ficar com ela em Devon. "O ar praiano vai lhe fazer muito bem", disse ela, e, embora eu anseie pelo sal em meus lábios, o vento em meu cabelo e a areia em meus pés, não posso deixar a Anna. Acabei de encontrá-la.

A Lexie passou a me telefonar todos os dias – ora, lúcida, ora com a fala arrastada, a voz embargada pelo álcool. Fico na linha ouvindo seus soluços, sabendo que, dez minutos depois de desligar, ela não vai se lembrar de ter telefonado e provavelmente vai ligar de novo.

Hoje, ao sair de casa, aliviada por ser sexta-feira, meu celular toca. Eu me retraio ao pensar em falar novamente com a Lexie e fico tentada a ignorar o

telefone, mas depois me censuro e estendo a mão para atender. O nome de Esmée está na tela, e relaxo, contente com a chance de mergulhar nas notícias de outra pessoa. A vida de Esmée sempre foi muito mais empolgante que a minha, mesmo antes que ela se mudasse para Londres.

A ligação está ruidosa, e desligo o carro para ouvi-la melhor. Esmée descreve sua mais recente incursão no mundo dos encontros amorosos, e meu sorriso é verdadeiro pela primeira vez em dias.

– É tão bom falar com você, querida, mas tenho um motivo para estar ligando – diz Esmée. – Não é nada de mais, mas acho que alguém invadiu a sua conta do Hotmail.

– Invadiu?

– Recebi alguns links.

– De quê?

– Pornografia. Coisa bem pesada. Cliquei no primeiro link, achando que você tivesse me mandado alguma coisa de sapatos ou algo assim. Agora já deletei tudo, mas você precisa trocar sua senha, amiga.

Fico mortificada ao pensar nas pessoas na minha lista de contatos. Meus avós, minha mãe. Será que todos receberam esses links?

– Lamento muito, Esmée.

– Não lamente. Isso é bem comum. Aconteceu na Galeria semana passada. Duzentos possíveis clientes abriram e-mails nossos na expectativa de um convite para uma exposição e encontraram um extensor de pênis pela metade do preço.

Prometo a Esmée que logo vou visitá-la – mas nós duas sabemos que não vou – e depois fico sentada no carro, com frio e desconfortável, morosa demais para me mexer. Vejo faróis pelo retrovisor, e espero Dan desligar o motor, abrir a porta e tirar um porta-terno do banco traseiro. Entramos em casa juntos. Anna está tirando pó das fotografias do corredor. Não consigo me lembrar de quando foi a última vez que as limpei.

– Terno novo? – pergunto ao Dan.

– Nada. Mandei o velho para a lavanderia. Vou buscá-lo amanhã.

– Amanhã? – Vasculho minha memória.

– O Jantar Anual de Corretores – suspira Dan. – Está na agenda, Grace, e falei dele semana passada.

– Perdi a noção da data.

Anna ergue uma sobrancelha.

– É tão divertido quanto parece?

– É um evento realizado todos os anos no primeiro fim de semana de março. Eles distribuem prêmios aos melhores corretores do município e fazem discursos. Discursos longos... – digo isso e levo a mão à testa, como se estivesse com dor de cabeça.

– É importante. Estou concorrendo a um prêmio este ano.

É frustrante que eu não soubesse disso, e encubro minha vergonha com um falso entusiasmo.

– Você merece ganhar – digo. – Tem trabalhado com tanta dedicação. – Mas não consigo me lembrar da última vez que comemoramos uma venda. Será que os negócios vão mal ou ele simplesmente parou de me contar sobre seu dia? Será que eu que parei de ouvi-lo?

– O que vai vestir, Grace?

– Não sei se me sinto disposta a ir. Que tal levar a Anna? – Só de pensar em ficar conversando educadamente, ao longo de um jantar de muitos pratos, me enche de pavor.

Dan estreita os olhos.

– Todos estão esperando você, Grace. Será divertido. Vamos nos sentar com Harry e Chloe.

– Meu vestido de festa está arruinado. – Não consegui tirar a mancha de vinho. – E não sei se os outros ainda me servem. – Penso em todos os pacotes de biscoitos escondidos na caixa de luvas, na minha bolsa e na gaveta do meu criado-mudo e concluo que provavelmente não servem.

– Não me importo em ir – diz Anna.

– Não. – A voz de Dan é tensa. – Tenho certeza de que você tem ofertas de emprego para se candidatar.

– Dan! – Fico constrangida.

Anna sorri para mim.

– Tudo bem. Que tal se eu a levar para fazer compras amanhã, Grace? Conheço algumas lojas fabulosas e posso aproveitar e perguntar se não precisam de vendedor, já que estarei lá. Eu *estou* tentando, Dan.

– Sim. – Dan enfia o terno de volta no saco. – Está, sim.

As luzes do provador são fracas e douradas, mas isso não abranda o terror que sinto com tantos espelhos refletindo ângulos do meu corpo que geralmente não vejo e nunca mais quero ver. Minha calcinha e meu sutiã à la Bridget

Jones que um dia foram brancos agora estão encardidos. Passo os braços em volta da minha barriga, os dedos mergulham na carne mole, e desejo estar em qualquer lugar, menos ali, seminua, com uma mulher me avaliando.

– Hmm – diz Tamsin, a consultora de estilo de loja. – Um corpo do tipo pera. Não se preocupe, vou pegar uns vestidos que a deixarão fabulosa, certo?

Ela abre as cortinas de veludo vermelho com o prazer de um mágico. Despenco numa cadeira dourada estofada de veludo cor de vinho e dou um gole no suco de laranja. Minha mão paira acima do pratinho de chocolates de cortesia.

– Aqui é inacreditável, não é? Eu me sinto uma estrela. – Anna irrompe pelas cortinas com um vestido vermelho-cereja de tafetá pendurado no braço ostentando uma etiqueta tamanho 40. Afasto a mão do prato.

Anna tira a roupa e põe o vestido delicado.

– Como estou?

– Deslumbrante. – E ela está mesmo. Seu cabelo louro cai em seus ombros. As lágrimas brotam em meus olhos toda vez que penso nos vestidos de gala que Charlie nunca vai vestir.

– Acha que preciso de um colar para combinar? Vou ver o que eles têm.

As cortinas se abrem, e Anna sai depressa, enquanto Tamsin entra segurando três cabides acima da cabeça. Os vestidos parecem lindos, estilosos e muito, muito caros. O tipo de vestido que se vê em revistas, não numa professora-assistente de pré-primário.

– Qual deles primeiro, Grace? São todos deslumbrantes.

– Não tenho certeza. Em geral não uso coisas desse tipo.

– Onde costuma fazer compras?

– Geralmente no eBay.

Tamsin franze o rosto, como se tivesse encontrado uma lagarta na salada.

– Tudo bem. Agora você está aqui. – Ela tira um vestido longo, verde-oliva, do cabide forrado. – Este é da nova coleção de primavera. – Ela segura o vestido para que eu entre nele. Endireito a coluna, conforme ela fecha o zíper das costas. O vestido é pesado e fica justo nas costelas.

– Vou ter que comer vestida com isto, sabe. – Viro para me olhar no espelho. Todos os pensamentos sobre comida desaparecem, e fico boquiaberta diante do meu reflexo.

– Ficou ótimo. Escolhi bem.

Marilyn Monroe fica no chinelo. Tenho o glamour da antiga Hollywood:

curvas acentuadas e pneus escondidos.

– É incrível. – Aliso o tecido. – Nem em um milhão de anos eu teria escolhido este. Minha mãe sempre veste roupas verdes, mas nunca achei que combinasse comigo.

– Por isso que precisa de mim – diz Tamsin. – Chega de eBay. Agora os acessórios.

Tamsin coloca uma gargantilha dourada em meu pescoço e uma pulseira combinando no meu punho.

Aja com confiança, Charlie costumava me dizer. *Finja, até conseguir*. Sinto-me confiante com esse vestido. Sexy, até. Quem poderia saber que roupas poderiam dar tanto poder? Tiro todo o glamour da loja ao tirar uma selfie e enviar para Esmée.

As cortinas são abertas.

– Olhe, Anna. – Eu me viro. – O que acha?

– Honestamente? – Ela enruga o nariz.

– Honestamente. – Minhas mãos tremulam em cima da minha barriga, como se eu pudesse segurar minha confiança ali, evitar que fuja.

Ela me olha de cima a baixo.

– Acho que garotas maiores devem usar preto. É muito mais bonito.

Fecho os olhos para fugir das minhas inúmeras reflexões. Que ridículo pensar que eu poderia ser algo além do que sou.

– Discordo – diz Tamsin.

– Mas você está tentando fazer uma venda, não está? Eu estou falando como a melhor amiga dela.

– Acho que a Grace tem um corpo muito bonito. Muitas de nossas clientes vestem 44.

– Grace é linda por dentro; isso é o mais importante.

– Será que alguém pode abrir meu zíper? – pergunto, irritada. Estou com calor e desconfortável e me sinto como uma almofada com enchimento demais, deformada e repleta de calombos.

– Quero experimentar um preto, Tamsin, por favor.

Eu me sinto tediosa de preto.

– Esse ficou ótimo – diz Anna. – Disfarça os pneus da sua barriga. Acho que deve comprar esse.

Recebo uma mensagem no celular de Esmée: "Amiga, você está deslumbrante".

– Esmée gostou do verde.

– Esmée não está aqui – diz Anna. – Você não pode ver de todos os ângulos a partir de uma foto. Mas é você quem sabe; só estou tentando ajudar. O preto vai durar anos, é um clássico, e com ele você não fica tão gorducha como ficou com o verde.

– Não escolho vestidos que fazem as pessoas parecerem gorduchas. – Tamsin lança um olhar fulminante a Anna. – Esse não é tão bonito quanto o verde – pondera Tamsin –, mas é perfeitamente aceitável, não?

– Gostei do verde.

– Bom para você, se acha que tem confiança para usá-lo – diz Anna. – De verdade, Grace. Dan ficará orgulhoso de tê-la ao lado dele do jeito que você for.

– Se quiser experimentar os dois em casa, você tem catorze dias para a devolução, contanto que a peça não tenha sido usada e ainda esteja com as etiquetas.

– Vou levar os dois.

No caixa, os vestidos são dobrados, embrulhados em papel aromatizado e colocados numa caixa decorada com estrelinhas prateadas.

– Quer o vestido vermelho de seda? – Tamsin pergunta a Anna.

– Não posso pagar e não sei onde o usaria.

– Nunca é ruim ter um vestido de festa caso surja uma oportunidade. É um modelo único. Muito bonito, não?

– É, sim. Mas desta vez não vai dar.

– Deixe-me comprar para você – digo a ela.

– Não posso deixá-la pagar; você já fez tanto por mim.

– Eu quero. É, na verdade, um agradecimento por tudo o que fez por mim. Conhecer você me animou, e eu adorei o dia no spa. Deus sabe o que eu vestiria esta noite se você não tivesse me trazido aqui.

– Obrigada, Grace. – Anna me abraça e sai correndo para pegar o vestido.

– Vocês são boas amigas, não? – pergunta Tamsin.

– Sim, somos – respondo.

Quando a porta da loja se fecha atrás de nós, fico parada, piscando diante da luz do sol e respirando ar fresco, quase sem acreditar que acabei de gastar quase trezentas libras. Espero conseguir interceptar a fatura do cartão de crédito antes que o Dan veja.

– Vamos tomar um café – diz Anna. – Por minha conta.

– Sim. Vamos... – Paro de falar. Do outro lado da rua, uma pessoa de casaco preto está me olhando. Será a mesma que estava do lado de fora do café e no cemitério no dia em que fui com a Lexie? O motorista do carro vermelho?

Pego o braço de Anna.

– Não há tempo para perguntas, mas você consegue ver se é um homem ou uma mulher ali? – Aponto.

Anna estreita os olhos e desce os óculos de sol do topo da cabeça para cobrir os olhos.

– Não estou vendo nada. Está claro demais. Espere um instante. – Ela corre para o outro lado da rua, mas, até chegar lá, a pessoa já sumiu, e não tenho mais certeza de que realmente estivera lá.



Os cabides vazios do meu guarda-roupa bateram ruidosamente quando tirei outro vestido, segurei-o junto a mim e o descartei no chão. Apesar da falta de sono – eu e minha mãe havíamos passado a noite acordadas até amanhecer – e da ressaca, eu queria estar com a melhor aparência esta noite. Quem poderia imaginar que eu ficaria com Dan e reconstruiria meu relacionamento com minha mãe numa mesma noite?

Levei dois dedos aos meus lábios. Eles formigaram quando pensei no beijo da noite passada, e a felicidade borbulhou dentro de mim como champanhe. Charlie e eu só íamos ao pub local para nos encontrarmos com Ben e Dan, mas eu tinha tomado um cuidado extra com a minha maquiagem: olhos delineados com lápis ligeiramente mais escuro, lábios mais brilhosos. Podia ser uma noite de domingo, mas eu sentia que era uma ocasião especial – e, para completar, eu era maior de idade e já podia beber. Nada de sentar num canto com um copo de Coca-Cola na mão e, quando Mike, o gerente, não estivesse olhando, despejar a vodca que Charlie trazia escondida na bolsa.

Ouvi uma batida na porta.

– Entre.

Minha mãe sentou na beirada da cama e bateu no espaço ao seu lado, chamando-me para sentar.

– Vou embora, querida; é um longo caminho de carro até Devon.

– Gostaria que ficasse. – Sentei ao lado dela e pousei minha cabeça em seu ombro.

– Voltarei antes que você perceba. – Ela me abraçou. – Natal com a minha menina. Eu queria lhe dizer que agora você tem 18 anos e uma poupança. O

papai nos deixou muito bem amparadas caso o pior acontecesse.

– Mãe?

– Sim.

– Como saberei quando conhecer o homem da minha vida?

– Você se lembra de quando fazia aulas de balé e ensinava os novos passos para o papai?

– Sim. – Sorri com a lembrança de nós embrulhados numa cortina rosa velha dançando pela sala.

– E lá estava aquele homem grande, forte, que servia de exemplo para todos nós. Ele passava o dia todo fazendo diagnósticos para cirurgias, salvando vidas e ouvindo solitários e doentes. Era um homem muito respeitado. Sempre angariando fundos para a vila e o conselho local. – Minha mãe apertou minha mão. – Ele vinha para casa, colocava uma saia rosa e dançava ao som de "O Lago dos Cisnes" só para fazer sua garotinha sorrir. Tudo o que ele sempre quis foi que você fosse feliz, Grace. Quando conhecer alguém, pergunte a si mesma: "Ele vestiria cortinas cor-de-rosa por mim?", e você não terá como se enganar. Você conheceu alguém?

– Sim, acho que sim.

– Tenho outra coisa a lhe dizer. – Eu podia adivinhar o que estava por vir. – Também conheci alguém. Oliver.

Esperei pela dor pungente. As lágrimas. A sensação de traição. Em vez disso, imaginei meu pai, todo robusto, dando piruetas pela sala.

– O papai ficaria contente. – E eu acreditava nisso. Ele queria o melhor para ela. Para nós. Sempre.

– Obrigada, querida. Eu gostaria muito que o conhecesse. Eu posso trazê-lo no mês que vem?

– Eu também gostaria. – Eu estava sendo sincera.

Tive que refazer a maquiagem depois que a minha mãe foi embora, tirando o rímel escorrido com cotonetes e xampu de bebê. Eu tinha escolhido uma das túnicas da minha mãe dos anos 1960: a estampa azul-clara parecia um turbilhão de água. Fiquei de costas para o espelho, torcendo para que meu traseiro estivesse coberto. Embora eu estivesse vestindo calça e botas pretas, eu me sentia constrangida e tinha ensaiado jogar o cabelo para trás, para demonstrar uma confiança que eu realmente não sentia. Minhas unhas estavam pintadas de vermelho-cereja, uma escolha ousada para mim, e eu as soprava,

esperando que o esmalte secasse para poder olhar novamente o celular. Ele toda hora apitava com as mensagens de Dan, e tive que colocá-lo para recarregar.

Charlie subiu a escada como um raio e entrou no meu quarto, com uma caixa de presente embrulhada em papel prateado embaixo do braço.

– Isto é pra você. Encontrei no degrau da porta.

– Ah, um presente atrasado de aniversario. O que será?

"Grace" estava escrito no papel, em caneta piloto, numa letra que não reconheci.

– Você deveria tentar, sei lá, abrir.

– Em um segundo. O esmalte ainda não secou. – Eu estava sentada na cama de pernas cruzadas, com os dedos esticados, abanando as mãos. – Mal posso esperar para ver o Dan. Passamos o dia todo trocando mensagens.

– Você teve uma noite melhor que a minha. Minha maldita mãe. Ela estava mais bêbada que todos nós juntos.

– Como ela está?

– Muito estranha. Não queria que eu viesse pra cá esta noite. Mas ela saiu. Quer que eu abra o presente?

– Não. – Vi que a unha do polegar estava quase seca e peguei o presente. – É leve.

– Talvez esteja cheio de beijos – Charlie sorriu.

Um envelope branco caiu no chão quando tirei a caixa de sapato do papel.

– Sapatos: bem Cinderela – disse Charlie. – Acha que o Príncipe Encantado mandou?

Pus a caixa na cama e abri o envelope, desdobrando uma folha de papel A4 que tinha dentro.

– É do Dan?

Minha mão voou à garganta.

– De quem é, Grace?

Entreguei o bilhete à Charlie, chocada demais para falar.

– Que porra é essa?

Mordi a unha do polegar ao olhar o papel. Diferentemente da etiqueta, não estava escrito à mão. Letras haviam sido recortadas de um jornal ou revista e coladas para formar a palavra "Piranha". Parecia um bilhete de sequestro. Parecia uma brincadeira, mas eu não estava rindo.

– Abra a caixa, Grace.

– Não consigo.

Charlie esticou o braço e ergueu a tampa, depois se encolheu quando o cheiro de merda de cachorro invadiu o quarto. Ela bateu a tampa fechando, mas não fechou direito, e a caixa virou de lado. O cocô caiu em cima da minha colcha. Quase vomitei. Charlie arrancou a colcha da cama, embolou tudo e desceu a escada voando. Escancarei a janela do quarto, respirando o ar frio de novembro. A umidade circulava em meus pulmões, me fazendo engasgar.

– Respire, Grace. – Eu estava tão perdida em meus pensamentos que nem tinha notado Charlie voltar para o quarto. Ela esfregava minhas costas e me senti mais relaxada sob o afago de sua mão.

– Onde você pôs?

– Na lata de lixo. Quer que eu conte a seus avós?

– Não sei. A vovó vai dar falta da colcha. Foi ela mesma quem fez.

– Quem você acha que mandou isso?

– Não consigo pensar em ninguém que eu tenha aborrecido, a não ser...

– Siobhan.

– Sim. Mas ela certamente não faria isso, não é? Eu sei que ela gosta do Dan, mas...

– Faz anos que ela gosta dele. Ela pegou vocês dois se beijando. O papel parece ter sido arrancado de um livro de exercícios da escola.

– O que eu devo fazer?

– Nós vamos perguntar para ela. Ela talvez esteja lá, essa noite, com a Esmée.

Ficamos em silêncio. Estremeci e fechei a janela.

– Vamos. Vai ficar tudo bem. – Charlie pegou minha mão e me puxou pelas portas pesadas do pub. Eu mantinha os olhos fixos no chão ao caminharmos em direção ao bar, respirando fundo, inalando o ar abafado.

– Badger's Bottom? – Charlie ergueu uma sobrancelha, observando a seleção.

– Você pode rir, mas temos a melhor seleção de cervejas tradicionais da região. – Mike, o gerente, estava secando os copos pints. Ele segurou um deles contra a luz e limpou uma mancha com o pano. – O Tony disse que vocês talvez viessem. – Mike e o vovô eram amigos havia anos. – Hoje você vai ganhar um brinde.

– Squirrel's Tail[1] para acompanhar a Badger's Bottom?

Mike coçou a barba e olhou para Charlie antes de se virar de volta para

mim. Ele se inclinou para a frente. O cheiro de fumaça velha estava impregnado em sua roupa.

– Karaokê.

– É mesmo?

– É o que todo mundo está fazendo em Londres. Tenho que acompanhar os novos tempos. Olhe. – Ele gesticulou para trás dele. – Agora vendemos salgadinho sabor camarão além de batata frita. A novidade começa hoje.

– Que moderno.

Chutei Charlie na canela.

– Que ótimo, vamos querer dois sacos de salgadinho sabor camarão e duas cervejas Strongbows por enquanto, Mike, por favor.

Guardei os petiscos na bolsa e peguei meu pint. A caneca de vidro estava escorregadia e tão cheia que precisei dar um gole antes de levá-la até a mesa na frente da lareira.

Enquanto bebíamos, o calor do álcool foi se espalhando por minhas veias, e meus músculos começaram a relaxar. Charlie me deu um cutucão nas costelas, e a cerveja respingou na minha mão. Lambi e segui o olhar dela, na direção do bar. Dan estava tirando um trocado do bolso, pagando pelas bebidas para ele e para o Ben. Tentei fingir que não o tinha visto enquanto ele caminhava em nossa direção, mas eu sentia o calor subindo pelo corpo.

– Tem espaço para mais dois?

– Vocês dois? – Minha voz saiu meio esganiçada.

– Não. Eu estava pensando naqueles dois barbudos que estão no bar.

Dan se espremeu entre mim e Charlie, e os pelos do meu braço se eriçaram quando nossas coxas encostaram. Tínhamos passado o dia todo trocando mensagens, e me sentia constrangida com a mudança em nosso relacionamento. Eu não sabia como agir, quem deveria ser.

Bebi minha cerveja em goladas e levantei para pegar outra.

– Pode deixar que eu pego. – Dan tocou meu braço.

Empurrei as canecas para abrir espaço na mesa para a bandeja cheia de bebidas e batatas chips que o Dan voltou trazendo. As mangas de sua camisa branca estavam arregaçadas e seus antebraços cobertos de uma penugem escura na qual eu nunca tinha reparado.

Até dar nove horas e o karaokê começar, eu já não estava mais tensa e constrangida. Siobhan não tinha aparecido, e encostei a coxa na perna do Dan, rindo alto demais de suas piadas. Charlie levantou para cantar “Hit Me With

Your Best Shot". Assobiamos e aplaudimos enquanto ela se pavoneava no palco improvisado. Depois, ela sentou no colo de Ben. Eles se beijaram e as mãos dela mergulharam no cabelo dele. Dan virou para mim e disse:

– Vamos encontrar um lugar mais tranquilo.

Ele pegou nossas bebidas e fui atrás dele até uma mesinha redonda no canto do salão.

– Conte-me alguma coisa que não sei – ele pediu, quando já estávamos acomodados.

– Você sabe tudo. Faz anos que eu te conheço.

– Não assim. – Dan segurou a minha mão no meio das mãos dele. Meus dedos formigavam.

– Conte-me sobre seu pai, Grace.

Eu achava que não queria, mas, depois que comecei, as palavras foram saindo sem parar. Na hora em que Mike tocou a campainha para os últimos pedidos, Dan sabia praticamente tudo sobre mim. O teor do nosso relacionamento tinha mudado para algo que eu não entendia ainda. Enquanto ele passava o polegar nos nós dos meus dedos, eu sentia um anseio que nunca havia sentido.

– Posso caminhar com você até sua casa?

– Sim, por favor.

– Que tal se eu comprar umas garrafas pra gente levar? Se sairmos agora, vamos pegar a lanchonete de peixe e fritas aberta.

– Ótimo. – Eu estava com fome. Tinha ficado ocupada demais repassando todos os acontecimentos da minha festa para jantar. A vovó tinha reclamado quando fiquei empurrando as batatas assadas no prato.

Eu disse à Charlie que íamos embora. Ela sorriu com seus lábios inchados.

– Não faça nada que eu não faria.

– Isso me deixa com um bom escopo. Ligo para você amanhã. – Dei um beijo nela e, quando caminhava em direção à porta, senti a mão de Dan nas minhas costas, o calor dele atravessando o meu casaco. Tinha uma camada de geada na rua, e dei o braço para ele enquanto seguíamos pela rua iluminada pelos postes e as televisões dos chalés de pedra que perfilavam a rua. O cheiro de peixe se espalhava para fora e pensei no que ia pedir. Sempre achava difícil escolher entre purê de ervilha e molho curry.

A lanchonete estava aquecida, apesar de a porta de vidro estar aberta, e tirei as luvas quando entramos na fila.

– De que você gosta? – perguntei.

– De você – disse o Dan, erguendo meu queixo, passando os lábios nos meus.

– Fritura, Grace? Você já não está gorda o suficiente?

Eu me virei. Siobhan estava bem atrás de mim, com as mãos na cintura e os lábios vermelhos retorcidos num riso de escárnio. Abby deu uma risadinha alguns passos atrás dela.

– Siobhan, eu...

– Grace não é gorda, ela pode comer o que quiser. – Dan passou o braço em volta dos meus ombros.

– É claro que ela pode. Mas eu não comeria as batatas daqui. Elas têm gosto de merda. – Siobhan saiu rebolando pela porta.

A lembrança da caixa, o excremento marrom espalhado no papelão, ficou nítida em minha mente. Meu estômago revirou enquanto eu sentia o cheiro de óleo.

– Próximo – chamou um homem do balcão. Saí cambaleando da loja, me curvei e vomitei um litro de cervejas na calçada gélida.

– Você não deveria ter provocado a minha irmã – disse Abby, ao descer pela rua, indo atrás de Siobhan. – Fique esperta, Grace.

---

1 Aqui a autora faz uma brincadeira com o nome da cerveja Badger's Bottom, que em português significa "Traseiro de Texugo". Squirrel's Tail significa "Rabo de Esquilo" e é uma brincadeira de Charlie com Mike (N.E.)



A silhueta está imóvel como uma estátua. Podemos estar em plena luz do dia, porém nem o sol, nem as pessoas fazem com que eu me sinta mais segura. Arrasto Anna para dentro do café mais próximo. À noite, funciona como um bar de vinho. Sento numa mesa com sofá de couro claro, segurando nossas compras, e enquanto penso no que fazer Anna entra na fila para pedir as bebidas.

– Serviram bem depressa. – Anna me entrega uma caneca de chocolate quente. – Aqui eles fazem um chocolate bom, nada daquela porcaria em pó.

– Obrigada.

– Espero que não tenha ofendido você na boutique, Grace. Você ficou bonita, sim, com o vestido verde. Eu só prefiro o preto. Mal posso esperar para usar o meu; nunca tive nada tão bonito.

– Tudo bem. De qualquer maneira, eu ando nervosa, Anna. Acho que estou sendo seguida. – É um alívio contar isso para alguém.

A expressão de Anna é indecifrável.

– Por quem? Por quê?

– Não sei.

Sorvo a espuma da caneca. O chocolate é amargo – não como o que o meu pai costumava fazer –, mas tomo assim mesmo para não parecer ingrata. Conto a Anna sobre a pessoa de casaco preto, o carro vermelho e a perseguição na saída da boate.

– Você deveria contar à polícia – diz Anna, firmemente.

– Dizer o quê... – Paro de falar e toco meus lábios. Estão formigando. Esfrego-os com os dedos; estão dormentes. Meu nariz está escorrendo, minha

garganta está inchando. Luto contra o pânico, mas percebo o que está me acontecendo.

– Anna. – Minha língua parece grossa, e começo a tossir.

– Você está bem?

– Alergia – eu resfolego, me esforçando para respirar.

– Ah, meu deus! Devo chamar uma ambulância?

Viro a minha bolsa de cabeça para baixo. Tudo que tem dentro cai na mesa e no chão. Minha caneta Epipen rola até a beirada. Eu a pego e arranco a tampa. Mal percebo a pessoa que passa ao lado, então ouço algo quebrando – alguém pisou no meu pó compacto.

– O que posso fazer?

A voz de Anna soa como se viesse de dentro de um túnel, e a ignoro, pego a caneta e espeto na coxa. Ouço um clique, e a epinefrina percorre o meu corpo. Minha perna arde quando removo a caneta.

Gotas de suor vão se formando em minha testa. Inspire. Expire.

– Posso ajudar? – pergunta Anna.

– Água. – Fecho os olhos.

– Aqui. – Instantes depois, Anna coloca um copo gelado em minha mão. – Você está bem? Isso foi assustador. Eu nunca tinha visto ninguém ter uma reação alérgica.

Balanço a cabeça e dou um gole na água. Ainda estou tossindo, sinto frio e estou trêmula, mas o pior já passou.

– Devemos ir ao hospital? – O rosto de Anna está pálido e preocupado.

– A rigor, sim, mas acho que estou bem. Tenho uma segunda caneta caso precise de outra dose.

– Mas certamente é melhor ser examinada, não?

– Não quero perder essa noite. Honestamente, estou bem. Isso já aconteceu antes. A diferença é que os médicos me mandariam para casa em algumas horas com anti-histamínicos. Eu tenho remédios em casa.

– Está tudo bem por aqui? – pergunta uma garçonete.

– Sim. – Seguro meu copo vazio na direção dela. Ele parece bem mais pesado do que deveria.

– Agora vamos indo. – Anna enfia meus pertences de volta em minha bolsa, junta nossas sacolas de compras e me ampara pelo cotovelo enquanto me levanto.

– Sou alérgica a castanhas – digo à garçonete. – Será que minha bebida pode

ter sido feita com leite de alguma oleaginosa? Tinha um gosto esquisito.

– O chocolate quente? – Ela franze o rosto. – Tinha calda de avelã.

– Idiota. – Anna me empurra em direção à porta. – Pedi calda de avelã no meu café. Não vamos mais voltar aqui.

– Mas... – a garçonete começa a falar, e Anna me leva para fora.

– Pelo amor de Deus, Grace. Eles poderiam tê-la matado. Poderíamos processá-los.

– Estou bem. Só quero ir para casa e tirar um cochilo. Você pode dirigir meu carro? – Estou meio tonta e faço força para manter os olhos abertos.

– É claro. – Anna olha para os meus lábios. – Você está um pouquinho parecida com o Pato Donald. Que pena que não vai poder ir esta noite.

– Vou ver como me sinto depois de dormir.

– É claro. Vou ficar de dedos cruzados para você ficar bem. – Anna sorri, esfrega meu braço. – Vamos para casa para você descansar.

Meus pés não parecem meus conforme sigo em direção ao carro, e espero não parecer bêbada. No estacionamento, ao lado do meu carro, está o Corsa vermelho.

– Anna! É esse carro! – aponto.

– Segura isso aqui. – Anna joga todas as sacolas em cima de mim e sai correndo em direção ao carro, mas, antes que ela consiga chegar, o motorista sai cantando pneu.

Uma batidinha me acorda.

– Grace? – Anna abre a porta do quarto. – Trouxe um pouco de sopa de legumes. Você perdeu o almoço.

Bocejo e pego o telefone. São cinco horas da tarde.

– Obrigada. – Passo a mão na boca. – Como estou?

– De volta ao normal. Que sorte. – Anna pousa a bandeja na mesa de cabeceira. – Coma. Fiz especialmente para você. Depois vou ajudá-la a se arrumar.

Antes de eu terminar a sopa, Dan chega em casa. Ele explode quando conto da confusão no café.

– Porra, como eles erraram assim? – Ele senta na cama e segura minha mão.

– Isso acontece. Eles são apenas humanos.

– E você foi clara que era para colocar calda em apenas uma das bebidas?

– Parece que sim. Foi a Anna que pediu.

– Ah, foi? – O pescoço dele se retrai. – Vou falar com ela.

– Por favor, não. O clima entre vocês dois já está bem tenso. – Esfrego o polegar nos nós dos dedos dele. – Sei que não é fácil dividir nosso espaço, mas estou gostando de tê-la aqui. De toda forma, está tudo bem: estou bem, meu vestido é mais que bom. Mal posso esperar para que você me veja.

Tomo um banho quente e raspo as pernas antes de esfoliar meu corpo. Minha pele está rosa, e me sento embrulhada numa toalha junto à penteadeira para pintar as unhas com meu esmalte predileto, vermelho-cereja, enquanto Anna seca e escova meu cabelo. Estamos falando de perfume. Conto a ela como Charlie era obcecada por Impulse, o perfume corporal da Lexie, e como eu não suportava mais aquele cheiro. Mas, então, sem aviso, meu estômago dá um espasmo e dou um tranco para a frente. O esmalte cai do meu dedo, e pingos vermelhos escorrem do pincel e caem no carpete. Eu me endireito, mas minha barriga se contrai de novo, e sinto uma cólica muito forte. Corro até o banheiro e chego lá a tempo.

– Grace? – Anna bate na porta.

– Não estou bem. – É uma combinação estranha, estou tremendo e suando. Pego um pano, molho com água fria e ponho na nuca.

– Vou chamar o Dan.

Dou um gemido e sinto outra onda de dor. Eu me inclino para a frente, com os cotovelos pousados nas coxas, tomando cuidado para evitar o hematoma feito pela Epipen. Essa é provavelmente a maneira de o meu corpo expelir o excesso de adrenalina.

– Meu benzinho?

– Estou passando mal, Dan.

– O que posso fazer? Nós precisamos sair em breve.

– Acho que não vou a lugar nenhum. Desculpe.

Recosto o rosto nos ladrilhos frescos e penso em meus lindos vestidos. Nem cheguei a decidir qual usar.

Passa meia hora até que comece a desfazer o nó em meu estômago e eu me sinta corajosa para deixar o banheiro. Minhas pernas estão fracas, e seguro firme no corrimão enquanto sigo em direção ao tom alto das vozes.

Anna e Dan estão na cozinha. Anna está deslumbrante com seu vestido vermelho. Seu cabelo está preso num coque com pequenas mechas soltas em volta do rosto.

– O que está havendo?

– Grace. – Anna fica corada. – Achei que o Dan poderia querer companhia esta noite; isso me daria a chance de usar o vestido novo.

– Eu disse não. – A voz de Dan é gélida. – Eu vou com a Grace ou vou sozinho.

– Não me importo. Você tem dois convites, e a Anna está pronta. Vou tomar um banho de banheira e dormir cedo.

– Obrigada, Grace. – Anna coloca a carteira de mão embaixo do braço. – Está pronto, Dan?

Dan abre e fecha a boca, sem falar. Ele pega a chave e a carteira e segue a passos largos em direção à porta da frente.

Aceno do degrau enquanto o carro segue pela rua. Estou *sozinha*. Tranco a porta e passo a corrente, e, embora eu esteja me sentindo melhor, meu estômago dói de novo e só melhora quando eles voltam para casa.



A porta do armário abriu ruidosamente e comecei a remexer nas pilhas de papéis, papel de bala e livros que eu tinha juntado ao longo do ano. Eu tinha que trazer um saco plástico e limpar tudo antes de terminar o sexto ano, dali a alguns meses. A capa cor de laranja do meu livro de inglês chamou a minha atenção e o puxei; eu detestava chegar atrasada. Um envelope caiu do meio das páginas e foi flutuando até o chão. Eu o peguei e senti o rosto quente ao reconhecer a letra.

Dessa vez, o bilhete era mais comprido, mas, como antes, ainda feito com as letras recortadas: "Não queremos você aqui". Amassei o papel e dei uma olhada em volta. O corredor estava deserto. As aulas já tinham começado. Bati a porta do armário e girei a chave. Meus passos ecoavam pelo corredor conforme meus pés batiam no piso de parquet. Abri a porta da sala e despenquei no meu lugar, suando e ofegante. *Orgulho e preconceito* era um dos meus livros prediletos, mas as palavras estavam embaçadas, e li o mesmo parágrafo três vezes. Eu tamborilava com a ponta dos dedos na mesa enquanto ansiava que os ponteiros do relógio andassem um pouquinho mais depressa. O sinal finalmente tocou. Guardei todas as minhas coisas na bolsa e segui rumo à porta.

Esmée e Charlie já estavam no refeitório, Charlie acenando com sua baguete enquanto falava, e pedaços de tomate e pepino caindo no chão.

– Olhe. – Empurrei o bilhete para Charlie.

– O que é isso?

Mostrei a Esmée, contei a ela sobre o primeiro bilhete e a caixa de sapato, expliquei como tinha torcido para que fosse só uma vez. Que ela não precisava

se envolver nem achar que precisava ficar do lado de alguém.

– Não posso acreditar que a Siobhan faria isso. Nós nos conhecemos desde os 5 anos.

– Ela tem sido uma nojenta desde que a Grace e o Dan ficaram juntos – disse Charlie.

– De qualquer maneira, ela nunca gostou de mim – comentei, triste.

– Sim, mas...

Esmée caiu em silêncio, olhando além do meu ombro. Eu me virei e vi Siobhan na porta.

– Trouxe batata chips. – Siobhan passou por mim e mostrou dois sacos para Esmée e Charlie. – Sabor queijo e cebola ou frango?

– Não quero nada de você. – Charlie se levantou.

Esmée mordeu o lábio, olhou para o chão, tentando se manter isenta.

– Qual é o seu problema? – Siobhan endireitou a coluna, mas Charlie ainda era mais alta que ela.

– Você. Mandando estas merdas para a Grace. – Charlie jogou o bilhete no peito de Siobhan, e ela cambaleou para trás.

Siobhan me olhou fulminante e abriu o bilhete.

– Eu não mandei isto.

– Imagino que também não tenha mandado a caixa de merda na noite seguinte à festa de Grace.

Os olhos de Siobhan se arregalaram.

– Não, e não posso acreditar que vocês acham que eu faria isso. Somos amigas há anos. Muito tempo antes que ela chegasse.

O rosto de Charlie se franziu numa careta.

– Bem, não somos mais. Vai se ferrar, Siobhan.

Siobhan abriu e fechou a boca. Esmée recuou.

– Esmée?

Os olhos de Esmée se encheram de lágrimas; ela sacudiu os ombros.

Siobhan virou para mim, com uma raiva tão forte que era quase palpável, e cuspiu as palavras.

– Você realmente quer fazer de mim uma inimiga, Grace?

Claro que eu não queria, mas sabia que era tarde demais. A amizade frágil que tínhamos havia sofrido um dano irreparável, e eu sentia medo do que viria a seguir.



– Grace, você pode, por favor, ajudar na sala dos bebês? Hannah ligou dizendo que está doente – diz Lyn.

Corro até a sala azul antes que ela mude de ideia. Por mais que eu adore os pequenos de 3 e 4 anos que geralmente ficam sob meus cuidados, a ideia de passar o dia com os bebês me anima. Sarah é a primeira a entrar pela porta com Lily, irmã de Emily. É o primeiro dia dela.

– Grace, fico tão contente que esteja aqui, embora a Emily vá sentir loucamente a sua falta; ela fala de você o tempo todo. Parece que não faz nem dois minutos que Emily era assim. – Sarah assente para Lily.

– Eu sei, passa voando. Quer que eu a pegue?

Sarah fica com os olhos marejados conforme ela entrega a miudinha adormecida, embrulhada com um cobertor do Ursinho Pooh e do Leitão. Ela está mais pesada do que parece.

– Ela ficará bem – eu digo.

– Eu sei. É só que ainda não pretendia deixá-la, mas me ofereceram um bom dinheiro para escrever um livro como ghost writer e não vou conseguir me concentrar com ela em casa. Não é fácil ser mãe solo.

– Você nem vai notar e já será hora de vir buscá-la.

Abrimos caminho para a entrada de uma porção de mães. Sarah me entrega a bolsa de fraldas de Lily e uma longa lista de instruções, dá um beijo na bebê e vai embora.

Ando como um astronauta, caminhando lentamente até uma poltrona com minha "carga preciosa", e vou me abaixando milímetro a milímetro, com cuidado para não acordá-la. Meus músculos tremem pelo esforço, e acho que

realmente preciso voltar à ioga. Os cílios escuros de Lily contrastam com sua pele de porcelana, e tiro vagarosamente a sua coberta, revelando dez dedinhos perfeitos, com unhas finas como papel.

– O que você vai realizar com essas mãozinhas? – digo a mim mesma.

Lily ronca baixinho, conforme a aninho em mim. Não posso resistir ao perfume de sua cabeça, seu cheirinho de bebê. Ela é encantadora. Minha mãe está sempre dando indiretas quanto a se tornar avó sempre que falamos, mas ainda não estou pronta. Nenhum de nós dois está.

Lily se espreguiça – quase dobrando de tamanho – e boceja, abrindo a boquinha rosa e sem dentes. De olhos ainda fechados, ela começa a resmungar. Eu a levo até a pequena cozinha para aquecer sua mamadeira. Agito e pingo algumas gotas de leite em meu punho, para testar a temperatura.

– Perfeita – digo a ela. Quando estamos sentadas, passo o bico da mamadeira em seu lábio inferior, e ela para de chorar. Seus dedos agarram os meus vorazmente, e ela prende a boquinha no bico, sugando ruidosamente, tomando o leite como se não fosse alimentada há dias. Assim que a mamadeira está vazia, eu a coloco no chão. – Isso é até a hora do almoço. – E delicadamente esfrego suas costas, até que ela solta um arroto bem alto. – Lily! Sua irmã ficaria muito impressionada com isso – digo a ela. Um pequeno filete de leite azedo escorre de sua boca, e limpo com o babador da Peppa Pig.

Passo a hora seguinte entretendo Lily com brinquedos plásticos coloridos e lendo histórias que ela ainda não consegue entender. Trabalho duro para ganhar um dos sorrisos banguelas de Lily.

– Grace, você pode colocar a Lily no berço e ir até lá fora? Está calor suficiente para que as crianças deem uma corrida antes do almoço – diz Lyn. – Cara ficará bem sozinha aqui, por meia hora.

Deito a Lily no imenso trocador de fraldas amarelo.

– Vamos trocar você antes do seu cochilo.

Ela se contorce, conforme abro os botões de pressão da calça por cima da fralda: as perninhas estão rijas, os joelhos travados. – Vamos, Lily, tenho que ir lá para fora agora. – Faço caretas engraçadas, até que ela relaxa os músculos e consigo tirar sua fralda suja. – Lily, não posso acreditar como você está fedorenta. – Depois de limpá-la, coloco uma fralda limpinha e faço cócegas em sua barriga fofa. Ela ri, e eu faço de novo, antes de prender a calça por cima da fralda. Ela pousa a cabeça em meu ombro, com meu cabelo

enroscado no punho, enquanto a levo até os bercinhos. Ela tem cheiro de talco e xampu de bebê. Dou corda no móbile de sol, lua e estrelas. A melodia de "Brilha, brilha, estrelinha" preenche o ar, e vejo seus olhinhos começando a tremular. Gritos agudos surgem lá de fora e despertam Lily, fazendo-a chorar, com as lágrimas caindo depressa.

Demoro um segundo para chegar ao pátio. Uma aglomeração de crianças chorosas cerca os balanços. Vou abrindo caminho até a frente e vejo Emily caída na grama sintética com o braço num ângulo estranho. Meus olhos embaçam. Emily se transforma no meu pai deitado na estrada, há tantos anos. Começo a balançar e caio de joelhos.

– Grace?

Ergo os olhos para a criança mais próxima e lembro a mim mesma que sou a adulta no comando.

– Está tudo bem. O que aconteceu?

– Ela estava em pé no balanço e caiu – William me informa. – Lyn está chamando uma ambulância.

A testa de Emily está suada, e afasto a franja dos olhos fechados. Seu rosto está pálido.

– Emily, está tudo bem, a ambulância está chegando. Fique quietinha. Tudo vai ficar bem.

Emily para de berrar, se retorce, e isso é ainda pior, de alguma forma. Nem sei se ela percebeu que estou por perto. A dor deve ser inimaginável, e me sinto profundamente impotente.

Lyn aparece com um cobertor. Nossos olhos se fixam acima dos pequenos.

– Onde você estava? – ela sussurra.

– Tive que trocar a fralda da Lily. – Olho para baixo, não querendo que Lyn veja a culpa em meus olhos, tentando consolar Emily com palavras adequadas, segurando sua mão e a afagando. Apesar do calor, sinto frio.

Transpiro à medida que a adrenalina percorre meu corpo. Minhas mãos e meus pés estão dormentes.

– Sarah está a caminho – diz Lyn. – Ainda bem que ela mora logo ali na esquina. Vou lá fora esperar por ela e pela ambulância.

Ouço as sirenes, e o suor escorre furiosamente pelo meu corpo, mas não lava o arrependimento que sinto nem as lembranças que vieram à tona. Sinto um

aperto no peito e respiro com dificuldade. Nunca tive um ataque de pânico no trabalho e luto para me acalmar na frente das crianças, que já estão abaladas.

Alguém dá uma batidinha em meu ombro.

– Quem é a paciente? – Um paramédico meio calvo ajoelha ao meu lado e abre sua maleta de primeiros socorros.

– Essa é Emily – digo a ele, enquanto o rosto do homem entra e sai de foco. – Ela caiu do balanço.

– Oi, Emily, meu nome é David. Estou aqui para cuidar de você.

– Emily! Emily! – A angústia nos gritos de Sarah é palpável, conforme ela vem correndo para o lado da filha. Não consigo olhar para ela. Ao cuidar de uma filha, negligenciei a outra. Começo a afastar as outras crianças. Algumas ainda estão chorando. Olhamos pela janela conforme Emily é erguida na maca e levada para a ambulância à espera.

– Ela vai morrer? – eles me perguntam. – Eles vão *fazer ela* voltar viva de novo?

– A Emily está bem, ela só machucou o braço. – Tento mostrar uma confiança que não sinto. – Vamos todos lá para o canto das histórias para escolher um livro. – De alguma forma, consigo atravessar a sala com as pernas bambas e despenco nos pufes. *O Grúfalo* é novamente o livro escolhido. Minha voz está trêmula, mas mergulho na história, imitando uma raposa, uma cobra, uma coruja. Fingir é algo em que sou boa.

Depois que as crianças vão para casa, arrumo os livros bagunçados e limpo as superfícies pegajosas, até que Lyn me chama em seu escritório.

– A Sarah ligou do hospital. A Emily quebrou o braço. Eles vão mantê-la lá esta noite em observação, pois também bateu a cabeça, mas ela ficará bem. O Greg está lá. Emily provavelmente está eufórica em ter os pais juntos no mesmo quarto.

– Graças a Deus – eu me sento, pois minhas pernas já não querem mais me manter de pé.

– Precisamos preencher um relatório declarando o que aconteceu. A Sarah precisa assinar e depois devemos mandar cópias para a Ofsted[2] e a agência de proteção infantil local.

Quase não suporto olhar nos olhos dela.

– E depois?

– O incidente será investigado. Se a Ofsted achar que foi culpa nossa, eles

vão publicar o fato em seu site junto com quaisquer procedimentos que venham a realizar, ou algum que precisemos cumprir, para atender às exigências legais.

– Eu lamento muito, Lyn. Eu deveria ter ido direto supervisionar em vez de trocar a Lily.

– Foi um acidente, Grace. Poderia ter acontecido se você estivesse lá fora. Sei o quão boa você é com as crianças.

– A Ofsted não sabe.

– A Emily vai ficar bem, isso é o mais importante. Tomara que não seja encontrada nenhuma falha. Nós nunca tivemos um incidente aqui na Little Acorns, embora eu imagine que os pais possam tirar seus filhos em massa se a Ofsted nos culpar publicamente.

– Lamento muito – eu não consigo parar de repetir.

A Lyn olha o relógio.

– Por que não vai para casa? Precisamos falar com as crianças e os demais funcionários antes de preenchermos o relatório. Temos catorze dias para fazê-lo.

– Vá você, Lyn. Você parece exausta. Vou terminar de arrumar tudo e tranco. – Geralmente sou a última a sair.

– Não, eu farei isso. – O tom de Lyn é firme.

Quero perguntar se ela ainda confia em mim, mas tenho medo de ouvir a resposta. Pego a bolsa e o casaco e saio pela porta da frente. As marcas dos pneus da ambulância ainda estão no gramado da frente, a grama toda amassada. Com o tempo, ela vai se recompor, e não haverá nenhum sinal do trauma vivido hoje. Será que o mesmo pode ser dito de Emily? Fico me perguntando. Minhas cicatrizes não são mais visíveis, mas ainda as trago comigo.

Dirijo para casa no automático, surpresa ao me encontrar na frente de casa sem lembrança consciente do trajeto. Preciso de três tentativas para parar de tremer a mão e acertar a chave na fechadura. Solto a bolsa no chão, arranco os sapatos no tapete, vou descalça até a cozinha e encho uma taça grande de Chardonnay. Mantenho uma das mãos na garrafa e fico em pé, junto à pia, dando um gole no vinho, olhando os passarinhos no alimentador. Eu os invejo. Livres para voar e recomeçar em um lugar novo. Como poderei encarar a Lyn novamente? Decepcionei a Emily. Decepcionei a mim mesma.

Tomo a taça inteira e sirvo outra. Meu celular toca, repetidamente, com a chamada de um número desconhecido. Ignoro. Estou farta de atender ligações sem que ninguém fale. Ouço a batida da porta da frente e, quando Dan entra na sala, eu caio em prantos.

– Grace. O que foi?

Não encontro as palavras. Ele parece aflito, ao me levar até a sala, me fazer sentar no sofá e ajoelhar na minha frente.

– Grace? – Ele está totalmente pálido.

– É o trabalho.

Ele solta o ar.

– Só isso?

– Só? – Limpo o rosto com a manga.

– Não foi isso que eu quis dizer. Só estou contente que não seja nada mais sério, que seus avós estejam bem. O que aconteceu?

Uma sombra recai sobre mim quando Anna surge. Eu não a ouvi entrar.

– Grace. – Ela senta ao meu lado e passa um braço em volta dos meus ombros. Meus músculos estão tão tensos que parecem sensíveis, e me movo para que ela me solte.

Relato meu dia horrendo.

– Não é culpa sua. – Dan aperta meu joelho.

– Bem, é um pouco – diz Anna. – Sei que você jamais machucaria alguém de propósito, mas se deveria estar lá fora supervisionando...

– Anna. – O tom de voz de Dan é frio. – Acidentes acontecem. Às vezes, ninguém é culpado.

– Ela está certa. Eu deveria estar lá fora. – Limpo os olhos.

– Mesmo que você estivesse lá fora, Emily ainda teria subido, provavelmente ainda teria caído.

– Talvez.

– Quase que certamente.

– Não sei como posso enfrentar todo mundo amanhã.

– De cabeça erguida. Honestamente, Grace, você não tem do que se envergonhar.

– A Ofsted que julgará isso. – Pico o lenço de papel que estou segurando e vejo os pedacinhos voando até a porta. Confete, sem ter o que comemorar.

– Eles vão fechar a escola? – pergunta Anna.

– Só se formos culpados e isso for à público. Eu não poderia conviver comigo mesma se eu prejudicasse o negócio de Lyn.

– Mas os pais serão informados?

– A essa altura, as crianças provavelmente já contaram aos pais sobre a ambulância, então, se eles perguntarem, contaremos que houve um acidente, do contrário, não tenho certeza. A Lyn sabe como lidar com isso. Espero que eles não descubram. Eles confiam em mim.

– Ainda vão confiar – diz Dan. – Você é ótima com as crianças. Elas te adoram.

– Obrigada. – Eu me inclino à frente; nossas testas se tocam. – Eu te amo, Dan.

– Eu também te amo. Por que você não vai tomar um banho? E eu vou providenciar o jantar?

– Você?

– Sim, eu. Sou bem capaz, sabia? Já fiz isso antes. Bacalhau e batatas fritas para três?

O despertador anuncia um novo dia, arrancando-me de um sono perturbado. Espio por baixo das pálpebras pesadas. Minha boca está seca e amarga; lamento pelo jantar com vinho e peixe gorduroso de ontem à noite. Vou cambaleando até o banheiro e sinto ânsia ao escovar os dentes. Quase não consigo me encarar no espelho, meus olhos estão vermelhos, meu rosto está morbidamente pálido. Por um instante, penso em ligar dizendo que estou doente, mas, em vez disso, tomo banho, me visto e dou um beijo de despedida em Dan. A porta de Anna está fechada, e fico contente por ela ainda não estar de pé. Fiquei magoada com a reação dela ontem à noite. Mesmo que ela estivesse dizendo o que eu estava pensando, mesmo que eu realmente tivesse culpa.

Lá embaixo, abro as cortinas da sala, recuando quando a luz entra pela janela. Mittens está dormindo encolhida no sofá, em meio às embalagens de peixe e batata frita. Há duas garrafas de vinho vazias no chão. Eu bebi as duas? As garrafas de cerveja de Dan estão caídas de lado. Nosso lixo de vidro reciclável vai transbordar novamente. Espero que os coletores não nos julguem como eu às vezes me julgo.

O trajeto até o trabalho passa rapidamente. Ao chegar, estou pensativa, meio esperando ver uma fila de pais zangados do lado de fora, com placas “Justiça para Emily”, mas é claro que é só mais um dia. O estacionamento está vazio,

exceto pelo carro de Lyn. Entro pela porta da frente, aliviada porque a minha chave ainda funciona. Não fui expulsa.

– Venha cá. – Lyn abre os braços. – Você está com uma aparência terrível. Por favor, não se preocupe. Foi um acidente. Hoje é um novo dia. – O sorriso dela dissipa meus temores; eles caem por terra. Passo por cima deles, reconciliada. E sou envolvida num abraço caloroso.

A manhã se parece como qualquer outra, fora a ausência de Emily. As crianças não mencionam o acidente ou a ambulância. É um dia comum. Na hora do almoço, Lyn e eu lemos o relatório, enquanto compartilhamos os sanduíches de ovo de Lyn. Eu havia me sentido sensível demais essa manhã para pensar em preparar comida.

– Acho que está bem sincero. Nossa proporção de funcionários para a quantidade de crianças é boa, e os relatórios anteriores são excelentes. O equipamento não tem falhas. Foi uma fatalidade, não acho que eles levarão isso adiante.

– Espero que não.

– A Emily está bem, isso é o principal. E se eles não levarem adiante e não tornarem público, isso não vai afetar nossa reputação em nada. O negócio prossegue normalmente. Agora faça um café para mim.

Faço um café para Lyn e tomo dois comprimidos para dor de cabeça com um copo grande de água. Passamos boa parte da tarde fazendo corações de papelão que enfeitamos com purpurina, lenços de papel e tinta. Eu os penduro num varal para secar. Meus braços estão doendo. Tenho sido vigilante demais o dia todo e estou profundamente exausta. É um alívio trancar a porta e arrumar tudo.

– Agora estou indo. – Enfio a cabeça na sala de Lyn. O rosto dela está pálido e franzido.

– Está tudo bem?

– É melhor você se sentar. – Lyn assente para a cadeira sem me olhar diretamente.

Eu me sento. A pulseira do meu relógio está puída. Meus dedos nervosos puxam pedaços do algodão. Vejo quando eles caem no chão.

– Você precisa ver isso. – Lyn me entrega o iPad, o aplicativo do Twitter está aberto.

"Funcionária negligente de creche quebra o braço de menina. 2littleacorns #gracepraforа"

– Isso é...

– Vai descendo. Tem mais.

"Não mandem seus filhos para lá, não é seguro. #littleacorns #graceprafora"

"Por que você não demitiu a Grace? #littleacorns #graceprafora"

"O lugar de Grace é na cadeia. #littleacorns #graceprafora"

Há um tuíte após o outro, todos pedindo sangue. Meu sangue. O jornal local o retuitou e houve alguns comentários muito cruéis de gente de quem nunca ouvi falar. Estou passando mal. O iPad está ficando desfocado.

– Quem fez isso?

– Não sei. São de contas novas. Não há informação pessoal nem fotos.

– Será que podem ser da mesma pessoa?

– Não sei. – Lyn tamborila com a caneta na lateral da mesa. – Fico pensando se não é o Greg.

– Talvez. Ele disse que faria com que eu me arrependesse. Ele é difícil, nós sabemos disso, e é pai de Emily. O que devemos fazer?

– Não podemos manter isso em silêncio. Recebi telefonemas esta tarde. A coisa já se espalhou por entre os pais. Eles estão preocupados.

Espero ela prosseguir.

Lyn recosta na cadeira e suspira.

– A imprensa local ligou. Eles vão publicar uma matéria amanhã. Queriam um comentário.

– O que disse? – Minha voz sai quase inaudível, até para os meus ouvidos.

– Eu disse que ninguém tivera culpa, que a investigação está em curso, mas que, até que a Ofsted chegue a uma conclusão, você está suspensa.

Meus olhos se enchem de lágrimas.

– Lamento muito, Grace, mas não posso correr o risco de deixar que os pais tirem seus filhos. Tenho que agir segundo os interesses da escola.

– Eu sei. Lamento. – A palavra, de novo, mas não consigo pensar em mais nada a dizer.

– Assim que a Ofsted tomar uma decisão, voltaremos ao normal. Isso vai passar.

Remexo na bolsa e tiro a minha chave.

– Aqui. – Entrego à Lyn.

– Fique com você. Você vai precisar dela quando voltar. Você vai voltar, Grace.

Eu me levanto da cadeira. Meu corpo parece pesado. O peso da culpa.

Atravesso a sala de recreação, olhando os corações no varal, e sinto que o meu está partindo.

---

2 Ofsted (Office for Standards in Education) é o departamento do governo do Reino Unido que define os padrões de qualidade do ensino.



Sobre os cartões de Natal que estavam no capacho da porta naquela manhã havia outra carta. Eu a enfiara na mochila para mostrar a Esmée e Charlie na hora do almoço. Fui a primeira a entrar no salão. Por que sempre tinha cheiro de repolho cozido? Nós nunca comíamos legumes. Apesar de toda a discussão sobre comida saudável, as únicas coisas reconhecíveis eram os cachorros quentes e as batatas fritas servidos por mulheres ranzinzas de avental cor-de-rosa e toquinha na cabeça, que pareciam preferir estar em qualquer lugar, menos ali. Dei uma desculpa esfarrapada para pegar uma salada. Tomates e pepinos com um pouquinho de atum. Não me saciaria, mas eu queria perder meia tonelada antes do Natal, quando sabia que eu ia desafiar meu peso, passando um bom tempo na rua e comendo tortas de carne.

Ao entrar na fila para pagar a comida, não pude resistir e pedi um copo de chocolate quente. Eu merecia, por todas as calorias que tinha economizado com a salada. Quando cheguei à nossa mesa habitual, Esmée e Charlie já estavam lá.

– Você ouviu falar da Siobhan? – Charlie saltitava em seu lugar.

– Não.

– Ela foi expulsa.

– O quê? Por quê? – Siobhan era a mais inteligente de todas nós.

– Roubou um laptop.

– Isso é ridículo. Ela não faria isso. Ela tem laptop.

– Ela foi flagrada nas câmeras de segurança. Teve até um carro da polícia aqui, mais cedo.

– E a universidade?

– Não vai poder ir. Ela não vai poder fazer a prova de qualificação.

– Meu Deus. – Eu estava perplexa.

– Não posso acreditar. – Esmée mordia o lábio. – Eu me sinto como se nunca a tivesse conhecido.

– Nós não conhecíamos – disse Charlie. – Olhe o que ela fez com a Grace.

– Ainda está fazendo. Recebi outra carta hoje.

– Que nojenta – disse Charlie.

– Ela é – concordei, mas olhei para Abby, aos prantos, num canto, ladeada por "amigas" preocupadas, buscando informação sobre a irmã mais velha inconstante, e não pude deixar de sentir pena dela.

Foi um alívio não ver mais Siobhan todos os dias. Os boatos não tinham fim. Ela fazia parte de uma organização criminosa. Seu pai era membro da máfia. Stephen Brown, da minha sala, disse que ela lhe oferecera um laptop por cem libras. Nisso, eu acreditava. Siobhan não tinha um emprego, como o restante de nós. Eu trabalhava no café aos sábados, Charlie era babá, e Esmée ajudava a mãe a entregar os pedidos da Avon. Os pais de Siobhan não a queriam distraída dos estudos. Para que ela precisava tanto de dinheiro?

Para papel de carta, provavelmente. Cartas agora chegavam quase que diariamente, e eu estava irritada e cansada. Charlie queria começar a procurar seu pai, mas eu tinha dificuldade para acompanhar os trabalhos da escola, minha concentração estava prejudicada. Tentávamos dar umas indiretas para Lexie, fingindo termos visto um programa de Jeremy Kyle no qual uma garota exigia que a mãe lhe dissesse quem era seu pai, inventando uma história sobre uma menina da escola que tinha acabado de localizar o pai, mas Lexie só acendia outro cigarro, servia-se de mais bebida e nos ignorava.

Na sexta-feira, cortamos caminho pelo parque na volta da escola. Havia uma figura solitária sentada no balanço, os cachos louros pendiam para fora do chapéu. Siobhan.

– Vamos por outro caminho. – Puxei o braço de Charlie.

– Não vou mudar de caminho por causa dela. – Charlie seguiu marchando pela grama gelada, com o ar embaçando à sua frente. – Oi. Ladra.

Fiquei tensa esperando Siobhan explodir, mas, quando ela se virou, respirei fundo e o ar gelado me fez tossir. Os olhos de Siobhan estavam vermelhos, seu rosto pálido e manchado.

– Não roubei nada.

Charlie ficou encarando Siobhan duramente.

– Acredito em você.

– Obrigada. – Siobhan estendeu a mão para Charlie, que bateu na mão dela.

– Acredito em você da mesma maneira que acredito que você não está mandando as cartas para Grace.

– Eu...

– Pode parar. Você foi pega pela câmera de segurança. Precisava de dinheiro para os selos, foi isso? Você é patética. Dan ama Grace. Ele nem olharia para uma vadia como você.

Siobhan limpou o nariz com as costas da mão.

– Por favor. Um dia fomos amigas.

– Você não engana mais a gente. – Charlie pegou meu punho. – Vamos, Grace. Vamos encontrar as outras.

– Deixe-me ir com vocês. – Siobhan enlaçou os dedos, como se estivesse rezando. – Meus pais me odeiam. Nem a Abby fala mais comigo.

– Morra, Siobhan. – A voz de Charlie foi dura, mas, ao nos afastar, vi lágrimas em seus olhos.



Não posso acreditar que tenho que ir para casa e dizer ao Dan que provavelmente perdi meu emprego. Meu Fiesta está na vaga "Somente para funcionários", e vou rapidamente até a porta do motorista, de cabeça baixa, com a chave na mão. Jogo a bolsa no banco do passageiro, viro as pernas para dentro do carro e tranco as portas. Sinto-me inquieta; tem alguém por aí que claramente me odeia. Será que é o Greg? Será que é quem está me seguindo?

Não é a primeira vez que tenho um inimigo. Minha mente volta à época em que eu tinha 18 anos. Penso em como aquilo terminou e me dá vontade de chorar. Ligo para minha mãe. Talvez, quando eu disser as palavras em voz alta, as coisas não pareçam tão ruins, e será mais fácil dizê-las novamente ao Dan. O telefone toca sem parar, e estou esperando entrar a secretária eletrônica quando minha mãe atende.

– Oi, Grace. – Ela está ofegante, e a linha, ruidosa. – Você está bem?

– Você está? Parece que estava correndo?

– A filha do Oliver está aqui com as crianças. Estamos brincando de pique-esconde. Você precisa de mim?

O ciúme irrompe dentro de mim. Ela nunca brincou comigo quando eu era pequena e agora está brincando com os netos do Oliver. Embora eu entenda o motivo, isso me magoa da mesma forma.

– Nada importante. – Engulo com dificuldade, para evitar que minha voz falhe. – Volte para as crianças. Eu ligo na semana que vem.

Cerro os dentes e dou a partida, tomando um susto quando o rádio liga no volume máximo. Eu tinha aumentado o volume do rádio. Pela manhã, quando a rádio local tinha tocado uma sequência de sucessos dos anos 1980, aumentei o

volume e me esqueci de baixar. “Mr. Blue Sky”, do ELO, enche o carro, aperto o botão para desligar o som e pouso a testa no volante. Quase posso ouvir a voz do papai, “It’s a beautiful new day. Hey, hey”. Se ao menos ele estivesse aqui para conversar. Há um silêncio absoluto, rompido somente pela minha respiração ofegante, e me dá vontade de ficar ali, no casulo do meu carro, para sempre.

Lyn dá uma batidinha na minha janela, levanto a cabeça, sorrio e assinto para dizer que estou bem, dou ré e saio da vaga. Se há outros carros na rua, eu nem noto enquanto dirijo. As rodas vão girando, girando, me levando adiante, e logo chego em casa.

As vozes elevadas me alcançam antes que eu entre pela porta da frente. Jogo minha chave na vasilha de miudezas, na mesinha do telefone, e grito:

– Olá!

A TV está ligada na sala; os motores roncam na Fórmula Um, com os carros correndo na tela.

Dan está sentado na beirada do sofá, de cabeça baixa, com o controle remoto na mão. Anna está em pé com os punhos fechados ao lado do corpo.

– O que está havendo?

– Dan é um mau perdedor. Ele não gosta de jogar, gosta, Dan?

– O seu jogo, não. – Ele está com os olhos sombrios e a voz baixa.

– Isso é porque...

– Calem a boca, vocês dois. Essa é a última coisa de que preciso hoje. – Pego o controle remoto e ponho a TV no mudo. – Fui suspensa. – Sento ao lado do Dan, encosto a cabeça em seu ombro. Mittens pula no meu colo e coço seu pescoço, contente pela distração.

– O quê? Por quê?

Eu conto sobre meu dia.

– Mas a Lyn está sendo muito querida. Ela me disse para ficar com a chave, já que vou voltar a trabalhar. É só uma questão de tempo. Mas eu não sei, isso depende do que a Ofsted achar.

– Isso é terrível – diz Anna. – Alguém está realmente com raiva de você. Alguma ideia de quem seja?

– Alguém que não tem uma porra de uma vida própria – diz Dan.

– A Lyn acha que é o Greg, pai de Emily. Tive uma discussão com ele algumas semanas atrás.

– Mas você não acha?

– Não sei. Acho que tenho sido seguida há um tempo.

Dan parece duvidoso.

– Tem certeza? Você sabe como pode ser... desconfiada.

– É verdade. Eu já vi – diz Anna. – Corri atrás do carro deles.

– Por que diabos você não me contou? – Dan parece furioso.

– Eu não queria preocupá-lo.

– Se eu pegar pessoas seguindo você, terão que se ver comigo.

– Mas que cavaleiro de armadura, hein? – diz Anna.

– Anna?

– Sim, Dan?

– Cale a porra da sua boca.

– Vocês dois deem um tempo! – O silêncio é pesado e desconfortável, mais esmagador que os gritos. – Quero tomar um banho de banheira e ter uma noite de paz.

– Não vou estar aqui. Tenho treino de futebol.

– Também vou sair. – Anna parece rebelde.

– Vai a algum lugar legal? – pergunto a ela.

– Na verdade, eu tenho um encontro.

Dan levanta, com os músculos do pescoço tremendo.

– Uma pena que não seja uma entrevista. Vejo você mais tarde. – Ele beija o alto da minha cabeça. Tento pegar a mão dele, mas pego o ar, e ele some porta afora.

– Sinto muito por você ter voltado para casa para presenciar isso, Grace. Eu sou bem competitiva.

– O Dan também. – Respiro fundo. – E acho que ele está tendo dificuldades em compartilhar o nosso espaço. Eu adoro tê-la aqui, nós dois gostamos, mas seria legal termos alguma ideia dos seus planos.

– É claro. Desculpe. Sei que não posso ficar aqui indefinidamente. Logo vou arranjar alguma coisa. Prometo. Mas tem sido tão bom ter a chance de conhecer você, saber mais sobre Charlie. Eu só queria poder conhecer a Lexie. Ouvir algumas histórias de infância, ver algumas fotos. De qualquer forma, vou preparar o seu banho. Tenho um óleo maravilhoso que vai relaxar você.

– Obrigada, Anna.

Ela sobe, e a tensão da sala se dissipa. Fecho os olhos e afago Mittens, embalada por seu ronronar baixinho.

– O que eu faria sem você? Você não liga para o que as pessoas dizem, liga? – Ela desliza a pata macia sobre minha mão.

– O banho está pronto – Anna diz.

Meu telefone apita.

"Ela tem que ir embora."

Mal posso esperar para me lavar desse dia.

Anna instalou luzinhas no banheiro, e o ambiente fica à meia-luz. Uma toalha branca felpuda está pendurada acima do aquecedor; meu robe está atrás da porta. Uma taça de vinho branco gelado está no parapeito da janela, ao lado do meu iPod e de meus fones de ouvido.

– Aqui – Anna me entrega *Jane Eyre*. – Precisa de mais alguma coisa?

– Acho que você pensou em tudo. Isso é fabuloso. Sinto-me como se estivesse numa comédia romântica.

– Todos nós precisamos ser cuidados de vez em quando.

– Obrigada.

– De nada. Quer que eu prepare alguma comida para você antes de sair?

– Não, obrigada. Tem pizza no freezer, se eu ficar com fome. Com quem vai sair?

– Com um cara que conheci na internet; vamos comer alguma coisa.

– Aproveite. Não faça nada que eu não faria.

– Ora, que diversão eu teria? – Ela sorri, depois me deixa sozinha com meu banho e meus pensamentos, sensível e em desalinho. A água age como um massageador, alisando as arestas, até que eu consigo fechar meus olhos e relaxar.

Fico deitada na banheira até que a água esfria e meus dedos parecem ameixas secas de tão enrugados. Emocionalmente esgotada, eu nem janto e vou direto para cama, mergulhando num sono pesado. Não ouço nem Anna, nem Dan voltarem para casa.

Dan solta a toalha no chão e arranca uma camisa do cabide. Não lembro quando foi a última vez que o vi nu. Geralmente, saio para o trabalho antes dele, e nos fins de semana ele se veste no banheiro, saindo cedinho para o treino de futebol. Ele sente que estou olhando e vira.

– Falei com a Anna ontem – sussurro, embora seja improvável que ela possa ouvir. – Ela logo irá embora. Nós podemos...

– Nós podemos. – Dan vem até a cama. As palmas das mãos dele pousam no meu ombro, empurrando, e eu recosto nos travesseiros. Ele beija meu pescoço, passando a mão por baixo do meu top.

– E a Anna?

– E a gente? Faz tanto tempo.

Ele puxa a calça do meu pijama, e minhas unhas passam em suas costas, enquanto mordo minha bochecha por dentro, para não gritar. Engulo sangue, escuro e salgado. Termina em dez minutos, mas estou eufórica de alívio por ele ainda me querer. Por eu ainda querê-lo.

Dan se senta na cama e afasta o cabelo dos olhos.

– Senti falta disso.

– Eu também. Eu te amo.

– Também te amo. – Dan afaga meus lábios com o polegar. – Podemos fazer de novo mais tarde?

– Podemos.

– A gente devia tirar uma folga. Passar um fim de semana prolongado com sua mãe. Tenho umas horas de crédito no trabalho. Poderíamos comer peixe na beira da praia.

– E tudo que está acontecendo na escola?

– Não há nada que possamos fazer no momento. Pelo menos, o sinal lá na sua mãe é tão ruim que você não vai olhar o Twitter a cada cinco minutos.

– Vou ligar para ela mais tarde e combinar.

Nós damos um beijo de despedida – um beijo demorado, nada daqueles beijinhos rápidos que nos acostumamos a dar –, e é ridículo pensar que com tudo que está acontecendo no trabalho eu poderia estar feliz, mas eu me sinto, sim, mais leve. Estamos juntos, novamente. Sei que, aconteça o que acontecer, Dan e eu poderemos enfrentar juntos.

Tenho o dia todo pela frente e penso em fazer uma faxina de primavera. Bessie Smith canta “Downhearted Blues”, e vou cantarolando junto, enquanto levanto as almofadas do sofá para aspirá-lo. Há pelos suficientes para fazer um gato novo. Meu coração vem à boca quando alguém dá uma batidinha em meu ombro.

Eu me viro. Anna desliga o aspirador da tomada, tiro os fones de ouvido. Há dois policias atrás dela.

A sala parece balançar enquanto sinto que pareço ter voltado no tempo.

– O Dan está bem?

– Grace Matthews? Eu sou o Policial Dunne, e esse é o Policial White. – Ele me mostra um distintivo. Balanço a cabeça, sem dizer nada, com as mãos no rosto. – Pode nos dizer onde esteve ontem à noite?

– Ontem à noite? – Minha voz falha. Passo a língua nos lábios secos e começo outra vez. – Ontem à noite? Eu estava aqui.

– Havia alguém com você?

– Não. Por quê?

– Acredito que você trabalhe na Little Acorns, correto?

Assinto.

– Ontem à noite alguém vandalizou a escola.

– O quê? Quem?

– Isso que estamos querendo descobrir. Não há sinais de arrombamento; quem quer que tenha feito isso provavelmente tinha a chave. A senhorita tem a chave, senhorita Matthews?

– Sim. – Minha voz sai quase um chiado.

– Importa-se em verificar se ainda está de posse dela?

Sou seguida pelo corredor. Pego as minhas chaves e localizo a da Little Acorns.

– Aqui está.

– Gostaríamos que a senhorita fosse até a delegacia para dar um depoimento. Pode calçar os sapatos?

Anna pega meus tênis. Preciso de duas tentativas para enfiar os pés dentro deles, e minhas mãos tremem tanto que não consigo amarrar os cadarços.

– Deixe que eu faça isso. – Anna se ajoelha e amarra para mim. – Quer que eu ligue para alguém?

Fico olhando, inexpressiva.

– Não sei.

– Senhorita Matthews? – O Policial White abre a porta da frente. Saio e caminho até a viatura, passo pelas fileiras de narcisos e jacintos espetados para fora da cerca.

A senhora Jones está em pé, no degrau de sua porta.

– Está tudo bem, Grace?

Eu não respondo.

Entro no banco de trás, quase não acreditando que estou numa viatura policial novamente. As lembranças voltam com as paisagens do campo que

geralmente acho tão calmantes. Hoje elas são frias e hostis. Fecho os olhos, e a imagem do Twitter pisca em minha mente. *O lugar da Grace é na cadeia*.



A neve caía fina, e a tirei do para-brisa com a mão enluvada. Meus avós tinham me comprado um Fiesta de segunda mão de Natal, e eu o adorei. Era cinza – da cor de funghi, segundo Dan –, e brinquei dizendo que não deixaria brotar cogumelos nele.

Embaixo do limpador de para-brisa havia uma carta. Senti a pele pinicar e olhei em volta, para ver ser estava sendo observada, antes de guardá-la no bolso traseiro. Não tinha recebido mais "presentes" desde a caixa de sapato, mas as cartas continuavam a chegar, cada vez mais ameaçadoras. Eu tentava fazer com que aquilo não me atingisse, mas era difícil. Eu não sabia por que Siobhan ainda estava fazendo isso, mas, pelo menos, eu não tinha que vê-la na escola todos os dias.

As cortinas da sala mexeram, e vi o rosto enrugado da vovó olhando para fora. Forcei um sorriso e acenei. Eu tinha mantido as cartas escondidas dela; ela já estava preocupada agora que eu estava dirigindo, e também não queria que minha mãe soubesse. Tinha sido muito legal tê-la conosco no Natal, mas nosso relacionamento ainda era novo. Frágil. Eu não queria que nada o prejudicasse. Tinha medo de perdê-la outra vez, então eu sorria radiante de suas piadas, mantendo nossa conversa leve.

Os músculos dos meus ombros pareciam pedra enquanto eu seguia pela vila com as mãos firmes no volante. Dan achava divertido que eu sempre andasse dentro do limite de velocidade, mas ele começou a dirigir um ano antes de mim. "No fim, a tartaruga sempre chega lá", dizia a vovó. Mesmo com as ruas desertas, liguei a seta e entrei na rua de Charlie.

O motor roncava enquanto eu ainda estava no carro conferindo os retrovisores, para ter certeza de que não havia sido seguida, antes de descer e correr pelo caminho de entrada. Eu estava sempre nervosa, assustando-me com pequenas coisas: a árvore do jardim da frente lançando sombras em meu quarto, cachorros latindo. Eu tentava dizer a mim mesma que as cartas não podiam me lesar, mas a ansiedade tinha se alojado permanentemente em meu estômago, deixando pouco espaço para comida. Pelo menos, eu estava perdendo peso. Pedrinhas de gelo se espalharam pelo chão de madeira quando bati as botas.

– Sou eu – gritei ao seguir até a cozinha. Lexie não podia pagar calefação para a casa toda a "porra do tempo inteiro", mas um aquecedor portátil aquecia a cozinha, ligando e desligando automaticamente, para ajustar a temperatura.

– Recebi outra. – Soltei a carta na mesa e despenquei numa cadeira de madeira que era tão desconfortável quanto parecia.

– O que diz? – Charlie perguntou. – Você ainda não abriu? – Ela rasgou o envelope e puxou a folha de papel A4, alisando-a para abrir.

"Vá embora ou você vai se arrepender." As letras eram irregulares, cortadas de uma revista, como nas outras cartas.

– A porra da Siobhan. – Charlie jogou-a em cima da mesa.

– Ela diz que não é ela.

– É o que ela diria, não? Quem mais pode ser?

– Para você. – Lexie botou uma caneca lascada de chá com leite na mesa. Colei as costas na cadeira, desviando de seu hálito curtido de álcool. Ela deslizou um pacote de biscoitos para mim, a mão dela tremia tão violentamente que fiquei surpresa que os biscoitos não tivessem esfarelado.

– Deve ser uma porra horrível, isso. Não sei como você consegue se concentrar nas provas.

– Não consigo. – Dou um bocejo.

Lexie pegou a carta.

– Por que não faz isso?

– Fazer o quê?

– Vai embora? Não estou dizendo para sempre, mas você poderia ficar um tempo com a sua mãe em Devon e dar a Siobhan a chance de desanimar de mandar as cartas.

– Não. – Eu nem podia pensar em ficar tão longe de Dan. – São só palavras.

Palavras ao vento, só isso.

– Ela também não quer deixar o Dan. Eu mal a vi nas últimas semanas – disse Charlie, e ela estava certa. – Você está se transformando naquelas garotas que abandonam as amigas quando arranjam um cara.

– Não estou. É só que...

– Você está com uma cara acabada pra cacete, Grace.

– Estou, mas este ano é importante. Eu tenho provas. Posso lidar com algumas cartas.

– Ela também prometeu me ajudar com uma coisa importante. – A voz de Charlie abrandou. – Aliás, mãe, preciso...

– Droga! – disse Lexie, quando sua caneca caiu no chão. Ela pegou um pano cinza, que talvez tivesse sido branco um dia, e ajoelhou para secar o café. Lexie se levantou para torcer o pano. Um líquido cor de lama espirrou por cima dos pratos incrustados de ketchup que estavam empilhados na pia.

– É melhor a gente ir – disse Charlie, empurrando a cadeira para trás. – Temos um compromisso.

– Temos?

– Temos. Quer deixar seu carro aqui? A cidade vai estar lotada, com todas essas liquidações, e você é uma merda para estacionar.

– Obrigada. Sim. Vamos de ônibus.

Eu estava toda encolhida, na rua principal, batendo os pés no chão para me aquecer. Charlie tinha saltado do ônibus no último minuto – ela tinha esquecido a bolsa. Eu torcia para que ela conseguisse ir até a casa dela e voltasse ao ponto a tempo de estar no ônibus que vinha em minha direção. Fiquei aliviada quando vi Charlie acenando da janela. Na cidade havia uma atmosfera quase enlouquecida com hordas apressadas de loja em loja, caçando o traje da noite de Ano-Novo. O vestido que "não-me-deixa-com-pinta-de-quem-comeu-um-milhão-de-tortas-de-carne". As roupas ostentavam etiquetas com 50% de desconto nas araras empilhadas em bancas perto dos caixas.

Charlie foi abrindo caminho em meio à massa. Eu mantinha os olhos em seu chapéu verde e tentava acompanhá-la. Apesar de ter perguntado, eu não fazia ideia de onde ela estava indo.

Ela parou na frente de uma porta azul-pavão. Um luminoso rosa neon piscava: "Estúdio de Tatuagem".

– Você está de brincadeira, né?

– Pensei em fazermos tatuagens iguais.

– Sim. Depois a gente deixa a barba crescer – eu disse.

– Nada masculino. Olhe, eu que desenhei isto. – Charlie tirou um pedaço de papel do bolso e o desdobrou. Era uma borboleta. – Podemos fazer num lugar discreto. Que tal nos ombros?

– Você está falando sério? – Eu jamais faria uma tatuagem, disso eu tinha certeza.

– Estou. Um novo começo no novo ano.

– O que sua mãe vai achar? E o Ben?

– Dispensei o Ben.

– O quê? Por quê? – Eu estava sendo egoísta, mas fiquei decepcionada por não podermos mais sair em dois casais.

– Estou de olho em outra pessoa.

– Quem? O Ben é um querido...

– Mas é um chato. – Charlie me deu um sorriso e abriu a porta. A área da recepção era branca e asséptica. Canções natalinas tocavam na Rádio Roberts.

– Charlie Fisher? – Não pude deixar de encarar a mulher atrás do balcão. As tatuagens se estendiam como vinhas por seus braços nus e serpenteavam ao redor de seu pescoço.

– Sou eu.

– Oi. Sou Nancy. Tem um agendamento para duas tatuagens pequenas, certo?

– Agora é só uma. – Eu me sentei no banco e cruzei os braços.

– Charlie disse que achava que você pularia fora.

– Pularia fora? – eu disse. – Como se eu estivesse dentro em algum momento.

– Estraga prazeres. – Charlie mostrou o desenho à Nancy.

– Bonitinho. Você mesma fez?

– Sim. Eu queria alguma coisa que representasse liberdade.

– Venha – disse Nancy. – Você pode assistir, se quiser – ela disse para mim.

– Você que vai fazer? – Eu estava surpresa. Esperava um homem de camiseta preta cheio de piercings.

– É. Esperava outra pessoa?

Balancei a cabeça, envergonhada.

A sala dos fundos não era o local sombrio e sujo que eu havia imaginado. Tinha pôsteres de garotas dos anos 1950 pendurados em molduras de inox em paredes branquíssimas. Nancy colocou as luvas enquanto Charlie deitava de

bruços numa mesa de couro preto. Charlie deu um pequeno tranco quando a agulha tocou sua pele e respirou profundamente.

– Dói? – Eu estava fascinada.

– Dói. Ajude a me distrair. O que fez ontem à noite?

– Vi o Dan.

– Não preciso ser um Einstein para saber disso.

– Levamos o telescópio dele para a floresta. Estava uma noite bem clara.

– Vocês devem ter congelado.

– Acendemos uma fogueira, assamos marshmallows. Aquecemos um ao outro...

– Aposto que transaram! Está toda contente!

– Nós estamos. Achei que seria estranho fazer essa transição de amigos, mas não é. Sei que somos jovens, mas acho que ele é meu eleito, Charlie.

– Deus. Daqui a um minuto você vai querer tatuar o nome dele.

Uma hora depois, Nancy tinha terminado. Ela recostou em sua cadeira, tirou as luvas e as jogou no lixo, enquanto passava instruções de como cuidar da tatuagem. Charlie tomou um gole de água, e a cor foi lentamente voltando ao seu rosto.

– E você? – Nancy olhou para mim. – Não tem vontade?

– Acho que não tem a ver comigo, mas é linda.

– Você deveria abrir as asas e voar, Grace – disse Charlie.

– Um dia, talvez – disse Nancy.

– Talvez. – Mas eu duvidava disso. Eu gostava de ter os dois pés firmes no chão.

Descemos do ônibus com as sacolas batendo em nossas canelas. Eu tinha gastado o dinheiro que minha mãe me dera de Natal na loja Topshop, num vestido roxo ombro a ombro, para usar na festa de Ano-Novo no pub, na noite seguinte. Mal podia esperar para que o Dan me visse. Charlie tinha comprado um vestido vermelho justo e um batom para combinar.

– Quer voltar para minha casa? – perguntei.

– Quero. Vou pegar as coisas e avisar minha mãe.

– Vou esperar no carro.

Procurei a chave na bolsa, andei até a porta do motorista e gelei: a palavra "Piranha" estava riscada em letras grandes e irregulares na lateral do meu carro.



– Preciso de um advogado?

Espero que Anna tenha ligado para o Dan e dito a ele onde estou. Não tenho certeza se tenho direito a dar um telefonema ou se isso é só nos filmes. A claridade excessiva das luzes artificiais faz minha cabeça doer, e o cheiro de produtos de limpeza é nauseante. O ar na sala sem janelas é estagnado e quente demais para um dia de inverno. Eu jamais poderia imaginar que voltaria a ver uma sala de interrogatório. Espero alguém falar. Ouço um remexer de papéis antes que as pessoas levantem a cabeça e me olhem nos olhos.

– A senhorita não está presa. Nesse estágio, só está auxiliando nas investigações.

Nesse estágio.

Estendo a mão para pegar o copo plástico à minha frente. Escuto um estouro lá fora, um som de tiros, e empalideço. A água derrama na mesa.

– Desculpe. – O líquido quase morno pinga no chão cinza de linóleo.

– Vamos começar do começo. Responda cada pergunta honestamente e, se houver algo que não compreenda, pode nos pedir para repetir. Entendido?

– Sim. – Preciso dizer a verdade. Não tenho nada a esconder. Já sentei numa sala como essa e menti para a polícia. Vivia com medo de ser descoberta. Não posso fazer isso outra vez.

– Há quanto tempo trabalha na Little Acorns?

– Sete anos.

– E poderia descrever os acontecimentos dos últimos dias?

Conto a eles sobre Emily, sobre como eu não tinha ido diretamente lá para fora quando a Lyn me pediu para fazê-lo, sobre como ela caiu. Não conto

como ainda a ouço gritando quando fecho os olhos, como ainda vejo seu corpinho retorcido e pálido deitado no chão.

– E creio que tenha havido alguma revolta contra a senhorita?

– Sim.

– E a senhorita tem alguma ideia de quem pode ter começado isso?

– Na verdade, houve um incidente algumas semanas atrás com o pai de Emily. – Conto a eles o que aconteceu.

– E há mais alguém que possa ter algum tipo de rancor contra a senhorita?

– Não. – Quero contar a eles que estou sendo seguida, mas fico com medo de pensarem que estou inventando.

– Mais alguém que saiba teria motivo para arrombar a escola?

– Não.

– Estava em casa sozinha ontem à noite?

– Sim.

Repassamos minha história repetidamente, e depois me deixam sozinha. Puxo um lenço da minha manga e enxugo o suor embaixo dos meus braços, depois fico imaginando se estou sendo observada, se janelas ocultas e espelhos existem só na TV. Ouço passos no corredor, e a porta se abre.

– Obrigado, senhorita Matthews. Está liberada, por ora.

Por ora.

As cortinas da senhora Jones remexem quando desço da viatura na frente do chalé. Eu me apresso pelo caminho de entrada, repreendendo-me por não ter levado o celular. A porta está trancada. Toco a campainha, olho pela entrada da caixa de correio. Anna não atende. Meus punhos doem de bater na madeira sólida, antes de me sentar na pedra fria do degrau, tremendo com minha blusa de capuz fina. O que devo fazer? Não consigo encarar a senhora Jones e o monte de perguntas que ela vai fazer. Parece ridículo me esconder, mas é o que eu faço. Dou uma corrida pela lateral da casa e entro pelo portão dos fundos. A estufa está gélida e, quando sento no chão, de pernas cruzadas, a umidade penetra na minha calça de moletom. Não demora e meu traseiro fica dormente.

Dan é o primeiro a chegar em casa. Ouço o barulho do Land Rover e contorno a lateral da casa correndo até a frente.

– Grace, você foi correr?

Eu me jogo nos braços dele.

– Grace? Você está tremendo. Vamos entrar.

Ele me leva até o sofá. Nacos de composto soltam dos meus tênis no carpete recém-aspirado. Eu não os recolho.

– Grace, sinto muito. – Anna entra na casa, ainda de casaco e botas.

– Eu não consegui entrar em casa. – Agora estou chorosa.

– Eu estava lá fora, procurando a Mittens.

– O quê? – Meus olhos percorrem a casa em busca da minha sempre presente bola cinza felpuda.

– Quando você saiu, a senhora Jones veio aqui e começou a fazer uma porção de perguntas. Eu não a deixei entrar, então fiquei com a porta aberta. Mittens passou por mim correndo. Não consegui pegá-la.

– Mittens nunca sai.

– Eu sei. Ela deve ter visto um coelho ou algo assim.

– O que foi que fez, sua vaca? – A voz de Dan é baixa. Ele dá um passo à frente.

Anna vai em direção à porta.

– Acidentes acontecem. Às vezes, ninguém tem culpa. – Os passos dela ecoam pelo corredor; a porta da frente bate.

– Dan?

Dan pousa o queixo em cima da minha cabeça.

– Desculpe, desculpe, desculpe.

Eu o afasto.

– O que está havendo? Onde está Mittens?

Ele pega minha mão. A palma da mão dele está suando.

– Grace...



Meu lindo carro estava arruinado. A rua parecia embaçada, e a voz de Charlie parecia abafada, mas, de alguma forma, consegui dirigir até em casa em segurança e estacionei o carro em ângulo, para que o lado danificado não fosse visto da janela. Eu não queria que meus avós descobrissem. Charlie e eu deixamos o sapato no capacho e já estávamos subindo, pé ante pé, quando a porta da sala foi aberta.

– Vocês duas querem uma caneca de chá? – perguntou o vovô.

Abri a boca para responder, mas meu choro ficou preso na garganta, contendo as palavras.

– O que aconteceu?

Fiz que não com a cabeça. Charlie pegou o vovô pela mão e o levou até lá fora. Fiquei olhando, por trás das cortinas da sala, o vovô passar a mão nas letras riscadas na tinta do carro. Charlie gesticulava como uma maluca, e eu sabia que ela estava explicando sobre as cartas, mais provavelmente sobre Siobhan ter visto o Dan e eu nos beijando, e fiquei com vergonha.

Eles se viraram na direção da casa e saí da janela, despenquei no sofá e mergulhei o rosto nas mãos.

– Vamos. – A voz do vovô era séria. Abri os dedos, espiando o rosto dele.

– Desculpe.

– Vamos à casa de Siobhan – disse Charlie.

– O quê? – Levei as mãos ao meu colo. – Por quê?

– Porque ela pode muito bem pagar o conserto.

– O seguro não pode fazer isso? – Eu me odiava por querer evitar um confronto, mas eu queria.

– E fazer minha franquia subir?

Engoli com força. Meus avós tinham vendido parte da franquia para pagar o carro; não era justo esperar que eles pagassem por isso.

– Eu posso pagar. Agora tenho o dinheiro do papai.

– Você não vai pagar. Isso é para o seu futuro. Eu dirijo.

Às vezes, não adiantava discutir com o vovô. Entreguei a chave do carro na mão dele, que estava aberta.

Fiquei inquieta no banco, ao longo do trajeto, conforme seguíamos pelas ruas da vila em direção à casa de Siobhan, num outro lugar. Ela estava morando numa casa grande construída tão perto dos vizinhos que dava quase para classificá-la como uma varanda. Havia um pinheiro na janela da frente, e um fio de luzes no meio da árvore piscava intermitentemente, como se mandassem um pedido de socorro. Charlie apertou minha mão quando o vovô tocou a campainha. A campainha entoou uma música natalina, e Charlie conteve uma risada.

A mãe de Siobhan abriu a porta. Seus lábios pintados de rosa-choque se retorceram num sorriso debochado quando ela me viu.

– O que querem?

– Estamos aqui por conta das cartas que Siobhan vem mandando para Grace e do carro danificado. – A voz do vovô era firme.

– Ela não mandou carta nenhuma.

– Podemos falar com ela, por favor?

– Ela não está.

– Mas isso é bem conveniente.

– Ela me falou das suas acusações – A mãe de Siobhan apontou o dedo para mim e recuei. – Como você colocou todos contra ela. Ela tem estado muito aborrecida. Foi você a culpada por ela ter sido expulsa. Por pegar aquele laptop. Ela não estava com a cabeça no lugar.

– Não foi culpa da Grace. – Charlie deu um passo à frente, ficando lado a lado com o vovô.

– Estamos aqui por causa do carro. – O vovô mantinha a voz firme.

– Não sei nada sobre seu carro.

– Ele foi arranhado hoje deliberadamente.

– Hoje? – A mãe de Siobhan respirou fundo.

– Sim.

– Siobhan está em Brighton. Passando o dia com Jeremy.

– Jeremy?

– O namorado dela. Não que isso seja da sua conta.

Eu me encolhi com a batida da porta.

De volta ao carro, Charlie mexia no telefone, enquanto seguíamos de volta para casa, em silêncio.

– Puta merda. – Charlie estendeu o telefone. – Olhe quem é o Jeremy! – A Siobhan tinha postado uma selfie no Facebook naquela manhã, dela e do líder dos garotos que chamávamos de "Walking Deads", abraçados, no píer de Brighton, os cabelos dele, cor de turquesa, ao vento, os olhos dela, mortos, fixos no horizonte. Nenhum dos dois estava sorrindo. – Se ela está em Brighton, não pode estar mandando as cartas.

– Não. – Estremeci. *Então quem fez isso?*

O corretivo que a minha mãe me comprou de presente de Natal fez o possível para esconder minhas olheiras profundas, mas eu já parecia ter festejado a noite toda quando me arrumava para a festa de Ano-Novo no pub. Eu não era a maior fã de Siobhan, mas, se ela não tinha mandado as cartas, eu sentia que lhe devia um pedido de desculpas. Convencer Charlie disso, contudo, seria difícil. Ela detestava mentirosos: anos de mentiras de Lexie deixaram sua marca, e, independentemente de Siobhan ter mandado ou não as cartas, ela tinha sido flagrada roubando pelas câmeras.

A campainha tocou, e a voz baixa de Dan subiu escada acima. Apesar de saber que até o fim da noite eu estaria com uma juba ruiva toda frisada, passei a chapinha no cabelo mais uma vez e borrifei perfume de baunilha nos meus punhos. Encolhi a barriga na frente do espelho. Era tarde demais para me arrepender daquele último pedaço de bolo natalino. Eu estava pronta para ir.

Quando desci, Dan assoviou, fiquei vermelha e olhei para o chão quando ele garantiu ao vovô que, como pretendia beber, não dirigiria de volta para casa. Pegamos a Charlie a caminho do pub, e Dan desceu o vidro e inalou o ar fresco. Ela sempre exagerava no Impulse.

O estacionamento estava lotado, e Dan parou embaixo de um poste.

– Eu te vejo amanhã, querida. – Revirei os olhos quando ele deu uma batidinha no capô, e fomos abrindo caminho para dentro do bar. Estava lotado, e compramos duas rodadas para evitar a fila outra vez, mas bebemos duas vezes mais depressa. A noite passou como um raio. Dan contou sobre um episódio durante a visita a um imóvel na semana anterior: ele havia levado um

casal de idosos para conhecer uma casa que deveria estar vazia, mas os três flagraram o dono fazendo sexo na suíte máster.

– Não teria sido tão ruim se ele estivesse com a esposa na cama! – Dan riu.

– Que legal que estamos todos juntos – eu disse. – Bem, quase todos. – Esmée sempre passava o Natal na França e só voltaria na semana seguinte. – Acha que deveríamos ligar para a Siobhan e pedir desculpas?

– Não. – Charlie bateu seu copo pint na mesa. A sidra respingou em seus dedos, mas ela nem pareceu notar.

– Ela não mandou as cartas. – Acusamos a Siobhan de uma coisa que ela não tinha feito, e todos a odiavam por isso. Apesar do jeito que ela me tratou, ao longo dos anos, a culpa me incomodava e estava ficando cada vez mais difícil de ignorar.

– Não sabemos disso com certeza.

– Como ela poderia ter mandado a carta se estava em Brighton?

– A Abby não estava. Ela idolatra Siobhan. Ela poderia facilmente ter deixado a carta e arranhado seu carro.

Pensei nisso.

– Possivelmente, mas a Siobhan disse que ninguém da família estava falando com ela, incluindo a Abby.

– Mesmo que não tenha sido ela, ou a Abby, ela ainda é uma ladra e mentirosa. Pare de defendê-la – disse Dan. – Você é legal demais.

– Apenas suponha que não tenha sido ela – sugeriu Charlie. – Quem poderia ser?

Era enervante pensar que havia outra pessoa por aí que me odiava. De certa forma, era mais fácil acreditar que era Siobhan.

– Agora chega. – Recostei na cadeira e bufei. Essa deveria ser uma noite de comemoração. Novos começos.

– Vou fazer xixi. – Charlie levantou, oscilou, e fiquei olhando enquanto ela relutava para passar por entre a aglomeração. Eu não conhecia metade das pessoas que estavam ali.

– Você sabe por que a Charlie e o Ben terminaram? – perguntei ao Dan.

– Não. Mas ele está arrasado. Nem quis vir esta noite. Disse que nunca mais queria vê-la.

– Isso não é fácil numa vila deste tamanho.

– Ele está pretendendo ir para a África assim que as provas terminarem. Vai ser voluntário na construção de uma escola. Ele vai para a universidade direto

de lá.

– É uma pena. – Eu não gostava de mudanças. Já tinha visto mudanças demais. – Charlie disse que está de olho em outra pessoa, mas não diz quem.

Ela voltou rápido.

– A porra da fila está ridícula. Fui ao banheiro dos homens. – Charlie despencou na cadeira e pegou a caneca.

O sinal tocou.

– Vou fechar o bar para a contagem regressiva – gritou Mike, cobrindo as serpentinas com toalhas. – Voltaremos a servir no ano que vem.

– Ano que vem? – alguém gritou.

– Sim, em cerca de sessenta segundos. – Mike mirou o controle remoto na TV de tela plana acima do bar. A Trafalgar Square estava apinhada de gente. *Dez... Nove... Oito...*

– Não tenho ninguém para beijar. – Charlie parecia aflita ao subir em sua banqueta e olhar em volta, à procura de algum homem disponível. – Teremos que dividir o Dan.

Sete... Seis... Cinco... – Dan segurou minhas mãos.

Três... Dois... Um... – Nossos lábios se encontraram. Meus ouvidos ecoavam com os assovios e os vivas, até que o som foi se dissipando, e eu só ouvia as batidas do meu coração. Quando abri os olhos, a Charlie tinha sumido.

Fui puxada para ficar de pé pela Liz, esposa do Mike, e um homem que reconheci como nosso carteiro, mas cujo nome eu não conseguia lembrar. Minha cabeça girava, e cambaleei até a mesa; bati o quadril no canto pontiagudo e minha caneca virou. Antes que eu pudesse endireitá-la, minhas mãos estavam cruzadas sobre o meu corpo e eu estava sendo empurrada pelo pub ao som de "Auld Lang Syne".

Perdi o Dan de vista; ela detestava cantoria, portanto provavelmente estava se escondendo em algum lugar. Eu berrava a letra, embora só soubesse o primeiro verso, o que não parecia importar. Havia uma atmosfera quase enlouquecida; eu nunca tinha vivenciado nada parecido. Geralmente ficávamos acordados até meia-noite, fazíamos um brinde ao novo ano – a vovó com um xerez, o vovô com um vinho do Porto e eu com um chocolate quente – e depois íamos direto para cama. Era sempre estranhamente decepcionante. Olhar o relógio, esperando que os ponteiros marcassem meia-noite, depois perceber que, mesmo sendo um novo ano, tudo continuava exatamente do mesmo jeito. A vovó lavava as xícaras antes de deitar, o vovô enchia uma bolsa de água

quente para ela, e eu era lembrada de escovar os dentes, como em qualquer outra noite. O primeiro dia do Ano-Novo também era bem parecido com qualquer outro, embora a gente sempre comesse carneiro assado.

Mas isso? Isso era incrível. Eu me sentia leve, invencível. E eu cantava! "Auld Lang Syne" terminou, e Mike pôs um CD. Eu cantava o refrão de Destiny's Child: "I am a survival!" Andava cambaleando pelo pub, rindo, abraçando estranhos com sorrisos radiantes e olhos brilhantes. Mas onde estavam Dan e Charlie?

Alguém me pegou pelo braço e me virei, deleitando-me com a atenção. Todos queriam falar comigo; deveria ser Ano-Novo todo dia. Abby estava à minha frente, com o rosto estampado de preocupação.

– Anime-se! – eu disse. Eu adorava todo mundo naquela noite. – É Ano-Novo. – Cambaleei para trás, recostei na parede, para me apoiar. O chão parecia se mexer.

– Você viu a Siobhan?

– Ela provavelmente está com Jeremy, o cabeça de pavão – eu ri. Eu sabia cantar *e* era engraçada. Meus novos talentos tornariam esse ano o melhor de todos.

– Grace. – Abby me segurou pelos ombros e me balançou. O conteúdo do meu estômago remexeu, e eu subitamente não me sentia tão bem. – A Siobhan sumiu. Se a vir, pode pedir que ela me ligue? Eu fui muito ruim com ela e estou preocupada.

O rosto de Abby entrava e saía de foco, até que ela ficou com duas cabeças. Meu estômago revolvia como um fogo de artifício que a gente tinha visto no parque da vila. Pus as duas mãos na boca e disparei na direção dos banheiros.

Charlie e Dan estavam no corredor. Ele estava com os braços em volta dela. Sempre que ele me abraçava, minha cabeça pousava em seu peito, mas Charlie era tão alta que a testa dos dois se encostava.

– Vou contar para Grace amanhã – Dan estava dizendo.

Recuei devagar na direção da porta. Eu não queria ouvir o que ele tinha a dizer. Não queria acreditar no que estava vendo. Dan e Charlie? *O que* ele ia me contar amanhã?

Mãos seguravam a minha cintura e vozes maliciosas exigiam beijos de Ano-Novo conforme eu lutava para chegar à saída. Depois do calor do pub, o ar gélido bateu em meu peito e eu me inclinei para a frente, apoiando as mãos nos joelhos, certa de que vomitaria. Mas depois de alguns instantes, passada a

náusea, uma dor pungente latejava em minhas têmporas quando eu mexia a cabeça. Eu nunca, jamais, voltaria a beber. Meu corpo parecia pesado e rijo, como o do Homem de Lata, de *O mágico de Oz*, embora ele tivesse a sorte de não ter coração, pensei – ele jamais sentiria a mágoa que eu estava sentindo naquele momento.

Meu namorado e minha melhor amiga? Metade de mim estava desesperada para confrontá-los; a outra metade queria ir para casa, entrar embaixo das cobertas e nunca mais sair dali. Por que todos me deixavam? Meu pai, minha mãe... O Dan ia fazer a mesma coisa? A Charlie? Eu estava me sentindo tão mal. Era difícil acreditar que dez minutos antes eu estava me divertindo como nunca na vida.

Comecei a correr pela rua principal. Meus saltos pareciam mais altos que haviam estado a noite toda. Abri os braços para me equilibrar. Uma equilibrista, mas, com os cabelos ruivos frisados, eu devia estar parecendo mais uma palhaça. Não era longe para andar, mas era tarde. Estava escuro. E alguém por aí me odiava, queria que eu fosse embora. Porém, a maioria dos motoristas de táxi locais estava dentro do pub, e não era justo pedir ao vovô que dirigisse depois de seu vinho do Porto. Eu chegaria bem, pensei. Já tinha ido a pé para casa mil vezes.

Uma batida. Uma sombra. Um movimento na porta do correio. Gelei e me senti como se fosse explodir: minha bexiga estava cheia demais, meu coração batia depressa demais. Olhos verdes brilharam. Um gato disparou da porta e atravessou a rua. Balancei a cabeça diante da minha estupidez, mas houve outro movimento. Um gemido. O som de alguém limpando a garganta. Arranquei os saltos e corri, virei a esquina da Green Road, minhas meias finas batendo no asfalto frio. Não vi o vidro quebrado, mas senti quando rasgou minha carne e gritei, caindo de joelhos. O sangue morno escorreu na calçada e choraminguei ao tentar me levantar. Um som zunia em meu ouvido, e levei alguns minutos para perceber que era meu celular tocando. Torci para que fosse o vovô. O Dan. Qualquer um que me levasse para casa. Eu queria me aninhar na minha cama, me sentir segura e aquecida.

Era Siobhan. A dor no meu pé aumentou a minha raiva. O que ela queria? Dan e Charlie me achavam patética por querer perdoá-la. Não era de admirar que os dois tivessem ficado juntos. Era tudo culpa dela.

– Me deixe em paz! – berrei ao telefone.

– Grace. – Siobhan estava chorando. – Por favor, não desligue. Me ajude.

Não estou passando bem.

– Que bom. – Desliguei e fui mancando para casa, tentando manter o peso na frente do pé. Meu celular tocou sem parar, mas não atendi.



Dan prometeu me ajudar a encontrar a Mittens. Estamos procurando há horas. O céu rearranja seus tons – azul, rosa e cinza – até que fica preto como piche, e as estrelas somem por trás de nuvens invisíveis.

– Vamos para casa, Grace. Está escuro demais para ver direito e faz um frio congelante.

O calor da primavera desapareceu com o sol, e a respiração de Dan embaça à sua frente.

– Quero encontrar a Mittens.

– Sei que quer, mas você está exausta. Não comeu nada o dia todo. Vamos comer alguma coisa e dormir. Nós podemos recomeçar a procura amanhã cedo.

– Nós?

– O trabalho pode ficar sem mim por um dia; você precisa mais de mim.

Toco a mão dele e aperto seus dedos.

É um alívio encontrar o chalé escuro. Entro no quarto de Anna: está tudo arrumado, a cama feita. Abro as gavetas. As roupas estão caprichosamente dobradas, as meias combinando. Não sei o que estou procurando, mas não consigo acreditar que Mittens tenha saído correndo de casa. Mas por que Anna a teria deixado sair propositalmente? Não faz sentido.

Fico em pé, embaixo da água quente. O cheiro da delegacia parece ter penetrado em cada poro, e esfrego minha pele até ficar rosada. Estremeço ao sair do chuveiro, me seco com a toalha e rapidamente desço. Dan está aquecendo sopa de tomate e fatiando pão. Estou nervosa demais para comer qualquer coisa sólida, mas fico grata pela atenção, e nos sentamos à mesa,

dando colheradas no líquido quente em silêncio. Ouço apenas o barulho do tilintar das colheres nos pratos enquanto jantamos. Empurro meu prato. Faço que não com a cabeça quando Dan me oferece mais sopa.

– Onde você acha que a Anna está?

Dan enfia um pedaço de pão na sopa; o pão branco fica alaranjado.

– Bem longe, eu espero.

– Você acredita que a Mittens saiu correndo pela porta?

– Não sei, é estranho.

– Vou ligar para ela.

Apoio as mãos na beirada da mesa e estou prestes a empurrar a cadeira para trás quando Dan cobre as minhas mãos com as dele.

– Deixe por essa noite, Grace. Vamos tentar dormir um pouco e, assim que amanhecer, saímos. Falaremos sobre a Anna quando encontrarmos a Mittens.

– Está bem. – Provavelmente é melhor. Não sei o que eu diria para ela. Não sei mais o que pensar.

Está escuro e frio quando acordo. A chuva bate com força nas janelas, e penso em Mittens molhada e tremendo embaixo de um arbusto, imaginando onde fica sua casa.

Estico as pernas, meus pés gelados procuram o calor do corpo de Dan, mas ele não está ali. Desço e o encontro na mesa, debruçado no laptop, a tela iluminando seu rosto.

– O que está fazendo?

– Olhe. – Ele vira a tela para mim. Há uma foto da Mittens com a legenda "Desaparecida". Abaixo, um pedido para que as pessoas verifiquem suas dependências e também o número do nosso telefone. – Podemos espalhar esses folhetos pela vila, e vou imprimir outros menores para caixas de correio.

Faço chá e fico segurando a caneca até esfriar. Fico sentada no sofá, ouvindo o barulho da impressora expelindo uma imagem atrás da outra do focinho lindo de Mittens. O dia amanhece, tomo banho, me visto e me obrigo a mastigar e engolir uma torrada; preciso de toda a minha energia.

Os carros passam nas poças da rua principal, todos de faróis acesos. Os motoristas tamborilam impacientemente com as mãos no volante enquanto o caminhão de lixo os impede de passar. Para todo lado que olho há perigo para um gato que nunca foi para a rua. Meus avós esperam por nós na frente da

porta do correio, esfregando as mãos enluvadas e batendo os pés de botas. A vovó parece miúda embrulhada num monte de roupa. Nós nos abraçamos e dividimos a pilha de folhetos em duas. Dan desdobra um pedaço de papel que traz no bolso. É um mapa da vila.

– Pensei em vocês pegarem as ruas que marquei em amarelo, Tony – diz Dan.

O vovô traceja as ruas destacadas com marcador fluorescente com o dedo e assente, aprovando. A vovó me entrega uma sacola que estava pendurada em seu ombro.

– Bolo. Para manter o nível de açúcar.

Cartazes são pregados em vitrines e postes, afixados em quadros de avisos, no centro comunitário e na biblioteca.

Na hora do almoço, Dan e eu compramos sanduíches de presunto na padaria e depois caminhamos até o parque.

Viro um balanço de cabeça para baixo, para espalhar as gotas de água, antes de forrá-lo com a bolsa de pano para proteger meu jeans. Eu me sento, equilibrando meu lanche no colo.

– Fazia anos que não vínhamos aqui – eu digo. – Você se lembra das coisas tolas que fazia para impressionar a Charlie?

– O que posso dizer? Eu era um idiota. Ainda sou. – Dan passa os dedos pelo cabelo.

– Não o culpo por amá-la. Ela era fácil de amar. Sinto falta dela.

– Eu não a amava; foi uma bobagem, tinha uma queda por ela, uma coisa de infância. Você é a minha garota. Sabe disso, não sabe? Ele tira migalhas da crosta do pão e joga para o pombo que cisca em volta dos pés dele.

– Eu estava esperando que a Anna fosse como a Charlie. Eu queria que ela fosse como a Charlie, mas ela não é. É?

– Não. – A voz dele é dura. – Vamos. – Ele levanta e segura o saco do sanduíche com o punho fechado. – Vamos andando de novo. Podemos tentar bater em algumas casas.

Às seis da tarde, ainda não encontramos Mittens. Colocamos todos os cartazes e batemos em portas até ficarmos com os nós dos dedos doloridos. O vovô envia uma mensagem de texto para dizer que voltaram para casa e vão me ligar mais tarde. A chuva está caindo forte outra vez, batendo nas calçadas, escorrendo como riachos para dentro dos bueiros transbordantes.

– Vamos parar por hoje, pegar uma comida para viagem. Voltamos amanhã.

O restaurante de comida chinesa está quente, enfumaçado. Cheiros convidativos emanam da chapa. Tiro o cachecol, abro o zíper da jaqueta e me sento. Distraio-me com o que há sobre a mesa enquanto Dan pede a comida no balcão. A campainha toca quando a porta abre. Dou uma olhada para cima, para a rajada de ar frio. Harry e Chloe entram. Chloe sorri, puxa uma cadeira de frente para mim. Harry recosta no balcão, ao lado de Dan, ambos com a cabeça virada para a TV gigante, acima do caixa, ligada no canal de esportes.

– Como vai você? – pergunta Chloe.

Eu digo a ela que passamos o dia todo procurando nossa gata.

– Que terrível. Você já colocou uma foto no Facebook?

– Ainda não.

– Mande uma foto para mim; vou compartilhar. Mais tarde vou postar as fotos do Jantar dos Corretores. Foi uma pena você ter perdido.

– Eu não estava bem.

– Eu sei, a Anna disse. Fiquei surpresa de vê-la com o Dan.

– Você a conhece?

– Só do clube.

– Do clube?

– Do clube de futebol. Ela trabalhava no bar. Não foi assim que você a conheceu?

– Quando foi isso?

– Ela começou no último outono, quando você não saía, depois... você sabe... da Charlie. Mas então ela saiu. Eu não sabia que Dan tinha mantido contado com ela.

– Então ela conhece o Dan há meses?

– Sim.

Eles se conheciam quando os apresentei, mas fingiram nunca terem se encontrado.

Não consigo respirar. Dou um pulo da cadeira, cambaleio em direção à porta, quase tropeçando no cachecol, que cai do meu colo.

Meus pés vão pisando nas poças, meus braços balançam ao lado do corpo. O ar gélido queima meus pulmões, mas não desacelero até chegar em nossa rua. Preciso chegar logo em casa. Organizar meus pensamentos antes de confrontar o Dan. Bato o portão, remexo nos bolsos, à procura da chave.

– Grace, querida. – A senhora Jones está de pé na porta da casa dela. A luz do corredor da casa dela ilumina o meu caminho de entrada. Ela vem andando

com dificuldade, segurando uma caixa de papelão, e então ela a entrega para mim por cima da cerca.

– Sinto muito, querida. O carteiro a encontrou no acostamento da estrada.

– Não! – Junto as mãos, como se rezasse.

– Achei que o Dan poderia enterrá-la para você.

Quero enterrar o Dan. Quero enterrar a Anna. Eu mesma quero entrar num buraco e nunca mais sair. Pego a caixa silenciosamente e carrego a gata que tinha me amado – e que nunca feriu ninguém – para dentro de casa pela última vez.



E já era o Ano-Novo, o novo começo. Eu me sentei, abri os olhos e a luz da luminária da mesinha de cabeceira atravessou meu cérebro como um raio. Devo ter dormido com ela acesa. Apaguei antes que a vovó visse e dissesse que há vilarejos na África sem eletricidade. Meu celular estava embaixo do travesseiro e o peguei. Nove ligações perdidas. Passei por todas as mensagens de "Feliz Ano-Novo!" em busca de alguma de Dan.

"Desculpe, por favor me liga." Ele tinha mandado o mesmo texto seis vezes, e apaguei todos. Havia mensagens de Charlie, perguntando onde eu tinha me metido, mas nada mais de Siobhan. Eu me sentia terrível por tê-la ignorado e não ter cumprido a promessa à Abby. Eu deveria avisar que sua irmã mais velha tinha entrado em contato. Jurei ligar para as duas mais tarde. Respondi à mensagem da minha mãe, desejando a ela e ao Oliver Feliz Ano-Novo, e joguei o celular sobre a mesinha de cabeceira. Minha língua estava grudada no céu da boca. Fui pegar o copo de água e errei, derrubando-o no chão. Levantei para pegar um pano. Meu pé latejou, e vi estrelas. Só torci para não ter cacos de vidro no machucado. Vesti meu robe e fui até a cozinha com as pernas trêmulas como as de Bambi.

O vovô estava sentado à mesa, e a vovó, no fogão, com uma frigideira. O cheiro de bacon me fez salivar. Mal consegui chegar à pia antes de vomitar, até não restar mais nada, exceto o gosto amargo de bile em minha garganta.

– Gracie? – A vovó molhou seu paninho do Empire State Building em água fresca e pôs na minha testa.

– Não estou me sentindo bem – eu disse, afirmando o óbvio. – Acho que estou com intoxicação alimentar.

– Está mais para intoxicação alcoólica – disse a vovó. – Nós ouvimos você tentando enfiar a chave na fechadura. Volte para a cama.

Forcei meus músculos a me carregarem de volta lá para cima, onde caí no meu colchão macio. Ainda de robe, fechei os olhos apertados e torci para o mundo ficar parado.

O som da porta do quarto abrindo me tirou de um sono agitado.

– Você está acordada? – perguntou a vovó. – Eu trouxe o almoço. – Dei uma olhada no relógio, surpresa de ver que era uma e meia da tarde.

O cheiro da sopa de tomate emanava da bandeja que a vovó carregava. Um aroma confortante. Pisquei para conter as lágrimas – alguém ainda me amava – e me sentei, arrumando os travesseiros atrás de mim. Meu pijama molhado de suor estava colado no corpo, e afrouxei o cinto do robe para soltá-lo dos ombros.

– Vou encher a banheira enquanto você come; aqui dentro está com cheiro de cervejaria. – A vovó abriu uma fresta na janela.

Olhei meu telefone. Novamente, um monte de mensagens de Dan. Não respondi. Nada novo de Charlie.

A sopa estava escaldante e queimou minha língua. Acolhi a onda súbita de dor que me desviou da autopiedade.

– Seu banho está pronto – a vovó disse, e coloquei a tigela pela metade em cima do pequeno armário ao lado da cama.

A água estava quente. O vapor fez minha náusea voltar, e me lavei o mais depressa que pude, limpando bem o sangue seco da sola do pé. O corte não estava tão ruim quanto eu tinha pensado. Uma tontura quase me fez cair ao sair da banheira; fiquei segurando no porta-toalhas até parar de balançar.

Eu estava escovando os dentes, tentando não vomitar, quando o vovô bateu na porta. Encolhi com o som penetrando em minhas têmporas latejantes.

– O Dan está lá embaixo – disse ele.

Desci com pernas bambas e chamei o Dan até a lavanderia. Era o único lugar onde poderíamos ter alguma privacidade – a vovó não permitia garotos no meu quarto.

– Você está com a aparência com a qual me sinto – disse ele, passando a mão pelo cabelo emaranhado. – Olha, Grace, ontem à noite...

– Então, você é o tal? – eu disse, tensa, me afastando dele.

– O tal?

– O tal pelo qual a Charlie dispensou o Ben.

– O quê? Não!

– Vi vocês juntos no corredor. Você abraçado a ela.

– Meu bom Deus, Grace. Como pôde pensar isso? Eu te amo. A Charlie é sua melhor amiga. Ela estava se sentindo triste. A Lexie está sendo um saco. Foi um abraço entre amigos. Nada mais, eu juro.

Ele estendeu a mão para mim, e eu a empurrei.

– Então por que me mandou mensagens se desculpando?

– Porque eu não sabia por que você tinha ido embora, mas sou homem. Achei que tivesse feito algo errado, chateado você de alguma forma. Fiquei muito preocupado, por isso vim aqui. Vi que a luz do seu quarto estava acesa. Tentei ligar, mas você não atendia; até joguei uma pedrinha na janela.

– Só uma?

– Eu não queria correr o risco de acordar sua avó.

Recostei na secadora de roupa. Estava sufocante na lavanderia. Minha pele estava úmida, e eu não me surpreenderia se meus poros estivessem transpirando sidra em vez de suor. Meu estômago revirou como a máquina de lavar, e minha cabeça estava confusa demais para dar sentido ao que eu vira. Eu me lembrava do que tinha ouvido. Será que entendi errado?

– Você disse à Charlie: "Vou contar à Grace amanhã". Contar o quê?

Dan limpou a testa com a manga antes de tirar o suéter pela cabeça. Sua camiseta subiu e me deu vontade de tocar sua pele. Em vez disso, eu me virei e abri uma fresta na janela.

– Eu não queria lhe contar assim. Eu tinha planejado preparar um almoço legal hoje, ser um pouquinho romântico. Apareceu um chalé na vila. Ela precisa de reforma, mas tem um preço bom. Os proprietários vão se mudar e querem vender rápido.

– E daí? O que isso tem a ver comigo?

– Eu estava perguntando à Charlie se ela achava que você moraria comigo.

– O quê?

– Ela te conhece melhor que qualquer pessoa. E achou uma ótima ideia. Até falou em alugar o segundo quarto. Você, eu e Charlie morando juntos. O que acha?

Senti uma onda de vergonha. Como eu poderia pensar que a menina que me defendeu, no meu primeiro dia de aula, minha melhor amiga, me trairia? Em meu coração, eu sabia que ela não faria isso.

– Mas não podemos simplesmente *comprar* um chalé – eu disse.

– Podemos. Pensei muito nisso. Por aqui, não é sempre que surge um imóvel como esse, você sabe disso, principalmente casas tradicionais como essa. Avaliei o imóvel e tirei fotos. Com uma pequena reforma ela vai ficar ótima.

– Mas ainda estou na escola.

– Eu sei, mas você termina em maio, exceto pelas provas, e depois terá um emprego na pré-escola.

– Isso está a milênios de distância. Agora só trabalho meio período no café.

– Meu salário-base pode não ser muito, mas a comissão é ótima, e sou bom no que faço. Charlie vai arranjar trabalho em algum lugar.

– Teríamos uma hipoteca?

– Acho que não vamos precisar. Você tem o seguro de vida do seu pai e agora tem 18 anos, e meus pais vão nos emprestar o dinheiro para inteirar.

– Você quer que eu gaste o dinheiro? – protestei instintivamente. Eu sabia que Dan estava pensando no *nosso* futuro, mas aquele dinheiro era precioso, e não gostei que o Dan simplesmente decidisse como eu deveria gastá-lo.

– Não, se não quiser. Tenho certeza do que eu quero, Grace, e estou preocupado com você. Todas essas cartas, seu carro sendo vandalizado. O que vem a seguir? Se morássemos juntos, eu poderia cuidar de você direito. Garantir que esteja em segurança. Seus avós provavelmente adorariam um tempo só para eles, eu sei que meus pais gostariam.

Será? Nunca achei que atrapalhasse, e era desconcertante achar que poderia.

– Eu teria que falar com a minha mãe. É justo, pois o dinheiro vem do meu pai.

– Isso significa que vai pensar a respeito?

– Não custa tentar. – Eu não quis dizer que concordaria.

– É mesmo? – Dan me pegou no colo e girou. Agarrei seus ombros e mergulhei a cabeça em seu pescoço, torcendo para não vomitar.

– Você está perfumado – eu disse.

– Usei metade do gel de banho de menta e escovei os dentes três vezes hoje. Estava fedendo. Nossa, eu estava péssimo pela manhã.

– Eu também. Ainda estou.

Ele me pôs no chão e deu um tapinha no meu traseiro.

– Vá se calçar, mulher. Temos um chalé para olhar.

– Agora?

– Um pouco de ar fresco vai melhorar a sua ressaca. Temos que aproveitar a

oportunidade. Os filhos estão querendo vender logo. É melhor a gente ir andando. Sinto que ainda estou acima do limite de ingestão de álcool. Se seguirmos pelo caminho mais longo, podemos ficar um pouquinho mais sóbrios e passar no escritório para pegar a chave. Quer ligar para a Charlie? Pedir para que nos encontre lá?

Seguimos pela vila. A vovó fez um curativo no meu pé e me deu um analgésico. Não estava mais doendo. Nossas botas iam deixando marcas pela neve enquanto passávamos por árvores esqueléticas e crianças gritando, arrastando trenós. Parecia impossível estarmos indo olhar uma casa e que pudéssemos comprar uma casa juntos.

Charlie não estava atendendo ao telefone. Onde estaria? Provavelmente, ainda na cama, de ressaca, mas o Dan disse que, se eu gostasse, a Charlie poderia olhar a casa amanhã. O ar frio espantou a dor de cabeça, e lá estávamos nós, em pé, diante de duas pequenos chalés na periferia da vila. Pingos congelados pendiam das calhas.

Dan empurrou o portão, que rangeu ao abrir. O quintal da frente estava coberto de branco; não dava para ver se havia algo plantado, mas tinha uma árvore que só podia ser uma macieira e duas treliças penduradas nas laterais da porta antiga.

– São roseiras?

– Provavelmente. Chama-se Casa da Rosa.

Bati palmas, já tendo esquecido a ressaca.

– De qualquer forma, esse é seu território. Mulher cuida da jardinagem, homem decora. – Dan estufou o peito como Tarzan antes de virar a chave na fechadura. Bati a neve das minhas botas e entrei pela porta, pisando no chão de pedras. O corredor era estreito e abafado; tinha papel de parede amarelo descascando das paredes. Havia retângulos mais claros onde antes ficavam os quadros. Eu podia imaginar fileiras de fotos de bebês gorduchos forrando essas paredes. Pequenos que cresceram e se tornaram homens de quem outros se orgulhariam, empunhando canudos de diplomas e jogando os capelos pelo ar.

Havia um lance de escada à minha frente, mas segui e adentrei o cômodo à minha esquerda. A sala era maior do que eu esperava e bem iluminada, apesar do teto baixo. O sol de inverno entrara pelas janelas duplas, banhando as cinzas de uma lareira de verdade. Iluminada no verão e aconchegante no

inverno. Eu andava de um lado para o outro, olhando tudo. Teria espaço para uma mesinha com cadeiras e também para uma estante e um sofá. Se comprássemos um sofá-cama, minha mãe poderia vir e ficar. Imaginei uma cristaleira antiga para guardar minha vitrola. Era perfeita. O jardim se estendia longo e estreito, com uma estufa no fundo.

– Meus avós vão adorar isto.

– Também tem um local para cultivar legumes em algum lugar embaixo da neve.

A cozinha ficava de frente para a sala e era menor, pois ficava encaixada embaixo da escada. Havia uma pia sob a janela, com vista para um pátio e um alimentador de passarinhos.

– Você pode ficar olhando os pássaros enquanto lavar louça. – Dan sorriu e ergueu as mãos, antes que eu lhe desse um tapinha. – Estou brincando. Vou comprar uns cravos.

Lá em cima havia um quarto grande e outro menor, que seria o de Charlie, e um banheiro com banheira e um pequeno chuveiro com box de vidro no canto.

– Não posso me imaginar dona disso. Parece tão adulto.

– Você é adulta. – Dan estava atrás de mim e deslizou as mãos por dentro da minha blusa. – Gostou?

– Gostar é pouco. – Esse era um lugar onde eu poderia viver. Um lugar que eu poderia amar.

– Achei que gostaria. Podemos fazer uma oferta se quiser.

Olhei em volta, para o quarto vazio, e me imaginei deitada ali, numa manhã de domingo, na cama com Dan, pelo resto da vida, lendo jornal e comendo sanduíches de bacon. Eu tinha certeza de que ele era meu eleito. Lembrei as palavras da minha mãe.

– Dan. Você usaria um tutu rosa de bailarina por mim?

– O quê? Por quê?

Segurei a mão dele.

– É importante. Você usaria se eu lhe pedisse?

– Eu usaria qualquer coisa por você... Mas não em público.

Sorri.

– Quando podemos nos mudar para cá?

– Só depois de algumas semanas, mas podemos batizar agora.

Então o chão de madeira não era mais a única coisa nua no quarto.

Na rua principal, dei um beijo em Dan; ele queria ir até o escritório e ligar para o vendedor. Torcíamos para que ele aceitasse nossa oferta – eu estava muito empolgada. Minhas botas derrapavam enquanto eu corria na direção do parque, para cortar caminho até em casa. A pele dos meus calcanhares ia sair, mas eu não ligava. Eu queria voltar o mais rápido possível, mas, quando virei a esquina, parei de repente. Havia um policial de mãos para trás na entrada do parque, e uma fita amarela de isolamento que dizia "Não ultrapasse" estava estendida entre os pilares do portão.

A neve derretia enquanto eu andava pelas ruas principais. A lama respingou nas minhas pernas quando bati as botas na calçada. Havia uma viatura do lado de fora da nossa casa. Apesar da temperatura, um pânico escaldante tomou conta de mim ao correr em direção à porta da frente. A vovó e o vovô estavam sentados no sofá quando entrei na sala, feito uma bala. Havia dois policiais perto da lareira. Eu queria que a vovó me desse uma bronca por não ter tirado minhas botas molhadas, por manchar o carpete, mas, em vez disso, ela só olhava para as mãos no colo. Foi o vovô quem falou:

– Sente-se, Grace. Temos algo a lhe dizer.



A caixa de papelão está na mesa de centro, pequena e imóvel. Quando a Mittens chegou em casa, dentro de uma dessas, a caixa balançava com ela se mexendo, ansiosa para sair e passear em seus novos arredores. Agora, seus dias de passeio tinham acabado. Não vou desmoronar. Ainda não.

Subo a escada correndo e entro como um raio no quarto de Anna. Parece diferente, de alguma forma; abro as portas do armário e encontro cabides vazios reunidos num canto. As gavetas estão vazias, exceto pelo papel com aroma de rosa que comprei especialmente para forrar suas gavetas. Meu celular toca – é o Dan. Rejeito a chamada e ligo para Anna. O telefone dela está desligado.

O portão bate, e corro lá para baixo. Estou sentada no sofá, aparentemente calma, quando o Dan destranca a porta da frente. Por dentro, sinto vontade de matá-lo.

– Grace? Você está bem? A Chloe disse que você parecia estar passando mal.

Encaro Dan.

– Estou passando mal. Farta das suas mentiras.

Dan apoia a comida chinesa na mesa, ao lado da caixa com Mittens. A gordura atravessa o saco de papel, e o cheiro me provoca ânsia.

– O que está havendo?

– Diga você, Dan. – Eu estava gélida de tão calma.

Ele mexe na chave, olha o carpete, não diz nada.

Eu ajudo.

– A Chloe me disse que a Anna trabalhava no bar do clube de futebol.Dan senta pesadamente na poltrona e se inclina à frente, pousando a cabeça nas mãos. – Dan, você a conhecia antes de ela vir para cá?

– Sim. – A voz de Dan é tão baixa que quase não ouço.

– Perdão, o quê? Não ouvi direito?

– *Sim*, Grace, eu...

– Ela é realmente irmã da Charlie ou essa é mais uma mentira? – Dan murmura, mas não consigo ouvir o que diz. – Quem é ela, Dan? – grito.

Dan sacode os ombros e pressiona a palma das mãos no rosto, eu as puxo e cravo as unhas em seus punhos.

– Quem é a porra dessa Anna, Dan?

– Me desculpe, Grace. – Lágrimas escorrem, mas não são as minhas. Eu me apoio em meus calcanhares. Sem acreditar direito e sem entender direito, Dan limpa o nariz na manga da camisa. – Vou pegar uma bebida pra gente.

Estou perplexa demais para protestar enquanto ele caminha até a cozinha e volta com duas taças e uma garrafa de Merlot, como se fosse uma noite qualquer – não fosse pela gata morta sobre a mesa, é claro.

Nós nos sentamos em lados opostos do sofá. Dan serve o vinho e o bebo em segundos, estendo a taça para que ele a encha de novo. O silêncio entre nós é sufocante, e arranco meu suéter.

– Pode começar a falar.

As mãos de Dan tremem quando ele segura a garrafa de vinho e enche sua taça. Penso naquela mão me tocando. Será que ele tocou Anna? Tenho vontade de gritar.

– Não foi fácil para mim o jeito como você desmoronou depois da Charlie.

– *Coitado* de você. – Minhas palavras estão repletas de sarcasmo.

– Grace, por favor, ouça. Eu precisava ser forte para você, mas tive muita dificuldade quando ela morreu. Eu a conhecia havia tanto tempo quanto você. Mais tempo, até.

– Então, o pesar pela morte da minha melhor amiga é culpa minha ou a culpa é dela por ter morrido?

– Nenhum dos dois. – Ele suspira. – Você lembra como foi logo depois que ela morreu?

– É claro.

– *Realmente* se lembra? Porque metade do tempo você estava tão dopada que realmente acho que não pode se lembrar. Você ficou deitada na cama

durante semanas. Gritava, se eu me aproximasse, chorava, se eu a deixasse sozinha. Eu não sabia o que fazer, o que era melhor. Você parou de cozinhar, de limpar, não conseguia nem se lembrar de como mexer na máquina de lavar.

Parece que ele está falando de outra pessoa. Será que foi assim mesmo? A medicação e o choque agiram juntos, deixando a memória tão enevoada que é como se esforçar para enxergar uma forma na neblina. Você sabe que tem algo ali, mas não tem certeza do que é.

– Não estou culpando você, Grace. Não estou. Mas eu também sentia falta de Charlie; ela também era minha amiga. Sentia sua falta, e eu não tinha com quem falar.

– Aí você conheceu a Anna?

Dan assente.

– Ela começou a trabalhar no bar do clube. Era realmente amistosa, fácil de conversar. Comecei a ficar por lá até mais tarde, e ela me ouvia. Realmente ouvia.

Cerros os dentes ao me lembrar das noites em que eu ficava acordada na cama esperando o Dan voltar para casa.

– Então vocês tiveram um caso. – Eu me remexo na cadeira e sento sobre as mãos agitadas; parece que minhas unhas querem arranhar a cara dele.

– Não. Não foi assim. – Dan passa as mãos no cabelo. – Éramos apenas amigos, mas ela começou a me paquerar, fazer comentários.

– E você não pôde resistir? Você me dá nojo.

– Não foi assim. Lembra-se de quando ganhamos um jogo e eu tentei fazer com que fosse ao clube?

– Sim. – Foi no dia em que eu desenterrei a caixa de lembranças... como eu poderia esquecer?

– Eu estava sentindo pena de mim. Chloe e todas as outras garotas estavam lá. Acho que bebi demais. Não lembro. Realmente não lembro. Só consigo me lembrar de fragmentos estranhos daquela noite. Eu me senti terrível quando percebi o que havia feito.

– Tão terrível que deixou que ela viesse morar na nossa casa. Deixou que eu acreditasse que ela era a porra da irmã da Charlie. – Sinto pontadas de ódio.

– Eu não queria. Eu a odiava, porra. Ela me chantageou. Disse que precisava de um lugar para ficar, por algumas noites, até que seu novo apartamento estivesse pronto e ela pudesse se mudar. Uma semana, no máximo.

– Não acredito em você.

– É verdade. Lembra que perdi o celular naquela noite? Ela pegou. Ela nos filmou fazendo sexo e ameaçou mandar o vídeo para todos da minha lista de contatos. Eu não podia correr o risco de deixar você ver aquilo. Meus pais. Seus avós. Sua mãe. Meu chefe. Como sobreviveríamos a isso? Eu não queria correr o risco de perder você, Grace. Perder tudo. Eu teria que deixar a vila. Encontrar um novo emprego.

Enlaço meus dedos, pouso as mãos na barriga e me inclino para a frente. Sinto-me como se ele tivesse me dado um soco com toda a força.

– Mas por que Charlie?

– Eu sabia que você a deixaria ficar se ela tivesse alguma ligação com Charlie, e ela se parece com ela. Eu não sabia como explicar de outra maneira. Estou muito envergonhado, Grace. Achei que depois de alguns dias ela fosse desaparecer. Então nós a esqueceríamos como se fosse uma maluca e retomaríamos a busca pela verdadeira família de Charlie. Você não deveria ter criado um laço com ela. Eu havia contado a Anna sobre seu pai na época em que achava que ela fosse minha amiga. Jamais sonhei que ela pudesse inventar uma história parecida para fazer com que gostasse dela.

– Não posso acreditar que você tenha sido tão cruel. Você contou coisas pessoais a uma completa estranha. E você sabia o quanto representava para mim encontrar o pai de Charlie.

A expressão do rosto de Dan é de súplica.

– Eu sei. Você ainda pode encontrar. Nós ainda podemos.

– Não tem mais "nós".

– Grace, por favor. Eu não deveria ter mentido, mas entrei em pânico. Fiz isso por você, por nós.

– E estava pensando em nós quando transou com ela?

O rosto de Dan está molhado.

– Por favor. Foi apenas uma vez.

– E devo acreditar nisso? Você provavelmente estava transando com ela toda vez que eu saía. Em nossa casa. *EM NOSSA CAMA!*

– Não! Eu juro. Foi só uma vez. Um erro imbecil. Eu nem me lembro. Se ela não tivesse me mostrado o vídeo, eu nunca teria acreditado que aconteceu. Nós podemos superar isso, não podemos?

– Não. – Minha voz estava controlada. – Talvez pudéssemos se você tivesse me contado a verdade à época, mas você mentiu, me enganou e manipulou. Aposto que vocês dois deram boas risadas pelas minhas costas, não?

– Não. Eu odiava que ela estivesse aqui. Quando vi que você estava se apegando a ela, tentei fazer com que ela fosse embora, mas ela não ia. Foi ficando tão fora de controle que eu não sabia mais como acabar com aquilo.

Não era só o fato de Anna ter dormido com Dan, de tê-lo chantageado, que me magoava tanto. Eram as mentiras que ela tinha contado. Fazendo com que eu pensasse ter encontrado alguém que entendia a sensação de ter perdido os pais aos 9 anos. A profunda desolação e a perda. A culpa e o medo do abandono. Nunca achei que alguém pudesse entender até conhecer Anna. Eu achava que tínhamos tanto em comum – mas era tudo mentira.

Minha cabeça subitamente parece um peso morto, e eu a pouso em minhas mãos.

– Por quê? Por que ela quis ficar aqui? Ela deve ter família, não? Amigos?

– Ela disse que não. Talvez ela tivesse inveja do quanto eu te amo. Eu não sei. Ela é doida. Quando desconfiei que ela estava fazendo coisas para ferir você...

– Que coisas? – E, ao perguntar isso, listo tudo o que deu errado em minha vida desde que Anna se mudou para cá. O roubo do meu colar, a invasão em minhas contas de e-mail, a campanha no Twitter. Será que ela também roubou minha chave e entrou na escola? Tenho pavor de pensar nisso.

– Quando ela mandou adicionar calda de amêndoas no seu chocolate quente, fiquei com muito medo.

– Ela poderia ter me matado, e você deixou que ela ficasse. Meu Deus, ela provavelmente envenenou a porra da minha sopa, Dan. Você é um covarde.

– Eu sei. Eu não sabia como colocá-la para fora. Não sabia do que ela era capaz.

– Eu sei.

Dan ergue a cabeça. Seus olhos – vermelhos e molhados – cruzam com os meus pela primeira vez.

– Olhe dentro dessa caixa, Dan.

– O que tem aí?

– Olhe. – Minha voz é dura.

Ele se ajoelha na frente da mesa de centro e ergue a tampa da caixa.

Ele engasga.

– Grace...

– Saia, Dan.

– Mas nós...

– Saia daqui, porra! – Arremesso minha taça de vinho com toda a força na direção dele. Erro sua cabeça por alguns centímetros. O Merlot escorre como sangue pela parede branca. Os cacos de vidro ficam espalhados no carpete. Temo que Mittens possa cortar as patinhas, mas depois lembro que nada mais poderá feri-la novamente.

– Saia! – Respingo saliva e veneno ao berrar na cara de Dan.

Dan pega a chave e caminha até a porta, de cabeça baixa. Fico na janela olhando para as costas dele. Tenho vontade de apunhalá-lo bem ali.

A Mittens tinha um monte de brinquedos – ratinhos, peixinhos de pelúcia, bolinhas com guizos – e coloco tudo, também suas tigelas, dentro da caixa. Então, delicadamente cubro a gata, que nunca mais sentirá frio, com seu cobertorzinho com estampa de patas cor-de-rosa. Carrego a caixa lá para fora, e é como se eu assistisse a mim mesma do alto. Reluto para conseguir abrir o solo com o garfo. A terra parece uma rocha, apesar da chuva. Cravo o forcado no piso repetidamente, e as ondas do choque percorrem meus braços, sacodem minha coluna. Parece não fazer muito tempo que minhas mãos ficaram cheias de bolhas ao replantar as mudas que agora sei que a Anna arrancou deliberadamente e que meus ombros doeram quando desenterrei a caixa de lembranças. Agora estou enterrando outra caixa de lembranças. Pisco para afastar as imagens de Mittens passando a patinha em meu rosto, ronronando ao esfregar o focinho em mim.

Cravo a pá na terra, repetidamente, desejando estar cravando em Anna. Causando-lhe a mesma dor que ela me causou. Fico imaginando onde ela está, se Dan a verá novamente, e me pergunto por que me importo. Eles se merecem. Caio de joelhos e arranco a terra do buraco com as duas mãos. Agora já está bem fundo. Beijo a caixa e coloco embaixo da pereira.

– Tchau, Mittens. – Jogo uma mão cheia de terra sobre o papelão e encho o buraco. Depois, pego meu vaso de cerâmica, com um botão de rosa em miniatura, e levo até o túmulo. É mais pesado do que parece, e a planta balança de um lado para o outro quando a empurro para a frente. As folhas caem na terra como lágrimas. Tonta pelo esforço, eu me sento de pernas cruzadas no chão úmido. Dessa vez, eu me permito chorar.

Então escuto uma batida forte na porta da frente.



Siobhan estava morta. Ela tinha sido encontrada no parque com marcas de picadas nos braços. A polícia queria falar comigo porque fui a última pessoa para quem ela ligou. O vovô me levou até a delegacia e mandei uma mensagem para Dan, Charlie e Esmée com as palavras nas quais eu achava impossível de acreditar. Dan se ofereceu para ir comigo, mas eu disse que ligaria para ele assim que chegasse em casa. Esmée estava devastada e impotente – ela ainda estava presa na França. Charlie não tinha respondido até a hora em que chegamos à delegacia.

Deixei o vovô no banco duro de madeira, na recepção, enquanto fui levada à sala de interrogatório. Tive a sensação horrível de nunca mais voltar a vê-lo. Foi difícil conter as lágrimas quando me sentei na sala sem janelas desejando voltar o relógio. *Será que eu poderia tê-la ajudado?* A ideia de que poderia, sim, havia se aninhado em mim como se fizesse parte dos meus ossos, meus rins, meus pulmões. Minha pele trocaria de células, meu couro cabeludo teria os fios de cabelo substituídos, meu fígado seria reparado. Mas e a culpa? Eu sabia que ela ficaria. Para sempre, como parte de mim.

Os policiais foram gentis comigo. Eles me ofereceram água, lenços de papel. A perda que eu sentia era pela menina que Siobhan havia sido um dia, não a que ela se tornara. A menina que me derrotava na amarelinha, que girava a corda com a Esmée enquanto eu pulava no meio com Charlie. Mas as lágrimas que eu derramava não eram só por Siobhan. Eram por todas nós. Por termos crescido. Por termos nos distanciado. Nosso pequeno quarteto tinha se despedaçado e jamais voltaria a ser o mesmo. Os dias em que apertávamos as mãos com tanta força que nossos ombros doíam – "Amigas, amigas, sem

jamais nos separarmos" – tinham terminado. Além disso, agora éramos apenas três.

A polícia achava que tinha sido uma overdose acidental. Jeremy e os demais Walking Deads tinham sido trazidos para interrogatório. Jeremy admitiu pressionar Siobhan para roubar o laptop, para que ele pudesse vender e usar o dinheiro na compra de drogas. Siobhan não queria experimentar heroína, contou um membro da gangue, mas Jeremy disse que se ela não provasse, não poderia mais andar com eles. Que amigos... Jeremy tinha amarrado o cinto com força em volta do braço dela até que a veia saltou, mas ela ficou histérica quando ele a injetou, e todos saíram correndo e a deixaram. Foram para uma festa, como se ela não existisse. E, agora, ela não existia mais.

Eu disse à polícia que estava barulhento demais para ouvir o celular quando a Siobhan ligou e que eu não tinha ideia de que ela estava com problemas. Achei que eu iria para o inferno por mentir. E eu provavelmente merecia.

Eu me sentia como se tivessem passado dias quando fui levada de volta à recepção. Ao vovô. Ele me abraçou junto ao peito; os botões de sua camisa xadrez tocavam meu rosto enquanto eu caía em prantos. Ele afagava meu cabelo, oferecendo-me um conforto que eu não merecia. Tinha ligado para minha mãe para contar o que estava acontecendo e ela se ofereceu para vir, mas eu disse que não havia nada que ela pudesse fazer.

Seguimos de carro para casa. Eu me arrastei pelo caminho da entrada e abri a porta da frente. Tinha um envelope branco no tapete marrom. Não, outro, não, hoje, não. Não tinha sido enviado pela pessoa de sempre. Meu nome estava escrito numa letra que reconheci. Tirei o papel que havia dentro. Charlie escreveu: "Sinto muito, Grace. Por favor me perdoe".

O telefone de Charlie estava desligado. Saí correndo até o carro e escancarei a porta. O motor falhou antes de ligar e dei ré quase tão depressa quanto eu dirigia para a frente. Fui correndo pela vila; os pneus cantaram com a tração. "Sinto muito, Grace. Por favor me perdoe." Perdoar o quê?

Eu pensava no que Charlie poderia ter feito. Não acreditava que ela pudesse ter tido alguma coisa com o Dan. Nenhum dos dois faria isso comigo. Ela não tinha tratado Siobhan pior do que o restante de nós. Charlie seria a primeira a dizer que o que aconteceu tinha sido um acidente horrendo. Então, o quê?

O sinal no cruzamento da rua estava vermelho, e batia as mãos no volante.

– Vamos. – As ruas estavam desertas; parecia que a vila inteira estava em casa recuperando-se da ressaca de Ano-Novo, então pisei fundo e furei o sinal

vermelho. Meus olhos iam da rua para o celular no banco do passageiro quando ouvi o sinal de mensagem deixada na caixa postal.

Parei o carro na frente da casa de Lexie e fui correndo pelo caminho gélido até chegar à porta da frente. Estava trancada.

Bati com força na madeira, depois abria e fechava o punho para abrandar a dor.

– Charlie! – Dessa vez, eu dava tapas na porta. – Charlie! – Eu pulava enquanto esperava.

Lexie quase nunca saía. Olhei pelo buraco da caixa de correio. Dava para ver uma luz na cozinha.

– Lexie! –Eu esmurrava a madeira com o punho fechado. – Abra.

A luz apagou.

– Por favor. Sei que você está aí. Eu já te vi.

Lexie veio se arrastando, parecendo um zumbi, até a porta.

– Você está bem? – perguntei quando a porta abriu.

Lexie estava com um olhar vidrado, semelhante ao das pessoas que aparecem nos noticiários quando ocorre algum desastre natural. Seu rosto estava lavado, e, de alguma forma, ela parecia mais jovem sem o borrão vermelho que geralmente cobria seus lábios.

– E você com isso? – ela murmurou; tive que me inclinar para a frente para ouvir.

– Onde está a Charlie?

– Foi embora.

– Embora pra onde? Pra minha casa?

– Viajou.

– Como assim? – gritei, frustrada pelas respostas monossilábicas.

Lexie acendeu um cigarro.

– Fez uma mochila e se mandou. Foi embora.

– Ela não pode ter ido embora. A Siobhan está morta.

– E daí?

– O que quer dizer com e daí? A Charlie ao menos sabe? Mandei uma mensagem para ela, mas não tive retorno.

– Isso importa?

– Claro que importa. Ela não iria simplesmente embora. Ela não me falou nada sobre viajar.

– Você não sabe de tudo.

– Sei que ela não viajaria sem me dizer...

– Por quê? Porque você é tão importante, porra? Desculpe, esqueci que o mundo gira à sua volta, Grace.

Lexie ia bater a porta na minha cara, mas botei o pé.

– Ela me deixou um bilhete – eu disse. – O bilhete pedia que eu a perdoasse. Perdoá-la por quê? Não entendo isso. Diga o que está acontecendo.

– Não foi *ela* quem fez algo errado – disse Lexie, cuspindo as palavras. – Agora se manda. – Ela abriu mais a porta e a bateu com toda a força. Tirei o pé e me sentei no degrau. Charlie tinha me abandonado, como a minha mãe, como o meu pai. Siobhan tinha morrido. Fiquei ali, imóvel, enquanto a neve caía do céu cinzento, até eu ficar tão anestesiada por fora quanto estava por dentro.

– Por favor. – Eu me virei e fiquei de joelhos, gritando para dentro da abertura da caixa de correio. – Por favor, Lexie. Preciso saber a verdade. O que foi que a Charlie fez?



Ouço alguém bater na porta. *Suma daqui, Dan*. A fúria ferve e borbulha conforme sigo pelo corredor e escancaro a porta.

Não é Dan. Uma pessoa de casaco preto sai correndo pelo caminho em direção ao Corsa vermelho estacionado na rua.

– Espere! – Movida pela carga de ódio que não posso direcionar ao Dan ou à Anna, vou correndo atrás dela. A umidade do caminho penetra em minhas meias, e a pessoa que anda me seguindo remexe no fecho do portão, e é a primeira vez que fico grata pelo fecho defeituoso. Agarro seu casaco, que retorce em seu ombro. Ouço um grito de dor, e o capuz cai. Cai também uma cabeleira loura cacheada. Recuo a mão, como se tivesse tocado algo quente, e seguro meu punho. Não pode ser.

Ela se vira. Claro que não é Siobhan; como poderia ser? Mas a semelhança com ela é tão marcante que é como se eu tivesse voltado no tempo. Ficamos nos encarando, uma à outra, Abby e eu.

– Você anda me seguindo? – Não preciso de resposta.

– Sim. – Ela desvia o olhar e me lembro da menina tímida que costumava passar direto por mim, nos corredores da escola, de cabeça baixa e mochila pendurada no ombro. Houve uma época em que ela não dava um pio se a irmã mais velha não estivesse ao seu lado, mas acho que teve de aprender a se virar sozinha. Ela estava três séries atrás de nós, então agora deve estar com 23 anos. O que ela quer? Vingança? Pode vir. Não posso me sentir pior do que já me sinto.

– Você queria me assustar? Me matar? O quê? – Inclino o rosto para a direção do dela. – Pode fazer o pior.

Ela recua.

– Eu queria falar com você.

– E achou que a melhor maneira de fazer isso era me seguindo? E me vigiando? Fazendo com que eu achasse que estava ficando maluca? – Agora eu estou gritando, sem ligar se a senhora Jones ouve, e pouso as mãos no peito de Abby para empurrá-la com força. Já estou farta dos joguinhos de todo mundo, já aturei isso uma vida inteira. Ela cai para trás, contra o portão. – Dá o fora, Abby.

– Grace! – a voz dela sai esganiçada. – Por favor, me ajude. – Ela dá um passo à frente para dizer as palavras que a irmã me disse anos antes, e, por mais que eu queira mandá-la embora, não consigo. Estamos em pé no jardim. O vento bate no portão, que por fim se solta e atinge as costas de Abby, lançando-a ao chão. Ela ergue os olhos, com a chuva caindo em seu rosto, o cabelo grudado no couro cabeludo.

– É melhor você entrar. – Eu me viro em direção à porta da frente.

Lá dentro, Abby se encolhe na poltrona de Dan – minha poltrona – e chora como se o seu coração estivesse partido. Eu me ocupo na cozinha para dar a ela tempo para pensar. Estou pálida, mas não sei se minha raiva é por conta de Abby ou de Dan e Anna. É uma mistura de tudo, mas é a Abby quem está chorando na minha sala. Foi ela quem perdeu a irmã, e não me parece justo dirigir toda a minha raiva para ela. Acho que o mínimo que posso fazer é ouvir o que ela tem a dizer. Ponho a chaleira no fogo e pego canecas no armário, tentando abafar o som de sua angústia.

Na sala, coloco a bandeja de chá na mesa e limpo a garganta. Abby limpa o nariz na manga de seu suéter.

– Desculpe, Grace. – Não sei se ela está se desculpando por quase me matar de susto ou por estar chorando, por isso não respondo. Em vez disso, sirvo chá que ainda não ficou pronto, acrescento um pingo de leite e deslizo a caneca na direção dela, junto com o açucareiro e uma colher.

– O que está fazendo aqui? – pergunto.

– Nós nos mudamos de volta para a vila. O vovô está com doença de Alzheimer, e mamãe quis ficar mais perto dele.

– Eu não estava me referindo à vila, estou falando daqui. – Gesticulo ao redor da sala. – O que quer comigo?

– Voltar para cá trouxe de volta muitas lembranças. Eu queria falar sobre a Siobhan.

– Falar?

– Sim. – Ela pega a caneca tremendo tanto que o chá respinga em seu colo. Ponho uma caixa de lenço de papel na mesa diante dela.

– Então por que você não *falou*, em vez de ficar se comportando como uma perseguidora?

– Eu não sabia o que dizer. Fui horrível com você na escola, e sei que teve momentos difíceis. Eu ouvi falar. Sobre a Charlie. Sinto muito.

Balanço rapidamente a cabeça.

– Ensaiei meu discurso repetidamente. Cada vez que eu ligava e ouvia a sua voz, eu desistia. Vim aqui. Achei que seria mais fácil, mas não foi. Eu não tinha coragem de bater na porta. Acho que tinha medo que você a batesse na minha cara.

– Você quase me jogou para fora da pista, Abby. Poderia ter me *matado!*

– Quando passei por você e vi que era seu carro, eu estava decidida a perguntar. Resolvi que não me acovardaria de novo. Fiquei muito nervosa. Foi uma imbecilidade, e ainda bem que não causei nenhum acidente. Nunca tive a intenção de feri-la, Grace. – Seu rosto está vermelho e molhado de lágrimas. Dou um suspiro.

– Bem, nós estamos aqui. O que quer me perguntar?

– Grace, a Siobhan mencionou meu nome quando te ligou naquela noite?

Esse é um daqueles momentos em que você tem uma fração de segundo para decidir, e o caminho que escolher seguir não terá volta.

Os olhos de Abby estão arregalados e esperançosos. O que posso dizer? Que me recusei a ajudar? Que desliguei o telefone? Que me arrependo disso desde aquele dia? Eu poderia dizer à Abby que, no fim das contas, eu me sinto responsável pela morte de sua irmã. Mas que bem essa admissão faria? Isso não poderia trazer Siobhan de volta.

Faço a minha escolha.

– Sim – eu digo. Será que uma mentira ainda é uma mentira se traz consolo? Penso que é, mas mesmo assim prossigo, sem ter certeza se a história que estou inventando é para consolar Abby ou para acalmar a minha culpa. – Eu disse a ela que você estava procurando por ela e que você lamentava.

Abby se inclina para a frente e retorce o lenço de papel que está segurando.

– E o que foi que ela disse?

– Ela disse que a amava de qualquer maneira. Estava indo te encontrar.

Uma mentira atrás da outra. Uma montanha. O corpo de Abby se balança, de

tanto chorar, e eu a abraço. Pego mais lenços de papel e mais chá, e trocamos histórias da irmã mais velha que ela um dia idolatrou. Eu nunca soube que Siobhan fazia aulas de sapateado quando era pequena. Abby não sabia que Siobhan foi a primeira da nossa série a beijar um menino. Acho que todos nós temos lados diferentes. As coisas que compartilhamos. As coisas que guardamos. O bom e o ruim. As verdades e as mentiras.

Está ficando tarde, e estou exausta. Ofereço à Abby a cama extra, mas ela quer voltar para a casa dos pais. Eles ficam preocupados quando ela sai por muito tempo, e não posso condená-los. É um mundo perigoso, mas ao menos sei que não vai haver mais silhuetas sombrias fora de casa, nada de Corsas vermelhos estacionados na rua. Eu não os imaginara. É um alívio imenso saber que, por mais que o Google traga informações sobre os efeitos adversos da medicação que eu tomo, tenho um domínio mais forte da realidade do que havia pensado.

– Se quiser conversar de novo, é só me ligar – digo à Abby quando ela veste o casaco. – E, da próxima vez, não desligue!

– Não farei isso. Obrigada, Grace. Não posso lhe dizer o conforto que senti ao saber que a Siobhan havia me perdoado.

Fico recostada no batente da porta até que o carrinho vermelho de Abby suma de vista e eu sinta que talvez não tenha agido tão mal no fim das contas. A verdade dói, não é? E, embora eu esteja bem longe de perdoá-lo, consigo entender por que Dan mentiu. Estremeço ao pensar em Anna. Tranco e porta e passo a corrente.

A fome faz minha barriga roncar, e pego o saco de comida chinesa que ainda está em cima da mesa da sala. "Nada de desperdício", diria a vovó. Sirvo um pouco de chow mein num prato e o levo ao micro-ondas. Enquanto o prato gira e a comida aquece, acendo algumas velas e coloco um disco para tocar. Nat King Cole canta "Maybe it's because I love you so much", e a letra dói lá no fundo. A dor pelo que Dan fez, pelo que Dan e Anna fizeram, ainda está muito viva.

O micro-ondas apita, e meu jantar está fumegando. Enfio uma garfada de macarrão na boca e então descubro que não estou mais com fome. Levanto a agulha do disco e desligo o som da tomada, apago as velas e faço um pedido. As portas da frente e dos fundos estão fechadas, mas verifico novamente para saber se estão trancadas antes de subir a escada e enfiar a cabeça no quarto de Anna, para ter certeza de que ela realmente se foi. Estou relutando contra o

sono, contendo os bocejos, mas troco os lençóis da nossa cama – agora, minha cama –, não querendo dormir com o cheiro de Dan. Prendo bem os lençóis nos cantos, coloco outro edredom e me deito na roupa de cama de algodão. Eu me encolho. Meus pés estão congelados, e, apesar de tudo, eu gostaria que Dan estivesse aqui para me aninhar nele.

PAFT.

Meus olhos se abrem num estalo e vão de um lado para o outro, buscando formas na escuridão. As cortinas não estão totalmente fechadas, e raios de luar entram no quarto, lançando sombras em todos os cantos. Estremeço quando vejo uma silhueta, mas é apenas o espelho da penteadeira. Nunca morei sozinha, e, quando afasto as cobertas e viro as pernas para fora da cama, meu coração está disparado. São só alguns passos até a janela, mas há tempo suficiente para que minha mente imagine um bando de ladrões formando uma corrente humana e levando do chalé todos os meus pertences.

Espio pela janela. A rua está escura e quieta, meu carro é o único veículo que vejo. Um movimento me chama a atenção, e dou um pulo quando o vento abre o portão antes de batê-lo. Ralho comigo mesma por me assustar com tanta facilidade e volto para a cama. Meu coração está acelerado; o medo me tirou o sono, acendo o abajur, estreitando os olhos diante da luz âmbar. Abro meu livro, prometendo a mim mesma que não vou ler mais do que dois capítulos, e encontro a página onde parei. Deixo que as palavras me transportem a outra época.

Meu coração está desacelerado e minhas pálpebras começam a se fechar quando ouço uma batida. Não é no portão, mas na porta da frente. Eu gelo e seguro o livro com tanta força que amasso as páginas. O abajur apaga, e o quarto todo mergulha na escuridão. Começo a chorar e cubro a boca com as duas mãos, para conter o som. Estou franzindo o rosto, esperando ouvir o rangido dos degraus da escada, mas a casa está em silêncio. Estou dura de medo enquanto me sento na cama com as costas eretas, sem me mexer demais, não querendo fazer barulho no colchão que pode denunciar a minha presença. Sinto um espasmo na lombar e me movo ligeiramente, encolhendo-me quando as tábuas do piso abaixo da cama rangem. Prendo a respiração e fico imaginando quem está ali e se me ouviu. Não ouço passos na escada; a única coisa que escuto é o sangue pulsando em meus ouvidos. Eu me pergunto se imaginei a coisa toda quando começo a tossir.

Fumaça.

O tempo passa devagar, a lógica me abandona, e pareço estar paralisada por um tempo interminável antes que minha mão se estenda na escuridão e procure o celular que não consigo localizar. Água fria encharca a manga do pijama quando derrubo o copo, e meus pés afundam no carpete molhado quando me levanto e corro em direção à porta. Dou uma topada no pé da cama com o dedão e grito de dor, cambaleando à frente e caindo pesadamente de quatro. Consigo me erguer e acendo o interruptor da luz do teto, rezando para que a lâmpada do abajur só esteja queimada, mas o quarto continua um breu.

Meu coração retumba em meus ouvidos e minhas mãos estão escorregadias quando chego até a porta. Hesito antes de tocar a maçaneta de metal, mas ela está fria. Por uma fração de segundo, penso que está tudo bem, porém, quando abro a porta, uma fumaça ácida invade meu nariz, minha garganta, meu peito. Meus olhos ardem e bato a porta para fechá-la, recostando-me nela, como se pudesse manter o incêndio lá fora. A tosse vai ficando mais violenta, me curvo de dor, mas me lanço à frente, arrasto o edredom da cama e ajoelho para vedar o vão embaixo da porta. Meu pijama está encharcado com o suor que escorre em meu peito e minhas costas. A fumaça parece mais fina perto do chão, e rastejo de barriga até a janela, agarrando-me ao aquecedor para me levantar e me manter de pé sobre as pernas que parecem de borracha. A janela está emperrada; ela não é aberta desde o verão. Grito de frustração enquanto a empurro para cima até ela ceder. Eu me lanço para a frente e fico meio pendurada para fora da janela, ofegante, como um cachorro na janela do carro.

A rua continua escura e silenciosa. A paz da qual tanto gosto parece agora ameaçadora. Grito chamando a senhora Jones, mas já sabendo que é em vão, que ela provavelmente está dormindo e, se não estiver, não vai me ouvir por causa da TV alta. *Eu vou morrer*. Os arbustos balançam, e acho que vejo uma silhueta saindo da sombra. Esfrego os olhos ardidos por causa da fumaça, mas, quando consigo focar de novo, a silhueta não está mais ali. Cada fibra do meu ser ordena que eu fique perto da janela, para respirar, mas preciso encontrar o celular. Rastejo até a cama, apalpando o tapete molhado, e rezo para que ele não esteja molhado e ainda funcione. Remexo em volta; minha garganta dói de tanto tossir, e, quando sinto que não vou mais conseguir continuar, minha mão encontra algo frio e sólido: meu celular. Aperto um botão, iluminando a tela, e quase choro de alívio. Rastejo de volta para a janela – meus movimentos

agora estão mais lentos – e forço o oxigênio a entrar em meus pulmões que ardem pelo esforço de me manter viva.

Aperto 999.

– Emergência, qual é o serviço solicitado?

Abro a boca para falar, mas o conforto em ouvir uma voz humana faz com que as minhas palavras entalem e eu não consiga pronunciá-las.

– De que serviço precisa, por favor? Bombeiros, polícia ou ambulância?

– Bombeiros, por favor. Depressa – digo, com a voz rouca.

Perguntam meu nome e meu endereço. A atendente repete as minhas frases emboladas e confirma os detalhes. Ela me diz que seu nome é Mia e garante que a ajuda está a caminho. Descrevo a planta da minha casa para que saibam em que cômodo estou. A voz de Mia é suave e tranquilizadora, suas perguntas, delicadas, mas estou tão engasgada que não consigo responder. Passo a perna direita por cima do parapeito da janela e me sento como se estivesse montando um cavalo, olhando a escuridão abaixo. Digo à Mia que vou pular. Ela garante que os carros estão perto, a minutos de distância, mas cada célula do meu corpo luta pela sobrevivência. Prendo o telefone entre meu ouvido e meu ombro, seguro no parapeito e tento passar a perna esquerda. Meus movimentos são lentos, apesar do terror berrando dentro de mim. É como se eu estivesse presa em areia movediça.

As sirenes são fracas, a princípio. É difícil ouvir acima da minha respiração pesada, mas vejo as luzes azuis piscando no fim da rua, e, quando vou gritar pedindo ajuda, ergo as mãos para acenar e sinto que estou escorregando. Grito ao cair na escuridão.



Estou com muito, muito calor. Minha pele está descascando e minha carne derretendo, soltando dos ossos. Abro a boca, mas alguma coisa impede que eu grite. Estou sufocando, agarrando meu pescoço, contorcendo-me para tentar liberar a pressão do meu peito.

– Grace. – Mãos mornas seguram as minhas, apertando delicadamente. – Grace, está me ouvindo?

Vovó? Faço um grande esforço para abrir os olhos, eles lacrimejam, e pisco sob a luz fluorescente. Tudo é branquíssimo. Estou presa na cama; os lençóis são firmes e justos.

– Houve um incêndio; você está bem, mas pensamos... – A voz da vovó falha. Tento soltar a mão, me sentar, puxar os tubos da garganta.

– Fique quietinha, querida. – O vovô pressiona docilmente meus ombros. – Vou buscar o médico. Sua mãe está a caminho.

O médico parece jovem demais para ser qualificado: um garoto num jaleco branco grande demais e usando óculos de armação redonda de tartaruga. Ele consulta uma prancheta nos pés da cama e limpa a garganta, como se temesse que sua voz fosse parar no meio da frase.

– Grace, você é uma moça de sorte. – Não posso responder, mas, se pudesse, acho que não concordaria. – Não se preocupe com os tubos; sua traqueia está ligeiramente inchada por você ter inalado fumaça, e só queremos mantê-la aberta. Não há líquido em seus pulmões nem infecção. Você deve ter alta do hospital em quarenta e oito horas.

A vovó afaga minha mão com o polegar, e tento, inutilmente, me manter acordada.

Venho e volto de um sonho agitado, assombrado por sonhos perturbadores, com chamas revolvendo, espirais de fumaça. A vovó coloca um saquinho de lavanda embaixo do meu travesseiro, e, por mais que eu inale, só consigo sentir o cheiro de fuligem. Nunca fico sozinha. Há uma poltrona ao lado da cama de hospital, e, cada vez que eu acordo, encharcada de suor e em pânico, tem sempre alguém comigo: meus avós, minha mãe, a Lyn. Volto ao chalé repetidas vezes em minha mente. Lembro-me de acender as velas, mas não de apagá-las. Meus pensamentos giram como um tufão, tentando me levar para o Kansas. Eu gostaria de voltar para casa num passe de mágica. *Será que a culpa é minha? Será que sou sempre a culpada?*

Os tubos são removidos, e vomito bile rajada de sangue numa bacia de papelão. Meu estômago dói por dentro e por fora. É um alívio tirar aquele avental hospitalar e tomar um banho, num chão de ladrilhos que eram brancos, mas agora ficaram acinzentados. Toco os hematomas da minha barriga e peito, e as lágrimas caem, enquanto me pergunto o que teria acontecido se os bombeiros não tivessem chegado tão depressa, se eles não tivessem me carregado em segurança depois que caí no chão do quarto, inconsciente. Sacudo uma camisola limpa que a vovó trouxe para mim, levo até o nariz e testo meu olfato. Sinto um leve aroma de amaciante. A vovó é menor que eu; a camisola que para ela é longa bate pouco abaixo dos meus joelhos e fica justa nas costas. Não sei se todas as minhas coisas queimaram, e estou amedrontada demais para perguntar.

Chinelos cor-de-rosa emprestados escorregam dos meus pés conforme volto à enfermaria, sentindo-me como se eu tivesse corrido uma maratona. Eu meio que espero que alguém venha correndo e me embrulhe numa coberta impermeável. Meus pulmões parecem chacoalhar, minha respiração é ofegante, e a dor irrompe em meu peito.

A vovó dobra os lençóis para trás, arruma os travesseiros e me ajuda a deitar de novo na cama. Minha mãe me cobre como fazia quando eu era pequena.

– Sei que você ainda não consegue engolir direito, mas logo estará ótima. – A vovó tira a tampa de um pote de plástico e me mostra as fatias de bolo de limão.

O aroma cítrico me faz tossir, e a vovó enxuga meus olhos e me entrega um lenço de papel para assoar o nariz. O papel fica preto, e eu o amasso, fazendo uma bolinha. Miro na mesinha de cabeceira.

– Você ficará bem sozinha por algumas horas? A Denise está adoentada e não pode entregar as refeições do pessoal idoso. Eu me ofereci para ajudar. Sua mãe vai me ajudar. O vovô foi buscar o carro.

A vovó pode ter 72 anos, mas ela ajuda o "pessoal idoso" sempre que pode.

Faço que sim com a cabeça.

– Eu posso ficar, se quiser – diz a minha mãe, mas aceno que não. Minha garganta dói demais para falar. Vejo as duas saindo depressa pela enfermaria, passando pelas portas vai e vem, antes de me encolher de lado, fechando os olhos. Meus sonhos são vívidos e vibrantes. O cheiro de Impulse entra em minhas narinas, e sonho que Charlie e eu estamos correndo pela floresta. As folhas farfalham e os galhos dobram para me contar segredos. Esforço-me para entender os sussurros.

Minha boca está seca, e eu me sento, ao acordar, estendendo a mão para pegar o jarro de água. Em cima da mesinha de cabeceira há um presente embrulhado em papel dourado. Meu nome está escrito na etiqueta, numa letra que reconheço vagamente, mas não consigo identificar. A caixa tem algo que faz barulho quando a balanço. Dou uma olhada em volta na enfermaria para ver se alguém está me observando antes de tirar a fita adesiva de uma das pontas e abrir a tampa. Tiro o presente.

Solto a caixa na cama e me encolho, como se fosse uma cobra prestes a me atacar. Recosto com força nos travesseiros, em estado de pavor, olhando a caixa de castanhas-do-pará com cobertura de chocolate. Só uma pessoa teria me comprado castanhas, alguém que sabia da minha alergia e já me tenha dado isso antes: *Anna*.

A vovó prende a coberta rosa e roxa de crochê em volta das minhas pernas, apesar de a temperatura da sala estar uns vinte e cinco graus no mínimo. Foi ela que me cobriu quando tive caxumba e amidalite. Puxo a coberta até o queixo. Pego o controle remoto e ligo a TV. Procuro o botão certo para diminuir o volume: o vovô deve ter sido a última pessoa a assistir.

A vovó puxa a menor mesinha do jogo de mesas de mogno e a coloca ao lado do sofá. Sobre ela, dispõe um copo de groselha e um prato de rosquinhas. Eu me sinto com 6 anos e grata por estar ali, por ter passado a noite em meu antigo quarto, livre do barulho dos carrinhos do hospital e dos sussurros das enfermeiras. Minha mãe voltou para Devon, tranquila por não haver nenhuma sequela. Pelo menos não fisicamente.

Estou encantada com o programa de Jeremy Kyle, a um só tempo mortificada e fascinada pelo drama, enquanto como uma rosquinha, o glacê rosado dissolvendo em minha língua. A vovó finge que não está olhando, que só está fazendo tricô, mas de vez em quando as agulhas param de tilintar, ouço um estalinho de sua língua.

Escutamos uma batidinha na porta, e a vovó levanta de sua poltrona. Ela parece ter envelhecido nos últimos dias. Ela sai da sala e fecha a porta, mas ouço uma voz masculina ressoar pelo corredor, então ajeito meu cabelo e espano os farelos da camisola ao achar que pode ser o Dan. Respiro na minha mão em concha, tentando lembrar se escovei os dentes hoje e desejando ter tomado banho e me vestido.

A porta abre, e me arrumo no sofá, sentindo-me ridícula por ainda querer que o Dan me ache atraente.

– Grace... – A vovó gesticula para os homens atrás dela. Eu não os reconheço. – Eu vou chamar o vovô.

– Grace, sou o policial Harry Mills e estou encarregado de investigar a causa do incêndio na Casa da Rosa – diz o mais alto dos dois. – Meu colega, o investigador de incêndios Mick Walker, do Serviço de Bombeiros e Resgates de Oxfordshire, também tem algumas perguntas a fazer.

Eu me remexo como uma criança diante de um diretor de escola e puxo mais o meu cobertor.

O vovô entra apressado na sala, secando as mãos na calça marrom.

– Sentem-se, cavalheiros, por favor.

Os homens acomodam-se nas poltronas, mas não recostam. As pernas compridas se estendem à frente deles, e a sala parece pequena e apertada.

A vovó traz xícaras e pires do jogo que ela reserva para ocasiões importantes e serve chá. As rosquinhas são levadas e substituídas por chocolates mentolados que ninguém come. Espero as perguntas começarem, revolvendo os dedos nos buraquinhos do crochê da coberta.

– A que horas você foi para a cama na noite do incêndio, Grace?

Não consigo me lembrar, exatamente, e sinto o calor subir pelo meu rosto, como se eu tivesse algo a esconder.

– Umas onze horas, eu acho – eu digo, com a voz esganiçada, e o vovô me dá um copo de água.

– Havia mais alguém em casa com você?

– Não.

– E quando deixou a sala estava tudo desligado? Tudo aparentemente normal?

– Ela foi criada para não desperdiçar luz – diz a vovó.

Eu seguro a mão do vovô.

– Achei que tivesse desligado tudo, apagado as velas... – Olho para o carpete. O vovô aperta os meus dedos.

– Onde estavam as velas?

– Em cima da pedra da lareira.

– A origem do fogo foi o cesto de papéis ao lado da mesa. Havia alguma vela ou fontes inflamáveis ali perto?

– Não.

– Havia um fósforo no cesto de lixo... você fuma, Grace?

– Não. – Balanço a cabeça, tentando afastar a minha confusão. – Eu não guardo fósforos em casa. Nunca uso.

– Você está ciente de que não havia pilhas no alarme de incêndio no corredor?

– Não...

– Havia, sim – o vovô afirma. – Verifico regularmente e as substituí não faz nem duas semanas. E coloquei daquelas caras. Vale pagar mais para ter paz de espírito.

– A casa estava trancada quando você foi para cama?

– Sim. Verifiquei as portas várias vezes.

– Os bombeiros precisaram arrombar.

– Não estou entendendo.

Mick tira os óculos de armação prateada. Seus olhos se fixam nos meus.

– Acreditamos que o incêndio tenha sido proposital. O fato de a propriedade estar trancada quando você foi para cama e ter permanecido assim quando chegamos lá indica que o incêndio foi causado por alguém que já estava dentro da casa ou por uma pessoa que possua a chave. A corrente ainda estava prendendo a porta da frente, portanto a entrada não foi por ali. Quem tem a chave dos fundos, Grace?

Um calafrio percorre minha nuca; os pelos dos meus braços eriçam.

– Anna – sussurro. – Anna tem a chave.



O vovô tira o lenço do bolso e seca os olhos da vovó. Ela arranca o lenço da mão dele.

– Obrigada. Já tenho muitas rugas sem você ficar puxando a minha pele. – O vovô faz uma careta atrás dela. Por mais que pareça que tudo mudou, é confortante acreditar, ainda que ingenuamente, que algumas coisas jamais mudarão.

Uma voz quase indecifrável anuncia a partida eminente do meu trem. Minha mala é pequena, mas está pesada e me esforço para pegá-la. Apalpo meu bolso, certificando-me de que meu bilhete está ali.

– Você não precisa ir – diz a vovó. – Essa tal de Anna não me assusta.

– Bem, mas deveria assustar.

– Você poderia ficar – diz o vovô.

– É melhor não. Até que a polícia possa pegá-la. – Abraço cada um com um braço só. – Vou mandar uma mensagem de texto assim que chegar lá.

Levanto a bagagem para colocá-la no trem e olho em volta, para ter certeza de que não estou sendo seguida. Fico na porta do vagão, olhando os outros passageiros, à procura de uma cabeleira loura. Satisfeita por Anna não estar a bordo, tiro um jornal abandonado de um banco salpicado de queimaduras de cigarro – apesar do aviso de "Proibido fumar" que descola das janelas – e me sento. O piso está cinza de sujeira. Acomodo a bolsa de mão no colo e a mala no banco ao lado. As portas se fecham, prendendo o ar estagnado ali dentro, impregnado de fumaça, perfume e odores corporais. Olho pela janela manchada e dou um aceno de despedida.

O trem balança ao começar a andar, sacode ao ganhar velocidade. Recosto a cabeça no vidro encardido e fico olhando os campos passando. O livro que trouxe para ler na viagem permanece fechado, e fico perdida em pensamentos até chegar em King's Cross. Levanto e pego meus pertences enquanto o trem vai parando, contraindo os glúteos para manter o equilíbrio enquanto balanço de um lado para o outro. Desembarco e seguro as alças da minha bagagem firmemente enquanto ombros esbarram em mim; cada centímetro de espaço parece tomado. Tomo um susto a cada cutucão, achando que é Anna. Sinto alguém tocar meu ombro. Eu me viro e solto um grito.

– Sou eu. – Com seus bracinhos magros, Esmée me dá um abraço apertado. Ela é mais forte do que parece. *Agora somos só nós duas*. Eu não a via desde o enterro de Charlie, mas não retribuo o abraço. Estou determinada a não deixar que meus sentimentos sejam expostos numa plataforma movimentada. Receio que se eu liberar minha tristeza, ela pode inundar os trilhos, engolir todos pelo caminho, de tão grande que parece.

– Agora você está em segurança – ela sussurra em meu cabelo, e tento pensar em alguma coisa feliz para não chorar.

– Vou levá-la para casa. – Esmée pega minha mala, e fico contente em ter alguém para assumir o comando. A jornada me deixou esgotada. Acho que ainda não me recuperei direito do incêndio.

Esmée transita pelo metrô com confiança, nem parecendo a menina tímida que foi um dia. Estou amuada em meu banco, exausta, olhando o mapa na parede. Linhas vermelhas, azuis e verdes se estendem sinuosas pela capital. Mais uma coisa que não consigo entender; eu poderia fazer uma lista delas. Fecho os olhos. As vibrações são calmantes, e bocejo.

– Nossa parada é a próxima. – Esmée dá um tapinha em meu joelho.

Levanto e dou um tranco à frente, agarrando o braço de Esmée para me estabilizar. Dou uma olhada em volta, mas não vejo ninguém me fitando, e me conforto com o anonimato. Caminhamos por ruas sujas de lixo. Ando bem junto de Esmée e me retraio com o som das buzinas. Sinto o cheiro de fumaça de exaustores e fast-food e anseio pelo ar limpo do campo.

Esmée desacelera e para diante de uma fileira de lojas.

– Lar doce lar. Não deixe que a parte externa a desanime. – À esquerda, vejo uma lavanderia com a porta amarelo-canário, a tinta descascando coberta de grafite. Esmée enfia a chave na fechadura, gira e chuta o pé da porta. – Sempre emperra.

Minha mala bate na parede conforme subimos pela escada estreita e tão escura que preciso me esforçar para enxergar onde estou pisando, apesar da lâmpada pendurada no teto. Esmée destranca uma porta cinza, no alto, e entramos.

O apartamento parece uma caixinha de fósforos, mas é lindamente decorado em tons de creme. Esmée herdou o estilo natural de sua mãe parisiense. A sala de estar, jantar e a pequena cozinha são pedacinhos do mesmo ambiente. Esmée vai até a janela em quatro passos e a abre. O ar aquecido se mistura ao ar mais quente ainda.

– Você tem sorte de ter vindo na primavera. O ar quente das secadoras lá de baixo faz com que sempre fique quente aqui dentro. É adorável no inverno, mas insuportável no verão. Mas em geral não fico em casa durante o dia. Dê uma olhada enquanto faço um chá. – Esmée vai até a área da cozinha. – Você pode ficar no quarto, querida; vou usar o sofá-cama. – Com uma das mãos, Esmée acena descartando meu protesto e tira canecas brilhosas do armário com a outra.

Abro a primeira das duas portas que há na sala. As paredes do banheiro têm ladrilhos brancos, o chão é preto e branco, como um tabuleiro de xadrez. A porta só pode ser fechada depois que entro entre a pia e o vaso sanitário. Quase consigo alcançar os dois lados do banheiro ao abrir os braços. O vidro do boxe está brilhando. Vejo muitos produtos de higiene e limpeza e subitamente me sinto suja da viagem. Sigo em frente.

O quarto tem paredes pintadas de azul-claro, armários com espelho e uma colcha azul-turquesa. Ele será meu casulo. Pode ser que eu me transforme em borboleta.

– Tenho sorte de ter um quarto separado, muita gente não tem.

Tomo um susto quando Esmée aparece atrás de mim. Pego a caneca que ela me oferece.

– Claro que posso arranjar um apartamento de três quartos pelo mesmo preço na nossa cidade, mas quem quer ficar preso num lugar grande demais para ser uma vila e pequeno demais para ser uma cidade, onde a coisa mais empolgante que aconteceu foi quando os canos da escola estouraram e tivemos a semana inteira de folga? – Ela sacode os ombros. – Isto é Londres, meu bem. Tem gente nova toda vez que ponho os pés para fora da porta e, se eu espirrar,

não aparece gente na minha porta, depois de uma hora, com caçarolas e espalhando boatos de que peguei uma doença.

– É perfeito, Esmée. Gosto muito do apartamento. – E é verdade. – Mas você nunca sente saudade de casa? – Acho que gosto de conhecer todo mundo em volta de mim. A fofoca, a fúria coletiva quando os correios restringiram as coletas de volta a uma vez por dia. Só se falou disso por semanas. Entediante, até podem dizer, mas eu me sinto segura lá. Bem, mas isso foi antes de Anna.

– Às vezes, adoro viver aqui. Tem um burburinho. Sempre tem alguma coisa acontecendo. A vila nunca mais foi a mesma sem Siobhan. E agora sem Charlie... não me vejo voltando para lá. Sinto que meu lugar é aqui.

– Não sei mais se pertenço a algum lugar. – Tomo chá, tentando engolir o tremor em minha voz. – Posso tomar um banho?

– Claro, e não precisa perguntar.

O jato de água é tão forte que fico sem fôlego, então esfrego os olhos e giro a torneira para diminuir a pressão. Os xampus de Esmée têm cheiro de gengibre, porém, por mais que eu lave o couro cabeludo, ainda sinto o cheiro de fumaça no cabelo.

A toalha é felpuda como algodão, e me seco no quarto, olhando o conteúdo da minha mala espalhado em cima da cama de Esmée. Penso em me vestir, mas acabo botando o pijama. O carpete é macio sob os meus pés, e vou descalça até a sala.

Mais tarde, com pratos de lasanha de espinafre apoiados no joelho, rimos assistindo a uma reprise de *Friends* enquanto comemos, maravilhadas em ver como Jennifer Aniston quase não envelheceu desde aquela época. Fico grata pela normalidade, a simulação de que isso poderia ser uma visita social. Apesar das objeções de Esmée, fico ao seu lado na cozinha secando os pratos que ela lava, deixa brilhando e empilha na estreita bancada de trabalho.

– Então, como você está de verdade? – Esmée seca as mãos, me serve uma taça de Pinot e me conduz ao sofá.

– Estou bem.

Esmée ergue uma sobrancelha.

– Está certo... – suspiro. – Já estive melhor. Alguns meses atrás, eu tinha um emprego ótimo, uma gatinha, uma casa fabulosa, um namorado que eu amava. Eu realmente o amava.

Esmée aperta minha mão.

– Ele foi até a casa dos meus avós para me ver – eu digo. – O vovô teve que

impedir que a vovó batesse nele com o rolo de massa.

– Ele é um idiota.

– Eu sei, mas ele era o meu idiota. Ele fica me ligando.

– Para dizer o quê?

– Não atendo.

– Boa menina.

– Ele também envia mensagens de texto. Quer me encontrar. Para explicar.

Esmée ergue as sobrancelhas.

– Não existe explicação para o que ele fez. Ele não é o Dan que achei que conhecesse.

– Nem eu. – Apoio a cabeça no ombro de Esmée. – Não posso acreditar no que ele fez e não entendo por que Anna me odiava tanto. – Dou uma olhada em volta, na sala, como se ela pudesse saltar de trás de um móvel.

– Também não entendo. Talvez ela só estivesse com ciúme. Apaixonada pelo Dan?

– Ele é irredutível ao dizer que foi só uma vez; que não significou nada. Mas, mesmo que fosse verdade, acho que ela ainda poderia ter sentimentos por ele.

– Talvez ela não tenha suportado ser rejeitada.

– Talvez. Ainda bem que não a apresentei à Lexie. Imagine o que isso teria causado a ela. Achar que ainda havia um pedaço de Charlie vivo e depois descobrir que era tudo mentira.

– Anna é maluca. Você não precisa mais se preocupar com ela.

Mas nós duas sabemos que isso não é verdade.

– Ela ficará trancafiada por um bom tempo, Grace, você vai ver. Não se pode sair por aí tentando assassinar as pessoas.

Estremeço.

– Foi, aparentemente, um incêndio com intenção de pôr a vida de alguém em perigo.

– É a mesma coisa. Que piranha louca!

– Eu só queria que a polícia a encontrasse.

Esmée despeja as últimas gotas de vinho na minha taça, depois pega outra garrafa na cozinha e coloca batatas chips numa tigelinha.

– E o chalé? Você perdeu tudo?

– Não, ainda bem. O incêndio foi contido, o carpete está queimado e alguns dos móveis ficaram chamuscados, mas tudo está mais danificado pela fumaça,

não pelo fogo. A vovó lavou a roupa do meu armário três vezes, mas... – Minha voz falha. – Era tanta fumaça.

– Você tem muita sorte.

– Foi o que me disseram.

– E o que acontece agora?

– O chalé está lacrado. Todos os meus pertences de valor estão na garagem do vovô. A polícia já tem tudo de que precisa, portanto agora está nas mãos da seguradora. Vai levar um mês até que esteja tudo pronto.

– Você pode ficar o tempo que quiser.

– Agradeço. Eu não queria ir para a casa da minha mãe. A filha do Oliver praticamente mora lá, com os filhos, e já quase não tem espaço. Depois que a Anna for presa, posso ir para casa, ficar com meus avós. A polícia disse que eu teria prioridade de chamado caso ligasse novamente, mas eu não podia arriscar. Não quero colocar ninguém em perigo. – Como uma batata, e o sal e o vinagre pinicam minha garganta ainda sensível. – Anna não vai me procurar aqui.

– É claro que não – diz Esmée, e ficamos em silêncio enquanto tomamos o vinho. Tento não hesitar quando o alarme de um carro dispara lá fora, garantindo a mim mesma que estou segura, que Anna não vai me encontrar. Mas não consigo deixar de pensar em seu paradeiro.



O bule de café borbulha. Sirvo o líquido fumegante na caneca térmica de Esmée e lhe entrego uma banana. Ela tira o telefone do carregador da parede e o joga na bolsa imensa.

– Quais são seus planos para hoje? Parece que as coisas aqui vão ficar bem desconfortáveis. Estão prevendo uma pequena onda de calor. Previsível. Ferve em abril, e quando eu estiver de férias, em agosto, provavelmente vai chover.

– Talvez eu saia – minto. Esse é nosso script diário. Espero pela parte em que Esmée me deseja um bom-dia e devolvo um sorriso radiante, mas, em vez disso, ela põe uma lista de compras na bancada.

– Você pode comprar umas coisinhas, então, querida?

– Não sei...

– Grace, há aproximadamente dez milhões de pessoas morando em Londres. Mesmo que Anna soubesse que está aqui, o que ela não sabe...

– Você não tem certeza disso.

– Está aqui há quase uma semana. Se ela quisesse mesmo encontrá-la, já teria feito isso.

– Você não a conhece.

– Nem você... não, de verdade. O que vai fazer se eles jamais a pegarem? Ficar em casa para sempre?

Mordo a unha do polegar. Esmée suspira, a mão dela paira sobre a lista que ela amassa.

– Desculpe, Grace. Não quero forçar você. Só detesto vê-la deste jeito.

Cubro a mão dela com a minha.

– Deixe a lista, eu vou tentar.

– Você não precisa.

– Eu sei. Agora corra, ou vai perder o trem.

Abaixo a cabeça e aliso o papel amassado enquanto ela pega a chave e o café.

– Tenha um bom dia, Grace. Fique à vontade para procurar alguma coisa de verão no meu armário.

Pisco para afastar as lágrimas e dou um sorriso animado.

– Farei isso.

Os saltos altos de Esmée vão batendo na madeira, escada abaixo, fecho a porta do apartamento e passo a corrente. Sementes se espalham na bancada quando ponho uma fatia de pão na torradeira. Cato as sementes, arrastando tudo para a minha mão, jogo na pia e dou uma olhada nos DVDs de Esmée enquanto espero: *O iluminado, Poltergeist, Halloween*. Filmes que eu assistiria com uma almofada no rosto, na melhor das hipóteses. A torrada salta, me assustando. Passo boas camadas de manteiga. Como em pé, com a mão em concha embaixo do queixo, para não deixar as migalhas caírem no chão. O dia se estende diante de mim, longo e solitário. Engulo o restinho do café da manhã e lavo os dedos. Meu celular vibra, deslizando pela bancada. É o Dan. Suas ligações diminuíram, mas ele ainda telefona pelo menos três vezes ao dia. Não atendo, nunca atendo. O telefone para, já quase sem bateria, embora eu não o tenha usado nenhuma vez sequer desde que cheguei ali. Estou sem carregador, e o de Esmée é incompatível com o meu.

As janelas vibram com uma perfuração lá fora, e esfrego as têmporas, tentando afastar a dor de cabeça que está se infiltrando. Estudo o mapa que Esmée me deixou, traço as rotas com o dedo indicador e decifro que linha eu precisaria pegar se decidisse me aventurar de metrô. *Se*.

Eu me encolho no sofá e uso o telefone fixo de Esmée.

– Grace, tudo bem com você?

– Sim, tudo. Alguma novidade? – O vovô tem ligado para a polícia diariamente.

– Ainda não, mas eles vão pegá-la. Não se preocupe. – Ele tosse, e afasto o fone do ouvido.

– O senhor está bem?

– Estou. Nós dois pegamos um resfriado, mas não é nada. A vovó saiu, foi separar umas doações no bazar de caridade. A senhora Jones caiu.

– Ah, não. Ela está bem?

– Precisa de uma prótese de bacia. Por sorte, os decoradores a ouviram batendo na parede com a bengala. Ela está no St. Anne's. Não quero ir visitar para não levar meus germes.

– Eu vou vê-la quando voltar para casa. Talvez eu saia hoje. – Fico esperando as reclamações. O "não é seguro".

– O ar fresco lhe fará bem. – O vovô nunca esteve em Londres.

– O ar aqui... – Escuto um zumbido e depois silêncio. – Vovô? – Não ouço nada, então ligo de novo, e só silêncio.

Dou um pulo quando batem à porta, lá embaixo. O telefone cai no sofá, e eu me ajoelho. Cubro a boca com as mãos. As batidas ficam mais fortes, e vou engatinhando até embaixo da janela. Depois me levanto e espio por um cantinho. Vejo alguém lá embaixo usando um boné de beisebol. Dá para ver o cabelo louro por baixo do brasão do New York Yankees. Meu coração vem à boca. As batidas soam de novo, e a pessoa dá um passo atrás e olha para cima.

Eu me abaixo, mas não o suficiente; eu fui vista e também a vi.

Desço ruidosamente a escada e abro uma fresta da porta. Balanço a cabeça quando um trabalhador me diz que está substituindo cabos e que posso ter problemas com a linha telefônica.

A porta fecha atrás de mim e, quando a tranco, fico pensando em como me tornei tão amedrontada. Se foi puramente por causa da Anna ou se o medo é mais profundo. Acho que nunca mais me senti realmente segura desde que meu pai morreu. Sempre carreguei comigo uma sensação de inquietação. Penso na vovó, seguindo em frente, apesar da Anna, apesar de estar doente, e quero que ela se orgulhe de mim como me orgulho dela. Uma coragem silenciosa me invade. Talvez essa nova vida na qual fui jogada não seja a que escolhi, mas, talvez, apenas talvez, seja a certa para mim.

Esmée tem um vestido florido comprido que me serve e calço suas sandálias. Tento dobrar o mapa, mas não consigo, então o arrumo da melhor maneira e o guardo na bolsa estilo carteiro. Junto a chave e a coragem e me aventuro em Londres, sozinha, pela primeira vez.

Pressiono as costas na parede de tijolinhos, lutando contra o ímpeto de voltar para casa. Nunca vi tanta gente se empurrando para disputar espaço. Ninguém se olha nos olhos, estão todos com pressa, e ainda nem cheguei ao centro. Vou seguindo meu caminho até o metrô. Meus pedidos de desculpas sussurrados nem são notados, e levo séculos para chegar à estação.

Dois trens passam antes que eu tenha coragem de entrar, afastando-me da porta antes que ela feche. Então me planto no centro do vagão, com os pés separados, e agarro no balaústre com as duas mãos. Quase nem balanço quando o trem sai e considero essa a minha primeira vitória do dia. *Um passo de cada vez, Grace*. Uma voz abafada anuncia que estamos chegando a Charing Cross, e sigo a multidão – cotovelos pontiagudos e maletas de mão que trombam – até a barreira da bilheteria, antes de subir os degraus e sair na luz do dia. Está bem claro lá fora e pisco enquanto sou impulsionada à frente, segurando firme a bolsa. *Londres está repleta de batedores de carteira, Grace*, a vovó havia me alertado.

Minhas sandálias emprestadas vão estalando na calçada. Não tenho aonde ir, nada para fazer. E isso é libertador e inquietante ao mesmo tempo. Há uma confusão de lojas nas ruas. O cheiro de incenso se mistura ao cheiro de hambúrguer e ao aroma de sabonetes. Avisto uma loja de telefones do outro lado da rua, aperto o botão para atravessar e espero pelo homenzinho verde luminoso.

– Eu gostaria de comprar um iPhone novo.

– Certamente, senhora; quer manter seu número atual?

– De jeito nenhum.

A multidão é opressora, e, enquanto caminho, não consigo afastar a sensação de que estou sendo seguida. Acho que vejo uma silhueta em minha visão periférica. Os pelos da minha nunca se arrepiam. Paro subitamente e me viro, mas não vejo nada além de um mar de rostos irritados desviando de mim e digo a mim mesma para deixar de ser tão paranoica.

Os pombos ciscam em volta dos meus pés enquanto fico sentada nos degraus da Trafalgar Square. Jogo alguns farelos. Só resta um pouquinho de carga de bateria em meu antigo telefone, apenas o suficiente para consultar os contatos e transferir os números que quero manter. Vou mandar uma mensagem para eles, para que tenham meu número novo. Sinto uma pontada quando vejo o nome de Dan, mas lembro a mim mesma o motivo para estar comprando um telefone novo e reluto contra o ímpeto de mandar uma mensagem para ele. Um novo começo. A capa do meu antigo celular solta com facilidade. Tiro o chip, amasso-o dentro da embalagem vazia do novo chip e o jogo no cesto mais próximo. Nunca consigo me lembrar de números, e, embora não fosse difícil encontrar o número de Dan se eu realmente quisesse, isso parece um passo à frente.

É ridículo pensar que estamos apenas em abril. O calor é esmagador e aumentando cada vez mais. Meus pés incham, e as sandálias apertam. Passo por um homem atracado aos seus pertences, um chapéu à sua frente, com moedas e papel de chiclete.

– Isto tem alguma utilidade para você? – Estendo meu celular antigo. – É o último modelo da Samsung. Você pode vender? Não tenho o carregador, mas...

O homem arranca o telefone da minha mão e o enfia na mochila.

Há um café na minha frente. Eu me sento numa mesinha redonda, sob um guarda-sol listrado de azul e branco, e fico bebericando um smoothie de frutas vermelhas, brincando com meu telefone novo. Acabou. Dan e Anna não podem entrar em contato comigo, não vão me encontrar.

– Abafado, não? – disse a garçonete, limpando a sobrancelha com o avental. – Precisa de mais alguma coisa?

– Não – digo. – Acho que não.

Por mais que eu queira ver o Big Ben, a Torre de Londres e todas as coisas sobre as quais já li, estou exausta – com os pés quentes e inchados – e ainda tenho que fazer as compras da lista de Esmée. Vou me arrastando até o metrô e vejo o luminoso em neon rosa de uma loja de tatuagens. Abro a porta. Chegou a hora de abrir as asas.

– Você pode me atender sem hora marcada? – Cruzo os dedos atrás das costas, embora não saiba exatamente que resposta espero ouvir.

– O que deseja?

– Uma pequena tatuagem de borboleta aqui. – Toco na área atrás do meu ombro.

– Sim, sem problema. Dê uma olhada nessas pastas de desenhos, veja se tem alguma coisa que a agrada, enquanto termino meu café.

– Obrigada. – Folheio as páginas repletas de desenhos de redemoinhos, símbolos celtas e letras intricadas e paro quando vejo uma tatuagem parecida com a de Charlie. – Esta aqui. – Mostro a imagem com o dedo.

– Bonita e simples. Meu nome é Rick. Pode vir comigo.

A sala é pequena e privativa. Deslizo a alça do vestido de Esmée abaixo do ombro e me deito de bruços. Um ventilador revolve num canto, e, de tempo em tempo, recebo um jato de ar quente.

– Pronta? – pergunta Rick.

– Sim – eu digo. – Estou.

A agulha toca minha pele, e me reteso. Dói, mas não é algo insuportável. Abro as mãos cerradas e respiro fundo pelo nariz.

Olhe para mim, Charlie. Estou voando.

Meu ombro arde, e não consigo evitar de alisar novamente o curativo, como se me assegurasse de que sou mesmo muito corajosa. Quando perdi a virgindade, achava que todo mundo ia saber só de olhar, como se houvesse algo diferente em mim. Como se eu tivesse mudado. É assim que me sinto agora, em pé na plataforma esperando o metrô. Constrangida, mas orgulhosa – é um tipo de realização. Dou uma olhada em volta, quase esperando que alguém me pergunte sobre meu curativo, mas aqui não é como na vila – na cidade, as pessoas simplesmente não puxam conversa. Eu meio que sorrio para um casal que está em pé ao meu lado. Ambos têm tatuagens. *Olhem*, me dá vontade de dizer. *Eu sou uma de vocês*.

É nesse momento que a vejo. Ao lado da arcada. Um lampejo de cabelo louro, uma jaqueta de couro rosa-bebê, e então ela desaparece. *Anna*.

Estico o pescoço. Fico na ponta dos pés. Mas o medo me deixou tonta, e cambaleio para trás. Tamborilo com os dedos nas minhas coxas – *pense, Grace, pense*. Minha cabeça gira, meus olhos procuram freneticamente, enquanto inspiro e conto até cinco, e então exalo lentamente. Digo a mim mesma que não deveria ficar amedrontada, não aqui. Estou cercada de gente. Isso é segurança em números. Quando estou sozinha é que devo ficar com medo. Quando todas as sombras gritam perigo.

Não consigo vê-la. Vasculho a multidão, buscando mulheres louras. Nenhuma delas está de jaqueta rosa. Nenhuma delas é Anna. Meu coração começa a desacelerar, e acho que posso ter me enganado. Que não é ela. Não pode ser. Mas vejo de novo. O cabelo loiro balançado. Um vislumbre cor-de-rosa. Uma onda de ódio invade as minhas veias, afogando meu medo. Ela matou minha gata. Destruiu minha casa. Arruinou meu relacionamento. O que mais ela quer? Penduro a bolsa atravessada, com a alça na frente do corpo, e vou abrindo caminho por entre os passageiros, ignorando a dor latejante na tatuagem. A caça se torna a caçadora.

Meus braços estão estendidos à minha frente, como uma múmia egípcia, enquanto luto para abrir caminho em meio à massa, pensando no que posso fazer ao pegá-la – mas afasto esse pensamento. Eu a perdi de vista. Há gente demais, gente de cara feia e xingando conforme me impulsiono à frente, e

minha adrenalina vai diminuindo. Paro e percebo que estou falando sozinha. Devo parecer uma maluca e me pergunto se não estou mesmo louca. Penso que é melhor ir embora.

Sinto uma trepidação e uma onda súbita de ar. Viro na direção do trem que se aproxima em minha direção. Chego mais perto da beirada da plataforma. Mal posso esperar para voltar ao apartamento. As luzes do trem irrompem da escuridão, à minha direita. Sinto mãos espalmadas em meus ombros empurrando-me para a frente. Meu corpo instintivamente se força para trás, tentando se endireitar, mas é tarde demais. Dou um tranco à frente. Meus braços giram conforme eu caio. Vejo os trilhos se aproximarem e fecho os olhos com força.



Esmée anda de um lado para o outro enquanto estou estendida no sofá, segurando uma caneca de chá e tentando me acalmar.

– Você foi propositalmente empurrada?

– Sim.

– Não foi apenas alguém trombando em você? Sei como a plataforma fica movimentada.

– Acho que vi...

– Grace, acredito que você ache que a tenha visto, mas, realisticamente, há milhares de mulheres louras em Londres; milhões, provavelmente. – Esmée gira e fica de frente para mim. – Você tem certeza?

Fecho os olhos. Vejo lampejos louros. Couro rosa. Porém, por mais que eu tente, não consigo ver o rosto dela.

– Eu tive uma sensação muito forte.

– Grace. – Esmée agacha em minha frente, do jeito que eu fazia no trabalho com as criancinhas. – Se acha que era ela, temos que ligar para a polícia.

– E dizer o quê? Acho que alguém tentou me matar, mas não vi quem era, não há testemunhas, e estou bem.

– E o cara que te salvou?

Quem poderia imaginar que um adolescente cheio de piercings, do tipo que eu atravessaria a rua para evitar, salvaria minha vida? Ele agarrou minha bolsa e me puxou para trás, como uma marionete. Ainda sinto a alça da bolsa cortando minha pele no momento em que fui salva.

– Ele pulou para dentro do trem antes que eu pudesse agradecê-lo.

– Vamos ligar para o seu avô. Ver o que ele acha.

– Não. Ele não está bem, nem a vovó. Ele só ficaria preocupado. Os dois ficariam.

Esmée pressiona as mãos nos olhos.

– Eles iam querer saber. E quanto à sua mãe?

– Ela está ocupada demais com a família do Oliver. Olhe, estou bem. Provavelmente só fui empurrada pela multidão, como você disse. Ando muito nervosa. – Pouso a caneca, o chá ficou frio e ruim. Ergo os lábios num sorriso. – Foi um acidente. Anna não sabe que estou aqui, ela não pode saber.

Mas, ao afofar a almofada atrás de mim e recostar, ainda sinto as mãos em minhas costas. O empurrão. A queda. O medo.

Ergo o quadril e abaixo a cabeça, alongando o corpo como um cachorro. Faz tempo que não executo exercícios de ioga. Eu tinha me esquecido do quanto gosto. Expiro e faço a transição para a postura da criança. A tensão vai saindo do meu corpo, e minha respiração é lenta e contínua. O som de ondas quebrando emana do meu iPod, e uma brisa morna entra pela janela aberta. Inspiro e me preparo para a postura do gato.

Ouço uma batida na porta lá de fora e fico irritada. Concentro-me novamente na respiração, tento recuperar minha calma interior. Passam alguns segundos de silêncio, e as batidas recomeçam. Engatinho até a janela e ergo os braços para baixar a janela. Outra batida. Olho para baixo e gelo ao reconhecer o punho fechado mirando a porta. Meus braços ficam suspensos no ar.

– Dan. – Deixo escapar seu nome antes que possa evitar. Ele ergue o rosto, pálido, de barba por fazer. – Como soube que eu estava aqui?

– Liguei para Esmée.

– Ela lhe disse?

– Ela disse que não a vira, mas foi muito brusca comigo, e não acreditei.

– O que você quer?

– Posso entrar?

– Não. Não tenho nada para falar com você.

– Então, por favor, apenas ouça, Grace.

– Não.

– Eu te amo.

Ouço as palavras e as amasso e jogo de volta, em novo formato:

– Eu te odeio.

– Não odeia, não. E não vou sair daqui até que tenha dito o que vim dizer.

– À vontade. – Tento bater a janela, mas ela não desce, está emperrada, e preciso sacudir, para a esquerda e para a direita, para fechar. Sinto meu rosto arder enquanto Dan suplica lá em baixo, na rua. A voz dele vai ficando mais fraca quando a janela fecha, eu puxo as cortinas e me sento no chão de pernas cruzadas, encostada no aquecedor. Parte de mim quer ouvir o que ele tem a dizer, mas não me mexo para deixá-lo entrar.

Embora sejam duas horas da tarde, o apartamento já vai ficando mais escuro, um raio ilumina a sala e um trovão ecoa em seguida. A chuva bate com força na janela; abro a cortina e olho a rua. Dan está transferindo o peso de um pé para o outro, com as mãos enfiadas nos bolsos, o cabelo grudado no couro cabeludo. Uma van branca passa e joga uma onda de água em cima dele. Ele limpa os olhos.

– Por favor – ele pronuncia as palavras sem som ao me avistar na janela.

Hesito, balanço a cabeça e visto um casaco com capuz, passo a escova no cabelo e abro a porta.

Dan tira a camiseta e esfrega uma toalha na pele. Eu me ocupo levando a chaleira até a pia, embora eu saiba que já tem água suficiente para fazer chá. Não quero olhar para o peito de Dan. Ver as sardas que já beijei. Os ombros onde chorei. Pouso as canecas na mesa de centro e me sento na outra ponta do sofá. O silêncio se estende entre nós, enchendo a sala, tragando o ar. Mordo o lado interno da bochecha. Não serei a primeira a falar. Ouvirei calmamente o que o Dan tem a dizer e então o verei ir embora enquanto fico aqui com a minha dignidade.

Dan toma todo o chá. Recosta. Enlaça as mãos e as leva para trás da cabeça, com os cotovelos projetados para os lados. Ele pode parecer relaxado, mas seu joelho direito está balançando, e sei que, por dentro, ele está se remoendo. Ele limpa a garganta.

– Meu comportamento foi imperdoável.

– Qual parte dele? Deixar que acreditasse que eu tinha descoberto a irmã de Charlie ou trazer sua amante para dentro de nossa casa?

– Ela nunca foi minha amante, Grace. Foi uma vez só. Um erro.

– Um erro pelo qual eu paguei. Você matou minha gata, destruiu nossa casa. Eu quase morri. Era isso que queria? Livrar-se de mim?

Dan parece abalado.

– Não. Eu não queria isso. Eu quero...

– Não me interessa o que quer. – Estou farta de suas desculpas.

– Eu não a culpo...

– Nossa, que generosidade sua.

– Grace, por favor...

– Por favor, o quê? Por favor, me perdoe, embora eu seja um cretino mentiroso e traidor? Por... que... você... está... aqui? – Meu coração está disparado. Eu me inclino para a frente. – Que porra você quer? – O sangue borbulha em minhas veias.

– Falar – a voz dele sai baixa.

– Eu não quero ouvir! – Tenho medo do que ele possa dizer, mas, ao mesmo tempo, estou desesperada para ouvir. Não sei o que fazer.

– Então por que me deixou entrar? Olhe, sei que tenho sido... – a voz dele falha. Ele respira fundo e começa de novo. – Sei que tenho sido um babaca.

Eu concordo. Pelo menos, até aí, é verdade.

– Quando a Charlie morreu, você ficou completamente retraída. Tão distante. Eu não sabia como chegar até você.

– Lamento muito que a minha melhor amiga tenha morrido, ela... – O sarcasmo pontua a minha voz.

– Ela não era apenas *sua* melhor amiga, era, Grace? Mas os meus sentimentos não eram importantes. Tudo era só você.

Eu me recosto, sem palavras.

– Não estou dizendo que isso esteja errado. Eu sei que a morte da Charlie trouxe de volta as lembranças do seu pai. Você tinha muita coisa para encarar, mas eu também tinha.

Enrosco um lenço de papel nos dedos.

– Lembre-se, Grace. Lembre-se de como era. Você se fechou completamente para tudo. Eu estava tentando apoiá-la emocionalmente, manter a casa, fazer a comida... e você sabe como sou péssimo nisso. Eu tinha medo de tirar um tempo de folga, porque eles estavam fazendo cortes na imobiliária. Eu não sabia se você voltaria a trabalhar e estava preocupado que só tivéssemos o meu salário para contar. Eu estava muito estressado.

– Você nunca disse – resmungo.

– Você nunca perguntou como eu estava. Nem uma única vez.

Levanto a cabeça, e os olhos dele, vermelhos e com olheiras, fixam-se nos meus. Os mesmos olhos que me viram crescer, me viram de luto, viram meu corpo nu.

– Eu sinto muito – digo, e sinto mesmo. – Mas... a Anna...

– A Anna não significou nada para mim. Ela servia cerveja e me ouvia, e era bom ter alguém para me ouvir. Poder falar sobre Charlie, e ela parecia interessada...

– Interessada em você.

– Não foi assim. Eu queria não ter...

– Transado com ela.

– Sim.

– Dan, por que a Charlie foi embora tão de repente quando tínhamos 18 anos? O que ela quis dizer com aquele bilhete? Pelo que ela tinha de ser perdoada? Sei que já lhe perguntei isso, mas, se estiver me escondendo alguma coisa, você tem que me contar.

Dan franze o rosto, confuso.

– Eu não sei, mas...

– Por que deixou a Anna se mudar para nossa casa? – Disparo perguntas para ele, sem lhe dar a chance de pensar. Ele em geral enlaça as mãos, como se estivesse rezando, sempre que mente. Mas a palma das mãos dele continua sobre os joelhos.

– Eu não queria. Mas estava com muito medo de que ela mandasse o vídeo para todo mundo. Você estava indo tão bem, tinha voltado a trabalhar, e nós estávamos nos reaproximando. Eu não queria estragar tudo.

– Ela deve ter família, amigos. Ela nunca ouviu falar em hotel?

– Ela disse que não tinha ninguém. Pensei em pagar um hotel simples para ela, mas você veria nas faturas do cartão de crédito. Eu não teria conseguido explicar.

– Mas, francamente, fingir que era irmã de Charlie? Isso foi deliberado e cruel.

– Entrei em pânico. Ela me ligou na noite em que escrevemos nas redes sociais. Eu não sabia como explicar a presença dela de nenhuma outra maneira. Eu disse que ela poderia guardar as coisas e dormir no quarto extra, mas que não fizesse amizade com você.

– Amizade? Ela quase me matou. O que ela fez foi imperdoável.

– Eu sei. Nunca tive a intenção de machucar você. Achei que ela fosse ficar por alguns dias, até que arranjasse onde ficar, depois partiria. Você nunca descobriria sobre nós. Eu vim até aqui para dizer que lamento muito. Lamento mesmo. – Dan mergulha o rosto nas mãos, e sei que ele está chorando, mas não

o consolo, simplesmente não consigo. Pego as canecas. Ligo a chaleira elétrica.

Quando ele está quieto, caminho até o sofá.

– Dan, você tem que ir embora.

– Vem pra casa comigo.

– Não posso. Não é seguro. Não que seja seguro aqui.

– O que quer dizer com isso?

Ele franze a testa, e conto o que aconteceu no metrô.

– Meu Deus. Volte, Grace. Deixe-me cuidar de você. Por favor.

Ele pega uma mecha do meu cabelo e o prende atrás da minha orelha, passa a ponta dos dedos no meu rosto.

– Dan... – Recuo, mas ele segura meu rosto com as duas mãos, pousa a testa na minha, e não me mexo, não consigo me mexer. Minha respiração está ofegante; o resto da sala sumiu e só ficou o Dan, somente o Dan, e nossos lábios se tocam bem de leve. Ele solta meu rosto, mas não me mexo; dou um gemido quando ele passa os polegares em meus mamilos. Minhas coxas estão molhadas, e me remexo no lugar onde estou sentada. Puxamos a roupa um do outro, as peças ficam amontoadas no chão, eu me sento em cima dele, e ele me segura pela cintura. Acontece depressa. Ele geme meu nome e me puxa para perto dele. Depois, fico sem acreditar no que acabou de acontecer. Pego a minha roupa, segurando-a na minha frente, como se fosse um escudo.

– Eu tinha me esquecido de como você é linda – diz Dan. – Não se vista. Onde fica o quarto? Vamos nos deitar.

Penso nas mentiras, e isso me traz de volta à realidade. Não importa o que aconteceu nem por quê: ele deliberadamente tentou esconder o que aconteceu com Anna, e não posso perdoá-lo por isso.

– Não posso. – Visto a calcinha e o sutiã. – Isso foi um erro.

– Não pareceu um erro. Nós somos bons juntos.

– Tem de haver mais que um bom sexo...

– Ótimo sexo...

Fecho o zíper do casaco.

– As coisas não vinham bem entre nós há muito tempo, Dan. Não é só por causa da Anna.

– Eu sei. Tem a Charlie... – Dan veste a camiseta.

– Também não tem a ver com Charlie. Nós nos distanciamos. Gosto de ficar em casa; você adora sair. Gosto das coisas arrumadas; você acha que tenho

TOC. Sempre fui apegada demais a você, com medo de ficar sozinha e de perder você, como perdi meu pai.

– Você não me perdeu...

– Perdi, sim, e sabe de uma coisa? O mundo não acabou. Ainda estou aqui e acho que, apesar de tudo, estou indo bem. Acho que preciso disso. Ficar sozinha. Descobrir o que realmente quero. Seja honesto: você estava feliz antes disso, antes de Charlie?

As palavras saem da minha boca e ficam como uma imensa interrogação diante de Dan, exigindo uma resposta.

Dan para por um bom tempo.

– Não, eu não estava.

Não se ouve nada além do som de nossa respiração. De corações que antes batiam juntos e agora marcham separados, cada um em seu próprio ritmo. Estranhos que se tornam amigos, se tornam amantes, se tornam tudo – depois se tornam nada. Um círculo completo.

– É melhor você ir. – Eu me sinto como se pudesse dormir por uma semana.

Ele levanta.

– Sinto muito, Grace. Por tudo.

Faço que sim com a cabeça.

– Eu sei.

– Mas você está errada sobre uma coisa.

– O quê?

– Você passou a vida achando que precisava de mim. Que não suportaria se eu a deixasse, como seu pai fez, como a Charlie fez. Porém, por mais ansiosa que fique, ou quanto mais amedrontada se sinta, você continua seguindo em frente. Você nunca desiste. Não era você que precisava de mim, Grace. Era eu que precisava de você. Você que é a forte. Você pode fazer qualquer coisa. Você precisa parar de se culpar. Nada disso é culpa sua.

As palavras dele me atingem, e me sinto tonta quando ele abre os braços que um dia eu nunca quis deixar. Eu o abraço e sinto seu cheiro. Acabou, e nós dois sabemos disso. As lembranças vão diminuir e se dissipar, até que Dan se torne apenas um menino que conheci um dia.

– Amigos? – ele sussurra em meu cabelo.

– Talvez.

As lágrimas embaçam meus olhos enquanto olho Dan seguir pela rua, até sumir de vista. Meu celular vibra, e eu meio que torço para que seja ele

perguntando se pode voltar, até que lembro que ele não sabe que tenho um telefone novo. É uma mensagem de texto de Lexie, e deslizo o dedo para abrir.

"Urgente. Estou no hospital. Você pode vir?"



Nós poderíamos estar em qualquer lugar enquanto seguimos pela zona rural em meio ao azulão da meia-noite. Olho pela janela do trem e tudo o que vejo é o reflexo do meu rosto pálido e preocupado olhando de volta para mim. Enlaço as mãos sobre o colo e tento relaxar.

Lexie estava agitada quando liguei para ela. Disse que tinha caído na escada, mas estava bem, só ansiosa para ter alta. Seus vizinhos a ouviram gritando – o inquilino estava fora – e chamaram uma ambulância. Ela disse que já estava farta da "porra das enfermeiras meticulosas", da "porra do roupão do hospital" e por não ter "porra nenhuma para fazer". Disse que tinha algo importante para me contar e insistiu que fosse pessoalmente. Disse que é sobre a Charlie. O horário de visitas já terá terminado há muito tempo quando eu chegar, mas, apesar da minha persuasão, ela não contou nada ao telefone, disse que me veria amanhã às dez horas.

Ligo para o vovô, do trem, para dizer que estou a caminho de casa, mas ele não atende. Minutos depois, recebo uma mensagem.

"Não podemos falar, nossas vozes sumiram. Estamos de cama. Beijos."

Respondo: "Vocês precisam de alguma coisa? Beijos".

"Não, tomamos um chocolate quente, vamos dormir logo. Beijos."

"Boa noite. Beijos."

Decido não contar que estou voltando. Por pior que a vovó esteja se sentindo, ela vai levantar, trocar os lençóis e provavelmente fazer um bolo. Vou deixá-los descansando e amanhã apareço. Será uma bela surpresa. O chalé parece habitável. A parte de baixo está concluída. O vovô anda supervisionando a obra, andando atrás dos homens, enquanto eles limpam e

pintam. Gerente de projeto, ele se intitula. A vovó o despacha, todas as manhãs, com um pote cheio de pãezinhos e panquecas para os trabalhadores.

Recosto a cabeça, fecho os olhos, sinto meu corpo vibrando ao ritmo do trem. Dá para entender por que as crianças são embaladas ao sono em veículos em movimento. Parece que se passaram só alguns segundos quando minha cabeça dá um tranco, como se eu tivesse tomado um choque elétrico. O trem está parado. Passo a mão na boca, torcendo para não ter babado, me espreguiço e reconheço a placa da estação do lado de fora da janela do trem.

– Merda. – Pego a minha bolsa, desço os degraus cambaleando. Cheguei. Fecho o zíper da jaqueta, me encolho num banco e chamo um táxi.

No apartamento da Esmée sempre tem barulho: o ruído das lavadoras embaixo; o barulho do trânsito na rua – mesmo no meio da madrugada, há som de sirenes; os caras a caminho de casa, gritando uns com os outros, chutando latas vazias pela rua. A vila, por outro lado, é parada e silenciosa, como se um apocalipse de zumbis tivesse acontecido e todos os habitantes tivessem fugido. A maioria das casas está escura.

É tarde, mas não estou cansada, então peço ao motorista para me deixar na casa de Lexie. Se a chave ainda estiver escondida no mesmo lugar, posso pegar uma camisola, objetos de higiene pessoal e algumas das revistas baratas que ela gosta de ler e levar tudo comigo quando for visitá-la. A luz do meu celular ilumina Brian, o gnomo, inexpressivo e lascado, sempre de cara feia. Tem capim crescido ao redor de sua base, e tenho que fazer força para tirá-lo do lugar. A chave prateada ainda está embaixo, e viro o metal frio na mão antes de destrancar a porta.

Acendo a luz – partículas de poeira dançam sob a lâmpada fraca – e subo a escada. A porta do quarto de Charlie está aberta, e resisto à tentação de enfiar a cabeça para olhar, consciente de que agora esse espaço pertence a outra pessoa. O quarto de Lexie não mudou quase nada: ainda tem roupa espalhada para todo lado, bem do jeito que era quando brincávamos de nos vestir aqui. Eu me lembro de Charlie se retorcendo para entrar numa minissaia justa e usando um sutiã, com os bojos cheios de papel higiênico. *Olhe para mim, que-ri-da. Eu estou fabulosa.* Espero que as lágrimas brotem, que sinta o nó na garganta – mas, em vez disso, eu me pego sorrindo da lembrança.

Tem um pequeno baby-doll preto de renda está guardado dentro da fronha do travesseiro de Lexie, e abro as gavetas para tentar encontrar algo mais adequado para o hospital; algo que, no mínimo, cubra o traseiro dela. As

roupas ali estão dobradas com capricho, quase não foram usadas, e encontro um camisetão com "Relaxe" estampado com letras pretas em negrito. Vejo uma sacola no chão e enfio a camiseta dentro, assim como calcinhas limpas, artigos de higiene, a última edição da revista *Cosmopolitan* e, por ser a Lexie, um batom vermelho e a escova de cabelo. Estou prestes a sair, já abrindo a porta da frente, quando lembro que não peguei chinelos. Não tinha nenhum perto da cama de Lexie, e tento me recordar se algum dia eu a vi usando chinelos. Acho que não, mas lembro que a vovó comprou umas pantufas para ela no Natal. Aposto que nunca foram usadas.

De volta lá em cima, abro a porta do armário e recuo quando cai uma avalanche de roupas da prateleira do alto. Dobro e empilho tudo, depois me ajoelho para procurar a caixa com as pantufas. Há várias no fundo, arrasto tudo para fora e tiro as tampas. Alguns dos sapatos parecem novos em folha: sandálias vermelhas de salto alto, sandálias douradas estilo gladiador. Tiro a tampa da última caixa. Os papéis caem no chão. Junto tudo para colocar de volta quando noto uma certidão de nascimento e a leio. "Charlotte Elizabeth Fisher, nascida em 1º de setembro de 1990. Mãe: Alexandra Claire Fisher. Pai: Paul Michael Lawson". Tomo o cuidado de dobrar direito e logo encontro outro papel idêntico. Imagino que deva ser a certidão de Lexie, mas, ao ler o nome, não consigo acreditar no que estou vendo.

"Annabelle Laura Fisher, nascida em 1º de setembro de 1990. Mãe: Alexandra Claire Fisher. Pai: Paul Michael Lawson."

O mesmo dia de nascimento de Charlie. Annabelle. Belle. Ela é real. A amiga imaginária de Charlie. Belle.

Annabelle. Belle. Irmã de Charlie.

Anna.

Cartas se espalham pelo carpete gasto quando pego a caixa de sapato. Apanho a que está mais perto e tiro o papel do envelope.

Mãe,

Por que não responde às minhas cartas? O que fiz de errado? Por que não ficou comigo?

Um beijo,

Belle

Leio outra.

Prezada Piranha,

Eu sei que estava aí quando fui te ver – por que não atende a porta? Você tem ideia de quanto custa a porra da passagem de trem?

Eu te odeio.

Belle.

Eu me sinto numa montanha-russa. Minha cabeça gira, e não consigo focar os olhos. Sento sobre os calcanhares. Anna. Annabelle. Belle. Eu ligo para o celular de Lexie. Isso não pode esperar até de manhã, mas cai direto na caixa postal. Ligo para o hospital. Digo a eles que é uma emergência, que preciso ver a Lexie, falar com ela no mínimo, mas, quando me perguntam quem sou eu, gaguejo e hesito antes de desligar o telefone, frustrada. Eu deveria ter preparado uma história. Nunca consegui mentir. Não como a Lexie. *Não como a Anna*.

A cozinha cheira a comida podre, mas não ligo. A mesa está lotada de tralhas, e jogo as contas a pagar, vidros de esmalte e maços vazios de cigarro no chão. Um cinzeiro quebra ao cair; os cacos de vidro se espalham, mas não os recolho.

A geladeira está vazia, mas encontro vodca no congelador. Lavo um copo e tusso quando o álcool gélido desce pela garganta. Só na metade do segundo copo que eu me sento, estudo as marcas das postagens nos envelopes e coloco as cartas em ordem cronológica. Leio a mais antiga.

Querida mãe,

Espero que entenda a minha letra – minha mão está tremendo de empolgação!

Finalmente fiz 18 anos!!! Tenho certeza de que você vem esperando por esse dia tanto quanto eu. Sei que você não tem permissão para fazer o primeiro contato e aposto que o tempo passou devagar para você. Os cretinos da adoção não me davam os seus dados, então economizei cada centavo que ganhei como babá e contratei uma agência de detetive particular, como num filme! Eles descobriram seu endereço bem depressa. Custou uma fortuna, mas terá valido a pena quando estivermos juntas, não é?

Não me lembro muito de você, mas lembro de sentar em seu colo e do seu cabelo rosa fazendo cócegas no meu pescoço enquanto cantava para mim.

Não sei se a minha irmã foi adotada ou se só ficou em lares adotivos temporários, como eu, mas talvez a agência que usei também possa encontrá-la, se você não souber onde ela está, e todas nós podemos ficar juntas, não é?

Mal posso esperar para que todas nós sejamos uma família. Isso é tudo o que eu sempre quis. Tenho sonhado com isso SEMPRE!!!

Escreva e me diga quando quer que eu vá. Já fiz a mala!!!

Muito amor de sua filha

Belle

As cartas são todas diferentes. Algumas são amorosas, outras suplicantes, outras demonstram muito ódio. Fica claro que Lexie nunca respondeu.

A última carta me dá calafrios na espinha.

Acha que pode me ignorar? Pois você está enganada.



Desci de robe e peguei a correspondência no capacho da porta. Havia um postal da Fontana di Trevi. Li o verso: “De volta a Roma, não consigo ficar parada! Te amo muito. Beijos, Charlie”.

Eu tinha pendurado um quadro de cortiça na cozinha especialmente para os postais que chegavam de maneira regular, ao longo dos seis anos, desde que Charlie tinha partido. Cada vez que chegava um, eu sentia um misto de alívio por ela ainda estar viva e fúria por ela nunca mais ter voltado. Os cartões estavam uns por cima dos outros, e as tachas se esforçavam para mantê-los no lugar. Frequentemente eu os encontrava espalhados pelo chão da cozinha.

Eu não a via desde que tínhamos 18 anos. Nunca tinha descoberto por que ela partira nem o que ela fizera para querer perdão, mas acompanhava seu progresso, conforme ela mudava de um país para outro, sempre indo para algum lugar, sem ser exatamente real para mim. Era legal ficar na expectativa do correio. As cartas ameaçadoras pararam assim que Charlie tinha ido embora. Eu tentava não pensar nisso com excesso de zelo. Tentava não tirar conclusões precipitadas. Olhe os fatos, dizia Paula, minha terapeuta. Os pais de Siobhan se mudaram logo após o enterro dela. Levaram Abby para algum lugar remoto. Algum lugar onde achavam poder mantê-la em segurança. Será que existia um lugar assim?

Espalhei aveia numa panela e acrescentei leite. Um café da manhã apropriado para enfrentar o desafio que o dia traria. Enquanto fervia, abri as cortinas da sala. Recolhi as latas vazias de cerveja e a caixa da pizza do Dan. O mingau ferveu, e acrescentei mirtilos, servi um copo de suco de laranja e levei meu café da manhã para a varanda. Agosto tinha sido nublado, mas

setembro trouxera o sol de volta. O céu estava azul do tom de água-marinha, e as nuvens eram brancas e fofas. Soprava uma brisa leve; mais tarde eu ia gostar disso.

– Estou indo.

Dan enfiou a cabeça para fora das portas duplas.

– Achei que não fosse hoje.

– Sempre jogo no sábado.

– Achei que viesse comigo, para me apoiar.

– Patrocinei você, não foi? E você não vai mais comigo aos jogos, vai?

– Talvez eu fosse se não precisasse ficar tão ocupada limpando a bagunça...

– Não comece com isso de novo – suspirou Dan.

Bati a colher na tigela e passei direto por ele.

– Então, até mais tarde.

Ele saiu pela porta da frente antes que minhas lágrimas caíssem.

Minhas pernas estavam pesadas quando subi a escada. Essas discussões constantes com o Dan eram exaustivas. Será que teria sido diferente se a Charlie tivesse ficado, ou ela teria se afastado por causa de nossas brigas? Penso que, mesmo que ela tivesse ficado, isso não seria garantia de que ainda estaria vivendo conosco. A essa altura, ela talvez tivesse conhecido alguém e se casado. Era difícil pensar em Charlie casada. Ser qualquer coisa além da garota de 18 anos que adorava ficar de pé na banqueta do bar, acenando com uma garrafa de sidra, enquanto cantava junto com a Madonna, enquanto Mike gritava para que ela tirasse os pés sujos do estofado. Sentia uma dor profunda quando pensava que Charlie tinha uma vida inteira da qual eu não fazia parte. E uma nova melhor amiga, muito provavelmente.

Precisei de três tentativas para erguer a janela do quarto. Quando consegui, botei a cabeça para fora, deixando que a brisa quente remexesse meu cabelo. Era o setembro mais quente em anos. E me lembrei do último. Nós tínhamos voltado às aulas, mas, em vez de irmos para a escola, Charlie, Esmée, Siobhan e eu fomos sentar na floresta, balançando os pés no córrego, dividindo nossos lanches. Tinha sido uma experiência tão ousada matar aula, e, embora a vovó tivesse descoberto e me deixado de castigo por duas semanas, achei que pudesse fazer qualquer coisa com a ajuda das outras.

Agora, com Siobhan morta, Charlie Deus sabe onde e a Esmée morando em Londres, só tinha sobrado eu, e descobri que, no fim das contas, eu não tinha nada de corajosa. Sempre pensava que podia pegar uma mochila e ir aos

lugares dos postais que a Charlie mandava. Tentar encontrá-la. Mas eu sabia que não iria. Tinha muito medo de não encontrá-la. E medo demais de encontrá-la. Além disso, tinha o Dan, e, mesmo com as brigas por ele não fechar a pasta de dentes e deixar o assento do vaso levantado, eu o amava e torcia para que ele sentisse o mesmo por mim.

A água do chuveiro estava fria, e, depois que ensaboei a pele ressecada pelo verão com gel de banho de lavanda, raspei as pernas. Nem sempre eu me dava mais ao trabalho de raspá-las, mas hoje elas ficariam de fora. Minha camiseta estava com cheiro de amaciante quando a vesti, ainda com o cabelo úmido. Prendi um elástico no punho, para mais tarde, e caminhei até o parque da vila.

A vovó, o vovô e minha mãe já estavam lá, atrás de uma mesa feita com cavaletes, distribuindo números para uma fila de corredores. Estava contente por minha mãe ter vindo. Ela estava tão feliz com Oliver que, às vezes, parecia que ela tinha se esquecido do meu pai, mas, quando contei sobre meus planos, ela tinha ficado contentíssima e disse que não perderia por nada.

– Bom dia. Já temos uma boa participação. – Abriguei os olhos da luz e olhei para o gramado.

– Já temos cinquenta pessoas inscritas até agora. Quem poderia pensar que a primeira edição dos jogos da vila teria tanta gente? Foi uma ideia fantástica, Grace.

– Obrigada. Acho que a barraca da cerveja deve ajudar. Que bom que a Lexie vai cantar mais tarde. – A hostilidade de Lexie tinha abrandado ao longo dos anos, e éramos até amigas. Eu não queria perder mais ninguém.

– Vai ser ótimo. Onde está o Dan?

– No futebol. Ele vem mais tarde. – Cruzei os dedos atrás das costas.

A casca do tronco do carvalho estava áspera sob a palma das minhas mãos conforme me inclinei para a frente, alongando as pernas. Senti um tapinha no ombro e me endireitei.

– Grace? – A voz era suave. Fiquei olhando para o tronco enquanto a adrenalina percorria meu corpo. *Não pode ser*. Eu não me atrevia a olhar. – Grace?

Eu me virei lentamente.

Os lábios de Charlie se curvaram num sorriso, mas seus olhos não se acenderam, sua pele não franziu. O shortinho estava dançando em seus quadris, e as clavículas apareciam demais por baixo do colete.

Uma mochila rosa imunda caiu no chão.

– Tchã-nã! – Ela tremulou as mãos. Seu sorriso sumiu. – Diga alguma coisa.

Abri a boca e a fechei de novo.

– Um abraço pelo menos? – Ela deu um passo à frente e abriu os braços. Eu sentia seu coração disparado, suas costelas pressionadas às minhas. Seu corpo sacudiu; o ombro da minha camiseta estava encharcado. Eu a afastei com mais força que o necessário.

– Por que você foi embora? – Eu cravava as unhas na palma das mãos. Tentava manter o tom de voz baixo. – Nem uma porra de um telefonema.

– É complicado.

– Estou ouvindo. – Cruzei os braços.

– Vou explicar tudo. Prometo. Senti sua falta.

– Você desapareceu sem me dizer. Saiu correndo no minuto em que Siobhan morreu. – Minhas mãos se retorciam, e eu não estava certa se queria estapeá-la ou abraçá-la.

– Eu não sabia o que dizer.

– Não conseguiu pensar em nada nos últimos seis anos?

– Quanto mais tempo passava, mais difícil ficava.

– A primeira corrida, de duzentos metros, começará em cinco minutos. – O vovô soava como um ser extraterrestre falando no sistema de alto-falantes.

– Tenho que ir. Olhe – eu disse, suavizando minha voz –, você vai ficar e assistir? A gente conversa direito depois. Sua mãe vai cantar. Ela sabe que...

– Não. – O rosto de Charlie se fechou. – Mas olhe. – Ela gesticulou em direção à aglomeração. – É um evento e tanto, hein?

– A vovó e eu organizamos. Eu não esperava que fosse fazer tanto sucesso.

– É para ajudar o quê?

– É beneficente, para lesões na cabeça.

– Seu pai?

Eu assenti.

– Em breve será o aniversário de quinze anos da morte dele. Você sabe...

– Vou correr com você.

– Tem certeza? Você parece exausta.

– Eu quero, a menos que você esteja com medo da concorrência? – Charlie sorriu, e não pude deixar de sorrir também. Ela era tão inegavelmente Charlie. Inegavelmente de volta. Nós acertaríamos tudo mais tarde.

– Manda ver – eu disse. – Vou até patrocinar você.

Na linha de largada, Charlie e eu fomos abrindo caminho até a frente. Eu me

ajoelhei para amarrar os cadarços e dar um nó duplo.

– Você deveria fazer o mesmo – eu disse, assentindo para os pés dela. Ela sacudiu a cabeça e ficou pulando no mesmo lugar. – Você está de volta para ficar? – perguntei.

– Espero que sim. Eu nunca quis partir, mas senti que precisava fazê-lo. – Ela mordeu o lábio. – Eu fiz algo terrível, Grace... Espero que possa me perdoar.

A pistola da largada disparou e saí correndo, movendo braços e pernas o mais depressa que podia, como se estivesse seguindo as palavras dela. Meu rabo de cavalo balançava na nuca. O céu estava sem nuvens, o ar, quente e úmido. Eu ouvia a torcida da galera. Não olhava. Não conseguia tirar o olhos de Charlie, temendo que ela sumisse antes de se explicar.

O que ela teria feito? Ela estava mais adiante, à minha frente. Ignorando a pontada que sentia na lateral do abdômen, eu me forcei a avançar.

– Vamos, Grace! – Vovó gritou meu nome, incentivando-me a continuar. A linha de chegada estava próxima. Com uma arrancada final, alonguei minhas passadas. Agora, eu estava praticamente lado a lado com Charlie. Mais um impulso à frente, e eu a passaria. Nós duas estendemos os braços. De canto de olho, eu a vi caindo. Ela deveria ter amarrado os cadarços direito. Minha mão bateu na fita amarela. Atravessei a linha de chegada e, ao tentar olhar para trás, caí no chão. Senti uma dor terrível no tornozelo esquerdo. O vovô veio correndo em minha direção enquanto eu mancava até a grama, massageando o inchaço com as mãos, mas ele passou direto por mim. Eu me virei. Charlie estava deitada, imóvel.

– Chamem uma ambulância! – alguém gritou, enquanto eu me esforçava para ficar de pé e mancava na direção de Charlie. Talvez tivesse sido eu a gritar.

Ela estava imóvel.

Imóvel demais.

Lexie passou por mim, empurrando-me. Ela se ajoelhou ao lado da filha.

– Charlie? Mas que porra é essa?

Levante. Levante. Levante.

Senti um braço em volta dos meus ombros. O Dan tinha vindo assistir, no fim das contas. Eu me movi, desvencilhando-me dele e ajoelhando ao lado da minha melhor amiga. O curso de primeiros socorros que tinha feito pela creche momentaneamente me fugiu, mas, quando verifiquei seu pulso, tudo voltou. Eu soprei o ar em sua boca e comprimi seu peito. *Um, dois, três, quatro, cinco*.

– A ambulância? Onde está a porra da ambulância? – Eu ouvia a Lexie gritando, mas continuava contando, enquanto respirava nos lábios ressacados de Charlie. *Um, dois, três, quatro, cinco*.

Charlie não reagia. Sua pele estava sem cor e, apesar do calor, ela estava esfriando. Eu contava, enquanto Lexie caía em prantos. Eu contava, enquanto Charlie não se mexia. Os paramédicos vieram e assumiram, e, quando eles pararam e balançaram a cabeça, eu ainda estava contando.



São duas horas da madrugada quando tranco a porta da casa da Lexie e coloco a chave embaixo do gnomo. Corro pela vila, lamuriando, quando um gato sai correndo do meio de dois carros estacionados. Vejo a Anna em toda parte: atrás de galhos que balançam e sussurram ao vento; agachada atrás de arbustos; à espreita, em portais escuros. Passo pelo centro da vila, agora as luzes da rua são menos frequentes, e, quando vou chegando à periferia, elas somem de vez. Paro no alto da minha rua. Ela se estende à minha frente, como uma boca aberta e escura. O céu está nublado, e não consigo enxergar o meu chalé. Meus joelhos quase dobram quando ouço um estouro no fim da rua, como uma bala. Estou prestes a sair correndo e então o ouço de novo, percebendo agora que é meu portão. *Maldito Dan*. Abro e fecho os punhos ao lado do corpo e disparo, pulando por cima de poças, com a bolsa lotada de cartas batendo em minhas coxas. Paro na porta da frente, enfio a chave na fechadura uma vez, duas, três – e entro. Bato a porta atrás de mim. Recosto na porta enquanto espero passar a queimação no peito.

O cheiro de tinta fresta se aloja no fundo da minha garganta, subo a escada, abro uma fresta na janela do meu quarto; não está com cheiro de lar. A vovó tirou as cortinas para lavar. Meu papel de parede está manchado de fuligem e descascando – quase não dá para reconhecer as flores em tons de limão e creme –, mas nem presto muita atenção no ambiente quando me sento, de pernas cruzadas, direto no colchão, com o edredom por cima dos ombros. Remexo as cartas, tentando dar sentido à linha do tempo. Anna começou a escrever para Lexie algumas semanas antes de fazer 18 anos. Pela lembrança, acho que essa foi a época em que Lexie mudou. Ela antes só bebia socialmente

e então passou a ficar bêbada o tempo todo, irritada e chorosa. Essa também foi a época em que comecei a receber as cartas ameaçadoras. Será que eram de Anna?

Anna escreveu para Lexie ao longo de um período de seis meses, tentou visitá-la, e depois as cartas cessaram. As cartas para mim também pararam. Por quê? Será que Anna conheceu Charlie? Conheceu Lexie? Será que foi por isso que Charlie sumiu? *Eu fiz algo terrível, Grace... Espero que possa me perdoar.* As palavras vão se fundindo enquanto tento me manter focada. Bocejo pela segunda vez em menos de um minuto, então visto um pijama que cheira a amaciante da vovó, deito na cama e apago a luz.

Quando eu era pequena e não conseguia dormir, meu pai sentava na beirada da minha cama estreita, com o rosto iluminado pela luz alaranjada do meu abajur, e afagava meu cabelo. "Pense nas dez coisas mais legais que aconteceram hoje", ele dizia, e eu listava, dizendo uma por uma, sem jamais contar que a coisa mais legal de todas era a sensação de que éramos as duas únicas pessoas acordadas no mundo, seguras no casulo do meu quarto amarelo cor de girassol.

Essa noite eu me sinto tudo, menos segura. Apesar da exaustão que penetrou em meus ossos e da quantidade de álcool que bebi, o sono não vem. Debruço na lateral da cama e apalpo o chão à procura da minha bolsa, pego os comprimidos para dormir e tiro um – então penso no dia que tive e tiro mais um. Hesito ao ler o alerta no frasco, pensando na quantidade de vodca que ingeri – mais do que geralmente tomo –, mas jogo os comprimidos na boca e engulo com goladas de água quente da garrafa que comprei na estação. Eu me aninho, puxando o edredom bem junto dos meus ombros, respirando lentamente, até que pego no sono.

Quando a Charlie e eu tínhamos 14 anos, meus avós nos levaram à Ilha de Wight. O vento batia em meu rosto e soprava meu cabelo para dentro da minha boca enquanto eu balançava no deque da balsa, braços estendidos, lambendo gotas de sal dos meus lábios com protetor labial de cereja. Lembro como fiquei desorientada: havia uma solidez sob os meus pés, e parecia que quase não estávamos nos movendo, mas eu me sentia desequilibrada. A saliva minava em minha boca, e Charlie segurou meu cabelo para trás enquanto eu vomitava tudo o que tinha no estômago no mar espumoso.

Por um instante, acho que estou de volta àquela balsa. Tenho a mesma sensação de movimento e imobilidade e me sinto nauseada. Dedos macios

afagam meu cabelo, e uma respiração morna aquece meu ouvido. Sinto cheiro de Impulse.

– Grace – uma voz me acalma. *Charlie?* Sei que estou sonhando, e a escuridão gira, e revolve, e me leva mais uma vez.

A luz entra pelas janelas, e massageio minhas pálpebras com a ponta dos dedos, tentando afastar o estado de torpor. O cheiro de tinta é sufocante; dá quase para sentir o gosto dela. O fundo da minha garganta dói, e minhas têmporas latejam de dor, mas tem outro cheiro entrando no quarto, e digo a mim mesma que estou enganada; respiro profundamente – e lá está ele de novo. Bacon.

Num tranco, levanto a cabeça do travesseiro, me impulsiono para sentar, erguendo os joelhos para virar as pernas para fora da cama. Sinto algo frio e apertado em volta do meu tornozelo direito, algo que impede meu movimento. Puxo o edredom, e minha boca seca quando vejo uma algema de ferro, com uma corrente que pende para o fim da cama. Penso que ainda devo estar dormindo e cravo as unhas na minha barriga, mas não acordo. Dou um tranco para a frente, para ficar de joelhos e levantar a corrente com as duas mãos. É mais pesada do que parece e tilinta quando a puxo, mas não se move. Está presa nos entalhes da base da cama. Vejo uma segunda corrente, com uma algema idêntica, vazia. Para minha perna esquerda? O que está havendo? Estico a mão para pegar o celular, mas ele sumiu; meu abajur também. Ao me debruçar sobre a cama, minha cabeça gira. Minha bolsa também desapareceu.

Passos ecoam escada acima, e a porta do quarto é aberta.

– Bom dia, Grace. – Anna entra no quarto carregando uma bandeja de café da manhã, só que ela não se parece mais com a Anna que conheci. Seu cabelo está louro-platinado, mais curto, chanel. Ela está usando a camiseta laranja de Charlie e, apesar da temperatura congelante, está com o shortinho branco de brim. Ela está igualzinha à Charlie na fotografia que tem lá embaixo.

Recuo, encostando na cabeceira da cama.

– O suco de laranja está fresquinho, acabei de espremer, do jeito que você gosta. Tem molho condimentado no sanduíche.

O pavor se alojou em minha garganta, e tento gritar, mas, em vez disso, choramingo com um cãozinho atormentado.

– Você está bem? Você dormiu bem tarde. Realmente não deveria tomar isto. – Ela sacode meu frasco de comprimidos. – Isto não é sono natural.

Anna pousa a bandeja no chão e, ao se abaixar, noto o meu colar desaparecido e as duas metades do coração penduradas em seu pescoço, reluzindo na luz.

– Sua piranha filha da puta. – A fúria encobre o medo, e me lanço na direção dela, mas minhas reações estão lerdas, estou lenta demais. Anna chega para o lado, na direção da porta. A corrente chacoalha, aperta, e uivo de dor ao cair no chão, ao lado do meu café da manhã, com o metal marcando a minha pele, o carpete ralando meus joelhos. O cheiro de bacon me dá ânsia, e vomito em cima da bandeja.

– Isso é muita ingratidão, porra – Anna grita e sai do quarto, deixando a porta aberta ao descer ruidosamente a escada.

Continuo de joelhos, apoiada nos cotovelos, até que o quarto para de girar. Eu me sento e limpo a boca com a manga. Seguro a corrente com as duas mãos e puxo com força, até meus ombros arderem, mas a armação de pinho maciço da cama, que foi um presente de meus avós para a casa nova, não se move. Dan queria uma cama toda forrada de couro sintético com a TV embutida, que se ergue ao se acionar um botão – ele tinha visto na MTV, no programa *Cribs* –, mas achei cafona e nada a ver com o nosso chalé. Agora, eu gostaria de ter dado ouvidos a ele. Gostaria que ele estivesse aqui. Em vez disso, tento usar a algema, encontro a junção e tento puxar, mas me encolho ao quebrar a unha perto da carne.

A náusea volta, e abaixo a cabeça sobre os joelhos. Minha respiração está rápida demais, ofegante, e fico imaginando se Anna vai voltar. Fico petrificada em pensar que ela vai. E igualmente petrificada em pensar que não vai. Eu me obrigo a me acalmar. Ouço passos novamente na escada, e o bolo de pavor aumenta dentro de mim.

– Aqui. – Anna rola um balde bege em minha direção. Grãos de areia se espalham no carpete. Dan riu de mim por manter um balde contra incêndio do lado da porta dos fundos, mas as colunas de fumaça que subiam, quando ele fazia cachorro quente e hambúrguer, me deixavam nervosa.

– Não diga que você não tem um pinico para mijar. – Anna cai na gargalhada, e os pelos da minha nunca se eriçam. – Você também pode limpar sua bagunça depois. – Um rolo de sacos pretos de lixo começa a se desenrolar ao flutuar, aterrissando com uma batida ao lado da bandeja.

– Anna, isso é loucura. Me solte e vamos conversar. – Mantenho um tom calmo e comedido, pisco para conter as lágrimas e tento esticar a boca em

algo que lembre um sorriso.

– Ficarei feliz em fazê-lo. – Anna enfia a mão no bolso do short, tira uma chave prateada e a balança diante dela. – Assim que esclarecermos as coisas. Tivemos um começo ruim, mas quero que sejamos amigas, Grace. Irmãs, até. Família é importante, não acha?

– Sim. – Nesse momento, eu concordaria com qualquer coisa. – Podemos começar de novo. Podemos ser amigas. Apenas me solte.

– Ainda não posso.

– Pode, sim. Não fará mal algum. Sei que foi um erro com a Mittens. Está tudo bem, de verdade... – As palavras vão saindo. Não consigo parar de tagarelar.

– Mas não é só a Mittens, é, Grace? Tem a ver com você roubando a minha vida.

– Eu não...

– Eu que deveria ter crescido com a Charlie, não você. *Eu!* – Ela bate no peito, e me encolho.

– Lamento.

– Você vai lamentar.

– Eu vou gritar, se você não me soltar.

– Vá em frente. – Anna cruza os braços.

– Socorro! Socorro!

Grito até minha garganta começar a doer e fico encharcada de suor. Meus gritos vão enfraquecendo até serem substituídos pelo som ofegante da exaustão.

– Terminou? – A boca de Anna se curva num sorriso. – Quem você acha que pode ouvi-la? É sábado, nenhum pedreiro vem trabalhar. A senhora Jones está no hospital. Ninguém nunca passa por aqui. Achei que você quisesse ser minha amiga, não?

– Eu quero – sussurro.

– Se quer ser minha amiga, terá que fazer reparações.

– Como?

– Você verá. – Anna dá meia-volta e sai.

– Anna – digo, com a voz rouca. – Volte aqui. – Mas estou sozinha.



Considero as minhas opções. A corrente não alcança a janela. Posso berrar o dia inteiro, Anna está certa, que ninguém vai me ouvir. A rua não leva a lugar nenhum. Ninguém nunca passa por aqui.

O que vou fazer? Engulo com força; minha boca está com um gosto amargo. Minha mão treme quando pego o suco de laranja, giro meu punho em pequenos círculos e examino o líquido para ver se não caiu vomito nele. Parece tudo bem, dou um gole, reviro na boca, como se estivesse limpando os dentes, e cuspo. Sem chance de beber alguma coisa. Provavelmente está tudo batizado com castanha-do-pará moída. Minha bexiga está cheia, mas não vou fazer xixi num balde.

Observo o copo: verde de plástico. Fica sempre no fundo do armário, caso amigos com crianças venham nos visitar. O sanduíche está num dos pratos de papel que mantemos empilhados na despensa para churrascos improvisados. Anna usou a bandeja plástica frágil da estufa – eu geralmente carrego mudas nela –, em vez de arriscar a bandeja pesada de prata, da qual tiro pó quando temos visita. Não tem nada pesado ou afiado. Nada que eu possa usar como arma. Será que Anna sabia que eu estaria em casa nesse fim de semana? Ela não poderia saber, a menos que...

A menos que o acidente de Lexie não tenha sido acidente.

Quanto tempo vai demorar até que alguém sinta minha falta? Até que alguém me encontre? Os pedreiros estarão aqui na segunda-feira. Não vou morrer de fome até lá. Mas o que será que a Anna planejou?

Não posso me permitir imaginar. *Lide com os fatos diante de você, um de cada vez*, Paula teria dito. E tento, mas me sinto como se estivesse num

brinquedo, no parque, girando sem parar. Pressiono a palma das mãos sobre os olhos. *Pense, Grace*. Eu me levanto. O sangue sobe à cabeça, e estendo as mãos espalmadas enquanto balanço. Dou um passo à frente com meu pé esquerdo, arrasto o direito, vejo até onde dá para ir, imaginando se consigo alcançar as gavetas, encontrar algo que me ajude. A corrente aperta, a algema aperta junto ao osso, me dando um tranco para trás. Tento deitar de bruços, com os cotovelos no carpete, e avanço o máximo que consigo. Se ao menos eu pudesse alcançar a última gaveta. Estico os dedos, mas não chego nem perto.

Rastejo de volta para a cama. Examino a algema, estendo os dedos dos pés, fazendo uma ponta, e tento deslizar o pé para fora. Fico imaginando de onde vieram essas algemas... lembro que Anna leu *Cinquenta tons de cinza* e estremeço. Lanço o metal frio contra meu calcanhar repetidamente, até que a pele rompe, e sangue pinga no colchão. Sem chance de fazer o pé passar pela algema na altura do osso do calcanhar. Estremeço ao me lembrar de Charlie e eu assistindo a *Misery: louca obsessão* em vídeo depois da escola. Escondi o rosto atrás de uma almofada quando Kathy Bates dá uma marretada nos pés de James Caan. "Dá para ouvir os ossos quebrando", Charlie dissera, num gritinho.

Minha cabeça cai nos joelhos. Passo os dedos pelo cabelo, tiro o elástico que ontem eu estava cansada demais para tirar. Um grampo cai no colchão, e minha esperança aumenta. Pego o grampo e manipulo o metal até ficar reto. Luto para manter as mãos firmes ao inserir a ponta na fechadura da algema e giro de um lado para o outro. *Vamos*. Enxugo o suor da testa. Tento de novo. Já vi isso tantas vezes em filmes. Não pode ser tão difícil assim, não é? Meu bíceps arde pelo esforço de manter o braço imóvel, minha mão parada, mas nada do clique. A algema não abre.

Corro a mão pela corrente até chegar à cama e rastreio os entalhes com os dedos. Balanço a madeira no local onde a corrente está presa. Não é tão sólido quanto as pernas da cama; os entalhes são o ponto frágil. Talvez eu consiga quebrar a madeira. Eu me arrasto de volta para cima da cama. Deitada de barriga para cima, com os braços ao longo do corpo, ergo meus joelhos e respiro fundo, como se estivesse me preparando para um movimento de ioga. Estico as pernas, batendo com os pés na madeira, e grito quando a dor irradia por meus quadris.

Sinto que posso estar enjoada de novo. A madeira não rachou, nem uma lasca se soltou. Rolo para o lado, esperando a náusea passar; aguço os

ouvidos, aguardando pelos passos subindo a escada, mas a casa está em silêncio. O único som discernível é meu coração disparado. Ponho as mãos no peito, como se ele fosse um animal assustado que eu pudesse acalmar. Ergo os joelhos e me encolho. Não sei se é pelo estresse, ou pelos efeitos do álcool e dos comprimidos para dormir, mas minhas pálpebras tremulam e fecham, e mergulho num sono inquieto.

A luz da rua que entra no quarto através da persiana manchada de fumaça é fraca, mas ainda assim me acorda e pisco rapidamente, encolhendo-me na cama.

– Preparei o jantar. – Anna colocou a bandeja ao lado da cama e deu um passo atrás, antes que eu pudesse me sentar.

– Anna – digo, com a voz esganiçada. Sinto dor ao falar. Minha garganta está sensível de tanto gritar. – Por favor, me solte.

– É massa – diz Anna, como se eu não tivesse falado.

– O que quer? Como soube que eu estava aqui?

– Eu estava na casa da Lexie, ontem à noite, dormindo no quarto da Charlie. E segui você até aqui.

– A Lexie lhe deu uma chave da casa dela?

– Não. A vizinha abriu para mim. Eu disse a ela que era sobrinha de Lexie. Ela disse que a semelhança na família é impressionante. – Anna afofa as pontas do cabelo. – O que acha? Para mim, parece curto.

– Acho que você é maluca. Me solta. – Dou um puxão fraco na corrente.

– Ainda não.

– O vovô está me esperando para jantar esta noite – blefo. – Ele vai saber que aconteceu alguma coisa errada se eu não aparecer.

– É mesmo?

Concordo com a cabeça.

– Engraçado isso. – Ela tira o meu celular do bolso. – Já que ele está doente e pensa que você está em Londres.

– Esmée...

– Acha que você está na casa dos seus avós. – Anna acena com o celular. – Olhe, você até mandou uma mensagem para ela dizendo que chegou bem. Que atenciosa, você. Agora, coma seu jantar, antes que esfrie. E limpe essa bagunça. Está fedendo aqui dentro.

– Anna. Anna. Por favor!

– CALE A BOCA! – ela urra e bate a porta. Estremeço ao ouvir seus passos sumindo.

Minha bexiga parece um daqueles balões repletos de água que a gente atirava na escola: cheia demais e prestes a explodir. Olho o balde e começo a chorar de frustração, mas não tenho escolha. Saio da cama. Não sei se é pela exaustão ou pelo medo, minhas pernas tremem, mas tenho que sentar antes de abaixar a calça do pijama e agachar acima do balde. O suor escorre pela pele quando solto um jato de urina dentro do recipiente, e juro jamais contar a ninguém sobre isso – então, fico imaginando se voltarei a ver alguém para contar. Subo a calça do pijama, deito na cama e choro no travesseiro, para que Anna não ouça.

É inimaginável que eu tenha dormido outra vez, mas dormi, porque quando acordo a lua está alta no céu. Ainda bem que não tenho cortinas, porque dá para ver as estrelas brilhando, e percebo como o mundo é bonito. Minha barriga ronca, e lembro que não como nada há mais de vinte e quatro horas. Pego a tigela plástica de macarrão, dou uma garfada no fusili frio com queijo duro e enfio na boca seca. Ouço a descarga do banheiro ao lado, e minha garganta subitamente fecha. Solto a tigela no chão e me aninho embaixo do edredom, como se uma camada de algodão e penas pudesse me proteger. É horrível não me sentir segura no meu próprio quarto, e fico imaginando se vou precisar me mudar depois disso. Se houver depois disso – e afasto esse pensamento. Preciso me manter positiva. Anna tem que me soltar, não tem?



O fedor do quarto é pungente e azedo: vômito misturado com urina. O suor passado continua grudado em meu corpo e no pijama, e eu gostaria de alcançar a janela para respirar um sopro de ar fresco. A chuva bate nos vidros, e quero desesperadamente estar lá fora, sentir as gotas batendo em meu rosto virado para o alto e escorrendo por meu pescoço. Meus avós vão gostar dessa chuvarada. A vovó estava preocupada com o período seco que já durava tanto, pois está quase na época de o vovô plantar os bulbos; a terra estará boa e macia se ele estiver bem para fazer isso hoje. Fico imaginando como estão, se voltarei a vê-los. Eu me sinto tonta e agarro o edredom para afastar a sensação de que estou flutuando para longe.

A cama do quarto extra range. Ouço os passos de Anna, e a porta do banheiro faz barulho quando ela a abre. Meu batimento cardíaco dobra de velocidade. Não limpei a bagunça de ontem à noite e não quero me atrever a deixá-la mais zangada. Rapidamente me sento, colocando os pés no chão. Meu corpo dói do jeito que doía quando comecei a praticar ioga, e meus movimentos são em espasmos conforme me arrasto para pegar o balde. Os músculos dos quadris tremem quando agacho para fazer xixi. Empurro o balde para o mais distante possível, pego o rolo de sacos prestos e arranco um. Deslizo a bandeja para dentro do saco e fecho. Penso em jogá-lo do outro lado do quarto, mas, em vez disso, eu o escondo embaixo da cama. Não está pesado, mas ainda assim poderia atingir a Anna com ele, surpreendê-la de alguma forma, e lutar para tomar a chave dela. Guardo essa ideia junto com as outras que tive.

Meus músculos estão tensos quando a porta é escancarada.

– Bom dia. – Anna sorri. – Dormiu bem?

Contenho o meu sarcasmo.

– Estive pensando. Que tal a gente ir até o túmulo de Charlie hoje? Você e eu. Ou podemos levar a Lexie, se quiser. Não é justo que...

– Parece ótimo – diz Anna, radiante.

– É mesmo?

– Não – ela resmunga.

Despenco de volta ao travesseiro.

– Que tal uma xícara de chá, pelo menos? – Eu poderia jogar no rosto dela, penso.

Anna estreita os olhos. Ela pega o balde e sai, sem dar uma palavra; ouço a descarga e seus passos irrompendo escada abaixo. Por mais que eu odeie o balde, fico em pânico só em pensar que ela pode não trazê-lo de volta. Fecho os olhos e me esforço para ouvir o que ela está fazendo. A água percorre os canos quando a torneira da cozinha é aberta. Sinto-me como o Homem-Aranha, com seus sentidos aguçados. Anna volta vestindo meu avental, com um copo plástico numa das mãos e o balde na outra. Pego um pedaço de algodão soltando da bainha do edredom e o observo. Como ela vai me entregar esse chá sem bandeja? Ela caminha lentamente na direção da cama. A adrenalina percorre meu corpo. Pouso as mãos no colchão e me mexo ligeiramente; posiciono as minhas pernas, preparando-me para chutá-la o mais forte que conseguir. Ela para. Põe o balde no chão. Coloca uma das mãos no avental e tira uma faca de poda. A lâmina reluz, e o gosto de bile sobe até minha garganta.

– Só para o caso de você ter alguma ideia engraçada. – Ela põe o chá na mesinha de cabeceira e recua, com os olhos fixos nos meus.

Desvio de seu olhar e pego o copo, mas não consigo conter o tremor violento da minha mão e derramo o líquido na minha coxa.

– Está frio. – Dou um gole no chá, para verificar. É arriscado tomar qualquer coisa que ela me dê, mas estou com sede e tomo tudo.

– Claro. Você acha que sou imbecil?

– Não. Você está aborrecida. É compreensível. Me solte, Anna. Não vou contar para ninguém. O pessoal da obra estará aqui amanhã de todo jeito. – Choramingo como uma das crianças da Little Acorns quando cansadas, mas não consigo evitar.

– Não se preocupe, Grace. – Anna passa o dedo na lâmina, dando um passo

em minha direção. – Muito em breve vai acabar.

As paredes ao meu redor parecem estar se fechando, e o teto, descendo. Não há ar suficiente no quarto. Quando a Charlie morreu, eu só queria ir com ela, mas agora que estou com tanto medo de morrer percebo o quanto quero viver.

E então a campainha toca.

Anna sai do quarto, batendo a porta atrás dela, e me ajoelho na cama e grito e grito, até me sentir prestes a desmaiar. Dois pares de passos sobem a escada, e fico agitada de alívio por ter sido ouvida, porque serei salva. Ponho as mãos nos quadris e me inclino para a frente, ofegante, como se tivesse corrido uma maratona.

A porta é aberta, e vejo Lexie, com o braço numa tipoia, o rosto inchado e roxo. Ela parece pequena e frágil. As pernas finas para fora do roupão de hospital que já foi branco. Anna está atrás dela.

– Grace. – Lexie vem mancando em minha direção. Ela gela ao notar a corrente do meu tornozelo até a armação da cama. – Belle, mas que porra está fazendo? Solte-a.

– Só depois que conversarmos. Você me deve algumas respostas, *mãe*.

– Conversaremos quando a Grace não estiver mais acorrentada como a porra de um animal.

– Ah, pobrezinha da Grace. Todos simplesmente a amam, não é?

– Ela não te fez nada.

– Ela não queria me apresentar para você. Você deveria me conhecer através dela, gostar de mim, depois eu lhe diria quem eu realmente sou. Nós teríamos uma família de verdade, mas, não... A Grace queria ficar com você só para ela.

– Não foi assim...

– Cale a boca. – Anna vem em minha direção. – Eu queria gostar de você, Grace. Realmente queria. Tentei ser legal, mas você só ficava me irritando. Quanto mais eu ouvia suas histórias do quanto amava Charlie, mais eu te odiava. Todos amam Charlie. Todos amam Grace. Quem *me* ama, porra? Mas... – Os lábios dela se curvam num sorriso – ... estou preparada para lhe dar uma segunda chance. Charlie não está mais aqui, mas nós três ainda podemos ser uma família, não podemos?

– Não. – A voz de Lexie é fria e dura. – Solte-a ou vou chamar a polícia.

– Vá em frente. Até que você consiga mancar até um telefone, eu já terei

partido há muito tempo. E a Grace? – Ela pega a faca do bolso do avental e movimenta a lâmina de aço inoxidável no ar. – A Grace talvez esteja aqui. Bem, pelo menos parte dela talvez esteja. Agora, pode ir para a cama. – Anna empunha a faca na direção de Lexie, como se estivesse cutucando gado. Lexie se mantém firme, mas, quando a lâmina encosta em seu ombro, gotas de sangue mancham seu roupão, e ela cambaleia para trás.

– Anna, você a está ferindo. – Tento alcançar Lexie, mas a corrente é curta demais.

– Estou ferindo... essa é boa.

Lexie sobe na cama, ao meu lado. Anna agarra sua perna esquerda, abre a outra algema e a prende no tornozelo de Lexie.

– O que você quer, Belle?

– Quero passar um tempo de qualidade com minha mãe. Isso é pedir demais? Vou preparar uma refeição bem gostosa, depois nós três podemos sentar e nos conhecer direito.

Anna bate a porta do quarto ao sair.

– Você está sangrando. – Estendo a mão, mas Lexie a afasta.

– Estou bem.

A mancha vermelha se espalha, e, enquanto a observo, o conteúdo do quarto vai se fundindo até que minha visão periférica some. Ouço um zumbido, como se eu estivesse ouvindo ondas dentro de uma concha.

– Respire, Grace. – Lexie esfrega as minhas costas em movimentos circulares. – Você só está inspirando. Expire.

Solto o ar, inspiro de novo. Ouço Lexie murmurando, sinto o calor da mão dela em minha coluna, e, aos poucos, meu corpo vai reagindo. Minha visão volta.

– Está bem? – Lexie me aperta com força.

– Sim.

– Que bom. – Ela me solta. – Sem querer ofender, mas você está fedendo. – Ela se afasta.

Despenco de volta no travesseiro, e Lexie puxa a corrente e empurra a armação da cama com seu braço bom.

– Já tentei isso.

Lexie deita de barriga para cima. Tira os sapatos e pousa os pés na madeira entalhada. Deito na cama e posiciono meus pés ao lado dos dela.

– Pronta? – ela pergunta.

– No três.

Empurramos e chutamos, até que as minhas coxas doem demais para se mexer, e gritamos até que meus ouvidos ficam zunindo. Não há nem um fio rachado na madeira.

– Porra. – Lexie esfrega os pés. – Como vamos sair desta merda?

Olho nos olhos dela e vejo meu próprio medo refletido de volta para mim.

– Não sei.



Seis dias depois que Charlie morreu, o céu da manhã estava escuro como um hematoma. A névoa envolvia a torre da igreja que geralmente era visível da minha janela. De alguma forma, tudo parecia mudo, amortecido. Até os pássaros estavam estranhamente quietos. Charlie levara o sol com ela. Dan me trouxe chá, que não consegui tomar, e torrada, que não consegui engolir. Eu deveria estar vestindo minha roupa de festa – era dia do aniversário de 25 anos de Charlie –, mas, em vez disso, eu estava de preto para ir ao funeral dela. O vestido que eu tinha usado no Natal era justo, mas agora o zíper fechava com facilidade; o tecido pendia em meu corpo em vez de ficar colado. Desde que Charlie morrera, eu mal havia comido. Dan estava com seu terno de entrevista e uma gravata preta emprestada: um menininho todo arrumado.

Um táxi nos levou até a casa de Charlie; nós dois estávamos nervosos demais para dirigir. Como não havia nenhum outro familiar, ficou decidido que iríamos no carro fúnebre com Lexie. Minha mãe e Oliver tinham vindo de carro. Eles nos encontrariam no crematório, junto com a vovó e o vovô. Abri a porta de onde havia sido meu segundo lar e segui a nuvem de fumaça de cigarro. Lexie estava sentada na mesa da cozinha, com um braço cruzado em sua frente e o outro segurando um cigarro, de olhos fixos no cinzeiro que transbordava. Toquei seu ombro. Ela me deu um tapa, rechaçando a minha mão. Olhei fulminante para o Dan. *Diga alguma coisa*.

– Vou fazer um chá – disse ele.

Enquanto a chaleira fervia, abri a água quente na cuba imunda da pia e comecei a esfregar as canecas e os pratos sujos que cobriam toda a superfície. Preenchi o silêncio com o barulho da água e o tilintar da louça. Dan levou o

leite até mim, segurando para que eu o cheirasse. Dei uma fungada e franzi o nariz. Ele o despejou na pia, revelando os calombos amarelados enrijecidos que forcei ralo abaixo, com uma colher. Ele fez xícaras quentes de chá preto que ninguém bebeu. Eu secava a louça enquanto Dan esvaziava o cesto de lixo fedorento e empilhava as garrafas de vinho e as latas de cerveja do lado de fora da porta dos fundos, para enviar para reciclagem.

Não havia mais nada a fazer a não ser esperar. Nós três ficamos sentados em volta da mesa da cozinha, em silêncio, evitando trocar olhares. Foi um alívio quando ouvimos uma batidinha na porta. Dan pulou para atender, e os olhos de Lexie se fixaram nos meus. Ela estava furiosa. Sua raiva engolia minha tristeza.

– Preciso de um pouco de ar – eu disse a ela, e fui até Dan, no corredor, e, enquanto ele falava com o motorista, fiquei segurando na parte de trás do seu cinto, para que eu não saísse flutuando numa bolha de tristeza.

O carro funerário reluzente continha um caixão de carvalho e flores: o nome de Charlie escrito com cravos. O vovô tinha ajudado a Lexie a organizar as coisas. Eu desconfiava que ele também tivesse contribuído financeiramente; ela nunca tinha sido boa com dinheiro. Lexie entrou primeiro no carro. Depois o Dan, depois eu. Eu olhava pela janela enquanto seguíamos pela nossa lenta jornada para nos despedirmos de alguém tão cheia de vida que eu ainda não conseguia acreditar que tivesse partido. Eu olhava as pessoas na rua, conversando, rindo. Parecia inexplicável que a vida delas permanecesse inalterada. Para elas, esse era apenas mais um dia. Eu as invejava.

O céu tinha uma capa cinza-chumbo de raiva, repleto de nuvens chorosas. Uma grande aglomeração, a maioria das pessoas vestida de preto, esperava do lado de fora das portas duplas da capela, secando os olhos e assoando o nariz. Coroas de flores eram observadas, e cartões eram lidos. Todos pareciam tão pasmos quanto eu.

Esperamos no carro até que todos tivessem entrado e o diretor da funerária viesse nos acompanhar até lá dentro. Até ali, eu não tinha chorado. Tudo parecia tão surreal. Fizemos nossa caminhada melancólica para dentro do crematório enquanto Eva Cassidy cantava sobre céu azul: "Somewhere over the Rainbow" foi a escolha musical de Lexie; Charlie teria feito uma careta: "Que tal um pouquinho de Madonna?".

Sentamos nos bancos de madeira projetados para fazer com que nossos traseiros ficassem tão dormentes quanto nossos corações. À frente da capela,

cortinas vermelhas de veludo com viés dourado pendiam atrás do altar onde estava o caixão de Charlie. Em cima do caixão havia um porta-retratos com a foto de Charlie sorridente, em Cromer Beach. Eu me lembro do vovô tirando a foto.

Um homem de meia-idade, que claramente não conheceu Charlie, conduziu a cerimônia. Palavras genéricas como "terna", "engraçada" e "bondosa" foram lançadas, aleatoriamente, então chegou a minha vez de falar. Minhas pernas de gelatina de alguma forma me levaram até o púlpito, e encarei fileiras e fileiras de olhos molhados de lágrimas. Limpei a garganta. "Charlie era minha melhor amiga", comecei. Contei o dia em que nos conhecemos; como ela tinha enchido o sanduíche de Dan de ketchup. Houve um riso acanhado nessa hora. Descrevi como soube, naquele momento, que ela seria uma das pessoas mais importantes da minha vida.

– Então, por quê? – A voz de Lexie irrompeu em meio ao crematório, tão rouca que mostrava que ela não tinha parado de fumar desde que Charlie morrera.

Minha boca pendia aberta, sem palavras.

– Por quê? – Agora Lexie estava de pé, a voz mais alta. Seu rosto estava sombrio e retorcido.

– Por quê? – repeti, sem entender o que ela estava me perguntando.

Todos os olhares desviavam de Lexie para mim, como se assistissem a um fúnebre jogo de tênis.

– Por que você a matou?

Lexie me encarava com tanto ódio que cambaleei para trás. Dan correu até o meu lado. Eu tinha torcido o mesmo tornozelo que machucara na corrida, mas não era a dor que estava me fazendo chorar.

– Lexie, é compreensível que você esteja arrasada. – O vovô disse, com a voz calma.

– Estou arrasada todos os dias, porque essa piranha da sua neta matou minha filha. Matou Siobhan. É culpa dela. É tudo culpa dela.

– Eu não. Eu não entendo... – Meus olhos disparavam para todas as direções procurando uma resposta.

– A morte de Siobhan foi em decorrência de uma overdose acidental. É difícil ter sido culpa da Grace. – A mão de Dan parecia estar pelando nas minhas costas. – E não vejo como pode culpar Grace pela morte de Charlie.

– Se Charlie não tivesse ido embora...

– Por que ela partiu, Lexie? Ela é sua filha, nos esclareça. – A voz de Dan ficou mais alta, e o vovô pousou a mão no braço dele.

– Não é a hora nem o lugar, filho. Lexie, quer ir até lá fora comigo tomar um pouco de ar?

– Não quero porra nenhuma de ar; quero a porra da minha filha de volta. – Lexie caiu de joelhos e começou um choro uivado.

O diretor da funerária sorriu para nós, mas seus olhos eram frios.

– Acho melhor vocês irem.

As pessoas se remexiam em seus lugares, esticando o pescoço para verem melhor.

Eu estava tremendo de choque. Dan me amparava com se eu tivesse 90 anos, com um braço em minha cintura e o outro em meu cotovelo, enquanto eu seguia mancando rumo à porta.

– Eu nunca vou perdoá-la, Grace – berrava Lexie atrás de mim.

Lá fora, Dan segurava meu braço.

– Vou buscar o carro. – O vovô saiu correndo até o estacionamento enquanto Dan afagava minhas costas. Minha mãe, Oliver e a vovó estavam juntos, perplexos demais para falar.

Até a hora em que chegamos em casa, eu já tinha usado todos os lenços de papel da minha bolsa. Minha garganta estava ardendo, e meus olhos pareciam arenosos.

– E quanto ao velório?

– Você quer ir? – perguntou o vovô.

– Não... – Minha voz estava rouca. – Mas Charlie...

– Charlie amava você. Ela entenderia.

Saí do carro e fiquei de pé sobre pernas que não pareciam minhas.

– Vocês vão entrar? – perguntei.

– Acho que devemos ir até o pub e ficar de olho em Lexie – o vovô respondeu.

– Foda-se a Lexie. – A voz de Dan era dura.

– Ela não tem mais ninguém – disse o vovô. – Mas podemos ficar aqui se quiser.

Fiz que não com a cabeça. O vovô manobrou o carro, e Oliver o seguiu.

– Nós voltaremos para vê-la antes de partirmos para Devon – disse minha mãe da janela do carro.

Nós ficamos no corredor sem saber direito o que fazer.

– Chá? – perguntou Dan.

– Alguma coisa mais forte. – Eu queria beber até ficar anestesiada. Abri o zíper do vestido que estava com cheiro de capela e me embrulhei numa manta de flanela. Embora estivesse fazendo vinte graus, eu estava com frio.

Dan me entregou uma vodca com Coca-Cola e ficamos sentados, lado a lado, no sofá, e brindamos à garota que para sempre teria 24 anos.



– Você não tem um cigarro, tem? – pergunta Lexie.

– Não.

– Achei mesmo que não tivesse. – Nós ficamos deitadas, num silêncio perplexo. Havia um muro de perguntas sem resposta entre nós, e eu não sabia por onde começar a derrubá-lo.

– Eu sabia que alguma coisa estava errada quando você não apareceu ontem para me visitar. Quando recebi a sua primeira mensagem...

– Minha, não.

– Bem, do seu número, me pedindo para vir aqui, e dei uma corrida. Peguei uma carona com a van da padaria. Então você conhecia a minha Belle?

– Anna.

– Anna?

– Dan...

– Dan? Você não está falando coisa com coisa, garota. Pode ir explicando.

– O Dan... ele foi infiel. – O nó de ansiedade em meu estômago vai apertando cada vez mais conforme as palavras vão saindo.

Os olhos de Lexie ficam marejados quando volto ao começo e conto a ela o quanto Charlie queria encontrar o pai. Ela franze as sobrancelhas no momento em que admito ter roubado uma foto de Paul e tentado localizá-lo através das redes sociais, mas ela permanece em silêncio e imóvel. Até que eu termine de contar que Anna arranjou um emprego no bar que o Dan frequentava, como ela o seduziu e chantageou, como se mudou para nossa casa e me fez acreditar que era meia-irmã de Charlie, o rosto de Lexie está tão branco quanto o travesseiro em que está recostada.

– Ela propositalmente mirou no Dan?

– Sim. Ela filmou os dois fazendo sexo. O Dan diz que mal consegue se lembrar da noite. Eu não tinha acreditado nele, mas agora acredito. Acho que ela é maluca o suficiente para ter batizado a bebida dele. Ela provavelmente achou que, se escrevesse para você, você a ignoraria... de novo. – Lexie se encolhe. – Acho que você me deve uma explicação, não acha? Pelo que vi nas certidões de nascimento, Belle e Charlie são gêmeas, não?

– Sim.

– E Charlie nunca soube?

– Não.

– Por quê?

– É complicado – responde Lexie. Ela pega um fiapo de linha em sua atadura e puxa até começar a desfiar.

– Complicado? – grito. – Pois *eu* que vou lhe dizer o que é complicado. *Sua* filha me fez perder meu emprego, meu relacionamento, matou minha gata e depois incendiou minha casa comigo dentro.

– O quê? Como...

Levanto as mãos, como se as palavras dela fossem bater e voltar.

– Pode... começar... a... falar.

Lexie suspira tão profundamente que seu corpo estremece.

– Eu lhe disse a verdade, sabe. – Tenho que me aproximar dela para ouvir seu tom sussurrado. – Quanto a Paul ser o pai. Mas ele não sabia que eu estava grávida. Ele não foi embora por isso. Ele foi embora porque achou que a ex-namorada estivesse grávida e queria ir até a cidade dela para convencê-la a fazer um aborto.

– Por quê?

Lexie faz uma pausa por um bom tempo, e luto contra a vontade de agarrá-la pelos ombros e arrancar suas palavras.

– Você já ouviu falar da síndrome de Marfan?

– Não.

– É uma doença hereditária. O Paul era portador. Ele não queria ter uma família. Não queria arriscar passar a doença adiante. Eu não sabia muita coisa a respeito, mas ele disse que pode causar uma deficiência cardíaca súbita, principalmente em caso de esforço.

– Charlie. A corrida. – Cubro minha boca com as duas mãos.

– Sim. Por isso eu a culpei, Grace. Se ela não tivesse corrido, ela

provavelmente não teria morrido. Não naquele dia.

– Mas eu não sabia...

– Eu sei. Nem ela. Eu não estava sendo justa. Foi mais fácil culpar você do que olhar para as minhas próprias falhas. Eu não sabia que ela tinha. Havia sintomas de alerta. Por ser muito alta...

– Ela *era* bem alta.

– Mas não era a porra de uma gigante, era? Ela não ficava cansada. Não tinha dores. Nem estrias. Não tinha nenhum desses sintomas. Nenhum.

– Ela não poderia ter sido submetida a exames?

– Eu não disse aos médicos sobre a possibilidade. Eu era jovem e estava morta de medo. Tentei fingir que não estava grávida, não fiz nenhum pré-natal, mas estava imensa. Parecia que tinha uma melancia dentro do meu macacão. Meus pais me puseram para fora e nunca mais falaram comigo. Eu dormia em sofás, na casa de amigos, até entrar em trabalho de parto. Foi a pior experiência da minha vida. Então, assim que saiu a primeira, a dor começou de novo, e eles disseram que tinha mais um. Gêmeos, porra! Eu tinha 17 anos. Não tinha onde morar, estava sem dinheiro, mas eu as amei assim que as vi.

– E o que aconteceu?

– Fui encaminhada para uma casa de apoio, recebi benefícios, algum dinheiro para fazer faxina. Vivia exausta, mas ia me virando. Mas eu tinha medo, medo de que elas adoecessem. Já era bem difícil viver com dois bebês saudáveis. Não sabia o que ia fazer se uma delas ficasse doente.

– E Belle? Ela adoeceu?

– Ela era diferente. Eu não sabia se ela tinha a doença. Nunca ficava feliz. Chorava o tempo todo, quando era bebê, e, quando foi ficando mais velha, tinha crises gigantescas de manha.

– Isso é normal.

– Ela quebrava as coisas e mentia descaradamente, negava que tivesse sido ela. Eu não conseguia dormir, não conseguia comer.

– Você foi ao médico?

– A médica disse que eu estava deprimida. Que Belle passaria dessa fase, mas então a Charlie também começou a ficar malcriada. Ela nunca tinha sido. Dizia que a Belle falava para ela fazer coisas. Sempre que eu ralhava com a Belle, ela machucava a Charlie, mordia, dava socos. Um dia, eu a peguei brincando com meus cigarros e fósforos. Dei uma palmada na perna dela. Mais tarde, naquele dia, eu estava pendurando roupa e senti o cheiro de

fumaça. Belle saiu correndo lá para fora. Charlie estava lá em cima, na janela do quarto. Achei que a tivesse perdido. – A voz de Lexie falha, e quase sinto pena dela, mas depois me lembro de como ela ficou furiosa quando perguntei sobre o incêndio do qual Charlie se recordava. Como ela tinha mentido na minha cara. Como ela tinha convencido Charlie de que era sua imaginação fértil, que todas as suas lembranças eram falsas.

– O Serviço Social interferiu. Colocou a Belle num lar adotivo temporário para me dar uma folga, mas ficou bem mais fácil sem ela. Charlie estava mais feliz. Eu estava mais feliz. Eu me recusei a recebê-la de volta. Tentei fingir que ela nunca existiu. Toda vez que Charlie a mencionava, eu dizia que a Belle era uma amiga imaginária, que não era real.

– Não acredito que ela tenha acreditado nisso.

– Você consegue se lembrar de quando tinha 4 anos?

Penso e então respondo:

– Não.

– As crianças têm a memória curta; acreditam no que você quer que elas acreditem.

– Então, quando a Anna entrou em contato...

– Foi a porra de um choque. Entrei em pânico. Não sabia o que fazer. Como dizer à Charlie que tinha escondido a irmã dela todos esses anos? Tentei beber para esquecer.

– Acho que foi quando a Anna me envolveu, por não ter obtido uma reação sua. Lembra daquelas cartas que eu recebia?

Silêncio. Um suspiro.

– Não eram de Belle.

– Não vai dizer que eram de Charlie? – O pavor me invade. *Eu fiz algo terrível, Grace*. Como ela pôde?

– Não. – Lexie balança a cabeça. – Eram minhas.

– Você? – Eu me retraio, como se ela tivesse me agredido fisicamente.

– Eu sinto muito, Grace.

– Você? Você me mandou uma caixa de cocô de cachorro? Por quê? – Estou tremendo de ódio e me sento em cima das mãos para evitar arrancar seu cabelo desgrenhado da cabeça.

– À época, minha cabeça estava uma merda. Em seu aniversário de 18 anos, você veio ao meu quarto, quando eu estava lá, derrubada, na cama. Eu entreouvi quando você disse à Charlie que ajudaria a encontrar o pai dela,

incentivando-a, e entrei em pânico. Essa era a última coisa que eu queria. Achei que, se eu a distraísse, você se esqueceria disso. Mas você não se esqueceu. Toda aquela baboseira sobre Jeremy Kyle. As conversas de "a garota da nossa turma encontrou o pai dela". Acha que eu era imbecil? Depois da primeira carta, não consegui mais parar. E perdi o controle da coisa. Eu não queria que Charlie o conhecesse. Que ela descobrisse que tinha uma doença que poderia matá-la. Que visse as certidões de nascimento e descobrisse sobre Belle. Eu não queria que ela me odiasse. Eu a amava tanto. Mas acabei afastando-a.

– Por que ela foi embora? *O que você fez?* – Agora estou gritando, mas não ligo.

O rosto de Lexie está branco como papel, as faces fundas. Há uma leve camada de suor acima de seu lábio superior. Ainda bem que ela parece estar tão ruim quanto me sinto.

– Charlie estava guardando meus sapatos no armário, depois da festa de Ano-Novo, e encontrou uma carta inacabada que eu estava preparando para mandar a você, o jornal recortado e a cola. Ela ficou inconsolável. Prometi que pararia. Implorei que ela não contasse a ninguém. Ela disse que não contaria. Disse que não me trairia contando a você, e achei que ficaria tudo bem, mas logo nesse momento a Siobhan tinha que morrer.

– Ela não "tinha que morrer"; ela teve uma overdose, de tão solitária que ficou. Todas nós a culpamos pelas cartas. Ninguém falava com ela. Aqueles viciados eram seus únicos amigos.

– A Charlie disse que a Siobhan estaria viva se eu não tivesse mandado as cartas. Ela ficou furiosa. Fiquei apavorada pelo que podia acontecer se a polícia fosse envolvida e a verdade viesse à tona. Implorei à Charlie que prometesse jamais contar a ninguém, principalmente para você, Grace.

– Ela odiava mentirosos. Você a transformou numa mentirosa.

– Ela não queria mentir. Queria lhe contar a verdade, mas eu disse que ela teria que escolher: ou você, ou eu. E ela me prometeu que nunca contaria, mas disse que não podia ficar. Que não suportava olhar para mim. Nem encarar você.

Eu fiz algo terrível, Grace... Espero que possa me perdoar. A promessa que ela fizera... o segredo que ela tinha guardado. Como pude pensar que ela tinha mandado as cartas?

– Você é repulsiva.

– Eu sei, Grace, mas eu...

Ela estende a mão, e bato nela, afastando-a.

– Não me toque, porra.

– Tudo bem. – Passamos os momentos seguintes perdidas em pensamentos. – Vamos apenas sair daqui – diz Lexie.

– Ah, eu nem tinha pensado nisso. O que eu faria sem você?

– Pare com o sarcasmo, Grace. Não combina com você. Precisamos bolar um plano. Trabalhar juntas.

O silêncio é pesado, rompido só pelos barulhos que Anna faz, movimentando-se na cozinha.

– O que podemos fazer? – pergunto. – Não conseguimos quebrar a madeira. Não há ninguém que nos ouça gritar. Não consegui abrir a algema com o grampo...

– Grampo?

– Olhe. – Tiro o grampo de debaixo do travesseiro. Lexie o arranca da minha mão. – Eu já tentei.

– Tem que ter arte. A vida difícil me ensinou. – Lexie coloca a ponta da língua para fora, entre os dentes, enquanto enfia o grampo na fechadura da algema e gira.

– Te peguei. – Lexie abre a algema e solta seu tornozelo. – Mesmo só com uma mão ainda levo jeito. – Ela sorri e, mesmo sem querer, sorrio também.

– Abre a minha. Depressa.

Lexie se debruça e remexe o grampo. Ouço o clique e quase choro de alívio quando a pressão no meu tornozelo cessa.

– Vamos embora.

Mas escutamos passos escada acima, e a porta do quarto começa a ser aberta.



Os pés de Lexie estão no chão, mas agarro seu braço e franzo o rosto.

– A faca – digo baixinho. – Temos que esperar. – Lexie assente. Ela gira as pernas de volta para a cama e jogo o edredom sobre nossos pés, torcendo para que Anna não verifique as algemas e as correntes. Meu coração dispara quando Anna entra no quarto. Sinto a tensão irradiando de Lexie e rezo para que ela não faça nada precipitado. Anna coloca a bandeja em cima da penteadeira, pega a faca com uma das mãos e uma tigela com a outra.

– Macarrão. – Ela entrega a tigela à Lexie, recua e pega a segunda tigela para mim.

Meu estômago revira quando o parmesão e o alho se misturam em minhas narinas. A carne moída está encaroçada; a gordura empoça em cima.

Anna arrasta a banqueta da minha penteadeira e se empoleira no banco em tecido florido. Fiquei radiante quando descobri essa banqueta numa lojinha de móveis de segunda mão na avenida principal. Tinha passado séculos lixando as pernas e envernizando-as, antes de escolher o tecido para estofar. Agora tenho vontade de tacar fogo nela.

Anna pega uma terceira tigela, dá uma garfada e põe na boca.

– Comam – ela resmunga.

Pego a tigela e remexo o espaguete. Prometo a mim mesma que, se eu conseguir sair daqui, jamais voltarei a comer macarrão.

– Não vou comer porra nenhuma. – Lexie arremessa a tigela para o outro lado do quarto. Ela cai sem atingir Anna. O molho de tomate escorre no carpete manchado de fumaça.

– Você... simplesmente... não... consegue... ser... gentil, não é? – Anna bate ruidosamente com sua tigela de comida. A penteadeira reverbera. O suor escorre entre meus seios.

– Gentil? Você me acorrentou a uma cama.

– Pelo menos, não entreguei você para os outros criarem. – As mãos de Anna pairam sobre a faca; seus dedos se curvam em volta do cabo.

– Finalmente ela vai direto à porra do assunto – diz Lexie. – O que quer? Um pedido de desculpas? Eu sinto muito, está bem?

– Eu quero... – A respiração de Anna estremece. – Eu só queria uma refeição com minha mãe. E agora você estragou tudo. – Ela ergue a faca. Levanto os joelhos, pronta para saltar em defesa da Lexie, mas Anna mergulha a faca na própria coxa, abrindo um talho na pele. O sangue mancha de vermelho o short branco de Charlie. Percebo que as cicatrizes que vi no corpo de Anna no spa devem ter sido feitas por ela mesma.

– Belle!

Anna ergue a faca e então a mergulha na pele, desenhando uma cruz perfeita. Seu rosto está branco como era o short.

– Belle, não faça isso. Me desculpe. – A voz de Lexie é suplicante.

– Por que não me amou? – Anna parece desesperada, e, por mais que eu queira detestá-la, não consigo deixar de sentir pena dela.

– Eu te amei, sim. E amo. Achei que seria melhor assim. – A voz de Lexie hesita. – Achei que você teria uma vida melhor.

– Por que dar a mim e não a ela? O que foi que eu fiz de tão terrível?

Lexie estica o braço e pega minha mão. A palma da mão dela está suada.

– Eu não sei. Me desculpe. Eu não conseguia lidar com vocês duas.

– Ninguém consegue lidar comigo.

– Foram os seus pais adotivos que morreram? – pergunto.

– Morreram?

– No carro a caminho da praia.

– Inventei aquilo para que você ficasse com pena de mim. Não tinha pais adotivos. Fui jogada de um lugar para o outro. "Ah, a Belle é cheia de rompantes." "Ah, a Belle é má influência." Quando fiz 12 anos, ninguém me queria; só queriam as boazinhas, as bonitinhas. Eu morava num abrigo. Era como a porra do Oliver Twist. Você sabe como esses lugares são deprimentes? A única coisa que eu tinha era a foto que você deixou. Você parecia tão feliz na foto: você, eu e Charlie. Eu dormia com a fotografia embaixo do meu

travesseiro toda noite. Não conseguia entender o que tinha acontecido de errado.

– Ah, Belle – diz Lexie. – Fui eu que ferrei tudo. Eu sei. Mas essa não é a solução, nos manter aqui.

– Foi a única coisa que pude pensar para fazer você me ouvir. Durante anos, a única coisa que me fazia seguir em frente era pensar que, quando eu fizesse 18 anos, poderia encontrar você, mãe. Poderíamos encontrar a Charlie juntas. Mas a Charlie sempre esteve com você. Você ficou com ela. Vocês se divertiram enquanto eu...

– Eu não estava me divertindo. Dei você porque estava deprimida...

– Você ainda estava deprimida 18 anos depois? Por que não respondeu às minhas cartas?

– Eu estava em choque.

– Eu te odiava, queria te ferir, fazer você sofrer, fazer...

– Por que não fez? – interrompo. – Você rompeu contato durante seis anos. Por quê?

– Porque deixei de precisar dela. Eu tinha minha própria família. Pessoas que me amavam.

– Você tem uma família?

– Eu me casei com um menino do mesmo abrigo em que cresci, o Sam. Nós éramos muito felizes, tínhamos uma casa. Ficava no térreo, com um jardim. Eu fiz um jardim ornamental, plantei algumas ervas. – Anna fica olhando a distância, como se observasse algo que não víamos. – Sam queria um lago com alguns peixes, mas eu realmente queria um gatinho. Ele trouxe um para casa um dia, depois do trabalho. Ele sempre me deixava ter as coisas do jeito que eu queria. Era uma gatinha preta com pés brancos. Nós a chamávamos de Socks. Ele nunca fez o lago, tinha medo que ela comesse os peixes.

– Sam parece legal. – Mantenho a voz branda.

– Ele era. Estávamos economizando para comprar nossa casa própria. O sobrado não era grande o bastante, não com o Lucas. – Anna fecha os olhos.

– Lucas? – Lexie aperta meus dedos com tanta força que receio que ela quebre meus ossos.

– Tínhamos tantos brinquedos de bebê. Quase não havia espaço para andar. Eu não conseguia parar de comprar coisas para ele. Sam brigava comigo. Nós devíamos estar economizando, mas eu adorava tanto o Lucas. Eu queria que ele tivesse todas as coisas que eu nunca tive.

– O que aconteceu, Anna? Onde está o Lucas? – Estou gélida. Eu já sei a resposta. Lexie gruda em mim. Sinto que ela está tremendo.

– Nós tínhamos nadado. – A voz de Anna sai baixinha. – Ele adorava a água. Eu o sentava em sua boia de pato laranja e ele chutava as perninhas e ria sem parar. Ele dormiu no ônibus, a caminho de casa. Eu o carreguei lá para cima, até a cama. Liguei a babá eletrônica. Achei que tivesse fechado a porta. Desci para passar roupa, mas eu estava cansada. Eu estava sempre cansada. Deitei no sofá e fechei os olhos. Só acordei quando o Sam chegou em casa. Fiquei em pânico quando vi como era tarde. O Lucas nunca cochilava mais do que uma hora. – Anna para, e fico na expectativa. – Corri até o quarto dele. Ele estava imóvel. Meu lindo menino. E Socks estava ronronado ao lado da caminha dele. Sam gritava, porque o gato não deveria estar no quartinho dele. Ele pegou o Lucas da cama... ele estava todo mole... e fez respiração boca a boca, mas... – Anna está rija. Ofegante. – Eles o levaram. Eu não queria que o levassem.

Lexie cobre a boca com as mãos, mas não consegue conter o choro angustiado.

– Foi culpa minha. Eu deveria ter tido mais cuidado. Sam me deixou. – O corpo de Anna sacode, e ela cai em prantos. – Todos me abandonam. Eu só queria minha mãe. Só precisava da minha mãe.

A faca cai no carpete, e Anna cobre o rosto com as mãos. Balança para a frente e para trás, chorando como um animal ferido.

– Ah, minha filha, pobrezinha. – Lexie sai da cama. Cai de joelhos na frente de Anna, tira a tipoia e a abraça. – Estou aqui, Belle, estou aqui.

– Mamãe.

– Shh. Não foi culpa sua. Provavelmente foi um problema hereditário... há uma doença. Uma doença genética. Charlie tinha; você pode ter transmitido. Não havia nada que pudesse ter feito.

– É genético? Então, isso é culpa sua! *VOCÊ MATOU MEU BEBÊ!* – Anna berra, impulsiona-se à frente, e Lexie cai para trás.

Eu me sinto suspensa no ar, como uma marionete que tive: cordas esticadas, sem conseguir me mover em direção alguma. Lexie grita, e me lembro das palavras de Dan. *Você pode fazer qualquer coisa*. Jogo o edredom para trás e pulo da cama. Aterrisso meio desajeitada, e a dor irrompe em meu tornozelo esquerdo – o que eu torci quando corri com a Charlie –, e fico estirada no

chão. Meu tornozelo arde e, por um instante, volto àquele dia. Charlie no chão. O medo. O pânico.

Então estou segurando nas gavetas, me erguendo para ficar de pé, voando na direção de Anna. Ela pega a faca, os dedos se fecham em volta do cabo, e eu me arremesso à frente, agarro seu punho. A lâmina corta minha coxa, e sinto a pressão, mas não dor, fico surpresa ao ver o filete vermelho na calça clara do pijama. Pego o cabo da faca por cima dos dedos da Anna e não solto, mas dou um passo atrás quando a faca golpeia o ar.

– Está tudo bem, meu benzinho. – Lexie se agarra à Anna como se fosse um macaquinho, com os braços em volta do pescoço da mãe. – A mamãe está aqui.

– Mamãe. – Os dedos de Anna relaxam, e ela começa a chorar. Tiro a faca a mão dela e desço cambaleando para encontrar um telefone.



Fecho os olhos e deixo meus dedos deslizarem sobre as teclas enquanto toco "Sonata ao Luar", de Beethoven. Era uma das músicas prediletas do meu pai. A campainha toca antes que eu chegue ao final, então fecho a tampa do piano e me levanto.

– Bom dia. Posso guardar isso direto no seu carro? – Lexie sacode a velha caixa de papelão que está segurando.

– Por favor, a minha já está lá. – Aponto o controle remoto para meu novo Honda, ouvindo o clique da abertura do porta-malas.

Meus novos vizinhos estão entrando no carro deles, e aceno: ela é paramédica, e ele policial. Isso me tranquiliza, embora eu espere nunca precisar da habilidade profissional deles. A senhora Jones agora mora com a filha, mas sempre vou visitá-la.

Minha bolsa está na sala; eu a pego e afago a gatinha preta e branca deitada na banqueta do piano.

– Tchau, Moppet. Volto mais tarde. Comporte-se.

Jogo minhas coisas no banco do passageiro e viro para olhar Lexie.

– Você vai ficar bem sozinha? – pergunta ela.

– Sim.

– Belle perguntou de você ontem.

– Como ela está?

Lexie sempre vai visitá-la na instituição psiquiátrica, mas não quero vê-la. Ainda não. Talvez nunca.

Estou tentando perdoar Lexie. Ela está fazendo terapia, parou de beber e está tentando reparar seu passado. Tentando ser uma boa mãe. Procuro afastar os

pensamentos de como as coisas teriam sido diferentes se ela não tivesse mandado aqueles bilhetes. Se Charlie não tivesse ido embora. *Você não pode viver no passado*, diz a vovó, e percebi que foi onde passei a maior parte do tempo. Desejando que as coisas fossem diferentes. E me culpando. Pensar que eu podia ter morrido me atirou no presente, e é nele que estou tentando ficar. Tenho muito pelo que viver.

– Ela está grogue. Toma uma nova medicação, mas falou com a psicólogo ontem em vez de ignorá-la. É um começo.

Quero tranquilizar a Lexie. Dizer a ela que Belle ficará bem, mas as palavras ficam presas na minha garganta. Sei como o pesar pode distorcer e modificar uma pessoa, deixar rochas invisíveis de culpa nos ombros. Nem posso imaginar o pavor de perder um filho.

Coloco as mãos na barriga e respiro profundamente.

– Você está bem? – pergunta Lexie.

– Ele está chutando.

– Ele?

– É. Fiz outra ultrassonografia ontem. É realmente um menino.

– Aposto que o Dan está contente.

Balanço a cabeça. Nunca pensei que voltaria a ver o Dan depois que ele esteve no apartamento de Esmée, mas, quando a náusea que me invadiu não passava, o médico achou que talvez fosse mais do que ansiedade, e ele estava certo. Eu me mexo no banco, quando um cotovelo ou pé me cutuca outra vez. Dan ficou contentíssimo quando eu disse a ele. Ele logo me pediu em casamento e, desde então, pede toda semana, mas estou contente sozinha, por ora. Morar sozinha me trouxe uma liberdade e uma paz que eu não imaginava. Eu me livrei de todos os sentimentos corrosivos de perda que me dominaram por metade da minha vida e estou feliz. Não sei se Dan e eu algum dia voltaremos a ser "nós", mas somos amigos e nos comprometemos a ser os melhores pais que pudermos, e isso já é um começo.

– Escolhemos um nome.

– Conta.

– Charlie.

Lexie assente, contendo as lágrimas. Ela dá um leve apertão em meu braço.

– Tenha uma boa viagem.

Entro no meu carro. Puxo o cinto de segurança e o prendo por cima da barriga, que não para de crescer.

A estrada está tranquila, e o GPS diz que estarei lá em uma hora. Ligo o rádio. "Mr. Blue Sky", do ELO, está tocando; sorrio ao pensar afetuosamente no meu pai e aumento o volume. Vou cantando junto. "It's a beautiful new Day. Hey, hey."

Acho que cheguei. Entro na estradinha de terra, sigo até a sede do sítio e paro atrás de um Volvo. Um cachorro preto e branco vem cheirar meus tornozelos, abanando o rabo. Abro o porta-malas.

– Você deve ser a Grace. – Olhos verdes familiares se fixam nos meus.

Seu cabelo é grisalho e ele tem barba, mas a semelhança com Charlie é surpreendente.

– Paul Lawson. – Sorrio.

Eu vinha acompanhando as postagens nas redes sociais e, quando já começava a perder as esperanças de encontrá-lo, tive um retorno. Em princípio, Lexie ficou lívida, mas finalmente concordou que ele tinha o direito de saber sobre as filhas e passou horas ao telefone com ele, tentando explicar. Ele ficou furioso, é claro; devastado quando soube de Charlie e Lucas. Ele está vindo para conhecer Anna – Belle, tenho que me acostumar a chamá-la assim – na semana que vem. Mas hoje estou ali por causa de Charlie.

Paul carrega as caixas do carro e as coloca sobre uma mesa grande. Tiro meu suéter – a sala está bem aquecida –, desempacoto pilhas de fotos e vídeos e tiro um pote com bolo.

– Minha avó que fez – explico. – Já que hoje seria o aniversário de 26 anos de Charlie.



Olá,

Não tenho palavras para agradecer a você por ter lido *A irmã*, meu romance de estreia. É tão empolgante quanto assustador enviar o primeiro livro para o mundo, e estou realmente grata por você ter escolhido passar um tempo precioso com Grace e Charlie.

A vida de *A irmã* começou como parte de um desafio em um grupo de escritores e o esboço primórdio do "Capítulo 1" nasceu. Ao dirigir de volta para casa, minha cabeça estava cheia de perguntas: qual é o segredo de Grace? Como foi que Charlie morreu? O que havia no envelope rosa?

Naquela noite, o sonho não vinha, enquanto Grace batia o pé e exigia que sua história fosse contada. Nos dias que se seguiram, contendo os bocejos, timidamente pousei a caneta no papel sondando os efeitos da mentira de Lexie.

Eu adoraria ouvir suas opiniões. Você acabou sentindo compaixão por Anna? Ou por Lexie? Será que Grace deve dar ao Dan uma segunda chance?

Fico terrivelmente constrangida em mencionar resenhas, mas elas são muito importantes, portanto, se você gostou de *A irmã*, será muito valioso para mim se puder deixar a sua.

Você também pode entrar em contato comigo através do meu blog, no qual sempre posto contos curtos e insights da vida de um escritor.

Se quiser saber mais, inscreva-se para receber meus e-mails com novidades:

www.bookouture.com/louise-jensen

Com amor,

Louise



Tenho tanta gente a agradecer que fica difícil saber por onde começar. Primeiro, um grito imenso de agradecimento a toda a equipe da Bookouture, especialmente Lydia Vasar-Smith, minha editora, por acreditar em mim o suficiente para me dar essa chance, Natasha Hodgson, e aos outros autores da Bookouture que formam uma rede fabulosa de apoio.

À Louise Walters, minha mentora através do WoMentoring Project, cujo incentivo me deu confiança para escrever um romance.

À comunidade de blogueiros do Wordpress que provê críticas com gentileza e permitiu meu desenvolvimento como escritora, em particular Lyn Churchyard (você sabe o motivo!).

Mick Rodden, do Northants Fire Service, por suas contribuições inestimáveis para as cenas do incêndio e do hospital. Quaisquer erros são inteiramente meus.

Andrew Lockhart, por suas palavras de sabedoria, Gary Tipping, por me manter calma diante da última barreira, e Jane Isaac, por sempre estar do outro lado do telefone para responder às minhas perguntas frenéticas.

Agradeço aos meus primeiros leitores Leah Gee, Ceri Wickens, Michele Harris e Karen Coles, e ao Lee Harris, por suas habilidades de copidesque. Obrigada, primo!

Mick Wynn, com quem debati sobre muitas ideias. Na verdade, acho que ele acabou lendo meu manuscrito muito mais vezes que eu.

À linda Bekkii Bridges, que me ajudou a moldar o final.

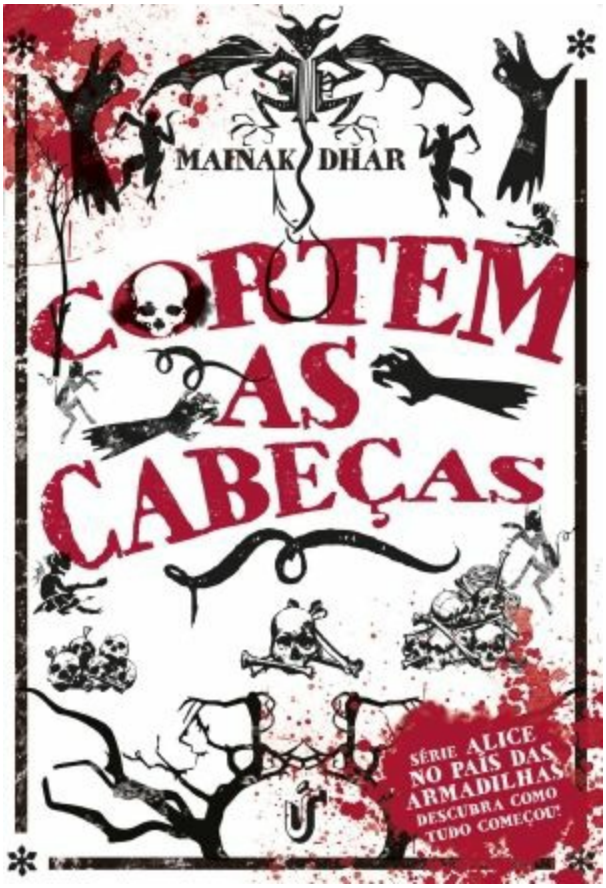
Minha adorável amiga Natalie Brewin, que ficou feliz em ler as primeiras versões e me ouviu me queixando como criança em mais de uma ocasião.

Minha irmã Karen Appleby, por sua opinião (frequentemente brutal), e minha mãe, por produzir nós duas!

Tim, possivelmente o marido mais paciente do mundo, que nunca reclamou quando tinha que cuidar da correria da escola ou preparar uma refeição de última hora enquanto eu escrevia "só mais uma página". Obrigada por acreditar que eu conseguiria. Eu consegui!

Meus meninos deslumbrantes, Callum, Kai e Finley, que são a força motriz por trás de tudo que faço. Amo vocês e me orgulho muito de todos.

E Ian Hawley, que sempre me incentivou em tudo o que eu quis fazer. Você sempre me disse que eu poderia escrever um livro. Gostaria que você ainda estivesse aqui para lê-lo.


MAINAK DHAR
CORTEM AS CABEÇAS
SÉRIE ALICE NO PAÍS DAS ARMADILHAS
DESCUBRA COMO TUDO COMEÇOU!

Cortem as Cabeças

Dhar, Mainak

9788594900135

192 páginas

Compre agora e leia

E se o mundo como o conhecemos de repente deixasse de existir? Cortem as cabeças é o fim e o começo de tudo: a queda do planeta Terra e o nascimento do País das Armadilhas.
Poucos meses antes de Alice nascer, um contágio impossível de ser controlado começou a afetar a humanidade transformando as pessoas em Mordedores, mortos-vivos inexpressivos que se alimentam de sangue e transformam os humanos em seres como eles. Todos estão tomados pelo medo e a verdade por trás desse ataque parece impossível de ser encontrada.
Para os fãs da série Alice no País das Armadilhas ou para aqueles em busca de uma nova aventura por um mundo distópico e assustador, aqui poderá acompanhar histórias como o nascimento da Rainha Mordedora, a dor de um jovem rapaz apaixonado enquanto se transforma em Mordedor e tenta salvar seu grande amor, e a luta da família de Alice para escapar de uma cidade tomada pelo terror.

Um futuro terrível está à sua frente e lembre-se: toda história tem muitas versões.

Compre agora e leia


VOCÊ ENTENDEU TUDO ERRADO
E se fosse possível ter aquela conversa que nunca aconteceu?
MARIANNE KAVANAGH
Para leitores de Jojo Moyes e David Nicholls

Você entendeu tudo errado

Kavanagh, Marianne
9788594900159
288 páginas

Compre agora e leia

Como Harry conseguiu se envolver tanto em nossas vidas?
Kim e Harry são completamente diferentes um do outro. Ela, uma jovem que sonha com um mundo mais justo e igualitário para todos. Ele, um banqueiro promissor, ou seja, a materialização de tudo aquilo que ela mais odeia na sociedade. A única coisa que os mantêm presos um ao outro é terem as mesmas pessoas favoritas no mundo: a irmã mais velha de Kim, Eva, e seu filho, Otis. Ambos, Harry e Kim, estão presos demais em seus preconceitos para entenderem o que realmente está acontecendo na vida um do outro. Eles nunca se entenderão – até a pior de todas as tragédias os alcançar. Encarando a possibilidade de perderem a pessoa que mais amam, segredos há muito enterrados vêm à tona em formas que vão mudar Kim e Harry para sempre.
Prepare-se para um Orgulho e Preconceito dos tempos modernos!

Marianne cria uma história sobre laços familiares e mal-entendidos

românticos que consegue ser, ao mesmo tempo, emocionante e comovente.
Kirkus Review

Compre agora e leia


SENHORA EINSTEIN
A história de amor por trás da Teoria da Relatividade
Haverá espaço para dois gênios em um casamento?
MARIE BENEDICT

Senhora Einstein

Benedict, Marie
9788594900043
208 páginas

Compre agora e leia

Espero aprender, como há muito sugeri, se o tempo é mesmo relativo. Mileva "Mitza" Marić Einstein

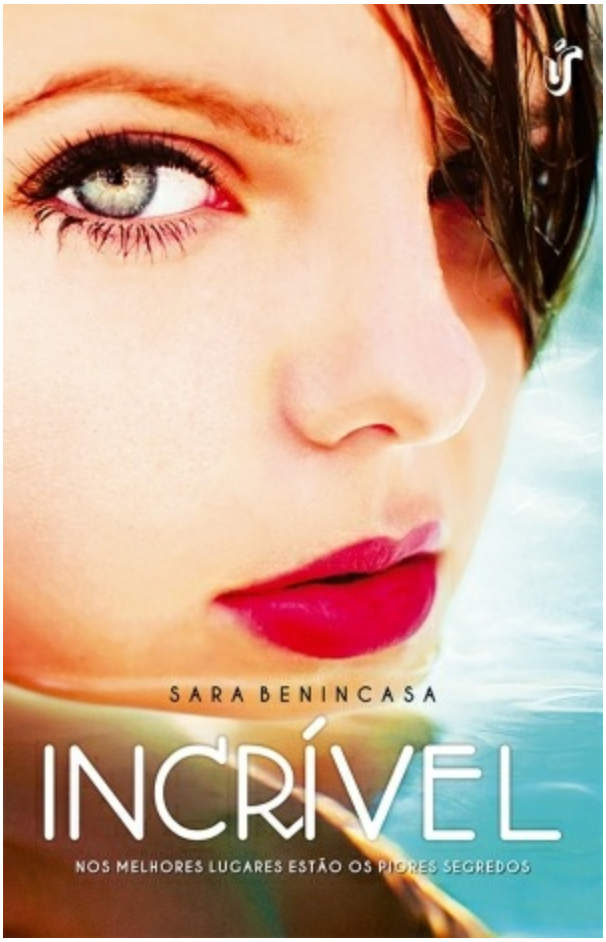
Mileva Marić – ou Mitza, como gostava de ser chamada – sempre foi um pouco diferente das outras garotas. Em 1896, a maioria das jovens de 20 anos já está casada, não estudando física em uma universidade de elite em Zurique. Mitza, porém, é inteligente o bastante para saber que, para ela, a Matemática é um universo muito mais fácil de se navegar do que o casamento.

Tudo corria como planejado até que um de seus colegas, Albert Einstein, passa a se interessar por ela muito além das dicas em cálculos. Ele via em Mitza uma capacidade intelectual superior até à dele e a força contrária perfeita para equilibrar a montanha-russa emocional que ele era.

Uma paixão intensa e arrebatadora nasce entre os dois, transformando definitivamente o mundo de Mitza. No entanto, mesmo com todos os sonhos e planos que fizeram juntos, pode não haver espaço para mais de um gênio em um casamento.

"O primeiro romance de Marie Benedict descreve cuidadosamente a vida de Mileva – de estudante promissora a mãe solitária – com especial atenção aos conflitos entre objetivos pessoais e convenções sociais. Um intrigante romance sobre uma das mais fortes parcerias intelectuais do século XIX." Kirkus

Compre agora e leia


SARA BENINCASA
INCRÍVEL
NOS MELHORES LUGARES ESTÃO OS PIORES SEGREDOS

Incrível

Benincasa, Sara
9788567028767
256 páginas

Compre agora e leia

Eram olhos repletos de esperança — esperança irracional, espantosa e, às vezes, até irritante. Esperança de que, de alguma forma, tudo daria certo, mesmo quando estava claro que seu sonho lhe escapava como areia
por entre os dedos de uma criança.

Naomi Rye simplesmente odeia quando chega o verão e ela é obrigada a ficar com sua mãe socialite em East Hampton. Afinal, ela definitivamente não pertence àquele mundo de glamour e adolescentes mimados. No entanto, tudo pode ser diferente neste verão, pois a casa vizinha foi alugada pela linda e misteriosa Jacinta Trimalchio, que sabe como impressionar com suas festas suntuosas e selvagens e, claro, seu badalado blog Incrivel.com.

Jacinta tem as próprias razões para se aproximar de Naomi: Delilah

Fairweather. O envolvimento dessas garotas poderá culminar em grandes tragédias, e o mundo de riqueza e esbanjação cuidadosamente construído por aqueles jovens ricos poderá cair em pedaços. Naomi agora precisa decidir se está disposta a ser puxada por essa vida que por tantos anos rejeitou, ou se enfim cederá aos encantos da misteriosa e fascinante vizinha.

Inspirada no clássico O grande Gatsby, Sara Benincasa traz todo drama, glamour e romance com um toque moderno (e escandaloso)!

Compre agora e leia


Mantenha seus amigos por perto e os inimigos mais perto ainda, não é o que dizem?
Mas como agir quando amigos e inimigos são as mesmas pessoas?
O TESTE
SEU TEMPO ESTÁ ACABANDO...
JOELLE CHARBONNEAU

O teste

Charbonneau, Joelle
9788567028330
320 páginas

Compre agora e leia

No dia de formatura de Malencia 'Cia' Vale e dos jovens da Colônia Cinco Lagos, tudo o que ela consegue imaginar – e esperar – é ser escolhida para O Teste, um programa elaborado pela Comunidade das Nações Unificadas, que seleciona os melhores e mais brilhantes recém-formados para que se tornem líderes na demorada reconstrução do mundo pós-guerra. Ela sabe que é um caminho árduo, mas existe pouca informação a respeito dessa seleção. Então, ela é finalmente escolhida e seu pai, que também havia participado da seleção, se mostra preocupado. Desconfiada de seu futuro, ela corajosamente segue para longe dos amigos e da família, talvez para sempre. O perigo e o terror a aguardam.

Será que uma jovem é capaz de enfrentar um governo que a escolheu para se defender?"

Compre agora e leia